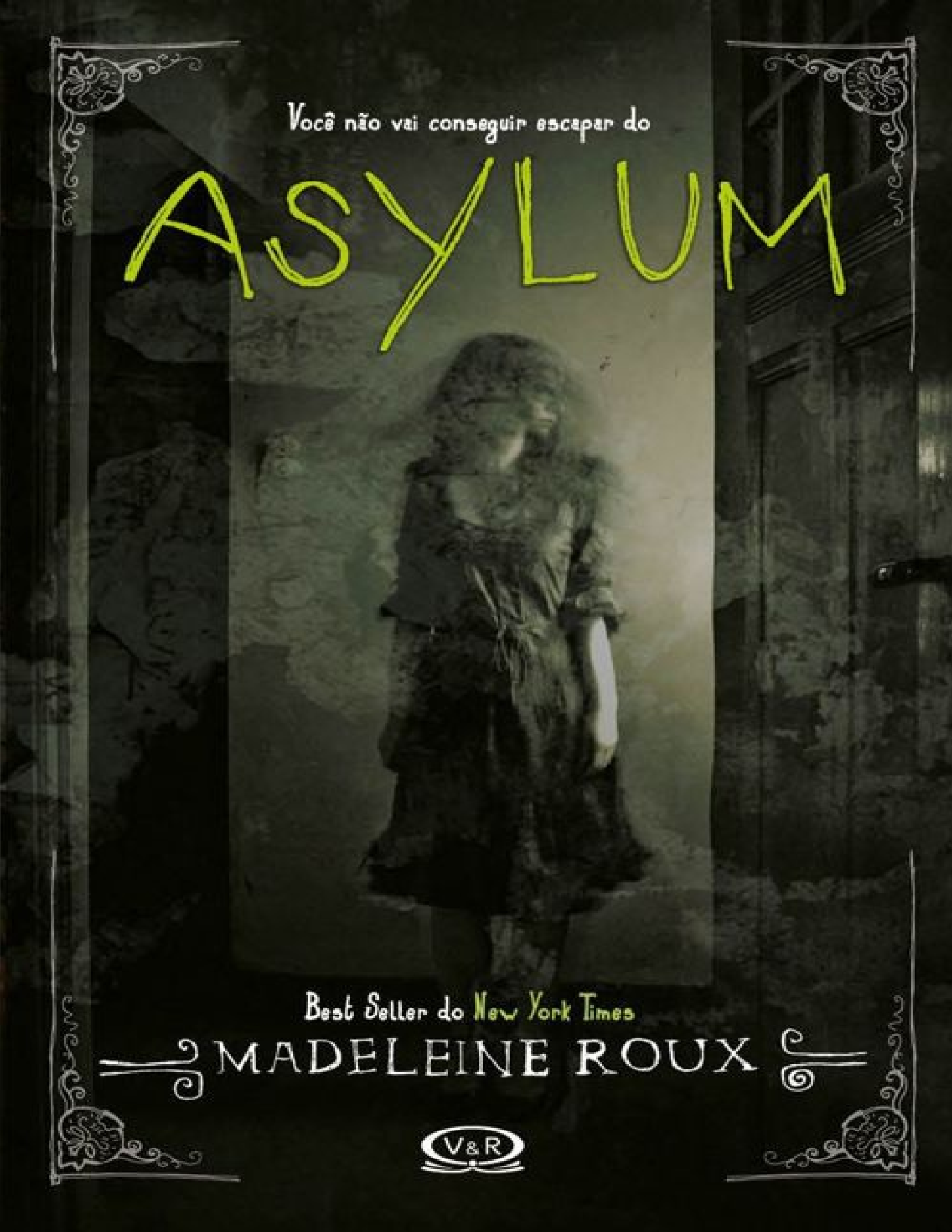

Você não vai conseguir escapar do
ASYLUM
Best Seller do New York Times
MADELEINE ROUX
V&R

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

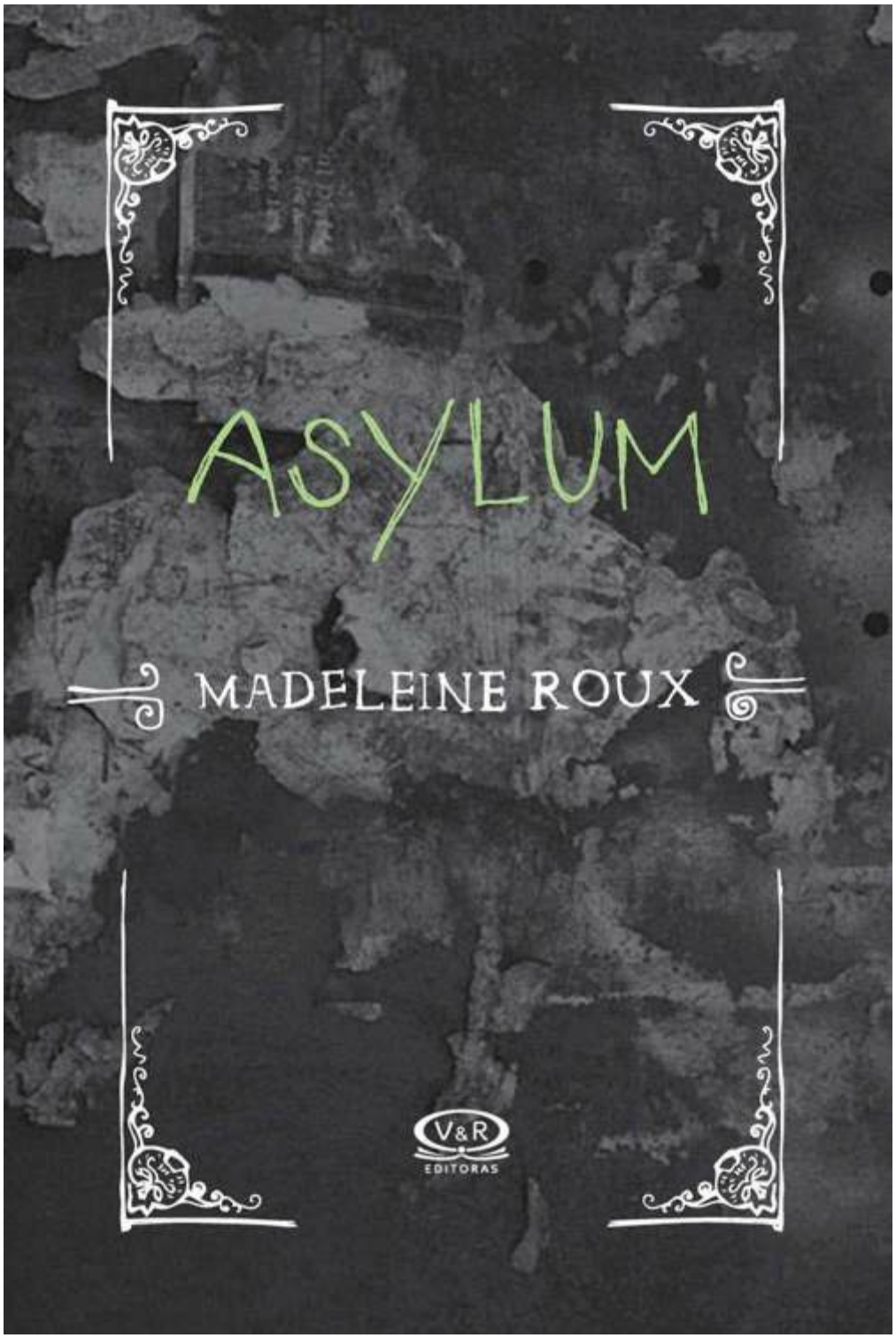
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


ASYLUM
MADELEINE ROUX
V&R
EDITORAS

Edição: Marcia Alves
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Tradução: Alexandre Boide
Preparação: Luciana Araújo
Revisão: Laila Guilherme
Diagramação: Marcel Votre
EPUB: Pamella Destefi

Capa: Cara E. Petrus e Sammy Yeun
Arte da capa: Girl © 2013 by Carmen Gonzalez/T rwillion Images
Texture © 2013 by Naoki Okamoto / Getty Images
Photo Borders © 2013 by iStock Photo
Keys © 2013 by Dougal Waters / Getty Images
Doctors Library of Congress, G. Eric and Edith Matson
Photograph Collection
ROOM INTERIOR Library of Congress, Prints & Photographs Division,
HABS PA, 51-PHILA, 354-106
FORCEPS © 2013 Vadim Kozlovsky / Shutterstock.com

Título original: *Asylum*

© 2013 HarperCollins Publishers. Publicado com a autorização da HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.
© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 04020-041 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

e-ISBN 978-85-7683-745-9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roux, Madeleine
Asylum [livro eletrônico] / Madeleine Roux; [tradução Alexandre Boide]. – 1. ed. – São

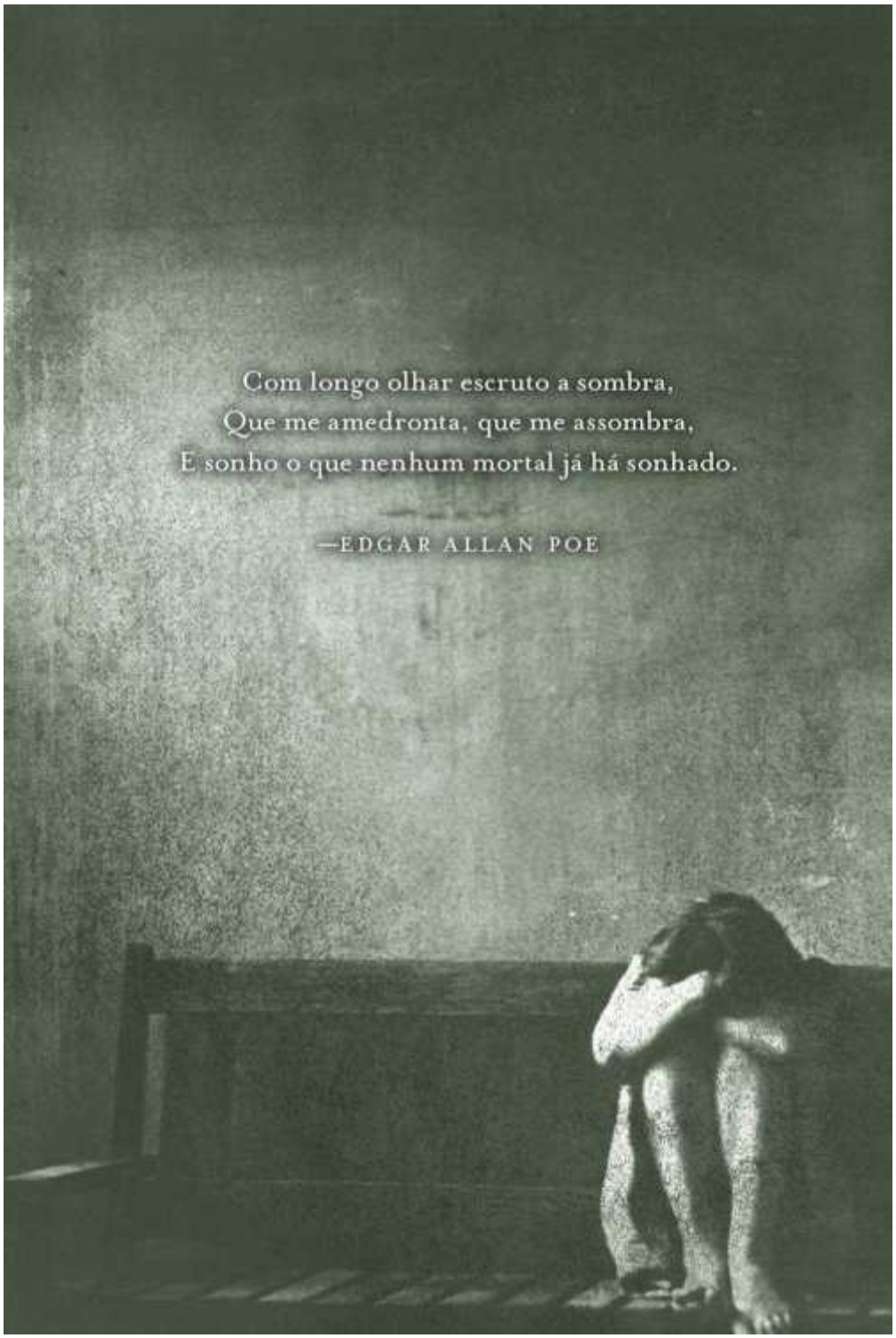
Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2014. – (Coleção Asylum)
16,2 Mb; e-PUB

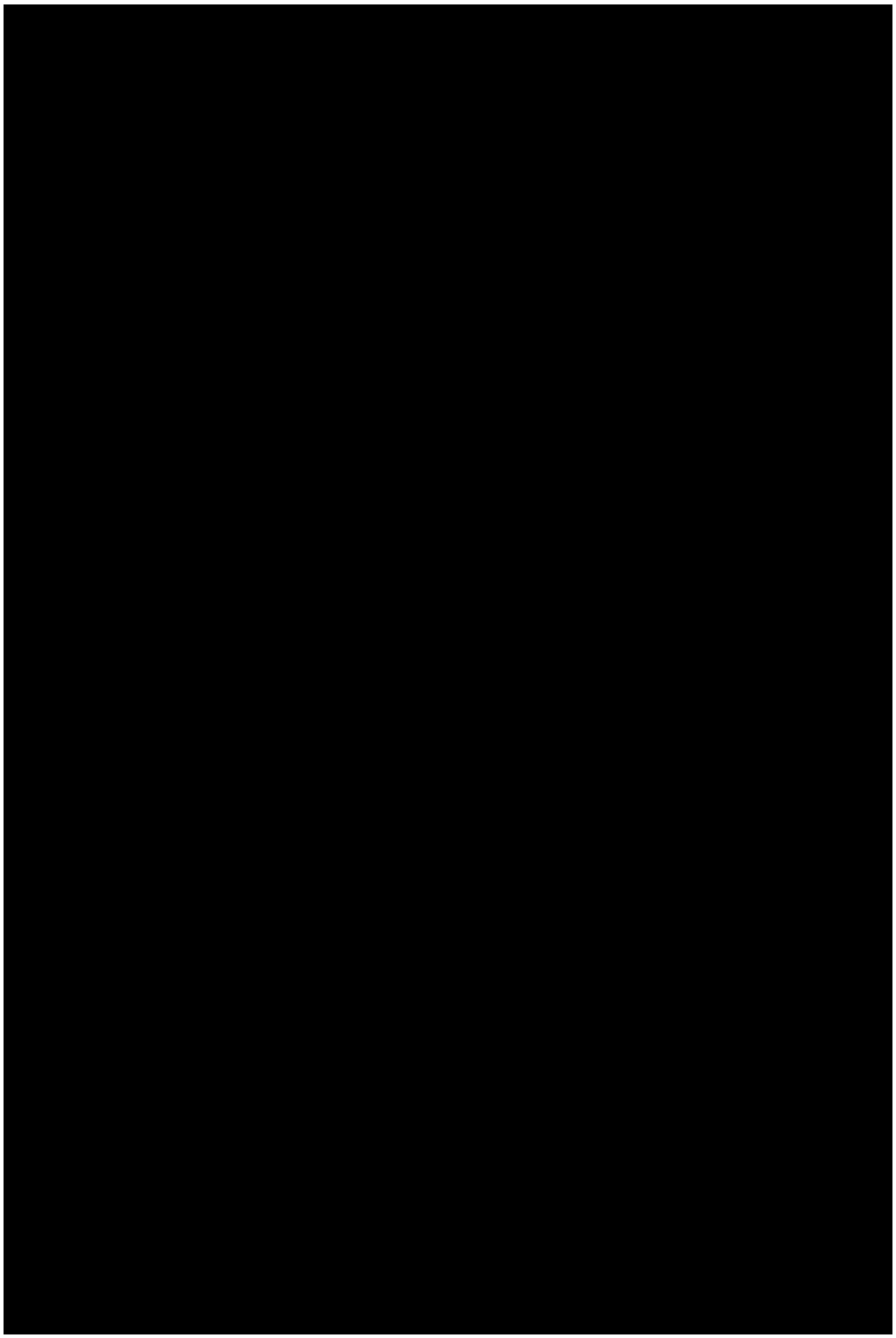
Título original: Asylum
ISBN 978-85-7683-745-9

1. Ficção juvenil 2. Suspense – Ficção I. Título. II. Série.

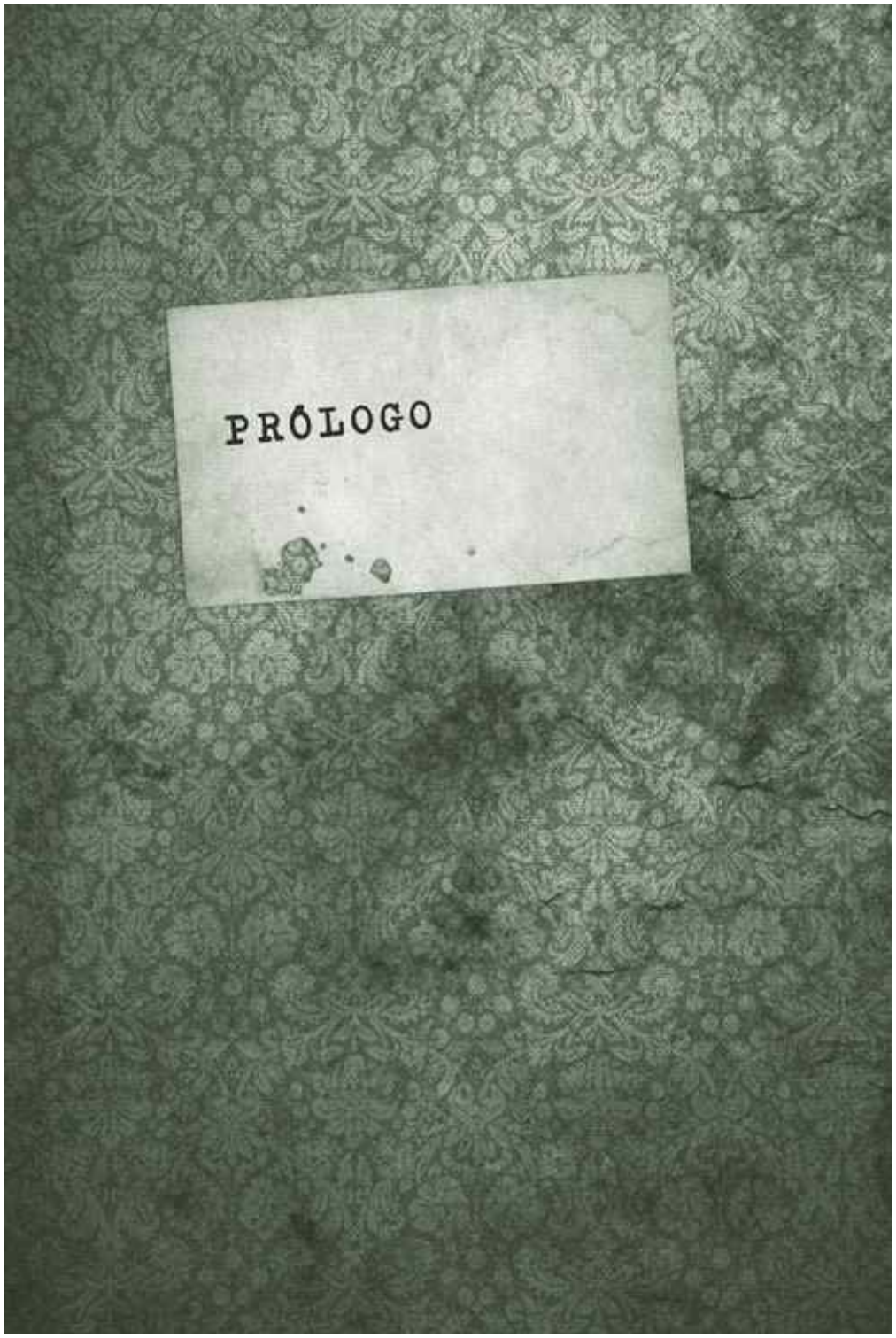
14-05416 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

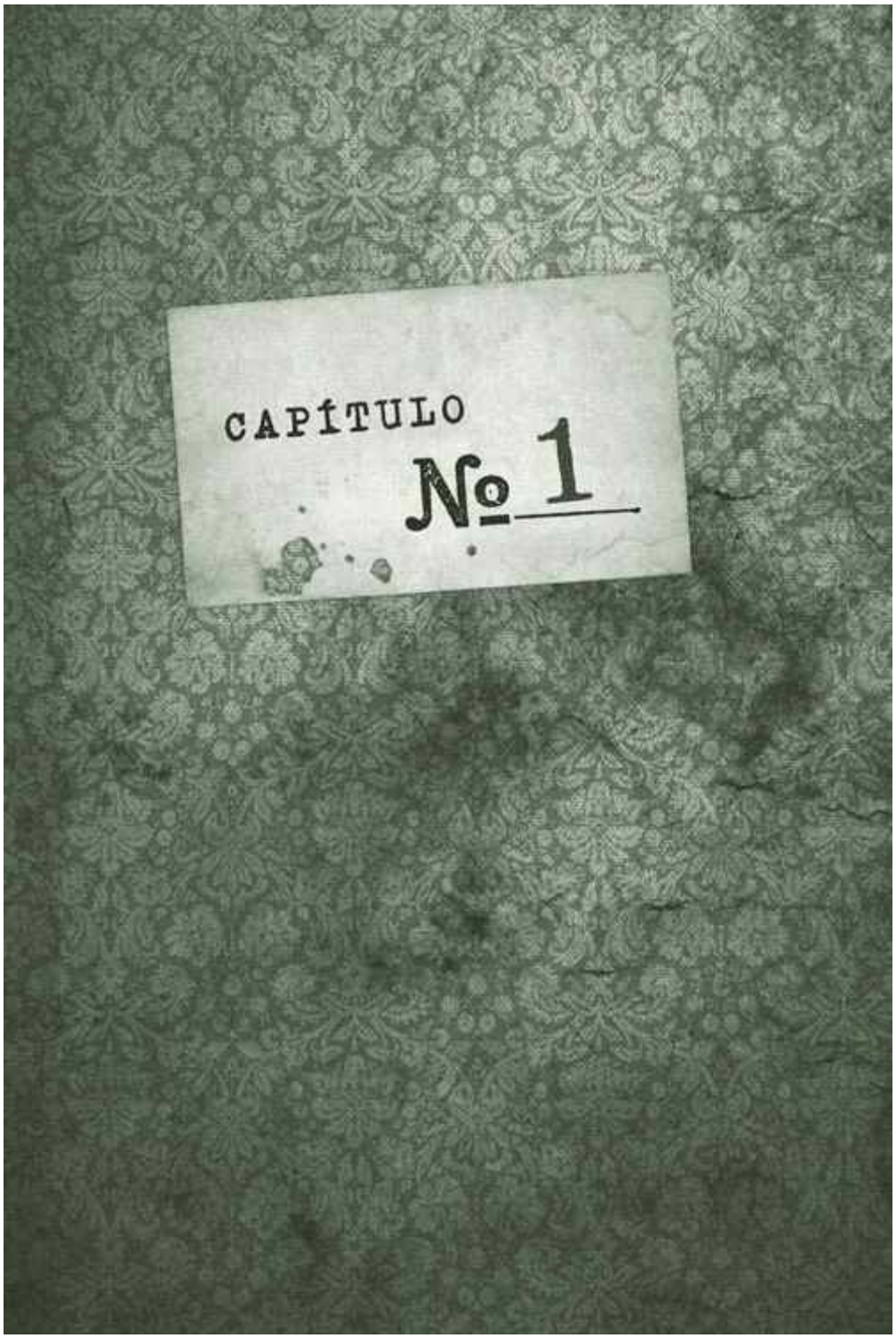

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal já há sonhado.
—EDGAR ALLAN POE






PRÓLOGO

A construção era de pedra – pedras de um tom cinza escuro retiradas das montanhas impiedosas. Era uma casa destinada aos que não sabiam se cuidar sozinhos, aos que ouviam vozes, tinham pensamentos estranhos e tomavam atitudes estranhas. A função da casa era mantê-los lá dentro. Os que ali entravam jamais saíam.


CAPÍTULO
Nº 1

Dan pensou que fosse passar mal.

O táxi já estava sacudindo pela estrada estreita de cascalho por quase dez quilômetros, e além de tudo ainda havia o nervosismo do primeiro dia em um lugar desconhecido. O taxista passou o tempo todo reclamando do risco de amassados e pneus furados. Dan só esperava que não fosse obrigado a pagar por algum eventual dano no veículo – a corrida do aeroporto até ali já custaria uma fortuna.

Apesar de ser apenas começo de tarde, a luminosidade no local era reduzida por causa da mata fechada que cercava a estrada dos dois lados. "Não seria nada difícil se perder no meio deste bosque", pensou Dan.

– Ainda está vivo aí atrás?

– Hein? Ah, sim, está tudo bem – respondeu Dan, e se deu conta de que não tinha aberto a boca desde que entrara no carro. – O único problema é este balanço todo.

Por fim, o táxi saiu do meio das árvores, e a paisagem ao redor se tornou plana e verdejante, banhada por um sol de verão.

Lá estava ele: o New Hampshire College. O lugar onde Dan passaria as cinco semanas seguintes.

Aquele curso preparatório de verão – a tábua de salvação de Dan – tinha sido sua luz no fim do túnel durante todo o ano escolar. Ali ele poderia conhecer pessoas que gostavam de aprender, que faziam a lição de casa com antecedência e não às pressas, com o caderno apoiado no armário poucos minutos antes de bater o sinal. Ele estava ansioso para que aquele dia chegasse logo.

Da janela do carro, Dan reconheceu os prédios que tinha visto no site da faculdade. Eram construções coloniais belíssimas, adornadas com tijolos aparentes e cercadas por um gramado verdinho e bem aparado. Ali ficavam as salas de aula, pelo que Dan sabia, onde ele iria estudar. Já havia alguns recém-chegados espalhados pelos gramados, jogando frisbee. Como aquele pessoal conseguia fazer amizade tão depressa? Talvez ali isso fosse mais fácil.

O motorista do táxi hesitou ao chegar a uma intersecção de quatro vias. À direita, havia uma igrejinha simples e bonita com uma torre alta e branca, ladeada por uma fileira de casas. Inclinando-se para a frente no assento, Dan viu que o taxista deu seta para a direita.

– É para a esquerda, na verdade – ele falou, encostando-se de novo no assento.

O taxista encolheu os ombros.

– Se você está dizendo... Essa porcaria de aparelho não consegue se decidir.

Para enfatizar o que dizia, o motorista bateu com a mão no GPS instalado no painel central. Segundo o mapa na tela, o caminho indicado terminava ali.

– É para a esquerda! – repetiu Dan, menos confiante dessa vez. Ele não estava muito certo quanto ao caminho, pois não tinha feito nenhuma pesquisa a respeito, mas algo naquela igrejinha despertara uma lembrança dentro dele. Talvez não exatamente uma lembrança, mas sim um instinto visceral.

Dan começou a batucar com os dedos no assento, ansioso para ver o lugar onde iria morar. Os alojamentos estavam sendo reformados, e os alunos do curso preparatório de verão seriam instalados em um prédio mais antigo, chamado Brookline, que, segundo a papelada que ele recebera ao se matricular, era um "edifício histórico, uma instituição de saúde mental desativada". Em outras palavras, um *manicômio*.

Na ocasião, Dan achou estranho não ter encontrado nenhuma foto do Brookline no site. No entanto, quando o táxi fez uma curva e o edifício surgiu no horizonte, ele entendeu exatamente o por quê.

A pintura nova que o pessoal da faculdade havia feito nas paredes externas e os arbustos que algum jardineiro esforçado plantara ao longo da via de acesso não faziam muita diferença – o Brookline se erguia no fim do caminho de maneira nada acolhedora. Dan jamais poderia imaginar que uma construção pudesse ser tão *ameaçadora*, mas o Brookline transmitia essa impressão e muito mais. Na verdade, era como se o prédio o estivesse observando.

"Dê o fora daqui agora mesmo", murmurou uma voz em sua cabeça.

Dan estremeceu, e só conseguia pensar na maneira como os antigos pacientes deviam se sentir quando chegavam ao manicômio. Eles saberiam onde estavam entrando? Algum deles teria experimentado aquela sensação estranha de pânico ou já estariam perturbados demais para entender o que estava acontecendo?



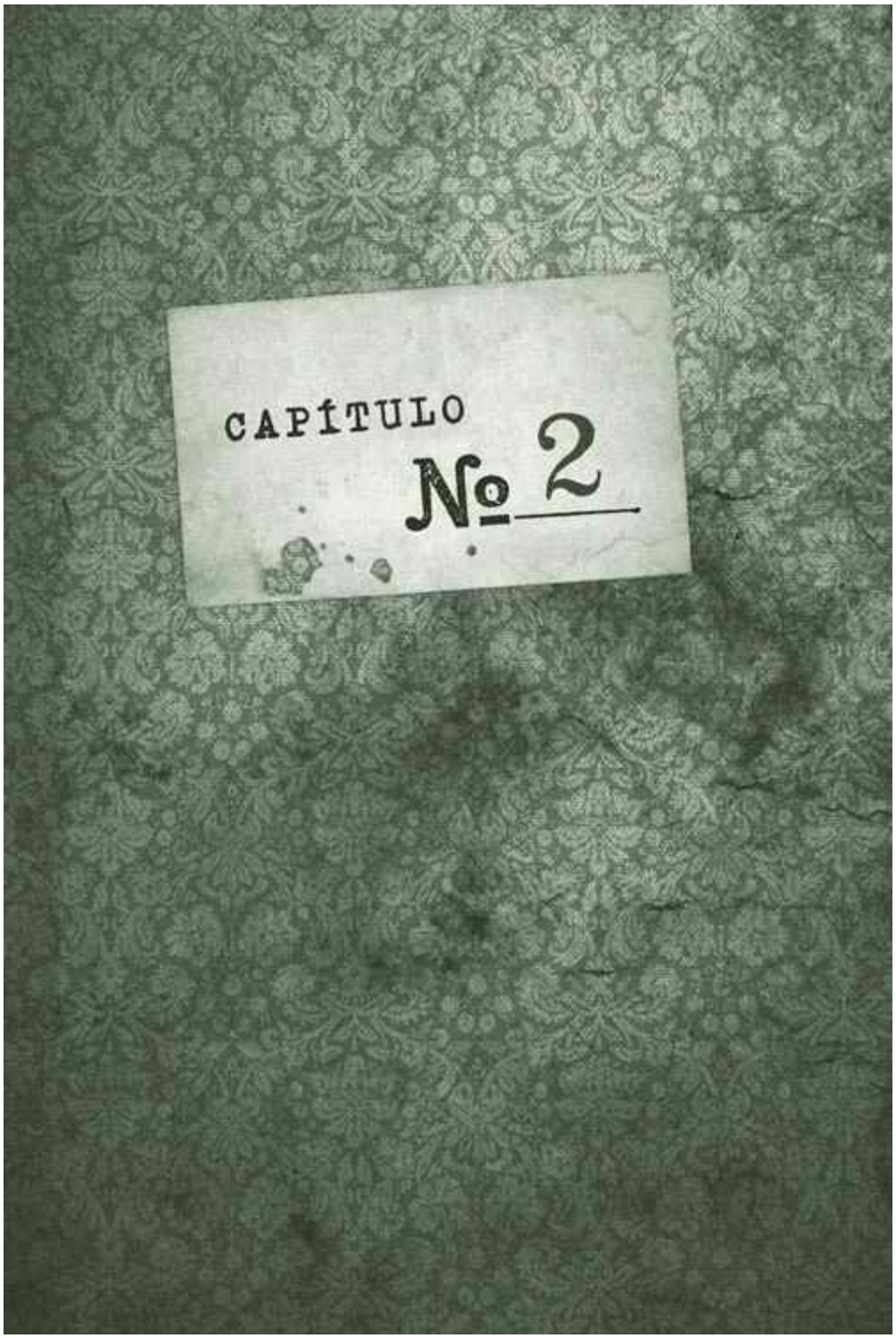
Ele sacudiu a cabeça. Aqueles pensamentos eram absurdos... Ele era um estudante, não um paciente. Além disso, Paul e Sandy tinham garantido que o Brookline não era mais um manicômio. O local havia sido fechado em 1972, quando foi adquirido pela faculdade para ser usado como alojamento, com quartos e banheiros compartilhados.

– Certo, chegamos – disse o taxista, e Dan percebeu que o carro estava parado a quase dez metros da entrada. Talvez Dan não fosse o único em quem aquele lugar provocava calafrios. Ele sacou a carteira e tirou de lá três notas de vinte que tinha ganhado de seus pais.

– Pode ficar com o troco – disse antes de descer.

Quando arregaçou as mangas e pegou suas coisas no porta-malas, finalmente seu dia começou a parecer menos surreal. Um sujeito de boné azul passava por perto, carregando uma pilha de gibis velhos nos braços. Dan sorriu. “Essa é minha turma”, ele pensou, e foi

caminhando até a entrada do alojamento. Durante as cinco semanas seguintes, aquele seria seu lar.


CAPÍTULO
Nº 2

Se na escola onde Dan estudava o símbolo de *status* era um BMW novinho no estacionamento, no CPNH o que tornava as pessoas populares eram aparelhos eletrônicos da Apple e pilhas e mais pilhas de livros.

Era por isso que estavam ali para fazer aquele curso, Dan logo se deu conta. Quem entregava a chave dos quartos para os que chegavam eram monitores voluntários, alunos da faculdade, que os recebiam dizendo "Bem-vindos ao CPNH!". Quando Dan mencionou o nome completo, "Curso Preparatório New Hampshire", recebeu olhares carregados de um certo desdém.

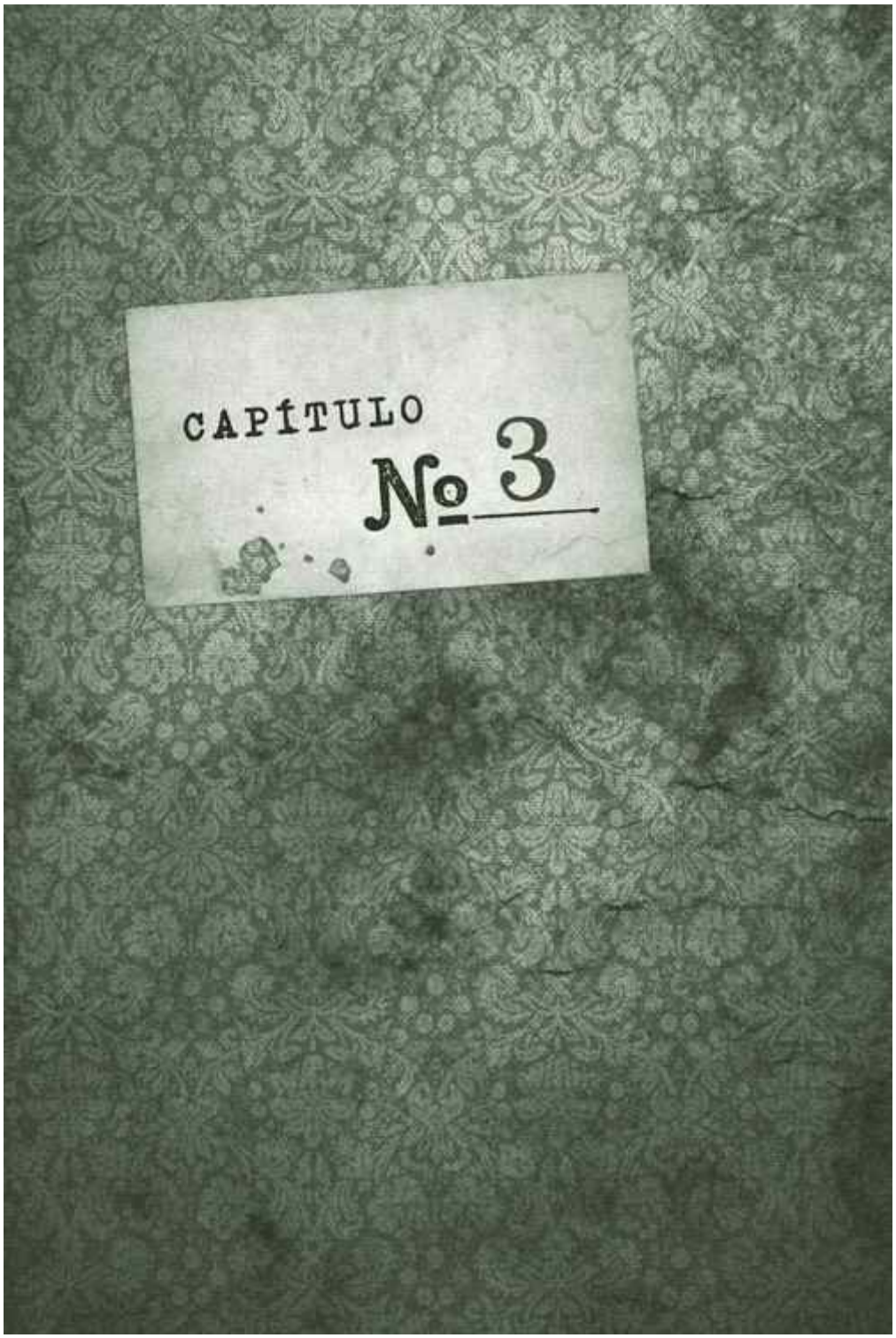
Dan subiu o primeiro lance de escada e chegou a um hall de entrada espaçoso, com um lustre enorme pendurado no teto, mas que não era capaz de impedir que o ambiente parecesse escuro, por causa do revestimento de madeira nas paredes e do excesso de mobília. Logo depois de uma arcada ampla e alta, Dan viu uma escadaria larga e corredores de ambos os lados. Apesar da movimentação dos estudantes perambulando para lá e para cá, a atmosfera era pesada.

Ele começou a subir a escada, carregando as malas. Três longos lances de degraus depois, chegou a seu quarto, o de número 3808. Dan pôs a bagagem no chão e abriu a porta, e foi quando descobriu que seu colega de quarto já tinha se instalado por lá. Ou talvez se *organizado* por lá fosse uma expressão mais adequada. Havia livros, mangás e almanaques de todos os formatos e tamanhos (a maior parte de biologia) em pilhas bem arranjadas, separadas por cores, alinhadas nas prateleiras. Exatamente metade do quarto estava ocupada, e as malas tinham sido ordeiramente fechadas e empilhadas sob a cama mais próxima da porta. No armário, metade do espaço disponível estava preenchida por camisas, calças e casacos pendurados em cabides – as camisas e jaquetas nos brancos e as calças nos azuis.

Parecia que o sujeito já estava ali fazia semanas.

Dan pôs suas malas sobre a cama restante e examinou a mobília que seria dele naquele verão. A cama, o criado-mudo e a escrivaninha pareciam em bom estado. Abriu a primeira gaveta da mesa por pura curiosidade, sem saber se encontraria uma Bíblia dos Gideões Internacionais ou algum tipo de carta de boas-vindas. Em vez disso, achou um pedaço de um papel que parecia ser do tipo em que se imprimiam fotografias. Era uma foto velha, quase completamente desbotada, na qual ele viu a imagem de um homem a encará-lo – um sujeito de certa idade, de óculos, usando um jaleco e uma camisa escura. Não havia nada de excepcional naquele retrato, a não ser pelos olhos, ou, mais exatamente, no local onde deveriam estar os olhos. Em um momento de distração – ou talvez até de raiva – alguém havia rabiscado por cima deles.




CAPÍTULO
Nº 3

–Daniel Crawford?

Dan se virou com a fotografia ainda na mão. Um adolescente alto e magro estava parado diante da porta aberta, vestido como um missionário que bate de porta em porta nas manhãs de domingo, com camisa branca engomada, gravata escura e calça social com vinco.

– Oi – cumprimentou Dan, fazendo um breve gesto com a mão. – Você é o meu colega de quarto?

– Ao que tudo indica, sim – sua resposta pareceu uma reação sincera, sem nenhuma ponta de sarcasmo. – Felix Sheridan – acrescentou o garoto. – Assustei você?

– Não, não. É que eu encontrei esta foto... Quer dizer, parece uma foto, mas acho que pode ser um cartão-postal ou coisa do tipo. É uma coisa bem esquisita – Dan entregou a foto ao outro e encolheu os ombros. Não era o assunto ideal para quebrar o gelo com um desconhecido, mas produzir boas primeiras impressões definitivamente não era sua especialidade. – Você também ganhou uma dessas? Vai ver é parte de alguma gincana de caça ao tesouro ou algo nessa linha.

– Não, eu não ganhei nada disso – Felix piscou várias vezes os olhos azuis. – Só recebi o guia para alunos novos, as normas de segurança do alojamento e o catálogo do curso. Mas tudo isso chegou pelo correio, algumas semanas atrás.

– Pois é, eu também recebi isso tudo – Dan encolheu os ombros outra vez, todo sem graça. – Enfim, estava só pensando. Não é nada de mais.

Dan guardou a fotografia de volta na gaveta e a fechou. Ele não via problemas em passar todo o restante do verão sem abri-la.

– Eu posso escanear a foto e pesquisar pra você. É bem fácil.Na verdade, é só fazer uma pesquisa de imagens reversa. Na verdade, pensando bem, isso me lembra...

– Valeu, mas não precisa – interrompeu Dan, arrependido de ter puxado o assunto. – Ei, a gente não deveria estar em alguma festa de boas-vindas ou coisa do tipo?

– Se você me permite terminar o que eu estava dizendo... – falou Felix sem se alterar, e ainda fez outra pausa, criando um clima dos mais constrangedores. – Eu estava dizendo que isso me lembrou das fotos que vi lá embaixo.

– Sério? Como assim?

Para Dan era impossível não insistir no assunto, pois sua curiosidade havia sido instigada.

– Tem um escritório abandonado no primeiro andar – explicou Felix. – Acho que era do diretor do manicômio ou coisa do tipo. Está cheio de papéis e fotos espalhados por toda parte, ao alcance de qualquer um. Até colocaram um aviso dizendo que a entrada é proibida, mas a fechadura da porta está quebrada.

– E você entrou? – Dan não era do tipo que desrespeitava as regras, mas, com base no que tinha observado a respeito de seu colega de quarto, Felix também não era.

Felix confirmou, balançando a cabeça.

– Acabei de voltar de lá, na verdade. Não prestei muita atenção nisso, mas com certeza tem um monte de fotos como essa sua ali.

"A foto não é minha", Dan pensou, estremecendo. "Eu só tive o azar de encontrá-la."

– Acho que você devia ir até lá dar uma olhada, mas já vou logo avisando: aquele lugar é meio perturbador, pra dizer o mínimo.

Felix, porém, não parecia perturbado. Aliás, parado ali, bloqueando a porta, parecia

propor um desafio a Dan, que por sua vez tinha outros planos em mente.

– Então, e a festa? – ele perguntou.

Felix entrou e foi até o armário, de onde tirou um paletó azul-marinho.

– É verdade – ele voltou para a porta, onde também estava Dan. – Você já viu alguma menina por aí? No nosso andar parece que tem um monte. E aposto que na festa vai ter mais, não é mesmo, Daniel?

Dan observou com atenção seu colega de quarto, tentando juntar as informações que acabara de obter sobre ele de uma forma que fizesse o mínimo de sentido. Ele se perguntou se todo mundo naquele lugar seria assim tão cheio de contradições. Em teoria, era para ser uma fuga do estilo de vida do ensino médio, em que tudo e todos eram absolutamente previsíveis. Mas, pelo jeito, só *em teoria*.

– Com certeza vai ter um monte de garotas, mas... – Felix ficou olhando para ele, ansioso por uma resposta. – Escuta só, eu não sou muito bom nessa coisa de paquera. Se quiser dar em cima de alguma menina, é melhor fazer isso sozinho.

Dan se sentiu meio mal por ter repelido Felix daquela maneira, quando na verdade o outro só estava tentando fazer amizade, mas mesmo assim talvez fosse preciso manter uma certa distância de seu colega de quarto. *Principalmente* no que dizia respeito a garotas.

– Tudo bem. É provável que nosso gosto por garotas nem seja o mesmo, não é verdade? Não vamos precisar brigar por causa disso.

Dan soltou um breve suspiro e balançou a cabeça.

Os corredores estavam lotados de alunos levando suas coisas para os quartos. Muitos deles já começavam a se reunir em grupinhos e rodas de conversa. Por que Dan não poderia ter um deles como colega de quarto?

– Olha só, Daniel Crawford – disse Felix, obrigando-o a deter o passo quando chegaram ao hall. Apontou para a porta, de onde os alunos saíam para o gramado. – Tem *meninas* suficientes pra todos nós.

Puxando de leve o braço para se livrar da mão de Felix, Dan foi caminhando até a porta. Em breve seu dia iria melhorar. Não era possível que fosse ficar ainda pior.

✗✗✗✗✗✗

– Ora, estou me sentindo tão adulto, não é mesmo? – perguntou Dan, dando mais uma colherada no sorvete de menta com pedaços de chocolate.

Felix olhou para ele com uma expressão interrogativa.

– Não sei se entendi que comentário foi esse.

– Estou falando disso aqui – Dan ergueu o copinho de papel com o sorvete e o fez escorregar de um lado para o outro. – Esse negócio de festinha com sorvete. Parece que... Sei lá, parece que estamos em aniversário de criança.

Dan olhou para a pazinha de madeira que vinha junto com o sorvete, o que só fez sentir-se ainda mais infantilizado.

Eles estavam no imponente refeitório, que poderia ser usado como salão de festas, do Pavilhão Wilfurd, localizado em uma das extremidades do campus. No teto, uma cúpula de vidro deixava entrar os últimos raios de sol. O entardecer conferiu ao local uma luz em tons de violeta, enquanto do lado de fora uma fina névoa se instalava.

– Eu não associo sorvete a lembranças de infância – comentou Felix.

“Deve ser porque você nunca era convidado para as festas de aniversário.” Dan imediatamente repreendeu a si mesmo por esse pensamento. Ele sabia que precisava ser mais agradável, porém as conversas até então tinham sido desanimadoras.

– Na verdade, o que eu queria mesmo era tentar descobrir quais são as melhores aulas de biologia para me inscrever, mas não estou vendo nenhum professor... Espera aí! Acho que aquele é o professor Soam. Eu li a dissertação dele sobre a evolução dos micróbios como agentes patogênicos...

Dan não ouviu o que Felix disse a seguir, mas ficou feliz ao vê-lo atravessar o salão na direção de um homem mais velho parado em um canto. Naquele momento, contudo, apesar de se livrar de Felix ter sido um alívio, ele se viu na incômoda posição de estar sozinho na multidão.

Torcendo para que ninguém percebesse o quanto estava deslocado, Dan deu outra colherada no sorvete quase derretido. Tinha um gosto amargo, de remédio. Do lado de fora, pelas portas abertas, vinha um cheiro desagradável de cigarro, e Dan sentiu que estava cada vez mais na defensiva.

“Calma, Dan, está tudo bem, está tudo bem.”

Um suor frio começou a escorrer pela base de sua nuca. Ele se sentiu tonto, e a cúpula de vidro começou a girar, assim como o salão inteiro. Dan tentou se apoiar à mesa atrás de si, porém errou o alvo e acabou cambaleando para trás. Um segundo depois, estava no chão.

Ele foi agarrado pelo braço e puxado com força para cima.

– Ei! Cuidado aí, desajeitado, ou esse sorvete vai acabar todinho na sua roupa!

Dan piscou várias vezes, e o mundo voltou ao foco. Diante dele, ainda segurando-o pelo braço, estava uma menina miudinha, com olhos castanhos bem grandes e uma pele morena e sedosa. Usava uma camisa com manchas de tinta sobre uma blusinha mais apertada, jeans rasgado e um par de coturnos pretos.

– Obrigado – disse Dan, olhando a camisa para ver se tinha se sujado. – Acho que está meio quente aqui.

Ela sorriu.

– Meu nome é Dan Crawford, aliás.

– O meu é Abby, Abby Valdez – apresentou-se a garota. Eles se cumprimentaram. O aperto de mão dela era firme e caloroso.

– Enfim, você tem razão – Abby bufou e passou a mão pelos cabelos ondulados, que pareciam uma cortina caída sobre um de seus ombros, com penas roxas e verdes misturadas aos cachos. – Eles podiam pelo menos pôr um ventilador no salão.

– Não é mesmo? E então, hã, o que você está achando daqui até agora? – perguntou Dan. Parecia a maneira mais normal de continuar a conversa, o que era importante, principalmente depois de seu desmaio patético. A dra. Oberst sempre dizia que, quando ele ficasse ansioso durante uma interação com alguém, o melhor a fazer era perguntar alguma coisa e deixar a outra pessoa falar.

– Seria bom se o alojamento não fosse um hospício desativado, mas de resto parece ser bem legal. Você está aqui para quê? Quero dizer, em termos de estudos.

– A minha ideia é fazer principalmente aulas de história e um pouco de psicologia. E você?

– Adivinha – respondeu Abby com um sorriso. – E já vou adiantando que não é astrofísica.

Dan olhou notou os respingos de tinta na camisa dela, as manchas escuras nos dedos e os calos provocados pelo atrito do pincel nas juntas e nas palmas das mãos.

– Hã... artes?

– Adivinhou logo de primeira! – Abby deu um soco de leve em seu braço. – Pois é, dizem que as aulas de ateliê aqui são ótimas, então achei que seria uma boa chance de aprimorar minha técnica antes de fazer o portfólio para tentar entrar na faculdade. Mas quem é que sabe, né? Tem um monte de coisas pra escolher.

Ela falava rápido, cheia de energia, emendando um assunto no outro sem nem parar para respirar direito. Dan se limitava a balançar a cabeça e dizer "Ã-hã" nos momentos em que considerava adequado.

Sem que nenhuma palavra fosse dita a respeito, eles foram caminhando até a porta.

– Está melhor agora? – perguntou Abby.

– Como assim?

Dan parou diante da porta. Do lado de fora, um frisbee que brilhava no escuro passou voando. Havia mais ou menos uns dez alunos no gramado brincando com os disquinhos voadores.

– Por causa de antes. Parecia que você ia desmaiar.

– Ah, sim. Já estou melhor. Acho que foi o calor, e além disso eu não comi quase nada hoje.

Era uma boa desculpa, e podia até ser verdade, já que ele não sabia qual era a causa para seus súbitos episódios de mal-estar. E, no fundo, estava contente por ter acontecido aquilo no meio da festa, caso contrário não teria conhecido Abby.

Dan apontou para os alunos que corriam pela grama.

– Você gosta de esportes?

– Eu? – Abby deu risada, apontando para as penas nos cabelos. – Não mesmo. Quando tem jogo na escola eu geralmente estou na arquibancada. Ou tocando flautim na fanfarra. Não gosto muito disso, mas o meu pai diz que "atividades extras" contam pontos na hora de entrar na faculdade.

– Eu também nunca fui ligado em esportes – eles ficaram parados no alto da escadaria da entrada, vendo os outros jogar. – O meu pai ficou meio decepcionado... Ele adorava jogar beisebol quando era criança.

Não era bem assim. Paul, seu pai adotivo, chegara a disputar a liga universitária de beisebol e pressionou Dan o quanto pôde para participar de campeonatos infantis antes de ele enfim criar coragem para dizer que preferia fazer parte de um clube de ciência.

– Bom, se você está aqui, então a decepção não foi tão grande assim. Não é qualquer um que pode estudar aqui...

Ela se interrompeu e começou a acenar vigorosamente para um sujeito que atravessou sem cerimônia o jogo de frisbee, ignorando os gritos para sair do caminho. Dan olhou para Abby e depois para seu amigo, e sentiu o estômago se revirar. Não que Dan quisesse exigir sua atenção exclusiva – afinal, só a conhecia há dez minutos –, porém foi um tanto frustrante descobrir que não tinha feito amizade com outra pessoa que estava ali sozinha, como ele. Quando viu mais de perto aquele garoto estranho, com seu cabelo bagunçado, sua expressão relaxada e suas roupas descoladas, ele pensou: "Bom, com isso eu não consigo competir".

– E aí, seus nerds?

– Jordan, para com isso! – reclamou Abby, revirando os olhos. – Esse é o Dan. Dan, esse é o Jordan, e eu garanto que ele não é um cretino.

– Não mesmo – confirmou Jordan. – Só um babaca. E então, Dan? Já se sente em casa no acampamento dos geeks?

Ele usava óculos moderninhos de aro fino e um cachecol verde enrolado em torno do pescoço. Dan invejou a barba por fazer no rosto dele, pois a sua só crescia em pequenos tufos cheios de falhas.

– Fala sério, Jordan. Quem você está tentando impressionar? Desculpa aí, Dan, ele só está querendo fazer pose. A gente se conheceu no ônibus vindo pra cá, e sei que ele é um cara legal.

Abby soltou um gritinho agudo quando Jordan a puxou mais para perto e a abraçou. Dan sentiu uma vontade quase incontrolável de olhar para o outro lado. A última coisa que ele queria era ver os dois se pegando na sua frente.

– Tudo bem, tudo bem, vou parar com isso – Jordan deu um passo atrás, juntou as mãos e depois ajeitou os óculos. – Eu sou Jordan, prazer em conhecer. Você já pode parar de olhar feio pra mim. Abby não faz o meu tipo, sabe?

– Minha nossa, Jordan, *isso não ajudou* em nada!

Abby bufou, cruzou os braços e virou o rosto para não mostrar que tinha ficado vermelha.

– Desculpa, Abbyzinha, mas provocar você é uma tentação fácil demais pra resistir.

Devia haver algum tipo de piada interna entre os dois, porque eles logo caíram na gargalhada, e Dan ficou ali sem entender nada. Sua confusão pelo jeito ficou bem aparente, porque em seguida Abby ergueu as sobrancelhas para Jordan, que, revirando os olhos, explicou tudo com um tom de condescendência que fez Dan se sentir como um garotinho de cinco anos.

– Eu sou gay. É por isso que Abby não faz o meu tipo.

– Ah. Certo. Entendi.

Para Dan não fazia diferença que Jordan fosse gay, mas ele sentiu que, se dissesse alguma coisa a respeito naquele momento, provavelmente soaria bem idiota. Abby e Jordan já estavam rindo e brincando de novo, e, de uma hora para outra, Dan percebeu que estava sobrando. Se em uma única viagem de ônibus eles já tinham ficado tão íntimos, com certeza não teriam dificuldades em fazer novas amizades por ali, e com pessoas bem menos caretas e sem noção do que Dan.

– Ouvi dizer que tem uma salinha assustadora no primeiro andar do nosso alojamento – comentou Dan.

Seu rosto estava vermelho, ele sabia, pois sentiu uma onda de calor se espalhar pela pele quando Jordan e Abby pararam de falar. Os dois se viraram ao mesmo tempo para encará-lo.

– Como é? – perguntou Jordan, franzindo a testa.

– No Brookline... Perto do hall de entrada...

Ele não queria forçar a barra, mas Abby parecia interessada. Ela inclinou a cabeça para o lado e mordeu o lábio, pensativa.

– Acho que eu passei por esse lugar. Mas parecia estar trancado. Ou isolado por algum motivo, sei lá – contou ela.

– Felix, o meu colega de quarto, conseguiu entrar. Disse que a porta estava aberta. Parece que tem coisas legais lá dentro. A gente podia dar uma olhada mais tarde.

Só depois de ter dito a última frase ele percebeu o quanto sua proposta era estranha. Convidar pessoas que nem conhecia para invadir lugares no meio da noite...

Jordan pareceu ler seus pensamentos, já que sacudiu a cabeça e começou a remexer nas pontas do cachecol. Toda a pose que ele demonstrara momentos antes desapareceu de um momento para o outro.

– Isso deve ser contra as regras. Não quero parecer careta, mas também não estou a fim de ser expulso daqui, logo no primeiro dia. Quer dizer, não quero ser expulso nunca, mas no primeiro dia muito menos.

– Ele disse que a porta não está trancada, Jordan. Sendo assim, não vejo por que não entrar – argumentou Abby. Ela abriu um sorriso para Dan. – Acho que pode ser interessante... e eu estou sempre atrás de inspiração. Aposto que tem um monte de coisas antigas escondidas por lá.

– Tem fotografias – disse Dan, antes que Jordan jogasse mais um balde de água fria em sua ideia. – Felix contou que tem um monte de fotos antigas.

– Fotos! Melhor ainda. Adoro imagens em preto e branco.

Com o cotovelo, ela deu um cutucão em Jordan, que ainda não parecia muito convencido.

– E a porta estava *aberta* mesmo? Tem certeza? – ele questionou.

Dan balançou a cabeça.

– Foi o que disse o meu colega de quarto, que me não pareceu ser do tipo que inventa histórias. Ele falou que tinha uma fechadura, mas que estava quebrada.

– Por falar em desleixo... – comentou Abby.

– E esquisitice... – acrescentou Jordan, esfregando os braços como se estivesse com frio. – Não sei, Abby, acho que isso é mais a sua praia. Eu não curto muito esse lance macabro.

– Você não vai deixar a gente na mão! – ela falou em um tom firme. – Certo, Dan?

Os olhos de Abby brilhavam.

– É... claro que não! Você precisa vir junto.

Por um instante, porém, ele desejou poder ir espiar a sala sozinho com Abby.

– Não sei, não... – Jordan chutou o chão. – Parece arriscado demais.

Não que ele não tivesse *razão*. Por mais que Dan afirmasse que a fechadura estava quebrada, com certeza a entrada naquela sala não era permitida. Caso fossem surpreendidos e expulsos por causa disso, como Jordan temia, Dan jamais conseguiria perdoar a si mesmo. Além de arruinar seus planos para o verão, ele seria o responsável por arruinar os planos de outros também. Isso, sim, seria causar uma péssima primeira impressão.

Por outro lado, sentia como se estivesse abrindo uma caixa de Pandora – as possibilidades proporcionadas por uma incursão ao velho hospital pareciam atraentes demais para ser deixadas de lado. Além disso, no fundo Dan estava louco para saber se existiam mais fotos como aquela que encontrara em seu quarto.

– Qual é? – falou Dan, apontando para a silhueta magricela de Felix, que abria caminho por entre a multidão do lado de dentro do salão. – Foi *aquele* cara que entrou lá. Não deve ser tão errado assim.

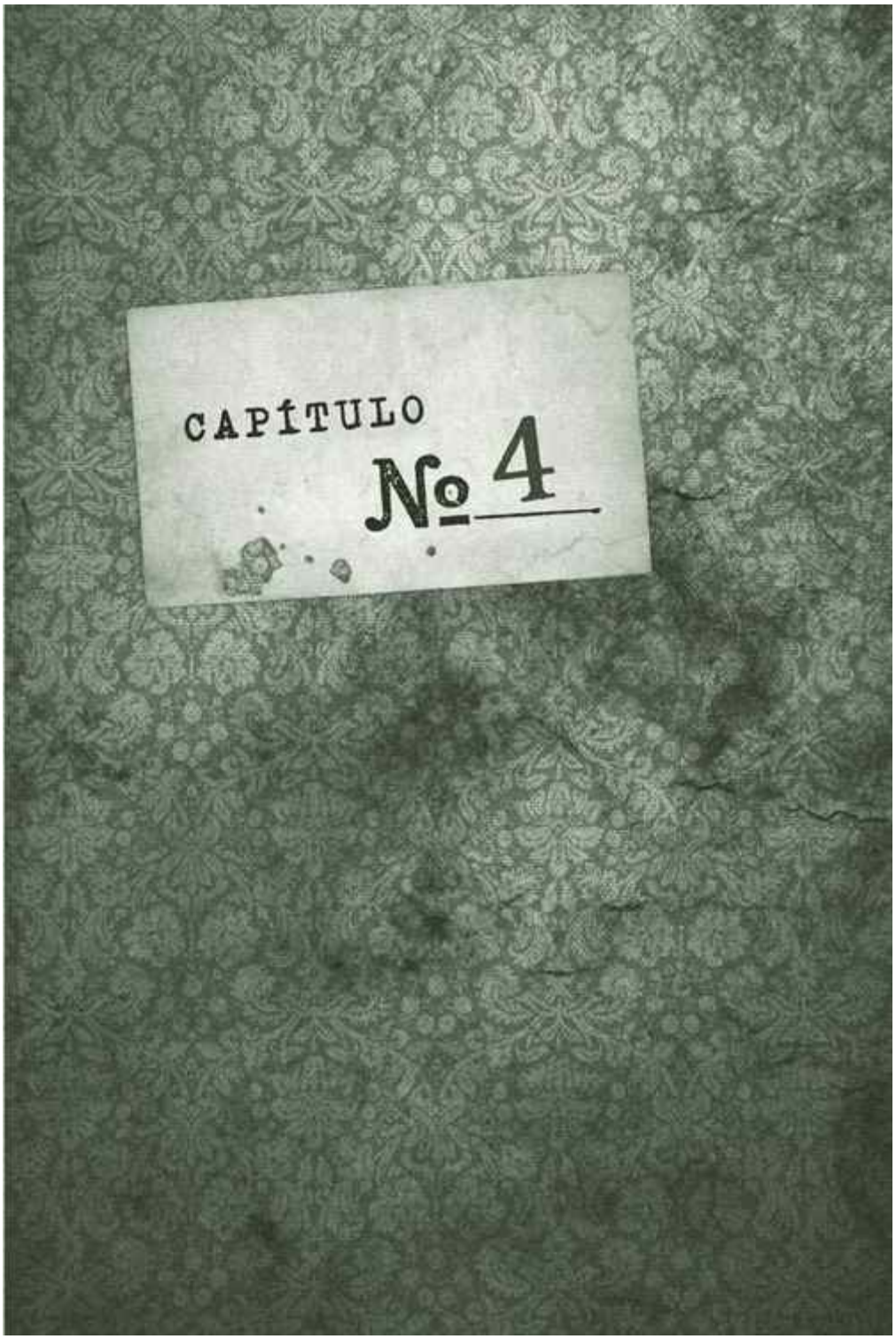
Jordan deu uma olhadela discreta e soltou uma risadinha de deboche.

– Como é que as mamães sempre dizem? Se os seus amigos pularem da ponte, você pula também?

– Ora, eu e o Dan vamos de qualquer jeito, certo? Com ou sem você – comunicou Abby,

com uma confiança admirável.

– Tá bom, tá bom! – Aos risos, Jordan deu um cutucão em Abby com o cotovelo. – Vocês venceram... vamos pular da ponte, então.


CAPÍTULO
Nº 4

Dan os encontrou à sua espera na beira da escada. Um telefonema de seus pais quase o atrasara, mas, depois de convencer Paul e Sandy de que tinha ido tudo bem na viagem e de que seus amigos Jordan e *Abby* estavam aguardando por ele, sua mãe o liberou de bom grado.

Atrás de Jordan e Abby, algumas luzes do hall ainda estavam acesas. Jordan estava encostado em uma das colunas brancas que sustentavam a arcada. Ele acenou quando viu Dan se aproximar, segurando uma lanterna com a outra mão.

Abby estava vestida com um moletom azul-turquesa e havia prendido os cabelos em um rabo de cavalo.

– Oi – ela murmurou, olhando ao redor. – A gente viu um inspetor passar uns minutos atrás, mas fora isso mais nada. Está pronto?

Dan balançou a cabeça e se juntou a eles sob a arcada. Jordan testou a lanterna, apontando o facho de luz para os dois, um de cada vez.

– Última chance para desistir e fazer uma coisa mais sensata – ofereceu Jordan – como encher a cara no meu quarto vendo *Thundercats*.

Abby fez uma careta e deu um soco de leve no ombro dele.

– Nada de ficar com medinho agora. E isso que você sugeriu, nós podemos fazer mais tarde.

– E vamos fazer mesmo – murmurou Jordan no hall silencioso e escuro. – Porque com certeza eu vou precisar de uma bebida depois dessa.

Dan entendeu bem o que ele quis dizer. Quando o momento chegou, ficou tão nervoso que estava até atordoado. Não era exatamente uma sensação agradável, mas era bem melhor que o tipo de ansiedade a que estava acostumado.

Pisando leve, eles foram caminhando pelo corredor vazio, passando pelo quadro de avisos, as máquinas de doces, salgadinhos e bebidas e um elevador velho e desativado. Havia cada vez menos luzes acesas à medida que avançavam, e, quando chegaram à porta do antigo escritório, estavam quase às escuras. Jordan levantou o facho da lanterna para a porta, e Dan sentiu seu coração se acelerar: era óbvio que estava trancada. Além disso, o aviso que Felix havia mencionado, na verdade, era um cartaz enorme com a inscrição PROIBIDA A ENTRADA em letras garrafais em vermelho.

– Pensei que fosse um lugar meio negligenciado – murmurou Jordan.

– Eu juro que... – Felix teria mentido? Que motivo ele teria para isso? – Alguém deve ter descoberto que os alunos estavam entrando aqui e resolveu trancar. Droga! Desculpa por ter arrastado vocês até aqui à toa.

– Tudo bem, tudo bem, não precisa ficar tão chateado.

Jordan tirou do bolso um clipe de papel e esticou o arame. Em seguida, pôs uma das pontas no cadeado e começou a sacudir bem de levinho.

– Fiquem sabendo que vocês vão ficar me devendo muito mais que uma sessão de *Thundercats* depois disso.

– Impressionante! – comentou Dan.

Ele já tinha visto na TV fechaduras sendo arrombadas antes, mas nada se comparava à adrenalina de ver isso sendo feito diante de seus olhos.

Jordan sorriu e parou o que estava fazendo por um instante.

– Eu sei fazer isso com um grampo de cabelo também.

– Vocês querem falar mais baixo? – repreendeu Abby, olhando para trás.

– A sua respiração está mais alta que a minha voz – respondeu Jordan, mordendo o lábio e soltando um suspiro impaciente, sacudindo o cadeado com a mão.

– Acho melhor apressar um pouco o passo – murmurou Dan.

– Não dá pra ir mais depressa. Isto aqui é uma arte. Não se pode apressar um *artista* – uma fina camada de suor apareceu na testa de Jordan, molhando as pontas de sua franja. – Só mais um pouquinho... está quase... – Dan ouviu um clique bem discreto. – *A-há*.

Jordan guardou o clipe no bolso da blusa com capuz e removeu o cadeado do trinco. Ele empurrou a porta, que não se moveu um milímetro.

– Droga, está emperrada! – ele falou. – Me ajudem aqui...

Dan e Abby estenderam as mãos e empurraram. A princípio a porta não pareceu ceder, mas em seguida começou a se mover.

Com um último empurrão, ela enfim se escancarou. Uma nuvem de poeira subiu pelo ar e os atingiu como um suspiro de alívio, como se uma força comprimida enfim estivesse sendo liberada. Da mesma forma como surgira, a poeira se dissipou, provavelmente por ter se espalhado um pouco com a visita anterior de Felix.

– Eca, isso está um *nojo* – comentou Abby, dando um passo atrás, tossindo e cobrindo a boca para se proteger da poeira.

– Tem o mesmo cheiro da casa do meu avô – disse Jordan, a voz abafada pela mão sobre a boca.

– Acho que ninguém se preocupa mais em limpar esta sala.

Dan estreitou os olhos e escrutou a escuridão além da porta. Atrás dele, Jordan percorreu o cômodo com a lanterna, revelando o que parecia ser uma antessala bem ampla.

– Quanto tempo será que faz que ninguém trabalha aqui?

– Desde a Idade da Pedra, talvez? – brincou Abby.

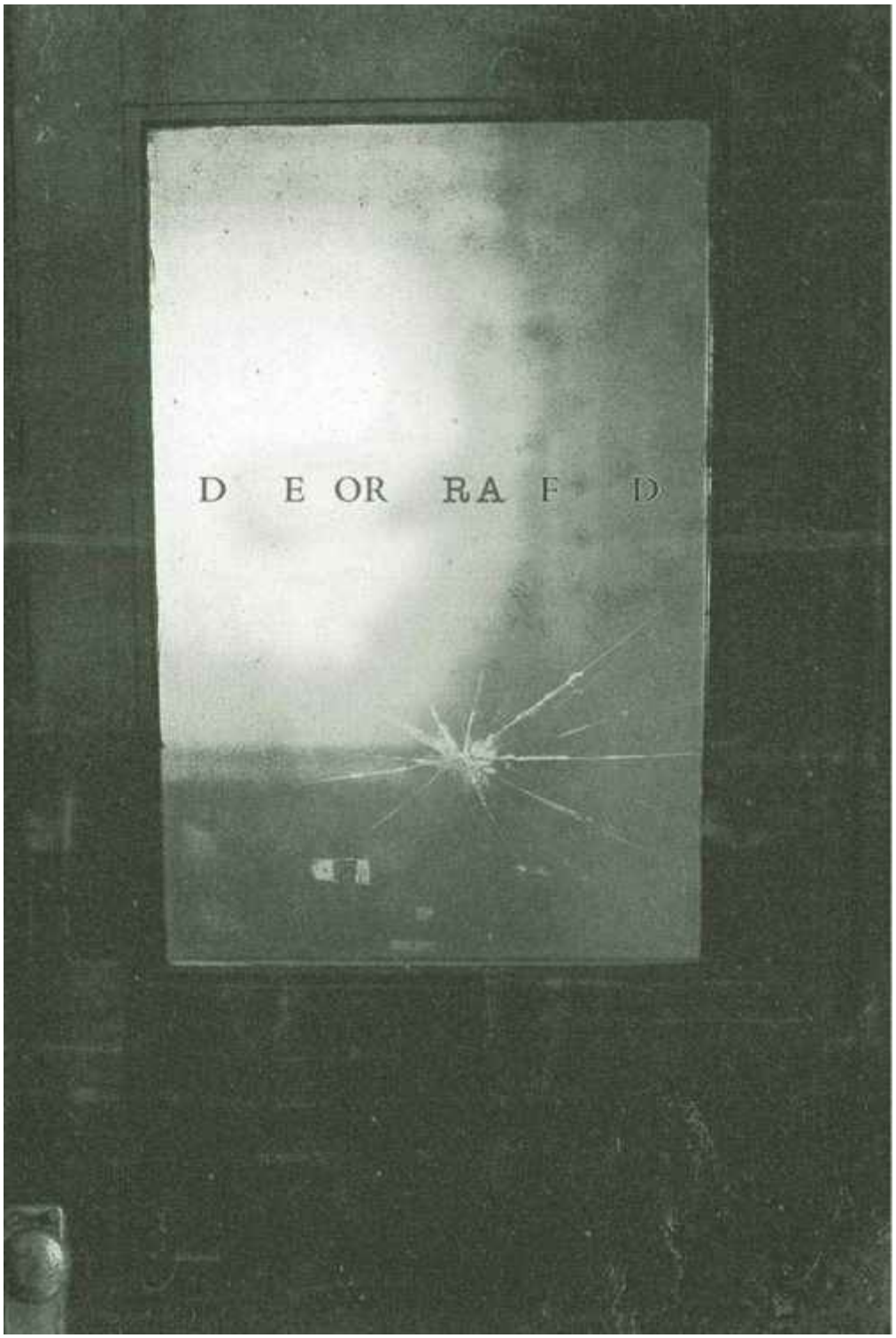
Ela e Dan acenderam a tela de seus celulares e foram entrando na sala escura, guiados por focos de luz suficientes apenas para não ficarem totalmente às escuras.

À medida que avançavam, os detalhes pouco a pouco iam se revelando: um balcão à esquerda onde devia ficar a secretária, um banco estofado chumbado à parede à direita, uma luminária antiga no teto, sem nenhuma lâmpada. Mais adiante, na parede oposta, havia uma porta estreita com uma janela de vidro fosco.

– Isso é loucura! – murmurou Jordan, chegando mais perto dos outros dois. – Parece que... É como se este lugar tivesse parado no tempo. Como se num belo dia todo mundo tivesse ido embora e deixado tudo como estava – passou por Abby e Dan e foi examinar o balcão mais de perto. – Os telefones, as máquinas de escrever, *tudo*...

– O lugar deve ter sido fechado às pressas – disse Abby. Ela e Dan foram até Jordan e se aproximaram da porta do outro escritório. A luz da lanterna brilhou por cima do ombro de Dan, proporcionando uma visão melhor das letras inscritas no vidro da porta:

D E O R R A F D



– O que vocês acham? – Dan chegou mais perto, observando as letras e tentando preencher mentalmente os espaços vazios. – Essa era a sala do diretor?

– Provavelmente – concordou Abby. – Será que está aberta?

– Só tem um jeito de descobrir...

Prendendo a respiração, Dan estendeu a mão para virar a maçaneta, notando as marcas de impressões digitais na camada de poeira. Eram de Felix, provavelmente, que devia ter entrado lá, já que Dan não viu nenhuma fotografia na antessala.

A porta se abriu com um breve rangido das dobradiças enrijecidas pelo tempo.

– Uau! – ele ouviu Abby dizer.

– Foi exatamente o que eu pensei também – murmurou Dan.

Limpando as mãos para se livrar da poeira grudenta, ele entrou primeiro, seguido de perto

por Jordan, o que era justo, pois a ideia daquela incursão tecnicamente tinha sido dele. O escritório era espaçoso, mas estava entulhado de prateleiras de livros e armários de arquivos por toda parte, sem contar as pilhas e mais pilhas de papéis avulsos. Dan tropeçou em um abajur derrubado no chão, e só não caiu porque se segurou na beirada de uma mesa.

Em cima do móvel, Dan viu um antigo telefone de disco ao lado de jornais e cadernos velhos. Foi quando reparou que aquilo que parecia uma caixa com papéis era na verdade uma pilha de fotografias desbotadas, um pouco menos empoeiradas que os objetos ao redor.

– Acho que encontrei as fotos de que o Felix falou! – anunciou Dan.

Apontou a tela do telefone acesa para a primeira da pilha – um homem alto, de óculos, vestindo um jaleco longo comprido. Dan o reconheceu, estreitando os olhos para capturar melhor os detalhes. Era o mesmo homem da foto que havia achado na gaveta de sua escrivaninha. Passou para a foto seguinte e soltou um grito abafado.

– Que foi? Algum problema? – perguntou Abby.

– Não, nada – garantiu Dan.

Caso verbalizasse a conexão mental que tinha acabado de fazer, ele não seria capaz de continuar fingindo que era só sua imaginação.

A foto seguinte mostrava um grupo de médicos em torno de uma maca. Deitado sobre ela, estranhamente impassível, estava um homem com bata de paciente. Um dos médicos segurava sua cabeça entre as mãos, enquanto outro passava uma tira grossa de couro por sua testa. Logo ao lado, havia uma enfermeira segurando uma seringa na mão.

Abby se posicionou ao lado dele e ficou olhando para a foto. Ambos tentavam entender o sentido daquela imagem.

– Deve ser algum tipo de tratamento – Dan disse por fim. – Ele devia ser um paciente daqui.

– Ele é tão novo! – comentou Abby. – Devia ter a nossa idade.

"Esse poderia ser eu." Dan afastou esse pensamento da cabeça, tirando aquela foto da pilha e se concentrando na seguinte.

A imagem mostrava uma mulher amarrada a uma maca. Em sua cabeça havia um capacete cheio de fios. Entre os dentes, ela mordia um pedaço de madeira. Pela parte de seu rosto que ficava aparente entre o capacete e a mordaça, parecia que ela estava sendo torturada, como se fosse uma espécie de mártir.

As fotografias eram horríveis, mas Dan não conseguia parar de vê-las uma atrás da outra. Todas mostravam pacientes sendo submetidos a algum tipo de tratamento, de injeções dolorosas ao confinamento na solitária. Uma foto que exibia uma sessão de hidroterapia revirou o estômago de Dan. Funcionários do hospital direcionavam o jato das mangueiras sobre um paciente, encolhido e trêmulo em um canto da sala, completamente sem roupa. Havia um médico logo ao lado, de braços cruzados, indiferente.

Dan já havia lido sobre aquele tipo de tratamento primitivo – na verdade, tinha um fascínio mórbido por aquele tipo de coisa. O fato de ter sido criado em orfanatos despertara nele um interesse por maquinários de controle social, sistemas nos quais as decisões eram tomadas *à revelia* das pessoas. Nada do que acontecera em sua vida se comparava ao sofrimento daqueles pobres pacientes. Pensando bem, o sistema havia tomado uma *boa* decisão para ele. Dan não trocaria sua família por nenhuma outra.

– Ei, pessoal, venham dar uma olhada nisto aqui... – disse Jordan, e o tom de urgência em

sua voz chamou a atenção dos outros dois.

Ele estava parado do outro lado da mesa, a lanterna apontada para a parede, onde havia diversas outras fotos, penduradas e emolduradas.

– Que horror! – comentou Dan.

– Silêncio! – pediu Abby, sussurrando bem baixinho.

Ela chegou mais perto das fotos, epando a poeira da moldura de vidro com a manga da blusa. Era uma imagem de uma garotinha, de no máximo nove ou dez anos, com cabelos claros até a altura dos ombros. Estava de pé, a mão apoiada sobre o braço de uma poltrona, como se estivesse posando para a câmera de um retratista, usando um vestido estampado e algumas joias. Mas exibia também uma cicatriz enorme na testa, e parecia haver algo errado com seus olhos.

– Ela parece tão triste... – supôs Abby.

"Triste" era uma definição possível. "Vazia" era a outra.

Abby continuou imóvel, observando a fotografia com tanta atenção que parecia estar em uma espécie de transe. Dan não teve coragem de comentar que, pela cicatriz na testa e o olhar vazio, era possível concluir que a garotinha tivesse passado por uma lobotomia. Que tipo de monstro teria coragem de fazer uma lobotomia em uma criança?

A foto pendurada ao lado era tão chocante que ele não soube o que pensar. Mostrava um paciente se debatendo, segurado por dois funcionários de avental branco e contido por uma espécie de focinheira no rosto. Dan ficou impressionadíssimo com aquela imagem. Quem poderia ter tirado aquelas fotos, e ainda por cima pendurado na parede?

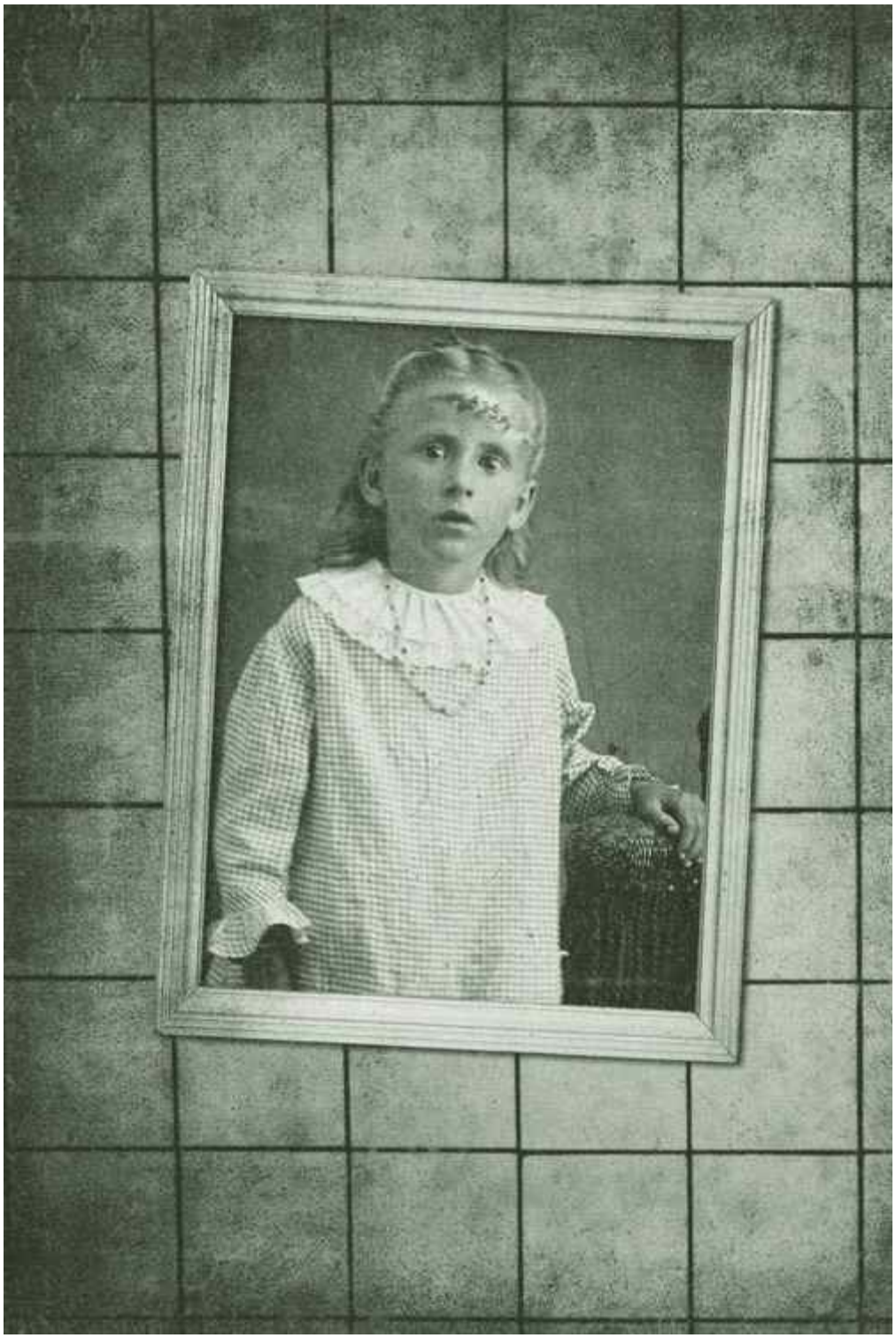
– Não dá pra acreditar que essas pessoas vinham pra cá em busca de ajuda – falou Jordan.

– Ele estava doente – respondeu Dan, sem pensar.

– E daí? Isso por acaso é tratamento que se preze? Esses médicos não devem ter entendido nada do que disseram quando fizeram o juramento de Hipócrates.

– Você não tem ideia de como funcionavam as coisas nessa época – retrucou Dan, mas em seguida se interrompeu. Por que defender as pessoas que provavelmente tinham feito uma lobotomia em uma criança? Ou que estavam se preparando para torturar um homem? Quando olhou para baixo e notou os próprios braços cruzados, ele estremeceu de medo e se apressou em interromper um silêncio que já estava ficando constrangedor. – Nós temos sorte, porque esse ramo da medicina evoluiu bastante desde então.

– Por que deixar essas coisas aqui? – Abby se exaltou de repente, apontando para as fotografias. O queixo dela tremia. – Elas são... horríveis!



– Bom, pelo menos elas mostram tudo sem rodeios – respondeu Jordan, envolvendo-a em um abraço que ela refutou. – Odeio quando as pessoas tentam disfarçar a verdade. E não vamos esquecer que a sala estava *trancada*.

– Isso não importa! – ela rebateu, sem tirar os olhos da foto da menina. Dan sentiu vontade de arrancar Abby dali antes que a garota do olhar vazio pulasse para fora da moldura e a puxasse para dentro. Mas aquela era uma ideia estapafúrdia, claro. – Ela não deveria estar aqui. Devia estar em um lugar seguro.

Abby ergueu lentamente ambas as mãos e tirou a fotografia da parede, deixando uma mancha mais clara no lugar onde estivera a moldura. Abby abraçou a foto junto ao peito, envolvendo-a nos braços.

– O que você está fazendo? – perguntou Dan, sem conseguir se conter.

– Ela vai para o meu quarto comigo. Lá vai estar segura.

– Você não pode tirar isso daqui, Abby! – argumentou Dan, tentando esconder sua aflição. – O lugar dela é *aqui*. Você precisa deixar tudo como está.

Abby abriu a boca para responder, mas Jordan falou primeiro:

– Ei, relaxem, vocês dois. Ela não é uma amiga sua nem nada do tipo, Abs. É melhor pendurar isso de volta. Alguém pode dar pela falta.

– Quem? – ela perguntou com um certo tom de ironia.

– Alguém! – respondeu Jordan, irritado. – Sei lá... Vai ver existe um inventário de todas as tralhas guardadas aqui.

Abby não pareceu ouvir o que Jordan falou. Permaneceu parada, feito uma estátua, agarrada à fotografia.



– Por favor, Abby, deixa isso aí. O lugar dela é junto com as outras – insistiu Dan. – Por favor!

Ele não conseguia acreditar que estava contrariando uma das meninas mais lindas que já tinha conhecido na vida.

"Não corta o barato dela, Dan. Ela precisa gostar de você."

A necessidade de interferir na situação, porém, era mais urgente.

Os olhos de Abby pareciam tão ausentes quanto os da menina na fotografia. De repente ela estremeceu, piscando várias vezes. Com cuidado, quase com carinho, ela pendurou a foto de novo na parede. Tocando-a uma última vez, comentou:

– Pobre criaturinha. Será que algum dia conseguiu escapar de sua prisão?

Quando viu a fotografia de volta no lugar, Dan foi invadido por um sentimento de alívio, sem saber muito bem por quê.

– Vamos embora – falou Abby. – Pra mim já chega.

Não foi preciso pedir de novo. Eles saíram do antigo escritório às pressas, e Dan ficou feliz até demais quando ouviu a porta se fechar atrás de si.

– Ei, o cadeado! – lembrou Jordan quando passavam pelas máquinas de petiscos e bebidas.

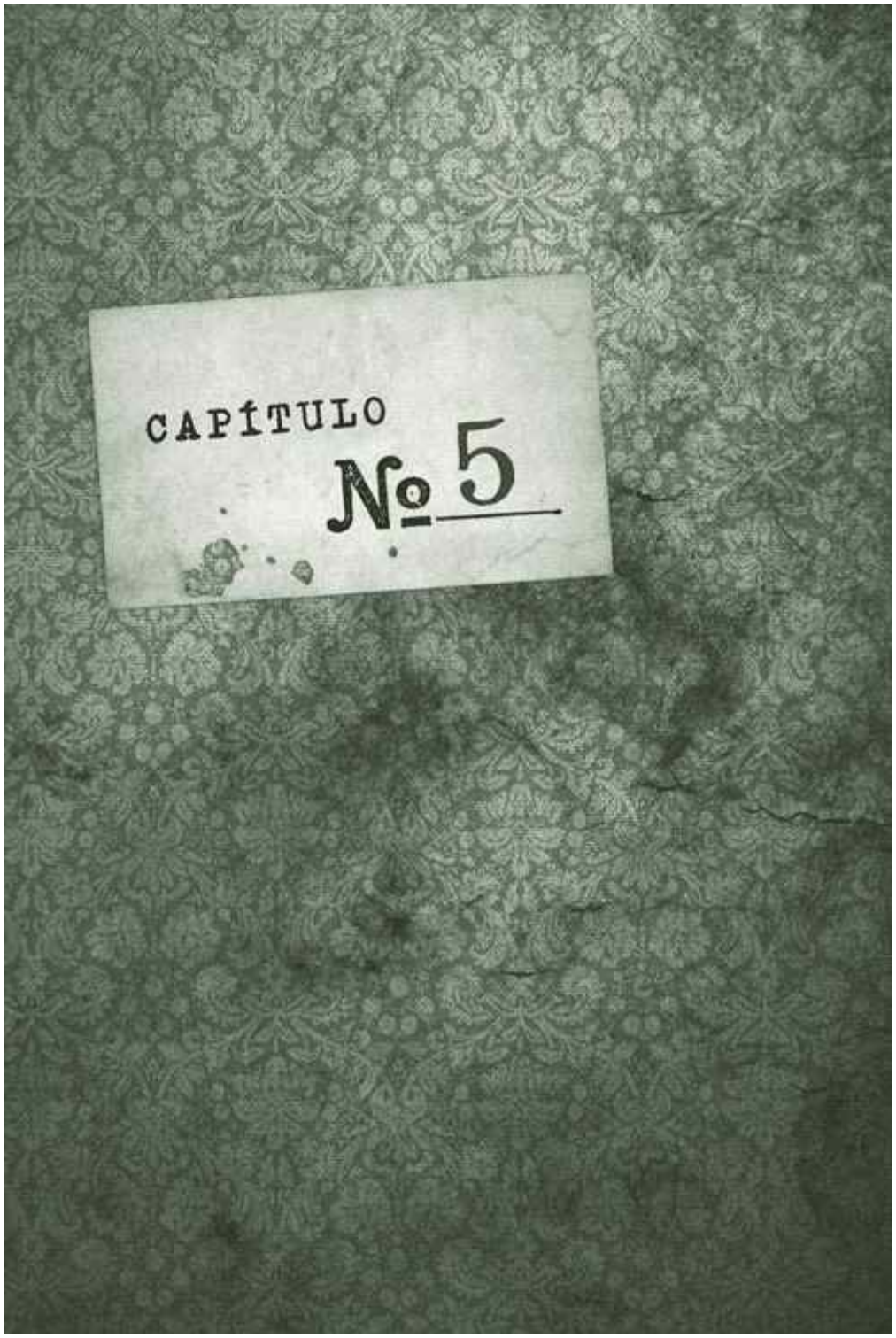
– Não esquenta, eu deixei tudo em ordem – disse Dan, louco para sair dali.

– Tem certeza?

Sem esperar por uma resposta, Jordan deu meia-volta e foi verificar. O cadeado estava pendurado no trinco, no mesmo lugar onde ele o havia deixado.

– Foi mal – desculpou-se Dan, soltando uma risadinha nervosa. Era capaz de jurar que havia trancado a porta. Mas então lhe ocorreu que sua memória vivia lhe pregando peças.




CAPÍTULO
Nº 5

Dan estava exausto e coberto de poeira quando voltou para o quarto. Abriu a porta com cuidado para não acordar Felix, mas quando deu um passo à frente sentiu um frio na barriga.

"Este não é o meu quarto." Dan piscou várias vezes, desorientado. O lugar parecia uma espécie de cela, com piso e paredes de pedra escura. No meio do cômodo havia uma mesa de operações coberta com um lençol branco. No canto mais próximo havia um ralo, cuja razão de ser Dan não conseguia nem imaginar. A pequena janela no alto da parede oposta era coberta por uma grade quadriculada. O mais perturbador naquele quarto, porém, era um par de algemas chumbado na parede da esquerda. A princípio, Dan pensou que estivessem enferrujadas, mas olhando com mais atenção notou que as manchas vermelhas tinham um aspecto úmido demais para ser ferrugem.

"Por que este quarto me parece tão familiar?"

Dan fechou a porta às pressas, esfregando os braços com as mãos para tentar conter o arrepio que sentia, e tentou encontrar uma justificativa racional para o que havia acontecido. Ele teria aberto a porta errada por engano? Isso explicaria tudo. Como estava morrendo de cansaço, poderia ter entrado no corredor errado e ido parar em outro quarto. Um lugar de pesadelo, que estava abandonado há décadas.

"Isso mesmo."

Ele olhou o número na porta: 3808.

Aquele era, *sim*, seu quarto. "O que está acontecendo?"

Esfregando os olhos com as mãos trêmulas, Dan abriu a porta de novo. E lá estava seu quarto, com duas escrivaninhas, duas cadeiras e duas camas, a silhueta adormecida de Felix preenchendo uma delas.

Dan entrou, fechou a porta e se apoiou contra ela, tentando recobrar o fôlego e tossindo por causa da poeira ainda alojada no nariz e na garganta. Tinha sido só sua imaginação, mais nada. Havia saído um pouco do controle, mas sua mente já estava de volta ao estado normal.



De forma nada surpreendente, Dan não conseguiu dormir. Virando-se de um lado para o outro na cama, só conseguia se esquecer das fotografias quando se lembrava da estranha alucinação que tivera ao entrar no quarto. Os roncos intermitentes de Felix também não ajudavam. Lá pelas duas e meia da manhã, enfim desistiu de tentar, pegou o laptop de cima da escrivaninha e foi se deitar com ele na cama. Talvez na internet fosse possível descobrir mais a respeito do Brookline, algo que pudesse explicar aquelas fotografias horrendas.

Dan digitou os termos "Brookline" e "história" no mecanismo de busca, e só o que obteve como resultado foi uma lista de diversas cidadezinhas de nome Brookline. Adicionando "New Hampshire" à pesquisa, encontrou uma breve sinopse sobre a história do sanatório, nada que ele já não soubesse: o local abrigava doentes mentais de ambos os sexos e havia sido comprado pela faculdade depois de desativado. Decidiu fazer uma pesquisa de imagens. Imediatamente apareceram fotos antigas da fachada do Brookline. Em preto e branco, o edifício parecia ainda mais ameaçador.

Filtrando um pouco mais os parâmetros de pesquisa, Dan digitou "Brookline", "história" e "manicômio". Enfim surgiu um link que parecia promissor. A julgar pelo fundo roxo berrante e pela quantidade de gifs animados que dançavam pela página, tratava-se de um site feito por

um “amador”, para dizer o mínimo. O que mais chamou sua atenção, porém, foi o título da página: “Brookline: onde os loucos são curados ou criados?”.

“Mais sensacionalista, impossível”, pensou Dan. A partir dali, no entanto, a coisa só piorava. A página era gigantesca e demonstrava uma séria tendência a abraçar teorias conspiratórias e paranoias em geral. Sal Weathers, detetive particular nas horas vagas e – “minha nossa!” – caçador de fantasmas, havia compilado a duras penas o que pareciam ser todas as notícias já veiculadas sobre o Brookline em nível local e nacional em um único bloco de texto. Havia estatísticas sobre o número de pacientes do manicômio em seu auge, histórias sobre seu fechamento em 1972, com a liberação ou recolocação dos pacientes em outros hospitais... Em várias passagens, Dan leu a respeito das dificuldades que o Brookline encontrava em manter um diretor por um período de tempo mais longo. A rotatividade por ali parecia ser maior que no McDonald’s.

Por fim, depois de percorrer três quartos do texto composto pelo incansável Sal, Dan encontrou alguma informação útil – pouco mais de uma linha, perdida em uma miríade de informações, mas que ele leu para si mesmo repetidas vezes:

Apenas em 1960 o Brookline encontraria o homem que redefiniria sua atuação e seus objetivos.



Qual era o nome do homem? E que objetivos eram esses? Isso, o texto não dizia.

– Já ouviu falar em manter o foco da narrativa, Sal? Você deveria trabalhar um pouco mais nisso – Dan disse em voz alta, esquecendo-se por um instante de que tinha um colega de quarto. Por sorte, Felix parecia ter um sono bem pesado.

Dan foi passando os olhos pela página até o final. A razão para a dispersão textual de Sal estava mais do que óbvia. Para que se concentrar em fatos sem graça como a quantidade de diretores da instituição quando havia assuntos bem mais interessantes para tratar, como *assassinos em série*?

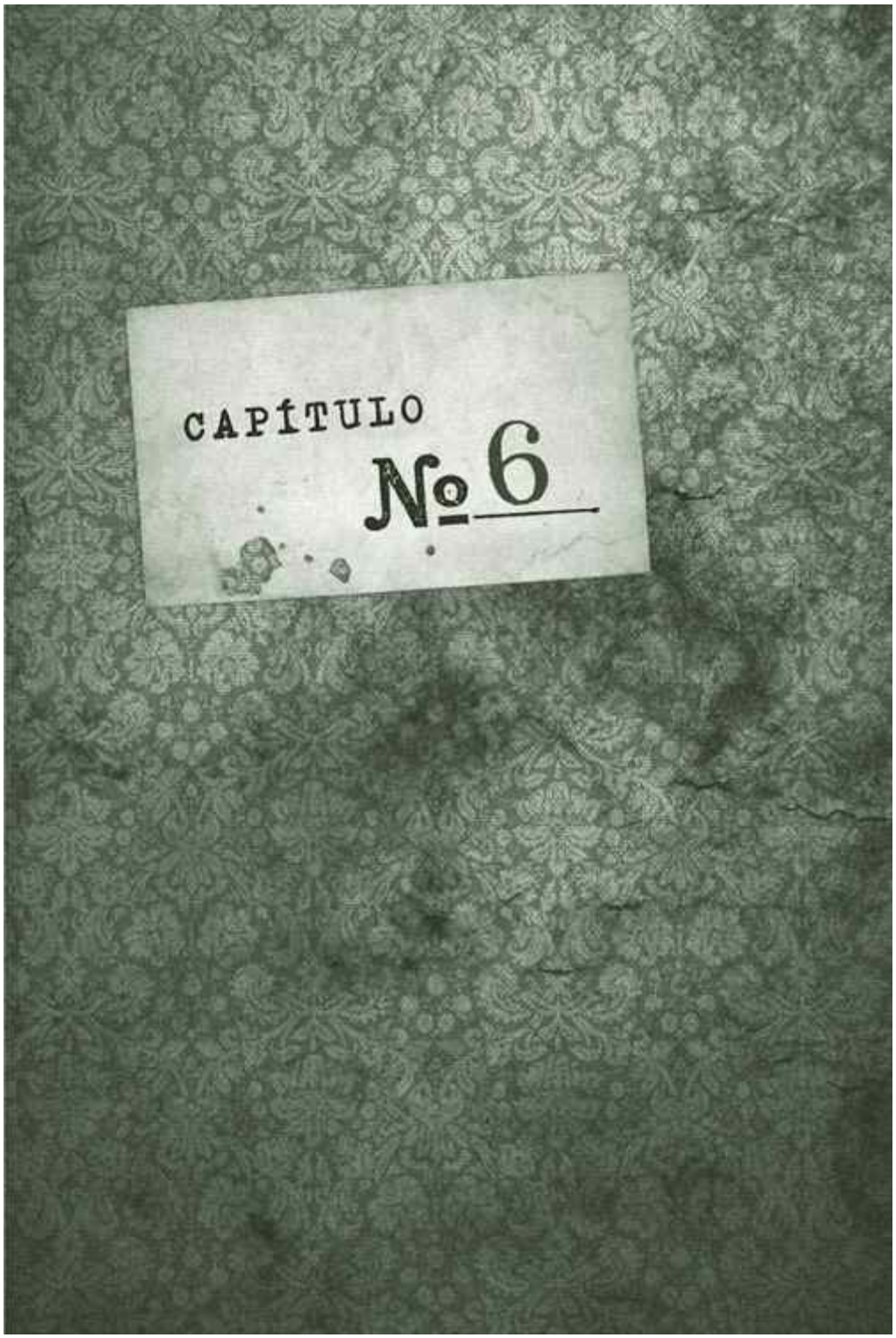
O paciente mais controverso do Brookline foi sem sombra de dúvida o assassino em série Dennis Heimline, mais conhecido como Escultor. Entre 1960 e 1965, ele aterrorizou

uma pequena comunidade rural em Vermont. Estimativas da polícia afirmam que matou mais de dez pessoas, e o apelido se devia ao fato de que suas vítimas, depois de mortas, eram posicionadas como estátuas. Um dos relatos descreve a "beleza trágica e fria" de uma jovem encontrada "dançando" na paisagem selvagem das Montanhas Brancas de New Hampshire, com os braços mutilados amarrados em uma árvore logo acima. O mais terrível de seus crimes aconteceu em um bar local. As vítimas foram espalhadas por várias partes do estabelecimento – algumas de pé, outras sentadas, e outras ainda como se participassem de uma espécie de celebração na pista de dança. Todas eram mantidas nessa posição com cordas e fios.

Talvez o fato mais estarrecedor sobre o Escultor tenha sido que, quando o Brookline fechou as portas, não foi encontrado nenhum vestígio de sua presença por lá.

Dan ficou paralisado. Um assassino em série havia sido internado naquele prédio. Onde teria sido mantido? Que tipo de tratamento teria recebido? E para *onde* poderia ter ido?

Fechou o laptop e deitou na cama. Quando estava quase dormindo, lembrou-se da foto do paciente se debatendo e se perguntou se aquele poderia ter sido Dennis Heimline. Talvez seus pais tivessem mesmo motivo para se preocupar por ele ter ido para aquele lugar. Um lugar com um histórico questionável era uma coisa, mas um assassino em série? Fotos de tratamentos psiquiátricos? Ora, aquelas eram descobertas que ele não compartilharia com Paul e Sandy de jeito nenhum.


CAPÍTULO
Nº 6

—Sem querer ofender, Dan, mas você está um trapo. Não conseguiu dormir, foi isso?

A voz de Abby pareceu vir do fundo de uma piscina. Percebendo que começava a cochilar, Dan se ergueu na cadeira e levou uma colherada de cereal até a boca. Ele se perguntou se a aura luminosa em torno da cabeça dela vinha do sol da manhã filtrado pela cúpula de vidro ou de sua privação de sono quase absoluta.

Decidiu não contar a Abby o que descobrira na internet, por medo de que soasse como algo esquisito demais – e também porque não queria que ela pensasse que ele era esquisito demais. Os dois ainda estavam apenas se conhecendo. Dan não queria estragar tudo em menos de vinte e quatro horas.

– O Felix ronca. Parece que engoliu um sapo. Ou um leão.

– Tanto assim?

– Pois é, e além disso levanta com as galinhas para ir se exercitar. Está na cara que eu não vou conseguir dormir muito durante este verão.

– Tem certeza de que não foi por causa da nossa aventurazinha de ontem à noite?

Abby era do tipo que dizia as coisas sem rodeios. Ele gostou disso.

– Foi uma coisa bem intensa mesmo – ele respondeu.

Ela parecera ter ficado apaixonada por aquela foto. Eles quase brigaram por isso. Dan franziu a testa. Ele não conseguia lembrar por que tinha feito tanta questão de que nada fosse tirado do lugar.

Uma pontada de dor na cabeça o fez fechar e apertar os olhos com força.

– Droga! Eu não queria estar assim no primeiro dia de aula.

Abby passou para ele um copo de café.

– Experimente isso. Está forte o suficiente para acordar até defunto.

Ele virou o copo, para não beber no mesmo lugar onde ela havia deixado uma mancha rosada de batom. Quando deu um gole, sentiu um gosto parecido com fluido de isqueiro misturado com xarope de bordo e engoliu às pressas para não ser obrigado a cuspir.

– Uau! Como você consegue beber *isso*?

– Na verdade eu detesto o gosto do café, mas o açúcar ajuda a dar uma enganada – admitiu ela. – Não dá pra ser artista e não beber café. Simplesmente... não dá. Em toda exposição de arte tem café ou vinho, então você tem que aprender a gostar, e ponto final.

Dan deu risada. Abby não parecia ser uma pessoa que fazia de tudo para ser aceita, mas talvez esse tipo de concessão fosse algo que todo mundo fizesse de vez em quando. No ano passado, por exemplo, ele mesmo tinha comprado um blazer de veludo para comparecer a uma palestra sobre os últimos anos de Jung. Sentado em meio a um mar de paletós beges e azuis, arriscara imaginar o que seu psicanalista predileto diria a respeito daquele monte de pessoas tentando parecer todas iguais.

– Então – disse Dan, abrindo um sorriso forçado e corrigindo a postura na cadeira. Havia se lembrado de algo que Abby contara no dia anterior. – Você veio de ônibus pra cá?

Dan tinha vindo de Pittsburgh de avião e tomara um táxi no pequeno aeroporto de uma única pista.

– Tive até que pegar mais de um ônibus. Meu pai não pôde tirar o dia de folga pra me trazer, mas no fim não fez diferença. Ônibus, trem, metrô... Quem é de Nova York está mais do que acostumado com tudo isso.

– Jordan também é de lá?

– Não. Jordan estava vindo da Virgínia. Nós só fizemos juntos a última parte da viagem.

– Nossa, é bem longe daqui! Por que ele não veio de avião?

– Ah, os pais dele até compraram a passagem – contou Abby – mas era para a Califórnia, não para New Hampshire.

Dan levantou as sobrancelhas.

– Ao que parece, pensam que ele está em um acampamento religioso que prega a cura gay ou coisa do tipo. Quem está pagando pelo curso é o tio dele, e Jordan usou o dinheiro que juntou trabalhando depois da escola pra pagar a viagem.

Abby bebeu o restante do café e terminou de comer sua aveia.

– Mas e se os pais dele descobrirem? O que acontece?

Abby franziu a testa.

– Sei lá. Uma batalha de proporções épicas?

Não era à toa que Jordan estava com tanto medo de ser expulso.

Dan se sentiu grato por ter pais tão tranquilos e de mente aberta, por mais que para certas coisas fossem bem rígidos. Ele sempre sentira que tivera muita sorte em conhecer Paul e Sandy, mesmo antes de ser oficialmente adotado pelos dois. Muitas crianças que conhecera não tiveram o mesmo destino.

– Que bom ele ter conhecido você; alguém com quem ele pode conversar sobre tudo isso – comentou Dan.

Não era nem um pouco difícil se sentir confortável ao lado de Abby. Tampouco era surpresa o fato de Jordan tê-la considerado uma pessoa de confiança logo de cara.

– A gente se entende. Rolou uma sintonia legal – Abby recolheu as coisas que tinha usado no café da manhã. A confusão de vozes no refeitório ia diminuindo à medida que os alunos saíam para ir se inscrever nos diferentes cursos disponíveis. – A viagem foi bem longa, não dava pra ficar só brincando de forca e jogando conversa fora. Com certeza ele teria contado tudo pra você também.

– É, talvez – disse Dan, apesar de duvidar muito. – Enfim, é melhor ele aparecer logo para se inscrever nos cursos, senão vai acabar sozinho em uma sala com Felix, estudando bioética avançada.

– Não seja maldoso! – respondeu Abby, mas com um sorriso no rosto.

Eles saíram atrás dos demais alunos, pegando a mochila nos escaninhos posicionados na entrada do refeitório. Pelo que disseram, a entrada com as bolsas era proibida porque o pessoal costumava desviar altas quantidades de croissants e frutas para comer mais tarde nos quartos.

– Mas, falando sério – continuou Dan. – Hoje de manhã Felix ficou pedindo pra compararmos nosso plano de aula, pra ver no que um poderia ajudar o outro ou coisa do tipo. Quando eu finalmente aceitei e mostrei as matérias que queria fazer, ele me olhou de um jeito todo estranho, como se estivesse com pena de mim. Pelo jeito meu interesse por ciências é limitado demais pra ele.

Abby deu risada.

– Ah, isso mesmo. Pode rir à vontade do meu sofrimento.

Dan espirrou quando eles saíram ao ar livre.

– Saúde.

– Obrigado. Então, eu estava pensando; que tal se a gente fizesse algum curso juntos? Eu, você e Jordan. Sei que você está aqui pra estudar artes, mas umas aulas de história não cairiam mal, não é mesmo? – perguntou ele.

Os alojamentos se espalhavam por ambos os lados, formando um círculo quase perfeito em torno do pátio gramado do campus. Havia cadeiras posicionadas sob a sombra de quase todas as árvores no local, e, apesar de os bancos ao longo do caminho estarem todos vazios, Dan imaginou que em breve a movimentação por ali seria bem maior. Ouviu alguns alunos no refeitório combinando um jogo de bocha no gramado depois de fazer suas inscrições.

– Claro, por que não? Mas antes preciso garantir minha vaga na aula de desenho anatômico. Quer que eu inscreva você também?

– Eu? Ah, até parece. Você só fala isso porque nunca me viu desenhando. Nem boneco de palitinho eu sei fazer. Dá pra ser pior que *isso*? Se der, é nesse nível que eu estou.

Dan sacudiu a cabeça, imaginando a expressão no rosto do professor quando visse seus rabiscos.

– Vai ter mulheres *peladas* – provocou Abby, pronunciando a última palavra de uma forma meio cantada.

– E *caras* pelados também! – rebateu ele.

– Bem lembrado. Ah! Acho que o Jordan pode topar fazer essa aula comigo.

Eles chegaram ao local onde o caminho se dividia em dois, um deles levando ao prédio da administração, no qual fariam as inscrições para os cursos, e outro para o ginásio de esportes. Mais adiante, Dan viu Felix saindo de lá, pálido e rígido, a caminho da administração. Pensou em chamá-lo, considerando que seria a coisa mais adequada a fazer. Mas, no fundo, o que mais queria era passar um tempo sozinho com Abby.

– Ei, seus manés! Esperem aí!

"Nosso tempo sozinhos já era." Jordan apareceu correndo pelo caminho, uma bolsa de couro toda elegante com a alça atravessada sobre o peito e um chaveiro com um dado de vinte faces pendurado no zíper. Jordan pelo jeito tinha acabado de sair da cama e vestido a primeira coisa que encontrou, mas ainda assim o desleixado ali parecia ser Dan.

– Onde você estava? – questionou Abby, enlaçando o braço de Jordan com o dela. – A gente sentiu sua falta no café da manhã.

– Dormi demais. E a comida, como era? Nojenta, provavelmente.

Jordan andava tão depressa que eles precisavam dar pequenas corridinhas para acompanhá-lo.

– Não era tão ruim assim, na verdade – respondeu Dan, mas sem ter muita certeza se o outro estava interessado em uma resposta. Para Dan, Jordan era uma pessoa difícil de entender. Em um momento estava numa boa, mas então de um instante para o outro se fechava atrás de sua fachada de ironia. E logo em seguida aparecia o Jordan que morria de medo de ser expulso e mandado para casa. – Mas o café da Abby era o pesadelo de qualquer diabético.

– Dan é que está de mau humor, porque o colega de quarto dele desdenhou das aulas que ele escolheu.

– Como assim? Que história é essa? O que ele tem a ver com isso? – disse Jordan, aos risos. – Você se deu mal na roleta-russa dos colegas de quarto, Danny. Já eu dei uma tremenda sorte. Yi é um dos bons. Tocou violoncelo pra mim hoje de manhã. – Jordan acenou para um sujeito alto e descabelado sentado na grama com seu instrumento. – Ele está formando um

grupo de música de câmara pra tocar ao ar livre. Dá pra imaginar? Não vejo a hora de entrar na faculdade. Quero ouvir violoncelo toda manhã. Quero viver em um ambiente como este – ele fez um gesto com a mão, apontando para os arredores. – Com certeza é melhor do que viver com os talibãs. Estou mais do que pronto pra isso.

– Você não devia ficar sonhando com uma vida que não é a sua – disse Abby, toda sabichona. – Só se vive uma vez.

– Não se você for um budista. Ou um fastama. Mas você tem razão. Quem quer ficar velho? Eu, não. Ainda vou ser bonito, e elegantérrimo, mas mesmo assim... Rugas? Dores nas costas? Não, obrigado – franziu o nariz para Abby. – Pelo menos você vai ser bonita pra sempre.

Quanto a isso, Dan não tinha como discordar.

– Dan, por outro lado, parece até que já é um cara de meia-

-idade – continuou Jordan, caindo na risada de novo. – No bom sentido! Não fica bravo comigo... é no bom sentido! Você é todo quietão, esperto e tudo o mais. Tem mais sabedoria do que sua idade demonstra; é tipo um Buda magrinho e gatinho.

– Hã... valeu? – Dan baixou a cabeça, sentindo o rosto queimar. Não queria que ninguém pensasse em Buda quando olhasse para ele, principalmente Abby.

– Ele ficou vermelho? Acho que ele ficou vermelho! – Jordan caiu na risada e apertou o passo, arrastando Abby consigo, obrigando Dan a se apressar para acompanhá-los.

– Para de ficar provocando, Jordan! – ela se virou para Dan com um sorrisinho sem graça. – Não esquenta, pra mim você não parece um cara de meia-idade. Ele está só tentando irritar você.

– E, pela cara dele, acho que está funcionando – falou Jordan.

– Você está bem alegrinho hoje – comentou Abby. – Não teve nenhum pesadelo por causa de ontem à noite?

Jordan sacudiu a cabeça, balançando os cachos.

– Eu? Não, eu dormi o sono dos justos. Deve ser porque finalmente estou fora de casa.

Dan se lembrou de sua noite, das horas de sono que não conseguira ter. Ele parecia ser o único a ficar realmente abalado com a incursão da noite anterior. E também o único a ter investigado a história do manicômio mais a fundo. Dan não queria que Abby e Jordan pensassem que estava obcecado, por isso preferiu não dizer nada a respeito. Era momento de mudar de assunto, antes que dissesse algo de que mais tarde se arrependesse.

– Então, Jordan, Abby e eu estávamos conversando sobre as aulas que queremos fazer.

– Sim...?

– Bom, a gente pensou em fazer alguma coisa juntos. Você está a fim?

– Claro – respondeu Jordan, mas olhava para o celular, digitando em altíssima velocidade com os polegares, virando-se um pouco para que nenhum dos dois pudesse ver o que escrevia. Dan nem pensou em fazer isso. As mensagens de Jordan só diziam respeito a ele.

A conversa sobre os cursos consumiu todo o trajeto até o local de inscrição. O estado de espírito de Dan melhorava a cada passo. Abby e ele concordaram em fazer duas aulas juntos, mas, enquanto Jordan e ela encarariam os desenhos anatômicos, Dan se dedicaria à história e à psiquiatria. Tinha um bom nível de conhecimento sobre ambos os assuntos, porém sabia que as aulas no CPNH exigiam o máximo até mesmo dos alunos mais capacitados.

Em um pilar de madeira do prédio da administração, havia folhetos anunciando um

concerto de harpa, um jogo de LARP e uma partida de bocha. A névoa da manhã ainda não tinha se dissipado, e os alunos circulando por ali pareciam espectros saídos de um sonho. Mas de um sonho bom.

– Já imaginaram como seria fazer isso todos os dias? – disse Dan.

– Escolher que aulas fazer? Não, isso é muito cansativo.

Abby guardou o catálogo de volta na bolsa com vários patches bordados.

– Não, caminhar pelo campus em um dia bonito como este, com pessoas que gostam de estudar, indo assistir às aulas que você mesmo escolheu.

– Nem me fala – disse Jordan.

– Pois é – concordou Abby, dando o braço a Jordan e Dan.

Foi uma das raras ocasiões em que Dan se sentiu contente de verdade. Tinha dois novos amigos e teria aulas em que realmente estava interessado. E era só o primeiro dia, o verão estava apenas começando.



Depois de fazer as inscrições, os alunos foram separados em grupos menores e mais administráveis, que se espalharam pelas salas do Pavilhão Wilfurd. O diretor de programação estava lá para ajudar a orientar o tráfego de pessoas, acenando e brincando com os poucos professores que ainda circulavam pelos corredores. Quando chegaram à sala designada, os três foram recebidos por uma professora e um sujeito ruivo que passava informações sobre os serviços disponíveis no campus, os telefones de emergência e os mapas das instalações. O sujeito pareceu reconhecer Jordan, cumprimentando-o com um informal "E aí?" antes de passar para o próximo da fila.

– A gente já não ouviu isso mais de mil vezes? – resmungou Jordan enquanto sentavam. Pouco mais de uma dezena de fileiras haviam sido montadas diante de um telão retrátil. Eles se sentaram no fim da terceira fila e puseram a mochila no chão, junto aos pés. – Quer dizer, eu sei que já li isso antes. Nos panfletos, no site...

– Tem gente aqui que nunca ficou longe de casa antes – respondeu Dan.

Abby sentou entre ele e Jordan, segurando um folheto verde-limão.

– Você já? – perguntou Abby. Era uma pergunta inocente, apenas para manter a conversa viva, mas Dan ficou paralisado, sem saber como responder. Ele nunca falava sobre os abrigos e orfanatos em que tinha vivido antes de ter a sorte de encontrar Paul e Sandy.

Ficou feliz quando a professora pediu silêncio e se posicionou ao lado do projetor, esperando que os alunos parassem de falar.

– Aquele é o Joe – contou Jordan, apontando com o queixo para o ruivo atarracado. – Ele é o monitor do meu andar.

– Até que ele é gatinho.

– Um monitor de alojamento? Sem chance, Abs. Ele é um fruto proibido pra você. Ou melhor, uma *fruta*. Ha, ha! Entendeu?

– Infelizmente sim – murmurou Abby, revirando os olhos.

– Ah, você acaba comigo – acrescentou Jordan, limpando uma lagriminha imaginária.

– Então somos dois.

Uma menina de cabelos pretos sentada à frente dele virou e fez cara feia, silenciando Abby e Jordan com um olhar. Quando ela se virou de volta, Jordan mostrou a língua, e a

professora enfim começou a falar.

– Este é Joe McMullan, e eu sou a professora Reyes. Sei que vocês não têm muita paciência para estas orientações gerais, mas prometo que vai ser uma coisa rápida e indolor.

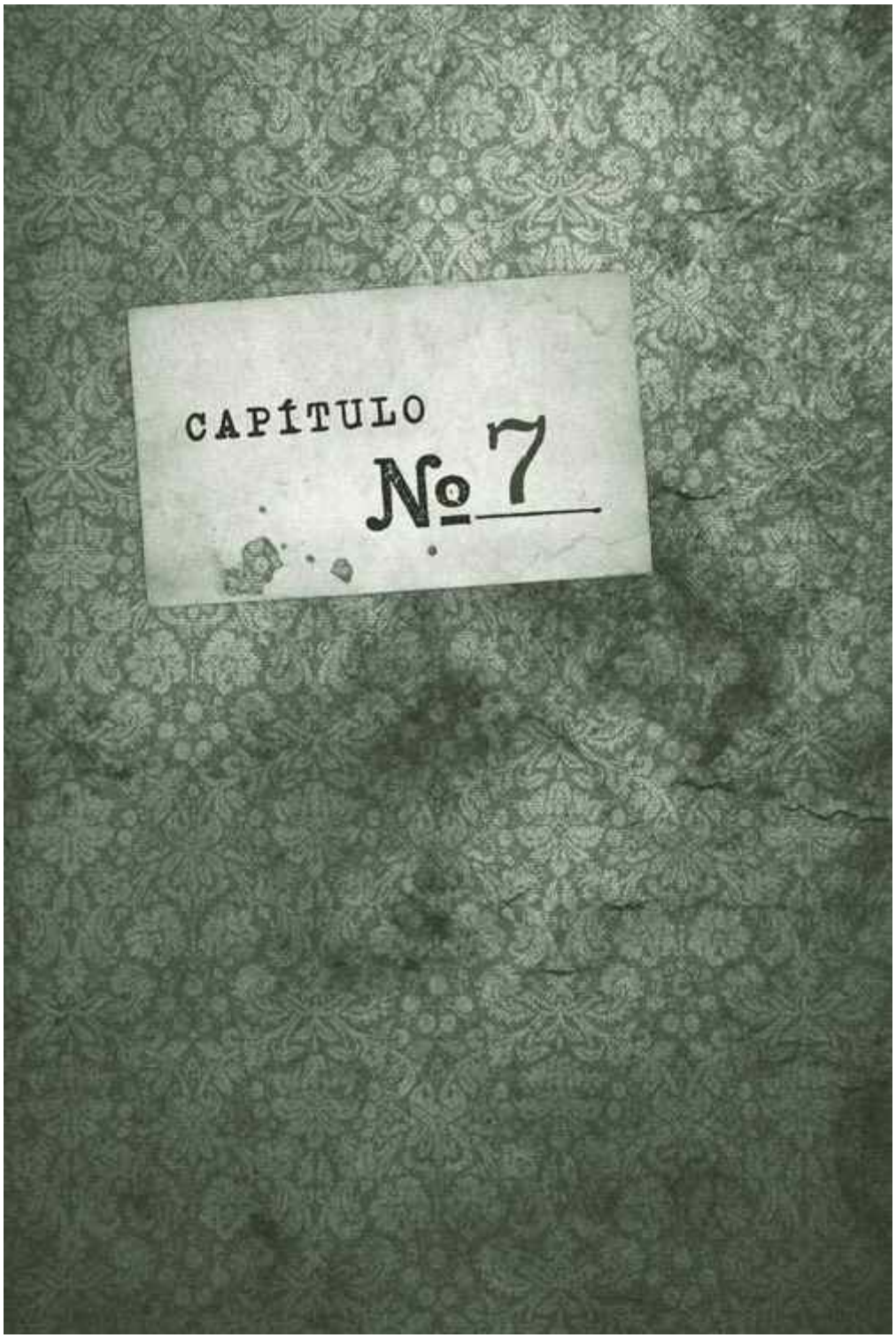
O nome dela lhe pareceu familiar. Dan enfiou discretamente a mão no bolso e pegou sua grade de horários. Passando os olhos pela lista, viu que ela seria sua professora de História da Psiquiatria. Guardou o papel e concentrou sua atenção outra vez no que acontecia na frente da sala. Ela era mais baixa que Joe, pelo menos uns dez centímetros, e parecia uma pessoa bem acessível, com bochechas vermelhas e uma falha entre os dentes. Sua roupa era toda preta, coloração que só era quebrada por um colar de turquesa.

– Primeiro, algumas palavras sobre as regras de segurança no alojamento...

Dan percorreu a sala com os olhos. Alguns assentos adiante ele viu Felix, todo empertigado na cadeira. Suspirou, pensando que era sua obrigação ajudar o colega de quarto a se entrosar, e se perguntou se uma horinha ou duas de interação em grupo fariam Felix sair da concha. Por outro lado, Dan estava empolgado com a relação que estabelecera com Abby e Jordan, e se a presença de Felix prejudicasse a dinâmica entre eles, o culpado seria Dan.

– Brookline tem um passado muito rico e complexo – continuou a professora Reyes. – Portanto, se tiverem alguma pergunta, fiquem à vontade! Não existe motivo para ter medo da história.




CAPÍTULO
Nº 7

Havia alguma coisa errada, muito errada. Dan estava no lugar errado. Devia ser algum engano. Ele não merecia estar ali, porque não era louco. Então por que estava acorrentado à parede? Lutou para se soltar até sentir o sangue começar a escorrer do local onde as algemas se encontravam com os pulsos.

– Socorro! – ele berrou, mas a voz saiu em um sussurro.

O ambiente mudou. Dan estava deitado sobre uma mesa, vestindo uma bata. Uma chave girou na fechadura, e um garçom usando óculos e um uniforme branco entrou com uma bandeja. Havia uma tampa de prata cobrindo todo o conteúdo, e Dan ouviu o tilintar do que pareciam ser talheres.

– Seu jantar, senhor – anunciou o garçom, removendo a tampa e revelando que se tratava de instrumentos hospitalares: bisturi, grampo e uma agulha hipodérmica.

Dan olhou para cima, e o rosto do garçom mudou. Estava usando um jaleco de médico e uma máscara cirúrgica. E, o pior de tudo, no lugar onde deveriam estar seus olhos havia apenas órbitas vazias, como se tivessem sido arrancados.

Quando estendeu a mão para apanhar os instrumentos, o médico falou com um tom de voz gentil:

– Não se preocupe, Daniel Crawford. Estou aqui para cuidar de você.

Dan acordou assustado, o rosto encharcado de suor, e agarrado à coberta com tanta força que seus dedos até doíam. Ele não conseguia parar de murmurar: "Não, não, não me machuque!".

Com o coração disparado, sentou. Aos poucos, os olhos foram se ajustando à escuridão. Ele estava no quarto. Não havia garçom nem médico nenhum ali, apenas Felix, imóvel, de pé ao lado da cama, observando-o.

– Ah! – ele gritou, afundou a cabeça no travesseiro de novo e puxou a coberta até o queixo. – O que... o que você está fazendo?

– Você estava falando enquanto dormia, Daniel – Felix respondeu sem se alterar, afastando-se um pouco da cama. – Está tudo bem? Você fez uns barulhos... Bom, você me acordou, como pode ver...

– D-desculpa – murmurou Dan. – Foi só um pesadelo. Eu... Está tudo bem, na verdade.

"Mas seria melhor se você saísse de perto de mim."

– Preciso ir tomar um ar – ele acrescentou e desceu da cama. Os lençóis estavam encharcados de suor.

– Isso ajuda – disse Felix, abrindo um sorriso desanimado. – O ar fresco faz bem para clarear os pensamentos. Espero que funcione.

Dan pegou a blusa com capuz e saiu correndo porta afora, como se estivesse fugindo de Felix, ou do quarto, ou talvez dos dois. Tentou controlar o ritmo da respiração. "Foi só um sonho, mais nada." Limpou o suor do rosto com as costas da mão. Aquelas fotografias o tinham deixado mais perturbado do que imaginava. Pela segunda noite seguida, não conseguiria dormir direito. As luzes do corredor estavam quase todas apagadas, e o silêncio era total. Não havia ninguém por perto, mas mesmo assim Dan estremeceu. Por que ele se sentia sempre observado naquele lugar?

Quando chegou ao térreo, começou a se sentir melhor. Ao se aproximar da porta, porém,

notou que já estava aberta. Uma pessoa tinha saído do alojamento antes dele e estava sentada nos degraus da entrada.

– Que engraçado encontrar você aqui – ele falou.



Abby deu um grito de surpresa. Dan só conseguiu se desviar por pouco da pedrinha que ela jogou em sua direção.

– Dan! Ai, você quase me matou de susto!

Para piorar a situação, por causa do pesadelo e de ter acordado de repente no meio da noite, a voz dele estava rouca.

– Desculpa aí – ele falou e sentou ao lado dela. – Eu não queria assustar você.

Abby estava abraçada às próprias pernas, com o celular em uma das mãos. O tecido da

calça de seu pijama era adornado com uma estampa de nuvenzinhas sorridentes.

– É bem tarde para você ainda estar acordado – ela falou, a voz também rouca.

– Não consegui dormir. E você?

Abby o olhou como se estivesse escolhendo as palavras com que responderia. Por fim falou:

– Recebi uma mensagem da minha irmã. Várias, na verdade. As coisas lá em casa estão... Bom, poderiam estar melhores – ela se interrompeu. Dan não era nenhum especialista em interações sociais, mas sabia que se fizesse alguma pergunta só pioraria as coisas, então o que fez foi esperar que Abby continuasse. – Meus pais não estão se dando muito bem ultimamente. Ele faz *jingles* publicitários para viver, e detesta, mas ganha bem. Ela acha que ele deveria voltar a se dedicar a sua própria música. Só que isso não dá dinheiro.

– Não é um dilema fácil de resolver.

– Eles vivem brigando por causa disso, e toda vez eu fico apavorada, pensando que eles vão... Enfim, a Jessy acha que dessa vez a coisa foi feia. Disse que agora é pra valer – Abby contou e suspirou.

– O quê? A separação?

"Quanta sensibilidade, Dan, parabéns."

– É.

Ela suspirou outra vez, e Dan ouviu sua respiração ficar trêmula. Não saberia o que fazer caso ela começasse a chorar, e torceu para que a coisa não chegasse a esse ponto, porque certamente ficaria desorientado.

– Minha irmã ficaria arrasada com isso. E acho que eu também.

– Que coisa mais chata. Eu sinto muito.

Ele estava arruinando o momento. De maneira épica. Não que fosse a ocasião ideal para querer dar uma de sedutor ou coisa do tipo, mas com certeza poderia tentar ser um pouco mais útil.

– Eu queria que eles conseguissem ficar juntos pelo menos mais algum tempo, até Jessy e eu entrarmos na faculdade.

Dan ficou em silêncio, na esperança de que seu gesto fosse compreendido como um sinal de solidariedade.

– Mas e você? – ela perguntou, inclinando a cabeça.

– Eu? O que tem eu?

– Por que não está dormindo?

– Ah... – Dan sentiu seu instinto habitual de se fechar para o mundo começar a falar mais alto, e também não queria deixar o clima ainda mais pesado com um relato detalhado de seu sonho. Por outro lado, Abby havia compartilhado uma informação íntima e pessoal com ele, e seus olhos pareciam tão tristes... Não era hora de impor uma barreira entre os dois. – Eu tive um pesadelo.

– Do tipo em que a gente se afoga ou despenca de algum lugar?

– Mais ou menos.

"Não, na verdade, não." Mas decidiu que era melhor não revelar muito sobre o sonho. Nem sobre aquele nem sobre os outros que costumava ter. Abby acharia tudo aquilo estranho demais, e a opinião dela era importante para ele. Portanto, tudo o que ele disse foi:

– Um daqueles pesadelos em que a gente se sente tão... tão...

– Impotente?

– Isso mesmo.

– Eu sei como é. Eu me sinto assim em relação aos meus pais. Não poder fazer nada pra resolver a situação realmente é um *saco* – ela respirou fundo antes de completar: – Pode parecer estranho, mas na verdade já estou me sentindo um pouco melhor. Eu não costumo falar sobre essas coisas.

– Nem com o Jordan? Vocês parecem ser bem próximos.

– Não. Quer dizer, sim. Mas na verdade com ele a confidente sou eu. A vida dele já é tão complicada... Prefiro não ficar descarregando meus problemas em cima dele. Não seria muito justo, acho.

Ficaram sentados em um silêncio de cumplicidade. A grama ao pé das árvores estava alta, e a fina névoa que pairava no ar parecia se enroscar por ali antes de se dissipar pelo relvado. A luminosidade mudava pouco a pouco com a aproximação da manhã.

– Você é um bom ouvinte, Dan. Tem uma aura de sabedoria.

– Obrigado – Dan sorriu. – Espera aí, isso não é por causa daquele papo de Buda, né? Porque isso pra mim não é um elogio, de jeito nenhum.

Abby deu risada, e por um instante Dan se sentiu útil, para variar.

– Jordan deveria ter falado de outra maneira, mas acho que ele também viu isso em você.

Ainda sorrindo, ela chegou mais perto. As penas em seus cabelos não estavam mais lá, e seus cachos estavam todos caídos sobre um único ombro. Por um momento, Dan pensou que Abby fosse beijá-lo, e nesse instante teve a certeza de que mais cedo ou mais tarde a convidaria para um programa a dois.

– Então... – ela falou. – Quer saber qual é o meu segredo para pegar no sono?

– Pode falar.

– Primeiro eu fecho os olhos, certo? Quer dizer, isso é meio óbvio. Mas eu fecho os olhos, tento relaxar e finjo que sou uma árvore...

Dan deu uma risadinha e se encolheu todo quando Abby deu um soco em seu ombro.

– Uma *árvore*?

– Para de ser bobo. Isso funciona!

– Hã-hã. Com *certeza*...

– Tudo bem, então, engraçadinho. Eu não vou contar o meu segredo pra você.

Abby cruzou os braços e bufou, fingindo estar enfezada.

– Não, por favor, conta, sim. Conta, vai... Eu quero saber mais sobre... sobre... sobre ser uma árvore.

Dan não foi capaz de conter o riso, por mais que tentasse disfarçar.

– Eu não vou contar.

– Por favor, Abby...

– Ah, tudo bem. Mas só porque eu gosto de você.

Dan perdeu a primeira parte do que Abby falou a seguir, ainda atordoado pela revelação de que ela gostava dele.

– ...você imagina suas raízes se infiltrando pelo solo, cada vez mais fundo, se concentrando em cada uma delas, cada vez mais escondidas e seguras...

Só de ouvi-la falar ele foi ficando mais relaxado. Em seguida ela se inclinou na direção dele e apertou suas têmporas com os polegares.

– As raízes vão entrando no solo, remexendo a terra, ganhando força...

Ele se espreguiçou, rendendo-se à sensação agradável de estar prestes a cair no sono.

– Ah! Está vendo? Eu disse que funcionava.

– Muito bem, menina-árvore.

– Acho melhor a gente voltar lá pra dentro – ela sugeriu, levantando devagar e se espreguiçando. – E não me chama de menina-árvore!

– Samambaia?

– Pode parar.

– Como quiser, menina-árvore.

Ele pôs a mão na boca para encobrir um bocejo.

– Estou falando sério – ela o encarou fixamente. – Se continuar me chamando de menina-árvore, eu começo a chamar você de Buda.

– Tudo bem. Já parei.

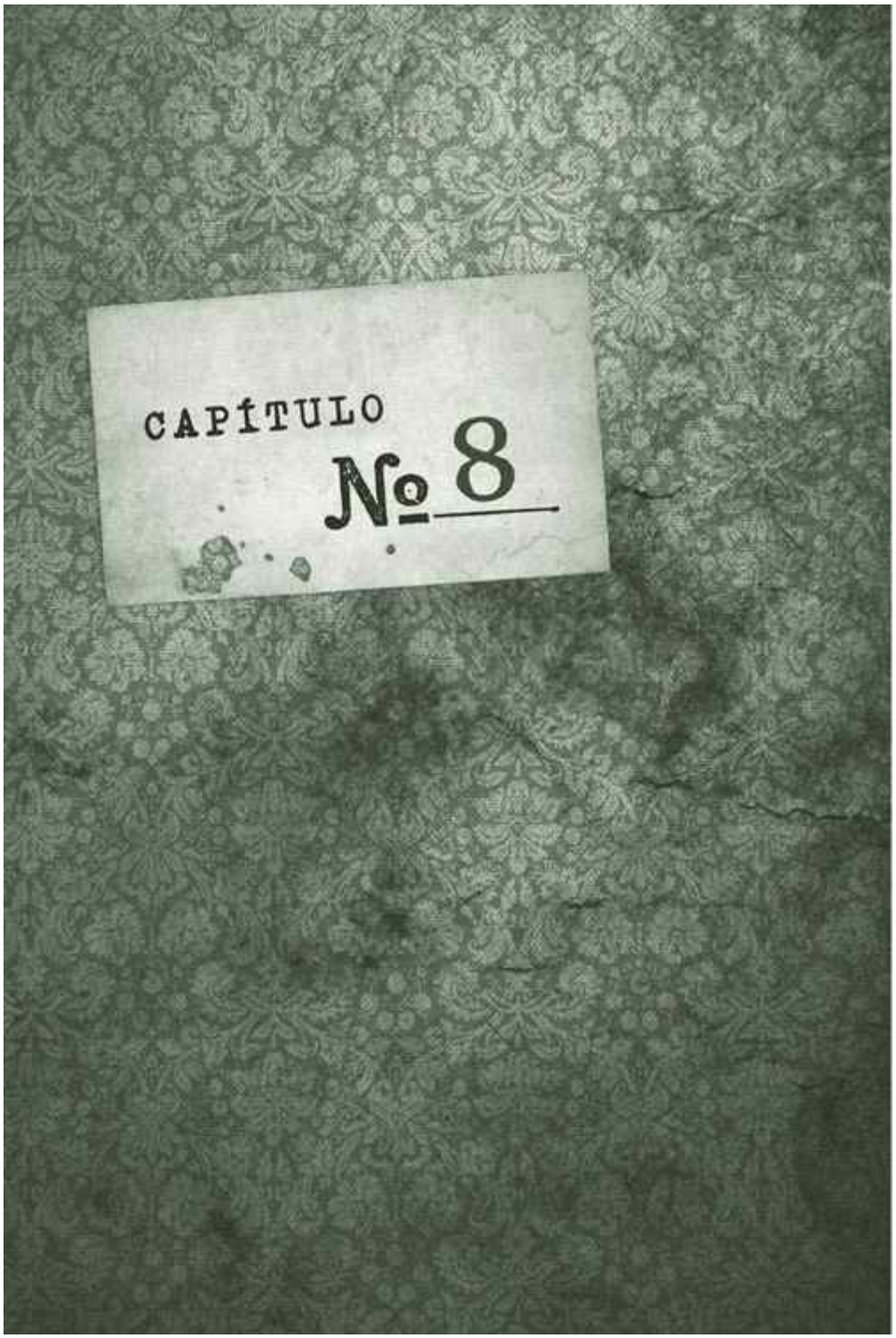
Dan entrou depois dela e fechou a porta, que se trancava automaticamente. Eles subiram até o andar de Abby.

– Então boa noite – disse Dan, apoiando o peso sobre os calcanhares.

– Boa noite. E não se esqueça... – Abby fechou os olhos e fez uma pose de braços abertos. – Você é uma árvore.

– Vou tentar – prometeu Dan, observando-a enquanto ela voltava para o quarto.

E, quando voltou para a cama, ele realmente tentou. Mas, quando fechou os olhos, a árvore se transformou em uma videira, e a videira em um par de algemas, e então o pesadelo começou de novo.


CAPÍTULO
Nº 8

Na manhã seguinte, ele mal teve tempo de falar com os amigos. Eles só teriam aula juntos à tarde, e por causa da noite atribulada Dan acordara atrasado. O café da manhã se resumiu a um suco de laranja e cereais engolidos às pressas, enquanto Abby se ocupava pondo colheres sobre as pálpebras, dizendo que aquilo ajudaria a se manter acordada e reduziria o inchaço nos olhos.

Não havia tempo para dar uma de contestador de mitos. Dan precisava correr para a primeira aula e achava que estudar a história da psiquiatria seria uma boa forma de começar o dia. Quando chegou à sala notou que Yi, o colega de quarto de Jordan, também estava lá e ficou feliz por ver um rosto conhecido. Ignorando a voz em sua cabeça que sempre dizia que era melhor ficar sozinho, Dan foi até Yi e se apresentou.

– Tudo bem com você? – perguntou enquanto Yi sentava.

– Em termos – Yi encolheu os ombros. – Jordan fica a noite inteira mandando mensagens no celular. Eu ouvi os dedos dele batucando até as quatro da manhã.

– Ele adora mesmo aquele telefone.

– Nem me fale. Estou contente por poder fazer outra coisa além de tocar violoncelo. Eu adoro música, mas também quero ampliar minhas opções. Essa aula pode ser uma boa chance para isso. Se eu não seguir nessa linha de estudos, pelo menos terei aprendido alguma coisa, certo? Além disso, seria bom descobrir algumas coisas sobre aquele hospício em que a gente está dormindo.

Assim que chegou, a professora Reyes começou a distribuir o currículo do curso. Estava toda de preto de novo, mas dessa vez com um colar de quartzo. Sua aparência remeteu Dan àquelas videntes que aparecem nos comerciais de TV da madrugada.

Ele simpatizou com a professora logo de cara, e ainda mais pela forma tranquila e educada como ela respondeu a uma pergunta de um dos alunos:

– Não, nós não vamos estudar a história do Sanatório Brookline, mas obrigada por perguntar. Se quiser fazer uma pesquisa por conta própria e usá-la para compor sua nota, fique à vontade.

Ninguém perguntou mais nada do tipo.

As duas horas de aula passaram voando, e nas duas únicas vezes em que Dan se distraiu foi para pensar em Jordan e Abby, em como estariam se saindo com os desenhos anatômicos. Torceu para que Abby não comentasse nada sobre a conversa que tiveram durante a madrugada. Não que Dan se importasse que Jordan soubesse sobre seus pesadelos ou os problemas familiares de Abby – ele simplesmente preferia que essas coisas fossem algo compartilhado apenas entre eles.

Ali não havia nenhum sinal escandaloso para determinar o final da aula. Os sinos da capela tocavam de hora em hora, sempre que o ponteiro dos minutos chegava ao número nove, e era isso que os professores utilizavam para se orientar no tempo. Dan recolheu e guardou seus papéis. A compra dos livros usados no curso não era obrigatória, e a maior parte do material usado era composta de folhas avulsas, slides e vídeos. Foi saindo apressado logo atrás de Yi, mas então lembrou que não estava na escola, que não haveria nenhuma consequência caso se atrasasse para o almoço.

Todos os alunos tinham recebido um mapa do campus, mas consultá-lo toda hora era algo que o fazia se sentir como um turista. Do lado de fora, a névoa da manhã havia se dissipado

para dar lugar a um dia ensolarado de verão.

A professora Reyes estava no pátio, fazendo uma pausa para fumar. Ele se lembrou do que ela comentara, sobre a possibilidade de um trabalho extra para compor a nota, e foi caminhando em sua direção.

– Darren, certo? – ela perguntou.

– Dan – corrigiu ele, enfiando as mãos nos bolsos. – Daniel Crawford.

Ela o encarou por um tempo antes de responder:

– Ah. Certo. Não vou mais esquecer.

– Eu estava pensando naquele trabalho extra...

– Ah, Dan, eu estava brincando. Você sabe que nesse curso não damos nota a ninguém, certo? – a professora deu uma risadinha. – Você quer alguma coisa ou só está tentando me bajular?

– Bom, eu... – Dan não sabia o que dizer e se sentiu mal por ter transmitido uma impressão errada em tão pouco tempo. – É que eu tenho muito interesse nisso... Em psiquiatria e história. Então a ideia de fazer um trabalho extra me pareceu interessante. Pensei em conversar com o pessoal da cidade, tentar ver as coisas pela perspectiva local.

– Boa sorte, então. Você vai precisar.

A professora Reyes posicionou a alça na bolsa sobre o ombro.

– Como assim?

– O pessoal daqui é, como eu posso explicar, meio supersticioso, pra dizer o mínimo... Eles pedem a demolição do Brookline há anos, mas nunca conseguiram. Em primeiro lugar, porque é um prédio histórico e precisa ser preservado. Em segundo, porque não existe nenhum motivo pra isso. As fundações do prédio estão meio desgastadas, não dá pra negar, mas a faculdade já tem o dinheiro para providenciar a reforma muito em breve.

Ela remexeu na bolsa à procura do maço de cigarros e acendeu um antes de continuar seu discurso.

– Então você pode encontrar uma certa resistência. Eles vão falar sobre o Brookline com certeza, e bastante, mas tudo o que vão dizer é que querem acabar com ele.

– Que pena – respondeu Dan, com toda a sinceridade. – Pensei que seria um trabalho interessante.

– Seria mesmo, e acho que você deveria fazer – a professora Reyes chegou mais perto e abriu um sorriso conspiratório.

– Na verdade, eu acabei de conseguir permissão para fazer um seminário para os alunos da faculdade nas partes interditadas do alojamento. Vamos catalogar as coisas que existem por lá e aproveitar para liberar o espaço para o público de uma vez por todas. Você vai estar aqui no ano que vem?

– Quem me dera! – respondeu Dan. – Ainda preciso fazer o último ano do ensino médio – na verdade, nunca havia passado pela cabeça de Dan fazer faculdade ali. Mas, se gostasse das aulas do curso de verão, por que não? – Ei, se o meu trabalho der certo, você pode usar o que eu conseguir no seu seminário, não?

– Claro – respondeu ela. – Vamos ver.

Dan fez um breve aceno com a mão e se afastou. Ele não tinha certeza se a ideia de pesquisar mais a fundo a história do Brookline o deixava empolgado ou com medo, mas o fato de ser um trabalho para o curso – mesmo que não valesse nota nenhuma – fornecia uma boa

justificativa para isso. Poderia contar o que havia descoberto para Jordan e Abby sem parecer um maluco.

Os dois, aliás, deviam estar à sua espera para almoçar. Ele se lembrou de um momento da noite anterior, quando pensara que Abby fosse beijá-lo. Ela também teria visto a coisa do mesmo jeito? E estaria pensando nele tanto quanto ele pensava nela?



Dan precisou de quatro dias para criar coragem para convidar Abby para um programa a dois.

Na verdade, foram dias muito agradáveis, em que ele, Abby e Jordan não se desgrudaram. Eles comiam juntos, sentavam perto uns dos outros nas aulas e se encontravam de novo à noite. Obviamente, isso deixou Dan ainda mais ansioso para convidar Abby para sair. Sua mente girava em círculos. Ele devia *mesmo* fazer isso? E se ela dissesse "não"? Eles ainda seriam amigos? Como Jordan se sentiria a respeito? Como isso afetaria a convivência entre os três? E se ela dissesse "sim"? E se...?

Dan ficou tão pensativo e cabisbaixo que até mesmo Felix percebeu que havia alguma coisa errada.

– Você anda meio tenso, Daniel – Felix disse um dia depois do almoço quando Dan foi até o quarto, se jogou na cama e suspirou bem alto. – Quer conversar a respeito?

Dan se perguntou se era uma boa ideia falar sobre esse assunto com Felix – por mais que estivesse se acostumando à presença do colega de quarto. Felix ainda passava o tempo todo estudando no quarto, falava como um professor de ciências e dormia pouquíssimo, mas seus mangás não estavam mais por lá, e ele parecia estar se divertindo à sua própria maneira.

– Bom – começou Dan. – Estou pensando em chamar a Abby pra sair. Você acha que eu tenho chance?

– Ah, sim, agora entendo por que você está tão preocupado...

– Ah, é? – Dan não entendeu ao certo o que Felix quis dizer com aquilo.

– O seu rosto não é *tão* assimétrico, mas as suas orelhas são um tanto protuberantes demais. E você não é exatamente alto, nem forte... Já Abby...

– Pois é – interrompeu Dan. – Ela é uma tremenda gata.

Felix encolheu os ombros de leve.

– Como dizem, ela é muita areia pro seu caminhãozinho.

– Foi o que eu pensei, obrigado – murmurou Dan. Ele sabia que não deveria ficar incomodado, considerando o autor do comentário, mas mesmo assim... Ouvir aquilo doeu.

– Mas não tanta areia assim – Felix complementou, sentado na cadeira diante da escrivaninha. – Isso responde à sua pergunta?

– Sim – disse ele. – Você ajudou bastante. Obrigado.

Dan apanhou os papéis que usaria à tarde e saiu do quarto.

Aquela frase, "muita areia pro seu caminhãozinho", perseguiu Dan durante todo o caminho pelo campus. Em certo sentido, Felix tinha razão. Dan nunca tinha conhecido alguém como Abby, que tornava sua existência mais agradável toda vez que aparecia diante dele.

O sino da capela começou a tocar, assinalando que a aula das 13h45 iria começar. *Atrasado.* Como aquilo tinha acontecido? Ele saíra do alojamento pouco depois das 13h. Dan correu o mais depressa que pôde e chegou ao prédio de ciências sociais todo ofegante e

suado. Quando o sino parou, apareceu aos tropeções no corredor. Jordan e Abby estavam à sua espera ao lado da porta da sala.

– Ah, você chegou! – gritou Abby. – A gente pensou que você não vinha.

– Acabei me atrasando. Estava conversando com o meu colega de quarto.

– Ah, sim, não foi porque você estava a fim de fazer uma entrada dramática! – provocou Jordan, cutucando-o de leve. Dan entrou logo depois de seus amigos e foi se sentar sob o olhar de reprovação do professor, um sujeito alto, de meia-idade, com um cavanhaque bem aparado e cabelos grisalhos.

– Pois bem, a Hidra chegou – comentou o professor Douglas, baixando os óculos até a ponta do nariz. – Que isso não se torne um hábito. E isso vale para os três.

"Hidra. Essa foi boa", pensou Dan, com um sorriso.

– Desculpa! – falou Abby, abrindo o fichário na velocidade da luz. – Não vai acontecer de novo.

O professor Douglas balançou a cabeça e se virou para o quadro branco.

Depois da aula, eles estavam caminhando juntos pelo campus quando um garoto alto e forte entrou na frente de Abby e pôs a mão sobre seu braço como se a conhecesse.

– Oi, Abby! Jordan! – ele cumprimentou, abrindo um sorriso branco e reluzente que deixaria qualquer dentista orgulhoso. – Vocês querem ir tomar um café ou fazer alguma outra coisa?

Para completar, tinha um sotaque sulista discreto e charmoso. Era só o que faltava.

– Eu sou o Dan – ele se apresentou e estendeu a mão, obrigando-o a soltar o braço de Abby.

– Ash – respondeu o garoto, apertando com força sua mão. – Prazer em conhecer. E então...? – Ash perguntou, apontando com o queixo para o Wilfurd.

– Claro, vamos lá – respondeu Abby, sorridente. – E vocês, meninos?

– Eu topo – disse Jordan.

Dan encolheu os ombros e abriu um sorriso do tipo "tudo bem, mas por mim faria outra coisa". Calado, as mãos nos bolsos, ficou deliberadamente alguns passos para trás. Jordan se juntou a ele, observando-o com seu olhar atento e implacável que sempre o deixava sem graça. Mas Dan estava decidido a não dizer nada. Se Abby quisesse passar seu tempo com Ash, problema dela.

Jordan, porém, não se furtou a tocar no assunto.

– Ele estuda na escola da Abby – murmurou em tom de conspiração enquanto girava um lápis entre os dedos. – A gente se conheceu na aula de desenho. Parece que os dois são os cabeças do clube de artes do colégio.

– Ah – disse Dan. – Ele parece ser simpático...

– Mas...?

– Nada – Dan chutou um graveto caído no chão, que saiu rolando pela grama. – Ele é simpático. Mas acho que não tenho mais nada a dizer sobre ele. Qual é a vantagem de ser *simpático*? A maior parte das pessoas também é.

Ele se lembrou de sua própria escola. Pessoas simpáticas eram o que não faltava por lá, mas poucas eram realmente interessantes. Não que isso fizesse diferença. Dan era o primeiro da classe e, em questão de um ano, estaria bem longe do colégio, na faculdade.

Jordan ergueu uma das sobrancelhas.

– Não acha que está pegando pesado demais, não? Você conheceu o sujeito há uns dez segundos, Dan. Ele é um daqueles tipos que se dão bem com todo mundo, sabe como é? As pessoas simplesmente gostam dele.

Dan chutou o chão.

– Está aí uma coisa que eu não entendo. Como isso funciona? Esse negócio de se dar bem com todo mundo?

– Você podia tentar ser menos possessivo, por exemplo – respondeu Jordan.

Foi só uma brincadeira, contudo Dan levou a sério. Estava tudo tão óbvio e escancarado assim? Talvez fosse melhor se conformar de uma vez com a ideia de que Jordan e Abby teriam outros amigos. Mas Dan continuaria achando que não havia necessidade de se aproximar de mais ninguém.

✗✗✗✗✗✗

Dan ficou despedaçando um bolinho com os dedos enquanto Abby batia papo com Jordan e Ash. Ninguém pareceu se importar com seu silêncio. Tentou não tornar muito aparente sua contrariedade, porém sem muito sucesso.

Em seguida, Ash foi jogar frisbee e Jordan mencionou algo sobre um trabalho em grupo que precisava fazer. De um instante para o outro, Dan e Abby estavam sozinhos.

Abby olhou para ele com um sorriso no rosto.

– Se anima! – ela falou. – Você está sério demais.

– Eu... – começou ele, mas então se deu conta de que, se não aproveitasse aquela ocasião para chamá-la para sair, poderia nunca mais ter a chance. – Você quer sair para fazer alguma coisa hoje à noite? Só nós dois?

– Quero – ela respondeu com um sorriso e Dan comemorou em silêncio por ter recebido uma resposta afirmativa direta, e não um "pode ser" ou um "tudo bem".

"Fala pra ela que é um programa de casal, e não de amigos."

– Estou convidando você como amigo, certo? – ele acrescentou, envergonhado.

"Nada disso, você quer namorar com ela..."

– Ah, tá – ela falou, olhando para baixo. – Tudo bem, claro...

– Mas, se você quiser, pode não ser só como amigo...

– Certo... – ela deu risada. – E o que você tem em mente?

– Hein?

– Aonde você quer ir? Quer sair pra jantar ou alguma outra coisa?

– Ah! Sim, um jantar seria uma boa. Eu, hã, ouvi dizer que aqui na cidade tem um lugar bem legal. Foi o Yi que me contou. Acho que o nome é Brewster's. Eles servem sanduíches e coisas do tipo. Que tal?

Até que não foi tão difícil.

– Vamos lá! – ela respondeu, animada. – Pode ser às sete?

– Por mim tá ótimo.

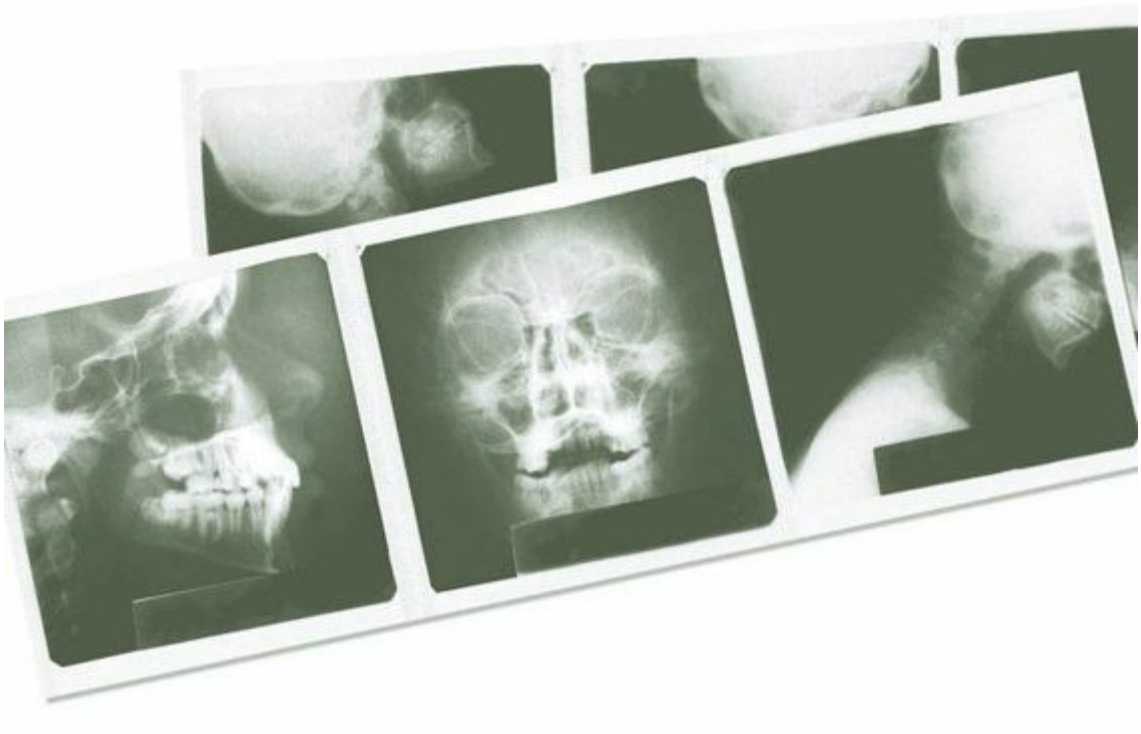
– Tudo certo, então! Sete horas em ponto. Encontro você no hall do alojamento às sete. – Abby sacudiu a cabeça e deu risada. – Já deu pra entender que é às sete, né?

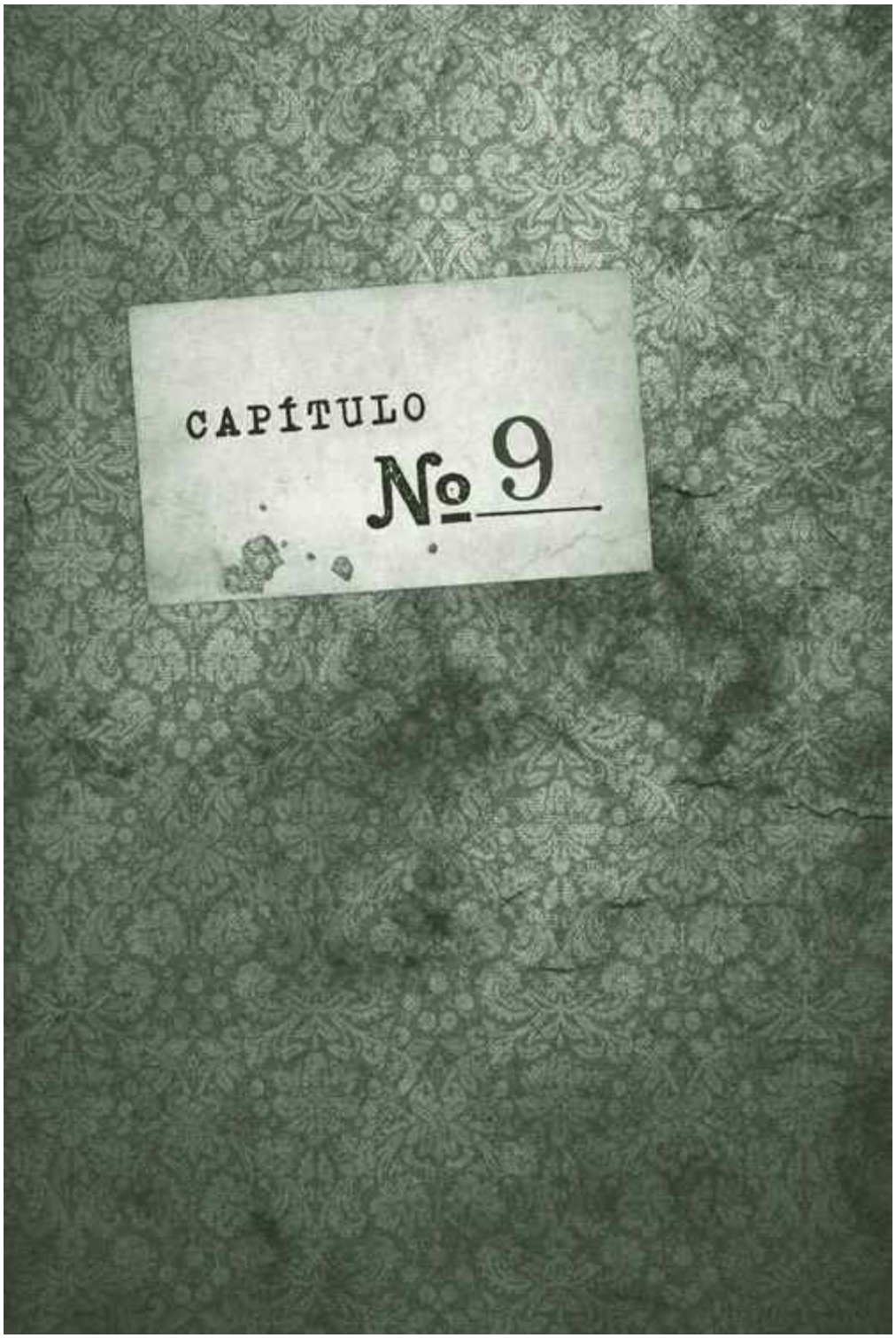
– Acho que sim.

Depois disso, Abby falou que queria ir até o ginásio de esportes, e Dan disse que precisava estudar. Cada um seguiu seu caminho, sorrindo e acenando como dois idiotas. Ele

não tirou os olhos de Abby até que ela se perdesse na multidão de alunos.

Dan foi caminhando lentamente de volta para o refeitório. Seu tênis amassava as pinhas secas caídas no chão quando ele se desviava do caminho. Viu um grupo de pessoas reunidas em torno de uma grelha no gramado, uma espécie de churrasco improvisado por alguns monitores do alojamento. O cheiro da fumaça chegou a seu nariz antes de ser carregado pela brisa, e ele ouviu o fogo crepitar. Dan sentia-se ótimo.




CAPÍTULO
Nº 9

O fato de aquela noite abrir a possibilidade para uma interação romântica criou ainda mais dilemas para Dan. Ele precisaria fazer a barba? Isso seria visto como um sinal de formalidade exagerada? Seria melhor manter tudo em um clima informal, para não parecer que suas expectativas estavam altas demais? O que mais queria, porém, era que os dois formassem um casal. Pensou nos olhos de Abby: hipnotizantes, como se houvesse um mundo inteiro dentro deles, que Dan mal havia começado a explorar.

– Idiota! – ele falou a si mesmo. Ficou tão perdido nos próprios pensamentos que provavelmente já estava atrasado. Vestiu uma camisa azul-clara que lhe pareceu bem casual, sem ser desleixada. Experimentou usá-la para dentro e para fora da calça, e até de um modo intermediário, meio para dentro e meio para fora, que só parecia cair bem nos modelos de catálogos de roupa. Decidiu usar jeans em vez de calça social, e sem gravata, para evitar um visual formal demais.

Dan olhou para o relógio.

Mais do que para qualquer outro lugar, o tempo parecia ser relativo por ali. Dan imaginou que tivesse passado horas escolhendo sua roupa, mas no fim foram só vinte minutos. Sobrou até um tempinho. Sentou diante da escrivaninha e abriu o laptop para ler seus e-mails. Havia um bem extenso de seus pais, dizendo basicamente que esperavam que Dan estivesse se divertindo com seus amigos, alguns *spams*, um vídeo enviado por Jordan de um gato surtando dentro de uma caixa de sapatos e um link para o som de uma banda que ele considerou que Dan fosse gostar. Por um instante, ele parou para pensar no que Jordan pensaria a respeito de seu jantar com Abby. Ela já teria contado a respeito? Dan não estava nem um pouco interessado em ouvir as inevitáveis piadinhas de Jordan quando ficasse sabendo.

Foi quando uma mensagem não lida na pasta de enviados chamou a atenção de Dan. Aquilo era... estranho. Como poderia haver uma mensagem *não lida* na pasta de enviados? Se foi ele quem escreveu e enviou a mensagem, como poderia não tê-la lido?

Dan clicou na pasta e teve tempo de ler o título do e-mail – "RE: Sobre sua pergunta a respeito do paciente 361" – antes que uma mensagem de erro aparecesse na tela e a seta do cursor se transformasse em um movimento circular eterno.

– Que é isso? Ei! – Dan deu um tapa na lateral do computador. – Tudo bem! – ele berrou. – Pode reiniciar o programa, sua máquina de... E obrigado por resolver travar justo agora!

Depois de mais um tempo de espera, o navegador foi fechado e aberto de novo, mas a mensagem não lida na pasta de enviados não estava mais lá.

Dan sentiu o coração se acelerar. "Estou em um antigo hospital psiquiátrico tendo alucinações, imaginando e-mails sobre pacientes. Pois é. Nada de mais. Está pronto para conquistar sua garota, campeão?"

– Preciso dar o fora daqui – ele disse a si mesmo.

Dan arregaçou as mangas da camisa, pegou as chaves, a carteira e apagou a luz, deixando aceso o abajur da escrivaninha. Não queria entrar naquele quarto às escuras de novo e ser obrigado a encarar a mesma peça que sua imaginação lhe pregara na primeira noite. Quando saiu, trancou a porta.

Dan foi caminhando pelo corredor e desceu a escada com passadas apressadas. A estranha sensação de estar sendo observado era ainda pior fora do quarto. As janelas estreitas deixavam entrar apenas fiapos de luz. Era impossível circular por ali sem sentir todos os

cabelos da nuca se arrepiar. Talvez o problema fosse saber que aquelas fotografias estavam lá embaixo, naquela sala dos horrores. Fora do Brookline era mais fácil esquecer, mas lá dentro aquelas memórias sempre voltavam a assombrá-lo.

Quando chegou ao hall lá estava Abby, vestida com uma blusinha decotada de alcinha e uma saia, um visual bem diferente de suas habituais camisas largas e seus coletes de vovó. Ele estava todo nervoso, e provavelmente ela iria se dar conta e cancelar tudo...

– Está tudo bem? – ela perguntou quando tomaram o caminho de Camford, a cidadezinha mais próxima do campus, a cerca de um quilômetro e meio. Ainda era dia claro, pois no verão o anoitecer sempre vinha mais tarde. – Você está meio pálido.

"Pálido? Que droga." Seria por causa do e-mail fantasma na caixa de enviados ou por causa da roupa dela? Era difícil saber. Só o que ele sabia era que ela estava deslumbrante, e Paul sempre dizia que era importante fazer elogios às meninas.

– Está tudo bem, sim – ele falou. – E você está ótima! – Abby olhou para ele com um sorriso meio sem graça no rosto. Seu pai teria um ataque se tivesse ouvido aquilo. – Quis dizer bonita. Você está bonita. Linda. Você está linda!

Aquela porcaria de e-mail fantasma o havia afetado muito mais do que ele imaginou a princípio.

Dan disfarçou o mal-estar mexendo no botão da manga da camisa. Uma fina camada de vapor cobria o chão ao redor. A professora Reyes havia se referido àquela névoa que sempre aparecia ao anoitecer como "a sopa do Brookline". Pelo que diziam, ela se tornava quase opaca no outono.

Não aconteceu nada digno de nota durante a caminhada até o Brewster's. Não foi exatamente uma coisa monótona, foi apenas... tranquila. Isso era algo de que ele gostava em Abby. Não tinha nada de dramática ou misteriosa, não era do tipo que fazia joguinhos, ou que mentia, ou que se preocupava demais em estabelecer regras. Ela simplesmente dizia o que lhe vinha à cabeça – o que naquele momento vinha a ser uma obsessão por gatos fluorescentes criados no Japão (ela queria um porque achava bonitinho, e também por ser uma ideia bem nerd).

– Acho que me empolguei – ela falou.

– Não. Você conseguiu fazer isso tudo parecer interessante – garantiu ele, torcendo para que não tivesse soado tão patético quanto parecia. Ela abriu um sorriso que fez o coração dele se acelerar.

Enquanto esperavam no balcão para pedir a comida, Dan se sentiu inebriado pela mistura de cheiros do restaurante – café, temperos e o delicioso aroma floral do perfume de Abby. Ela se inclinou sobre o balcão, ficando na ponta dos pés enquanto decidia o que iria comer. Um sujeito de uns vinte e poucos anos anotou o pedido de Dan sem prestar nenhuma atenção no que estava fazendo, pois ficou o tempo todo olhando para Abby. Dan duvidou que fosse receber o sanduíche como queria.

Eles pegaram as bebidas e escolheram uma mesa de canto.

Abby começou a beber sua coca diet, olhando para a rua. As luzes já estavam acesas, lançando seu brilho sobre as calçadas úmidas. Curiosamente, a neblina que tomava conta do campus não chegava até a cidade.

"Fala alguma coisa, Crawford. Qualquer coisa."

– Você entende de informática? – Dan perguntou de repente. A princípio ele não pretendia

falar sobre o e-mail, mas talvez fosse preciso uma segunda opinião para se certificar de que não estava surtando à toa e que era normal achar estranho o que tinha acontecido.

– Mais ou menos – respondeu Abby, e nesse momento os sanduíches chegaram, junto com um expresso duplo para Abby (por conta da casa) que o garçom anotou por engano (até parece) no pedido deles (mas só para Abby). A mostarda à parte que Dan pediu obviamente não veio. – Você está precisando de ajuda com o computador?

– Você vai achar uma idiotice... – ele falou.

– Prometo não rir de você – disse Abby. – Pelo menos não muito.

– Como você é boazinha... – Dan coçou a parte de trás da cabeça, o que sempre fazia quando não sabia muito bem como dizer o que queria. – Será que é possível... sei lá, aparecerem e-mails de outra pessoa, do nada, na sua conta?

Abby piscou os olhos, confusa.

– Hã... não é exatamente para isso que servem as contas de e-mail?

– Ai! Não. Que coisa, está vendo? É por isso que eu não queria tocar nesse assunto – Dan sacudiu a cabeça. – O que eu quis dizer foi: será que é possível rolar uma espécie de linha cruzada? Tipo, a mensagem de outra pessoa sair com o seu nome?

Ele estava arruinando seu encontro de forma espetacular.

Abby limpou a boca com um guardanapo de papel e inclinou a cabeça, pensativa. Uma mecha de cabelo se soltou de sua tiara, caindo sobre o rosto. Dan teve que se segurar para não estender a mão e afastá-la e prendê-la atrás da orelha dela.

– Acho que não – ela respondeu por fim. – A não ser que alguém tenha hackeado sua conta e roubado sua senha. Mas por quê? Você acha que algum fantasma está usando o seu e-mail sem permissão? – ela levantou os dedos e os sacudiu no ar, fazendo "buuuuuu" com um ar brincalhão. – Minha nossa, Dan, estamos em um alojamento mal-assombrado, tenebroso, assustador...

Dan bateu de leve na mão dela, mas Abby tinha razão. Ele estava sendo ridículo.

– Esquece. Não foi nada.

– Não, não. Qual era a mensagem?

Abby pegou o sanduíche de novo. Uma fatia de tomate escapou e caiu no prato. Não parecia nada apetitosa.

– É aí que está o problema, eu só consegui ver o assunto. Depois o navegador reiniciou, e, quando abri a pasta de enviados de novo, a mensagem não estava mais lá. Havia desaparecido, como se só tivesse existido na minha imaginação.

– Desaparecido? – por um momento ela pareceu ter ficado um pouco tensa. Pelo menos não estava mais rindo dele.

O garçom os interrompeu de novo, dessa vez trazendo "por engano" um cookie.

– Você pode dar licença? – reclamou Dan, olhando feio para o sujeito. – A gente está tentando conversar.

– Beleza, cara. Fica frio.

Abby cobriu a boca para esconder o riso e viu o garçom voltar de cabeça baixa até o caixa.

– Ah, ele só estava tentando ser legal – comentou ela, passando o dedo na borda no pratinho do cookie.

– Se é o que você acha...

Dan cruzou os braços e se recostou no assento. Ele não estava mais a fim de conversar sobre aquele e-mail. Não sabia nem por que tocara no assunto.

Abby, porém, ainda não se dera por satisfeita.

– A gente estava falando sobre a sua mensagem fantasma – ela começou, retomando a conversa. – Era uma carta de amor?

– Não – a resposta saiu um tanto áspera, irritadiça. – Era...

Ele se lembrava exatamente do título da mensagem: "RE: Sobre sua pergunta a respeito do paciente 361".

– Pode falar. Agora eu já estou mais preparada. Não vou tirar sarro. Palavra de escoteiro.

Dan ficou pensando no quanto poderia revelar sobre o que sabia. Se ele falasse alguma coisa sobre o Escultor, ela não pararia mais de rir da cara dele. Já estava arrependido de ter começado aquela conversa.

– Era um relatório médico ou coisa do tipo – ele disse por fim, abrindo o e-mail no celular e verificando a pasta de enviar para o caso de a mensagem ter reaparecido por milagre, o que não aconteceu.

Quando se virou de novo para Abby, viu um breve olhar de medo estampado em seu rosto.

– Dan... – o lábio inferior dela tremeu, algo que Dan consideraria insanamente atraente em outras circunstâncias.

– Será que... Será que... – a voz virou um sussurro, e ela arregalou os olhos. Ele sentiu o coração se acelerar. E se ela estivesse pressentindo o mesmo que ele? Que aquilo não era um acaso, uma alucinação, e sim a manifestação de uma coisa muito mais sinistra? – Será que... – ele mal conseguia ouvi-la. Sua voz estava trêmula. Ela se inclinou para a frente, e Dan fez o mesmo, instintivamente atraído para a direção dela. A voz de Abby ressurgiu de maneira súbita: – Será que você está envolvido em um mistério no estilo Scooby-Doo?

– Ah, para com isso!

Dan revirou os olhos e se recostou de novo no assento acolchoado. Ele devia ter seguido seu instinto inicial – não abrir a boca sobre aquele assunto. Ficou aborrecido com a reação de Abby, principalmente porque ela prometera não fazer piadinhas a respeito, mas não queria deixar transparecer isso. Preferiu cair na risada junto com ela e perguntar sobre suas aulas de desenho.

E assim a conversa foi evoluindo, passando das aulas para os filmes preferidos dela e para sua vida em Nova York. À medida que o tempo passava, o e-mail, as visões e as fotos no escritório foram desaparecendo da mente de Dan. Ele não tinha ido para o CPNH para isso. Aquele era o seu momento.

O telefone vibrou em cima da mesa. Ele tinha até esquecido que o aparelho estava ali e o pegou com a intenção de desligá-lo, mas então notou que havia uma nova mensagem na caixa de entrada do e-mail. Sentindo um frio na espinha, Dan apertou o botão do envelope com o polegar. A tela ficou branca, e uma mensagem com o título "RE: Paciente 361 – pergunta sobre a sessão de quinta-

-feira" apareceu por uma fração de segundo na tela antes que soasse o sinal sonoro de uma nova mensagem de texto.

Dan deu um pulo na cadeira, quase derrubando o celular.

Mas no fim era só um SMS de Felix.

Olá, Dan. Espero que seu programa com Abby esteja divertido. Tenho coisas a fazer na cidade, vou chegar tarde. Caso queira usar o quarto, devo voltar às dez.

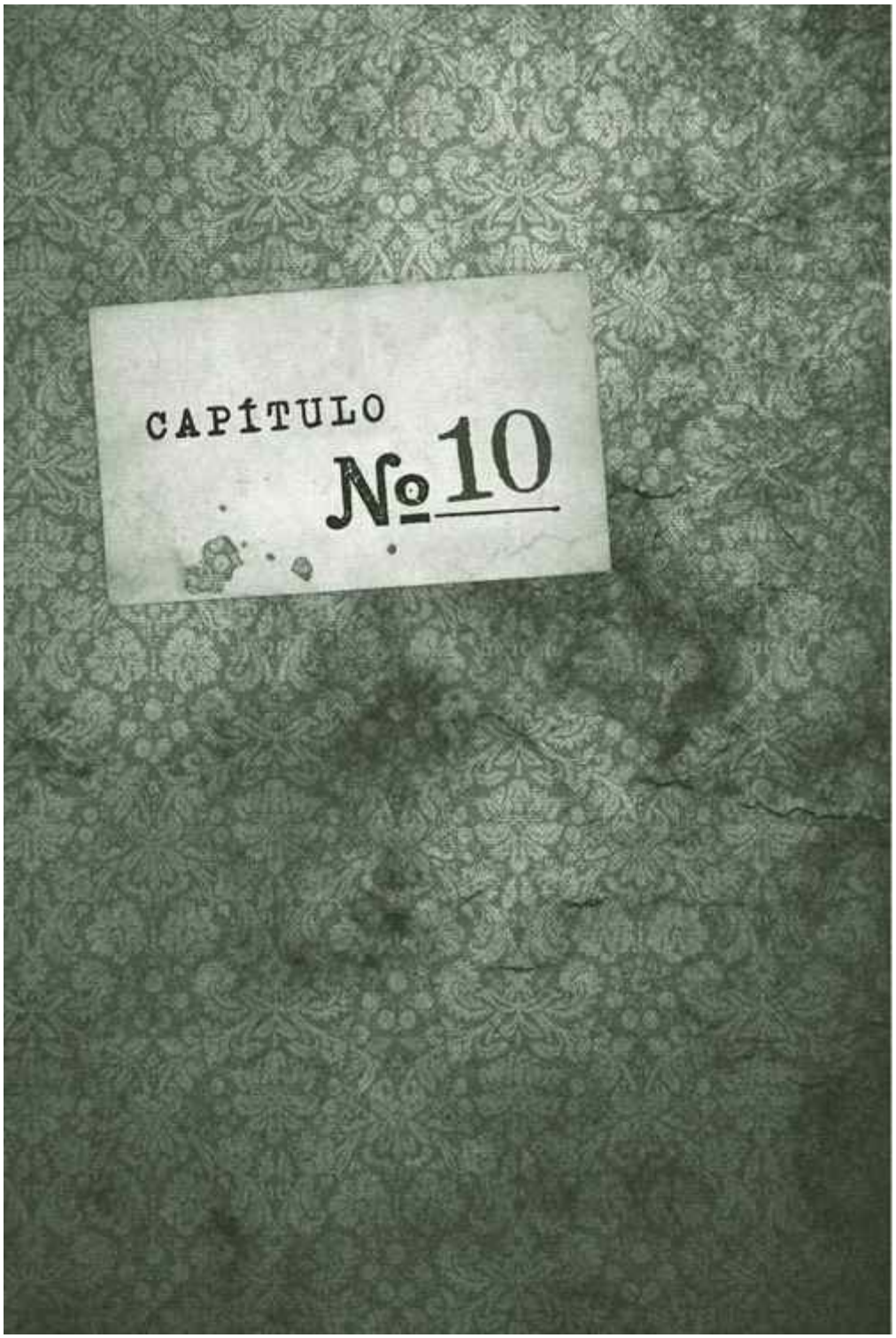
"Que hora para esse torpedo chegar..." Quando Dan abriu o e-mail de novo, a mensagem tinha sumido, da mesma forma que a anterior. Ele ainda verificou a lixeira, mas sabia que não encontraria mais nada.

– Olá? Dan? Terra para Daniel? – Abby acenou com a mão perto do rosto dele. – Era uma mensagem do Jordan?

– Ah, oi, sim, desculpa – guardou o celular. – Quer dizer, não. Era do Felix.

Dan tentou disfarçar, mas seu estado de tensão era aparente. A qualquer momento o suor brotaria na pele e encharcaria sua camisa. Mas ele não podia conta nada a Abby. Ela parecia contente; aquele programa a dois pelo jeito estava sendo um sucesso. Ele não queria estragar o clima. Ou, mais precisamente, não queria virar motivo de piada outra vez.

– Então... – ele começou, forçando um sorriso. – Que tal dividir comigo esse cookie conseguido de forma escusa?


CAPÍTULO
Nº 10

No fim, com Abby a seu lado bebericando seu café expresso para viagem e as estrelas surgindo no céu logo acima, o saldo da noite para Dan estava sendo bastante positivo. Eles foram caminhando de volta para o campus sem nenhuma pressa, enquanto Abby contava as mais recentes novidades sobre sua situação familiar – os pais haviam se reconciliado por ora, e seu pai concordara em se dedicar mais a projetos criativos, chegando até a pedir que Abby fizesse alguns quadros para oferecer como recompensa em uma campanha de financiamento coletivo para bancar a gravação de suas músicas.

– Que boa notícia! – Dan falou enquanto seguiam para o Brookline. Ele já estava começando a se perguntar se arriscaria pedir um beijo de boa-noite.

"Não, não, pega leve, não esquece... Se fizer bobagem, vai acabar perdendo a amizade dela também."

Mas, obviamente, caso ela oferecesse, ele não iria recusar. Passaram pelo hall de entrada e começaram a subir a escada.

– Depois me manda o link do financiamento coletivo quando estiver no ar. Eu vou querer contribuir.

– Sei – ela falou, esbarrando nele com o quadril. – Você nem sabe que tipo de música ele toca...

– E daí? Eu adoraria comprar uma coisa feita por você. E está na cara o quanto você considera esse projeto importante.

Ela parou ao chegar a seu andar e se virou para encará-lo, erguendo um pouco a cabeça para olhá-lo nos olhos.

– Isso é muito, muito... Obrigada, Dan.

– Não por isso.

Entraram no corredor, onde não havia ninguém, com exceção de Jordan.

– Ai, droga – murmurou Abby.

– Que foi? – perguntou Dan, olhando para um e depois para o outro.

– Eu tinha combinado de me encontrar com Jordan todo dia depois do jantar para estudar. Acabei esquecendo totalmente – Abby apertou o copo com tanta força que o isopor estalou. – Ele vai ficar muito bravo.

Dan sabia que os dois passavam bastante tempo juntos, mas não imaginava que os horários de estudo fossem levados tão a sério. Eles diminuíram o passo à medida que se aproximavam de Jordan, parado na frente do quarto de Abby.

– Ah, oi. Vocês ainda moram aqui? – perguntou ele.

– Jordan, desculpa.

Abby abriu os braços e ofereceu um abraço que Jordan recusou.

– Não, não, tudo bem. Sério. Você não precisa me avisar quando desfizer o que combinamos.

Ele tinha um copo descartável na mão direita, assim como Abby. Quando deu um gole, Abby fez uma careta.

– Jordan, isso aí é alcoólico?

– Não.

– *Jordan*.

– Tá bom! É, sim! – ele pôs o copo sob o nariz dela. – Você me obrigou a apelar para a

bebida.

Abby tentou pegar o copo, mas Jordan deu um passo atrás e o esvaziou por completo.

Abby estreitou os olhos.

– Eu já pedi desculpas, Jordan. O que mais você quer que eu faça?

Dan segurou o copo de café enquanto ela pegava as chaves para abrir a porta. Ela abriu um sorriso aliviado para ele, pois sabia que teria um aliado.

– Enfim, por que você não me ligou em vez de ficar aqui plantado na porta? – perguntou Abby.

Jordan deu de ombros, cutucando as unhas.

– Sei lá.

– Acho que você sabe, sim, e é bom falar logo – ela disse e abriu a porta. Dan esperava que Jordan entrasse logo depois de Abby e continuasse sua sessão de reclamações, mas em vez disso ele ficou parado, hesitante, como se esperasse que ela fosse bater a porta em sua cara a qualquer momento.

– Vai ficar aí parado feito uma assombração? – questionou ela. – Você por acaso precisa de *convite* para entrar no meu quarto?

– Não sei se ainda sou bem-vindo.

– Para de ser ridículo, Jordan. Entrem aqui, vocês dois.

Dan entrou e ficou admirado com a aparência do quarto dela, com várias de suas pinturas decorando as paredes. A maior parte era bem colorida e vívida, o que fez com que uma certa imagem se destacasse como uma rosa morta em um buquê. Era a menina de olhos vazios. Presa com fita adesiva logo acima da cama, era uma reprodução exata da fotografia. Dan observou os olhos sem vida e a cicatriz na testa da garotinha e se perguntou por que Abby queria algo tão macabro perto do lugar onde dormia. Era difícil olhar para aquilo – e igualmente difícil desviar o olhar.

– Desculpa a bagunça – falou Abby, aparentemente sem entender o que de fato o estava deixando incomodado. Ela tirou algumas roupas de cima da cama, fez um sinal para que Dan e Jordan se sentassem e arrastou a cadeira da escrivaninha até ali perto.

– Agora fala, Jordan. O que está acontecendo com você?

Jordan olhou apenas para Abby ao responder:

– É essa coisa de... de ser deixado para trás... Bom, isso me deixou bem mal – ele disse, inseguro.

– Eu tinha um amigo na minha cidade, o Blake – Jordan pronunciou aquele nome como se isso lhe fosse doloroso.

– A gente passava a maior parte do tempo juntos, até uns meses atrás, quando eu finalmente saí do armário. Mas, falando sério, quem não percebe que eu sou gay depois de cinco minutos conversando comigo? – ele acrescentou, amargurado. – Enfim, o cara sumiu do mapa. Não rolou nenhuma briga nem nada do tipo. Ele simplesmente... desapareceu. Num dia estava tudo bem, e no outro ele parou de responder minhas mensagens, começou a me ignorar na escola... passava por mim no corredor e nem *olhava* pra minha cara, fingia que eu não existia... como se eu fosse algum tipo de fantasma.

Um longo silêncio se seguiu à confissão de Jordan. Abby arriscou uma olhada para Dan.

– Isso não é justo – ela murmurou por fim. – A gente não *desapareceu* nem está ignorando você. Desculpa, Jordan, não foi essa a intenção, mas... a gente meio que foi fazer um programa

de casal.

– É mesmo? – Dan e Jordan perguntaram ao mesmo tempo.

Dan limpou a garganta.

– É verdade.

– Ah, que legal... – Jordan mordeu a parte interna da bochecha. Ele não parecia ter gostado muito da ideia.

– Da próxima vez a gente avisa – disse Abby, que rapidamente acrescentou: – Quer dizer, se já tiver marcado alguma coisa com você antes, certo?

– Certo.

Jordan parecia uma criança mimada que já tinha conseguido o que queria, mas mesmo assim se recusava a parar de fazer birra.

– Abby... – Dan não conseguiu mais se segurar. – Por que você fez aquele desenho?

Abby seguiu seu olhar até a garotinha, a princípio sem se dar conta do que ele estava falando.

– Sei lá, por que não? Ela parecia tão triste, e eu queria que ela se sentisse segura. Lá embaixo no escuro, no meio daquela poeira toda, a solidão deve ser muito grande. Pensei que ela fosse gostar de ficar em um lugar mais agradável por um tempo – ela olhou para o desenho. – Uau... Acho que não tinha percebido

quanto essa imagem é perturbadora. – Abby fez uma pausa. – É meio bizarra, né?

– É – Jordan respondeu no ato.

– Sério? Você também acha, Dan?

"Muito, muito cuidado com o que vai dizer..."

– É que... Você não acha isso nem um pouco estranho? Ela é bem... *diferente*, sabe?

Sem que Abby visse, Jordan mostrou os polegares para ele.

Abby parou um pouco para pensar.

– É como se ela falasse comigo, dizendo que precisa de mim.

– Sem querer ofender, Abby, mas essa conversa é meio maluca – comentou Jordan.

– Provavelmente – ela admitiu, rindo baixinho. – Acho que eu sou meio maluca. Mas e daí? Que tal a gente fazer alguma coisa? Sair um pouco daqui... ir a algum lugar! O que você acha, Jordan? Pra compensar o cano que eu dei em você? – a expressão de Abby se iluminou, e ela acrescentou: – E se a gente fosse até aquele escritório de novo?

– Não sei... – Jordan olhou para Dan em busca de ajuda. – Da última vez foi meio... esquisito... – Ele se interrompeu.

Dan queria poder concordar com Abby. Queria ficar do lado dela, mostrar que estava lá para lhe dar apoio. Mas, considerando a imagem na parede e os e-mails estranhos que tinha visto pouco antes, referentes ao paciente 361, Dan achava que sua cota de coisas assustadoras para aquela noite já estava esgotada. Quanto mais pensava no assunto, porém, mais a ideia de descer ao escritório parecia atraente. E, se ele e Abby estavam mesmo virando um casal, aquele não era o momento de dizer "não" pra ela.

– Por que não? – falou Dan, com certa cautela. – Não deve ter nada lá embaixo, mas...

– Exatamente – disse Abby, segurando a mão de Jordan. – É só um monte de fotos velhas. Não precisa ter medo.

– Não é isso! – rebateu Jordan. – Só não quero que a gente seja expulso. Que *eu* seja expulso! Não era nem pra eu estar aqui. Se os meus pais descobrirem, a coisa vai ficar bem

feia pro meu lado.

– Tudo bem, a gente pode tentar arrumar outra coisa pra fazer – Dan tentou parecer neutro, esperando dissipar a tensão no ambiente. Além disso, ele poderia fazer aquela exploração sozinho outra hora, se fosse o caso.

– Mas são dois contra um... Dan e eu queremos ir, certo? – argumentou Abby.

– Sim, mas...

– De repente pode ter alguma pista sobre esses e-mails esquisitos que você recebeu, as suas mensagens fantasmas misteriosas...

– Como é? – perguntou Jordan, virando-se para olhar para Dan. – Que e-mails são esses?

– Ei, eu não falei que você podia espalhar essa informação por aí.

– Opa, os pombinhos já estão brigando? E como assim, "mensagens fantasmas"? O que está acontecendo?

Jordan se recostou na cama e deu uma batidinha no colchão a seu lado. Dan e Abby permaneceram de pé.

– Dan recebeu um e-mail esquisito, mas, quando foi ler, a mensagem sumiu. Uns relatórios médicos sobre pacientes ou coisa do tipo.

Dan ficou tenso.

– Podem ter sido dados fantasma – comentou Jordan.

– O que é isso? – perguntou Dan.

– É tipo um fragmento de consciência humana que fica preso em um dispositivo tecnológico depois da morte da pessoa... Uma parte da alma que tenta resistir à morte. Ela até consegue se comunicar, mas só por alguns segundos. Logo depois começa a se desintegrar.

Isso pareceu fazer todo o sentido para Dan. Talvez ele não fosse maluco, no fim das contas... Mas o fato de saber que poderia haver um fantasma *de verdade* rondando seus e-mails não era dos mais reconfortantes.

– Isso existe mesmo? Por que eu nunca ouvi falar nisso antes?

– Ah, não. Isso não existe de verdade – Jordan respondeu aos risos, fazendo um gesto com a mão. – Pelo menos não que eu saiba. Foi uma coisa que vi num episódio de *Doctor Who*. Mas tem a ver com o que aconteceu com você, não?

– Tem mesmo – concordou Abby –, mas acho que o Dan está procurando uma explicação mais realista, e não uma história de ficção científica. E, se é isso que ele quer, só vai conseguir encontrar lá embaixo, não é mesmo?

Jordan tirou um dado do bolso e começou a passá-lo de uma mão para outra. Abby o apanhou e fechou o punho.

– Você disse que era um assunto médico, não foi, Dan? Talvez tenha alguma coisa lá querendo sair da tumba, sei lá, ou emitindo ondas cerebrais pra perturbar você.

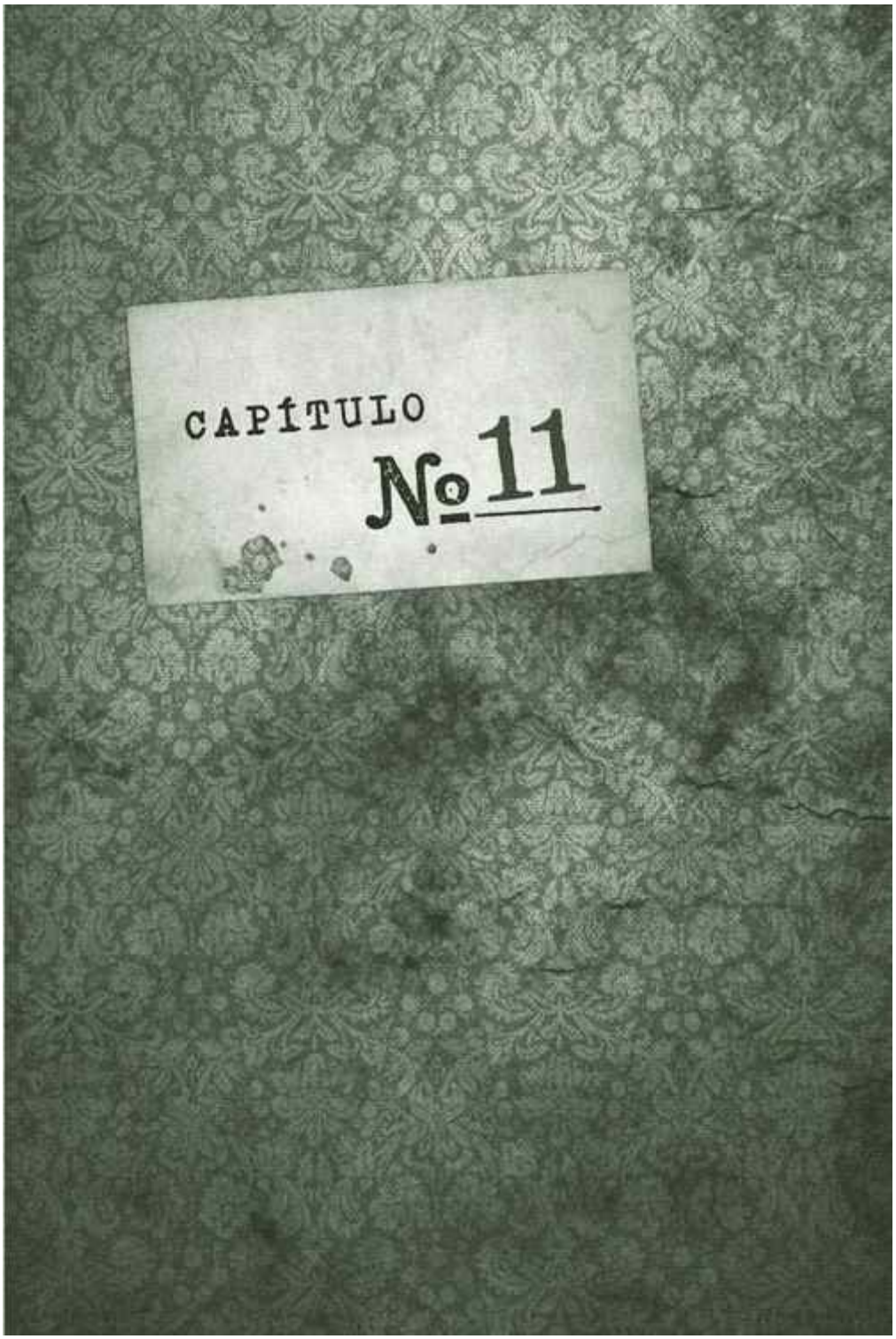
Os três ficaram em silêncio, pensativos.

Por fim, Jordan falou:

– Dan, se está acontecendo alguma coisa *inexplicável*, por que ficar tentando arrumar explicações? Não que eu acredite nessas coisas, mas por que enfiar a mão nesse vespeiro? O que você está querendo com isso?

Dan encolheu os ombros. Pela maneira como Jordan falou, Dan percebeu que ele havia cedido à pressão de Abby. Contra a própria vontade, Jordan iria acompanhá-los até lá.

– Acho que isso eu só vou saber quando descobrir o que está acontecendo.


CAPÍTULO
Nº 11

Dessa vez Jordan não demorou tanto para abrir o cadeado.

– De volta à vida do crime, hein? – disse Dan, arriscando uma piadinha. Ninguém respondeu. "Que idiotice."

O lugar estava tão escuro e poeirento quanto Dan se lembrava. Estremeceu, mas não soube dizer se era de frio ou de nervosismo. Provavelmente um pouco de cada.

Como já tinham visto tudo aquilo, passaram depressa pela antessala, indo logo para o escritório do diretor.

Dan segurou a porta para os outros dois entrarem.

– E então, por onde começamos? – perguntou Jordan com um sussurro carregado de tensão.

– Acho que tem muito mais coisa por aqui – comentou Dan. – Deve ter alguma outra porta, que leva para as outras partes dessa ala.

Pelo menos era isso que ele esperava. Parecia um tremendo exagero o povo de uma cidade querer demolir um edifício inteiro por causa de uma recepção empoeirada e um escritório bagunçado. No entanto, havia algo mais por trás de sua afirmação, um pressentimento de que o manicômio era muito maior do que parecia.

– Vamos procurar por portas ocultas, maçanetas, qualquer coisa – ele falou, posicionando-se no meio dos dois amigos.

O facho da lanterna que ele levara percorreu o piso e o teto, vasculhando arquivos e prateleiras. Abby se dirigiu até a parede atrás da mesa e não demorou a reencontrar a foto da garotinha. Jordan ficou parado sem fazer nada, como se já tivesse visto o suficiente. Dan os ignorou e continuou sua busca.

Foi percorrendo as estantes de livros, investigando com a lanterna os espaços entre elas. A poeira parecia cobrir todas as superfícies, espalhando-se pelo ar ao menor movimento. Vasculhando tudo detalhe por detalhe em sentido horário, Dan chegou a uma fileira de arquivos posicionada atrás da mesa do diretor. O terceiro armário parecia meio torto, como se tivesse sido arrastado e colocado de volta, mas não exatamente da mesma maneira. Ali tinha alguma coisa, ele sabia. Como uma espécie de confirmação de suas suspeitas, um par de óculos quebrados e enferrujados estava pendurado do outro lado do móvel. Ele estendeu a mão para tocá-lo, mas se deteve. Havia marcas de dedos na parede logo atrás, como se alguém tivesse pendurado os óculos ali com as mãos manchadas de sangue.

– Pessoal, acho que encontrei alguma coisa – Dan falou, posicionando-se atrás do arquivo e o empurrando, movendo o móvel pouco mais de um centímetro. O atrito do metal contra o piso produziu um ruído agudo.

– O que você está fazendo? – cochichou Jordan. – Vê se não quebra nada!

– Quer ajuda? – Abby foi até ele, segurando o móvel pela frente. – Um, dois, três.

Eles fizeram força, e o arquivo cedeu mais ou menos trinta centímetros, revelando a presença de uma abertura logo atrás.

– Não é possível! – murmurou Abby. – Uma passagem secreta? Sério mesmo? Como você sabia?

– Os óculos – revelou Dan, apontando para o gancho.



Abby olhou para as marcas de sangue e estremeceu, mas logo em seguida se recompôs.

– Só mais um pouquinho, e já dá pra gente entrar – ela falou, decidida.

– Não. De jeito nenhum. Eu *não vou* entrar aí! – Jordan deu alguns passos para trás, levantando as mãos como se estivesse se rendendo.

– Você que sabe. Eu quero ver aonde isso vai dar.

Abby fez um gesto para que Dan a ajudasse, e, depois de um último instante de hesitação, ele apoiou as mãos na parte de trás do arquivo e fez força. Com dois empurrões, o caminho estava livre.

– Use a lanterna, Dan. Não estou vendo nada.

Ele entrou primeiro, com o coração acelerado.

– Isso aqui deve ter sido uma porta algum dia, mas pelo jeito alguém tentou tapar a

passagem com tijolos – comentou Dan quando ele e Abby se agacharam e entraram.

– Então quem foi que abriu de volta?

Dan sentiu que esmagava pedaços de tijolo e cimento à medida que caminhava.

– A professora Reyes falou que ia fazer um trabalho de catalogação aqui. Acho que precisaram abrir um buraco na parede para ter acesso a este lugar.

O teto e as paredes pareceram se alargar, e, direcionando o facho da lanterna, Dan notou que eles estavam em uma segunda sala, de dimensões menores, ocupadas por apenas dois armários de arquivo e com uma escadaria que levava para baixo no canto direito da parede oposta.

– O que tem aí? – Jordan perguntou do outro lado, dando um tremendo susto nos dois.

– Nada de mais – respondeu Dan, aproximando-se dos arquivos. Havia plaquinhas com as letras A-D, E-I, e assim por diante, afixadas nas gavetas. – Só prontuários de pacientes, eu acho. Você pode vir, se quiser.

Jordan apareceu pela passagem estreita, assustado, os olhos arregalados. Quando viu a escadaria, deu um passo atrás.

– Não vai me dizer que estão pensando em descer lá, Abs.

– Nós não decidimos isso ainda – ela respondeu, virando a tela do celular para a escada. – Parece ser meio frio. Deve levar a um subsolo.

– E é por isso mesmo que vocês não devem descer lá. Nunca viram um filme de terror na vida? Pelo amor de Deus!

– Eu só quero saber aonde isso vai dar – insistiu ela. – E essa escada não parece estar tão ruim – com um jeito brincalhão, ela pôs o pé no primeiro degrau, apoiando o peso do corpo sobre ele. – Viu? Está bem sólida?

– Eu vou com você – avisou Dan.

– Legal. Que maravilha. Vão os dois para o abismo, então. Eu vou ficar aqui, para não ser trucidado com um machado.

Juntos, Dan e Abby foram descendo a escada com cuidado, testando cada degrau antes de apoiar o peso do corpo totalmente. Dan tentou imaginar que faziam algo romântico, garantindo a segurança um do outro, mas percebeu que estava forçando a barra, principalmente levando em conta o frio e o cheiro de mofo, que se intensificavam a cada passo. A escada terminava de maneira abrupta, em um corredor estreito. Foram avançando pé ante pé pela passagem opressiva, a ponto de Dan sentir dificuldade para respirar. Ele imaginou quanto deveria ser claustrofóbico trabalhar ali – principalmente empurrando uma cadeira de rodas ou uma maca.

As portas começaram a aparecer à esquerda e à direita, separadas por alguns poucos metros. Abby parou na frente de uma delas para dar uma espiada, iluminando a janelinha da porta.

– Meu Deus! – ela murmurou. – Ainda tem coisa lá dentro.

– Que tipo de coisa? Vamos lá ver.

Dan abriu a porta e se arriscou a entrar, temendo pelo que poderia encontrar. Percorreu a escuridão com a lanterna.

No mesmo instante, Dan sentiu seu estômago se revirar. Era o quarto de sua visão, com a mesa de operações e as algemas ensanguentadas presas à parede. Como ele poderia ter visto um quarto no qual nunca estivera? Sentiu o corpo todo tremer e se escorou na porta enquanto Abby passeava pelo quarto com a luz fraca do celular.

– O que tem nessa mesa? – ela perguntou, apontando para a marca cor de ferrugem no lençol branco.

– Sangue – respondeu Dan.

– Como você sabe?

"Não faço a menor ideia."

– Este lugar é deprimente – Abby comentou, olhando para a única janela do quarto, protegida por uma grade, como se fosse possível chegar a uma abertura tão pequena e tão alta. E, considerando quanto haviam descido, a janela estaria no máximo ao rés do chão, e mais provavelmente não dava acesso ao lado de fora. – Sério que as pessoas ficavam em lugares assim?

– Este lugar deixaria qualquer um maluco – falou Dan, estremecendo. – Vamos dar o fora daqui.

Ele se referia ao porão como um todo, mas Abby continuou avançando pelo corredor. Dan não tentou impedi-la. No fim, o pequeno corredor se abria em uma espécie de rotunda, com duas portas fechadas nas extremidades da parede curvada.

Abby se aproximou da porta da esquerda, iluminando-a com o celular.

– Mais escritórios? – perguntou ela.

– Não sei... Pensei que os escritórios ficassem todos lá em cima...

Dan abriu a porta, que estava destrancada, e entrou na sala. Estava uma bagunça. O conteúdo de seis – ou melhor, sete – arquivos estava espalhado pelo chão. Havia papéis, pastas e bilhetes escritos à mão atulhados em pilhas enormes. Era como se alguém tivesse procurado freneticamente algo por ali e não houvesse tido tempo para guardar tudo de novo.

Dan foi abrindo caminho pela confusão e chegou a uma porta do outro lado da sala. Não conseguiu esconder o sorriso ao iluminar o cômodo ao lado.

– Que tipo de sala é esta? – questionou Abby. – Um depósito, talvez? Tem um monte de coisa jogada aqui...

– Não, vem ver.

Dan abriu a porta da sala anexa, e Abby foi logo atrás. Ele lançou o facho de luz sobre uma mesa e atrás dela uma cadeira de encosto alto. O que a sala anterior tinha de bagunçada, aquela tinha de arrumada. Na verdade, estava tão intocada que havia até uma carta escrita pela metade sobre a mesa. Uma caneta-tinteiro tinha derramado seu conteúdo sobre o papel muito tempo antes. Dan se inclinou sobre a cadeira posicionada do outro lado para dar uma olhada, mas a tinta espirrada tornara impossível a leitura. "Droga." Ele se sentiu um tanto tolo por estar decepcionado. Afinal, o que esperava encontrar? Algo com o título de um de seus e-mails fantasmas?

Sobre a mesa havia também uma pequena pasta de couro. Dan a apanhou e estava prestes a abri-la quando Abby falou:

– Dá uma olhada nisso, Dan.

Dan enfiou a pasta no bolso da blusa e contornou a mesa correndo. Havia algumas fotografias em porta-retratos, alinhadas ao lado de um abajur verde com cúpula de vidro. Abby pegou uma delas e a passou para Dan.

A imagem mostrava uma fileira de enfermeiras de máscara e aventais imaculados, com o diretor de óculos sentado logo à frente. Todas olhavam para a frente, menos a do canto direito – sua cabeça estava estranhamente virada para o lado, como se seu pescoço tivesse sido

quebrado no momento em que a foto foi tirada.

Dando um passo atrás, Dan imaginou o infame diretor do Brookline sentado em sua cadeira, ajustando os óculos enquanto fazia uma pesquisa ou escrevia uma carta, talvez até mesmo *aquela* carta, a que acabara manchada pela tinta preta. Havia um segundo par de óculos, menos enferrujado, sobre a mesa perto das fotos. Sem perceber o que estava fazendo, Dan estendeu a mão para pegá-lo. Parecia frágil ao toque, mas ele o apanhou mesmo assim e posicionou as lentes contra a luz, revelando uma camada de poeira. "Experimenta, Dan." Foi isso que ele fez. Serviu perfeitamente. Olhou outra vez para a imagem do diretor com as enfermeiras, uma foto na qual ninguém sorria. Seu reflexo apareceu no vidro do porta-retratos, sobreposto à fotografia. Com um sobressalto, notou quanto era parecido com o diretor.

Arrancou os óculos como se estivessem queimando seu rosto.

Foi quando ele se deu conta de algo. Já tinha visto aquele homem. *Duas vezes*.

– Essas pessoas não parecem muito contentes por estar aqui – comentou Abby, mas Dan mal a escutou.

– Ei! Pessoal! Pessoal? Encontrei uma coisa! – era a voz de Jordan, ecoando no andar de cima e atravessando o corredor para chegar até eles. Dan devolveu a foto ao lugar onde Abby a encontrara, tomando o cuidado de reposicionar o porta-retratos exatamente sobre a marca deixada na poeira. A última coisa que ele queria era causar uma *perturbação* em um lugar como aquele.

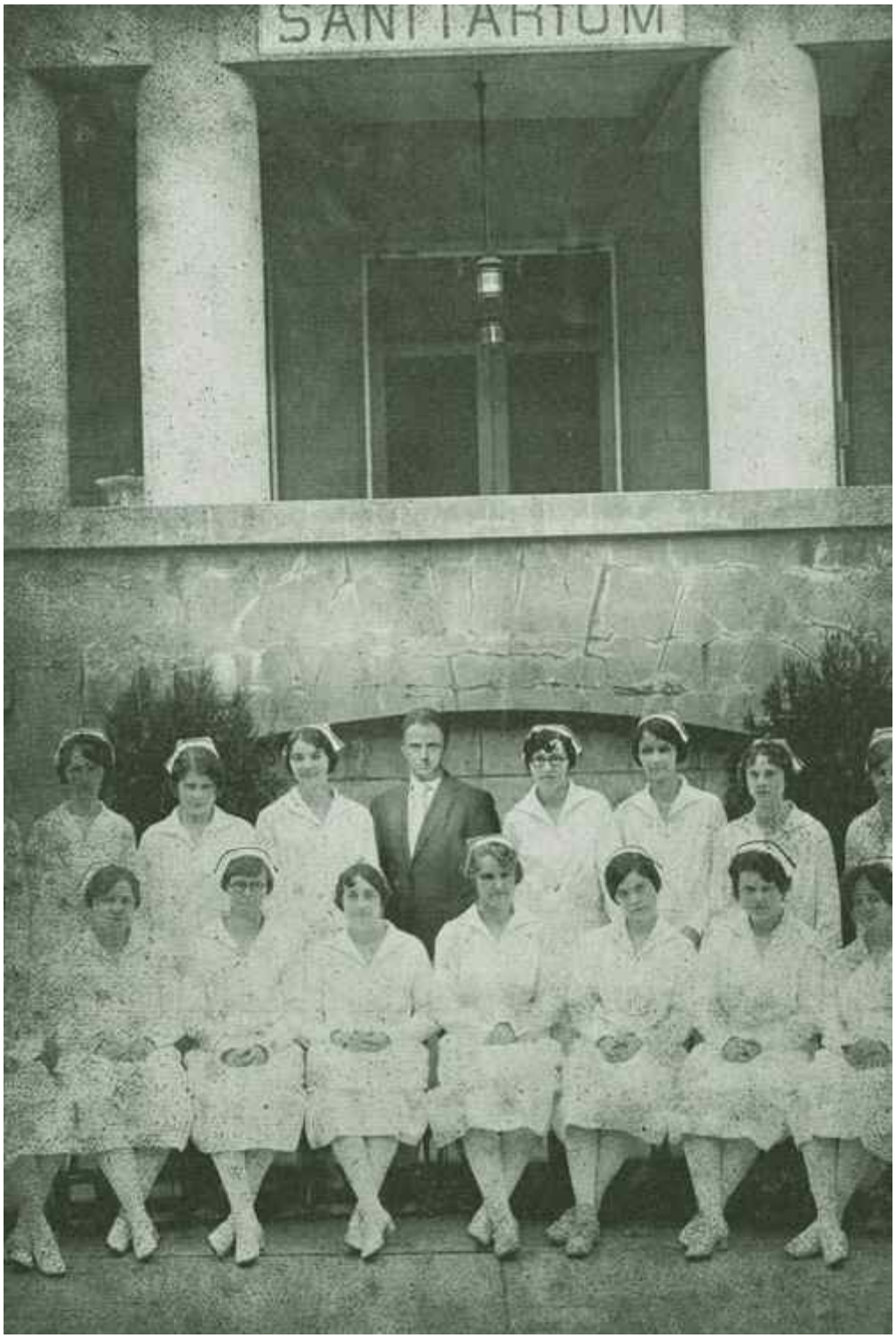
Eles atravessaram às pressas o corredor e subiram correndo a escada, já mais confiantes por conhecerem o terreno.

Jordan estava remexendo nos arquivos organizados em ordem alfabética. Com o celular preso entre o queixo e o ombro, ele revirava a primeira gaveta. Estava cheia de fichas de papel amarelado.

– Tem uma tonelada de arquivos aqui – ele contou. – Deve ter informações sobre todos os pacientes. E adivinhem só: todos eles são loucos condenados.

Dan e Abby foram até o armário para ver do que se tratava.

Jordan puxou uma das fichas, e os três se puseram a observá-la. O paciente se chamava Frank Bittle. Além do nome, havia sua data de nascimento e cidade de origem. Em uma das linhas se lia: "DA 13/03/1964". Devia ser sua data de admissão. Mais abaixo havia outra informação que fez o sangue de Dan gelar: "Homicida". Em seguida, viam-se duas opções a ser marcadas, *S* e *N*. Nessa ficha em particular, estava marcado o *S*. Sim. Frank Bittle era um assassino. No espaço destinado a indicar se o paciente tinha ou não se recuperado, estava marcado o *N*. Não, ele não havia se recuperado.



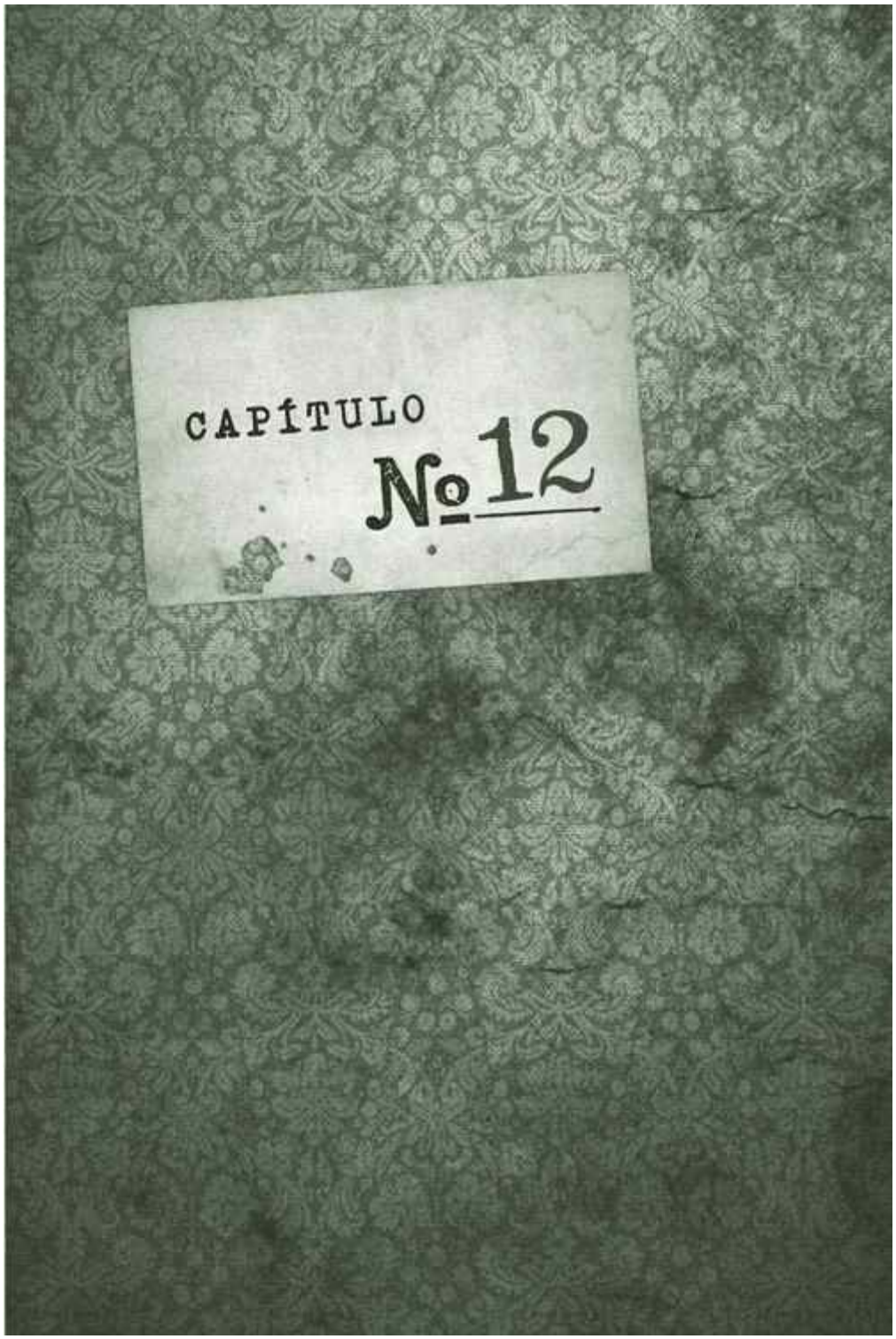
Abby guardou aquela ficha e apanhou algumas outras. Todas eram de pacientes homicidas. Nenhuma delas indicava que algum deles tivesse se recuperado.

– Olha só: esse aqui pôs fogo na própria casa com a família dentro! – comentou Abby.

– Eles não falaram nada sobre isso quando eu me matriculei no curso – Jordan pegou mais um cartão e o leu com atenção. – Esse cara matou três esposas antes de ser preso e mandado pra cá.

A cabeça de Dan estava a mil. Enquanto Jordan e Abby examinavam outras fichas, ele se agachou e abriu a gaveta do meio. Talvez fosse possível localizar a ficha de Dennis Heimline e enfim descobrir a verdade a seu respeito. Foi remexendo os arquivos: Gabler, Gentile, Gold... "Ah, aqui começa a letra *H*". Hall, Harte, Heimline... Ele estendeu a mão para pegar a ficha...

...e sentiu alguém segurá-lo pelo ombro.
– Peguei você! – disse uma voz.


CAPÍTULO
Nº 12

Dan gritou de susto. Com o facho de uma lanterna sobre seus olhos, ele não conseguia ver quem o havia agarrado. Pensou que seu coração fosse sair pela boca.

– Ei! Calma aí! Alguém vai acabar se machucando.

Era Joe, o monitor do alojamento que ele tinha visto na reunião de apresentação do curso. "Merda." Dan sentiu o suor brotar em sua testa.

– O aviso e o cadeado na porta não significam nada pra vocês? Como vocês entraram, aliás? Vamos embora, não é seguro ficar aqui. Este lugar está cheio de infiltrações. Isso sem contar os ratos.

Dan engoliu em seco.

– Não tinha... A gente não...

– Não o quê? Não pararam pra pensar? Vamos embora daqui!

Joe se virou e com um movimento rapidíssimo, Dan tirou a ficha de Dennis Heimline do arquivo e a pôs no bolso.

– Merda! – resmungou Jordan. – Estou ferrado.

– Podem deixar comigo – murmurou Abby. – Eu resolvo isso.

Como ela podia estar tão calma? As mãos de Dan tremiam e ele estava encharcado de suor. Para ele aquela situação era novidade. Não era do tipo que se metia em encrenca. Era do tipo que gostava de ler, de estudar e de respeitar as regras. Então por que estava fazendo coisas como invadir salas trancadas e roubar objetos lá de dentro?

Joe esperou que todos saíssem pela passagem na parede, iluminando seus pés com a lanterna. Quando Dan chegou ao outro lado, viu Abby esfregar os olhos furiosamente, espalhando pó pelo rosto inteiro.

– Ela está bem? – Dan cochichou para Jordan, que encolheu os ombros.

Joe fez um gesto para que eles passassem para a antiga recepção. Quando voltaram ao corredor do primeiro andar, Dan tentou encontrar um jeito de dizer que estavam fazendo uma pesquisa para a aula da professora Reyes. As explicações que conseguiu inventar, porém, não pareciam nem um pouco convincentes. Joe saiu, fechou de novo o cadeado e falou:

– Muito bem, o que vai acontecer agora é o seguinte: eu vou...

Foi quando Abby começou a chorar.

Jordan pôs o braço em torno dela, que desabou sobre seu ombro.

– D-desculpa, Joe – ela disse, soluçando, limpando as lágrimas, que abriram uma trilha em seu rosto em meio à poeira. – A g-gente n-não fez por mal. F-foi só por curiosidade... Por favor... D-desculpa!

Na opinião de Dan era um artifício teatral demais, e Joe também pareceu perceber isso, pois revirou os olhos ao ouvi-la. Nesse instante, porém, Abby respirou fundo e caiu no choro mais sentido que Dan já vira na vida. Joe ficou todo sem graça, e seu ar de autoridade desmoronou imediatamente. Só um monstro denunciaria alguém naquele estado.

– Vai ficar tudo bem – Dan disse baixinho, batendo de leve no ombro dela. – Vai ficar tudo bem...

– Pelo amor de... Só não façam isso de novo, tá bom? Estou falando sério. Nunca mais! – Joe direcionou o facho da lanterna para o rosto de cada um deles. Abby concordou, balançando a cabeça com força. – Podem voltar para o quarto. *Agora.*

Ele se afastou pisando duro, resmungando consigo mesmo.

– Minha nossa, isso foi incrível! – murmurou Jordan quando Joe sumiu de vista. Ele se virou e abraçou Abby, levantando-a do chão. – Se isso não merece o Oscar, então eu não sei o que pode merecer!

– Obrigada – ela falou, enxugando o restante das lágrimas com as costas da mão. Sem dizer palavra, foi caminhando na direção da escada. – Essa foi por pouco.

– Por pouco? Como assim? Nós fomos *pegos* – disse Dan, sentindo-se como se estivesse emergindo das profundezas de um pântano. E pensar que ele estava jantando com Abby apenas algumas horas antes, como um casal *normal*...

Eles chegaram ao quarto de Abby.

– Puxa, estou precisando de um banho – comentou ela, sem parecer nem um pouco abalada.

Um banho era de fato uma ótima ideia. Dan estava sentindo o incômodo de toda a poeira que havia se acumulado sobre sua pele. Em breve ele começaria a se coçar, mas mesmo assim queria ficar mais um pouco a sós com Abby antes de voltar para o quarto. Ele se virou para Jordan, tentando transmitir com o olhar a ideia de que precisava de um pouco de privacidade para se despedir dela, por mais que estivessem sujos.

– Certo, já entendi – disse Jordan. – Agora eu tenho que ir rezar. Vou rezar a todos os deuses do mundo para agradecer por não ter sido expulso.

Jordan desapareceu escada acima, com uma das mãos no bolso e a outra brincando com seu dado da sorte. Dan o ouviu assobiar enquanto se afastava, e a melodia pairou um pouco no ar antes de sumir de vez.

Dan só começou a falar quando teve a certeza de que estavam sozinhos:

– Eu gostei muito de hoje à noite. Antes do flagrante, claro.

– Ah, sim – respondeu Abby, mas ela parecia estar incomodada com alguma coisa. Olhou para o ombro dele e depois para o chão, antes de enfim resolver encará-lo. – Eu também gostei.

– Pena que a gente foi pego e que você precisou chorar... Mas você foi incrível, na verdade. Se não fosse por você, a coisa ia ficar feia.

– Não foi nada – ela encolheu os ombros e então disse de forma meio abrupta: – a gente se vê amanhã, certo, Dan?

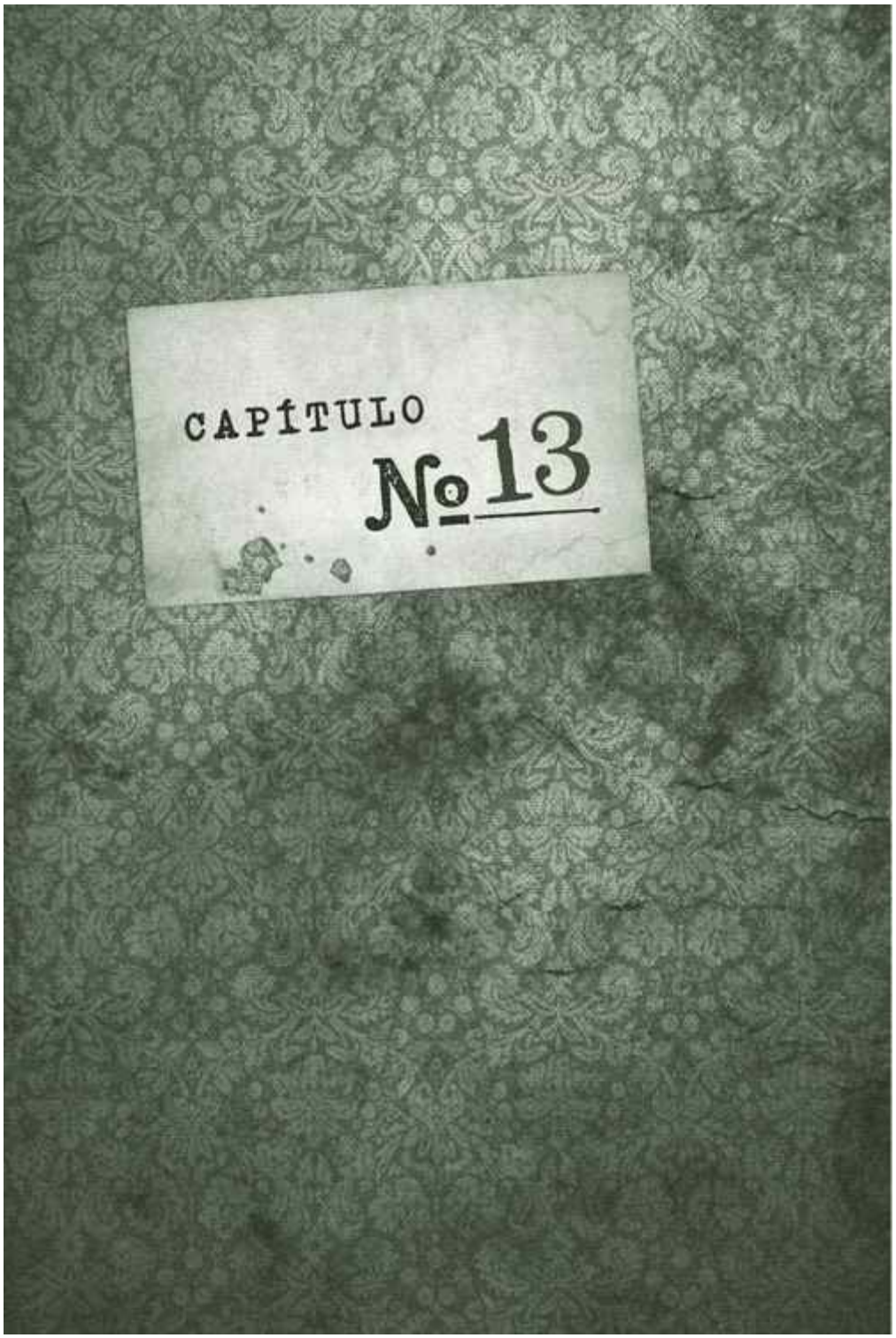
Ele balançou a cabeça, sem conseguir disfarçar o nervosismo.

– Ah, claro. Boa noite, Abby. E não esqueça o lance da árvore.

Os dois deram uma risadinha nervosa e olharam para o chão. Qualquer que fosse o clima que tinha se estabelecido mais cedo naquela noite, certamente já tinha se perdido. E, considerando as circunstâncias, não havia como ser de outra maneira.

– Certo, boa noite.

Abby acenou apressada e entrou no quarto. Havia um pouco de sujeira pendurada em seus cabelos. Ele sentiu que deveria ter estendido a mão para tirá-la.


CAPÍTULO
Nº 13

Dan estava morto de cansaço. Quando começou a subir a escada, mal conseguia acreditar que eram apenas dez horas. Sua vontade mais urgente, porém, não era de dormir. A cada degrau sentia sua energia se recompor. Ele estava com a ficha do Escultor! E com uma pasta de couro para acompanhar! Quanto mais se aproximava do quarto, mais empolgado ele ficava.

Dan ficou aliviado ao constatar que Felix não tinha voltado, pois queria ver com calma as coisas que pegara. Tirou o cartão e a pasta da blusa e os pôs sobre a escrivaninha. Seus dedos sentiram certa repulsa ao tocar aqueles objetos. O cheiro do porão e a coceira na pele o faziam se sentir sujo, mas ele precisava ir em frente.

Resolveu examinar a ficha primeiro.

Heimline, Dennis. Apelido: O Escultor
Nascimento: 1935
DA: 15/05/1965
Motivo da internação: Assassino em série
Homicida: S
Recuperação: S

S?

Dan ficou perplexo com a informação da última linha. Um assassino em série foi *recuperado*? Como? E como alguém poderia garantir isso? Foi quando uma outra coisa atraiu seu olhar para o canto inferior direito da ficha. Três números escritos à mão. 361.

Agarrou com força os próprios ombros, esforçando-se para parar de se coçar. A ficha continuava sobre a mesa da mesma maneira, mas o 361 parecia querer saltar do papel. "Se controla, Dan." Ele precisava mesmo se acalmar. Tomar um banho. Mas antes disso pegou o cartão e a pasta e os guardou na gaveta. "Junto com o diretor."

Dan passou um tempão no chuveiro. Jung tinha uma abordagem interessante das coincidências, que Dan sempre aceitara como verdadeira. Em resumo, ele afirmava que, quando as pessoas viam uma relação significativa entre dois eventos – uma coincidência –, isso não acontecia porque os eventos estavam relacionados, e sim porque o cérebro tinha feito aquela conexão.

Mas o Escultor era *mesmo* o paciente 361. Essa descoberta não era uma simples coincidência. Era uma conexão de fato.

Dan se enxugou e se vestiu às pressas, ansioso para voltar logo para o quarto.

Pegou a pasta e remexeu nos papéis guardados lá dentro. Duplicatas... avaliações de funcionários... Dan deu uma olhada rápida em tudo e só parou quando encontrou uma folha dobrada lá dentro. O papel estava rasgado, como se tivesse sido arrancado de um caderno. Um texto escrito em letra de mão preenchia toda a página.

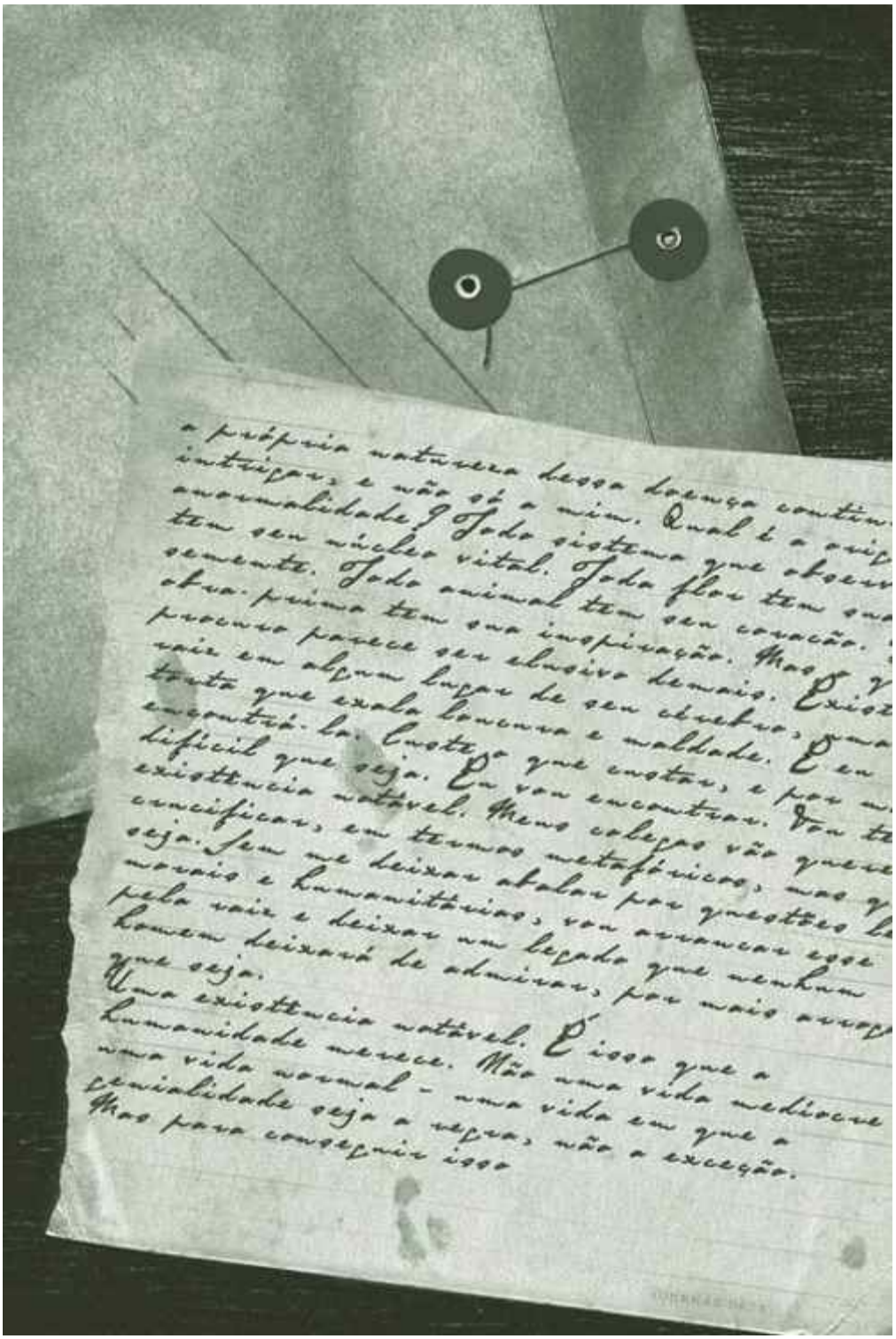
Sentou na cama e começou a ler.

A própria natureza dessa doença continua a me intrigar, e não só a mim. Qual é a origem dessa anormalidade? Todo sistema que observamos tem seu núcleo vital. Toda flor tem sua semente. Todo animal tem seu coração. Toda obra-prima tem sua inspiração. Mas o que eu procuro parece ser elusivo demais. Existe uma raiz em algum lugar de seu cérebro,

uma raiz torta que exala loucura e maldade. E eu vou encontrá-la. Custe o que custar, e por mais difícil que seja. Eu vou encontrar. Vou ter uma existência notável. Meus colegas vão querer me crucificar, em termos metafóricos, mas que seja. Sem me deixar abalar por questões legais, morais e humanitárias, vou arrancar esse mal pela raiz e deixar um legado que nenhum homem deixará de admirar, por mais arrogante que seja.

Uma existência notável. É isso que a humanidade merece. Não uma vida medíocre nem uma vida normal – uma vida em que a genialidade seja a regra, não a exceção.

Mas para conseguir isso



A página terminava ali. Dan virou a folha, apesar de saber que estava em branco. Precisava saber mais, muito mais. Sem um contexto, sem uma assinatura, aquele pedaço de

papel não significava muita coisa.

Não restava dúvida de que quem escrevera aquela página se referia a alguém sem sanidade mental. E discorria sobre algo incomum, algum novo tratamento que pretendia descobrir. A mente de Dan começou a divagar. Aquelas não podiam ser as reflexões de um médico qualquer do Brookline – só podiam ser as ideias de um diretor. E não de um diretor qualquer, caso as palavras do conspiratório Sal Weathers tivessem alguma razão de ser, e sim do homem que mudara a história do manicômio e conseguira reabilitar um assassino em série.

Ao reler a página do diário, Dan ficou admirado com a visão grandiosa do diretor. O homem estava em busca de algo revolucionário para curar a loucura. Ele ousava ser diferente, desafiava o *statu quo*, mesmo que isso significasse ser rejeitado. Dan também não era assim – não ignorava a opinião dos demais, a ideia de ser popular, em benefício de algo maior?

Aquelas anotações, porém, não exalavam apenas inteligência. Havia ali algo muito mais sinistro. "Que a genialidade seja a regra." A genialidade era algo interessante, mas não poderia se dar como *uma imposição* às pessoas. Além disso, que tipo de tratamento poderia proporcionar isso? O que poderia garantir um S no quesito recuperação?

Ele se recostou no travesseiro, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça. A fotografia tenebrosa do paciente se debatendo. As palavras do diretor sobre um homem insano. Os e-mails sobre o paciente 361. O Escultor. Tudo parecia fazer parte da mesma trama. Mas qual seria?

Dan pegou o laptop, abriu o site de Sal Weathers e clicou na opção "Contato", em busca de um endereço de e-mail com o qual pudesse se corresponder. Mas o bom e velho Sal não se contentava só com isso e fornecia informações completas, com endereço e tudo. Dan ficou surpreso ao constatar que ele não só era de New Hampshire, como também vivia em *Camford*.

– Aposto que ele foi um dos que assinaram as petições de que falou a professora Reyes – murmurou Dan.

O fato de Sal Weathers ter investido tanto tempo na compilação e na publicação das histórias mais sórdidas a respeito do Brookline de repente começou a fazer sentido – ele provavelmente esperava contribuir assim com a demolição do local.

Em certo sentido, Dan torcia para que Sal vivesse do outro lado do país, ou no Camboja, para que a ideia de lhe fazer uma visita não pudesse ser posta em prática com tanta facilidade. Todas as circunstâncias, porém, conspiravam para um encontro com aquele homem, e Dan não estava disposto a ignorar uma mensagem mandada pelo Universo.

– Então é oficial – ele sussurrou diante do computador. – Eu estou obcecado.

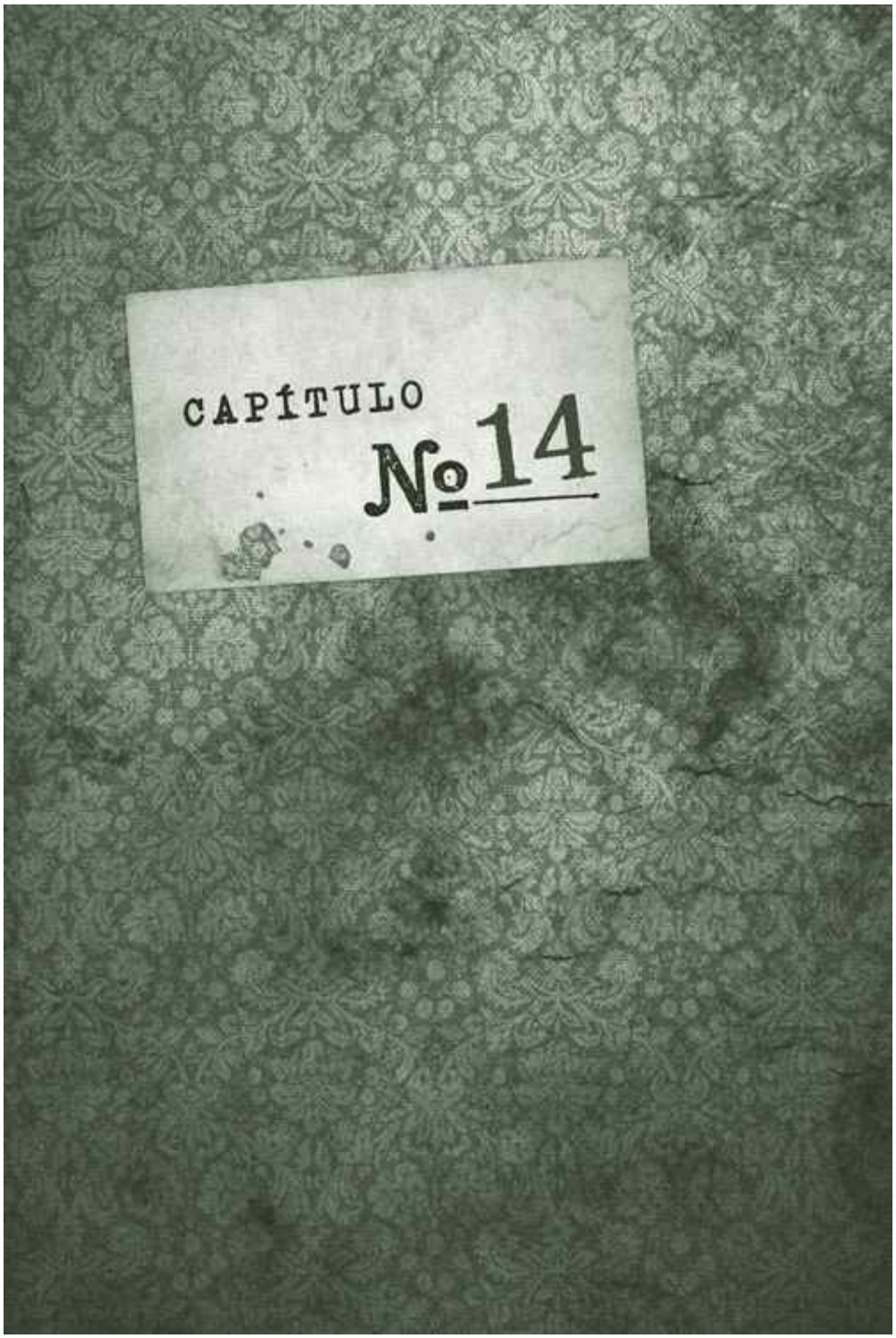
Ele estava parado na cela, esperando. Enfim, um grupo de médicos apareceu, todos usando máscara e jaleco. Dan achou que eles fossem torturá-lo, mas sua presença nem ao menos fora notada. Eles se espalharam pelo ambiente, batendo papo e fazendo anotações em seus caderninhos.

Foi quando Dan ouviu um grito. Dois funcionários entraram, arrastando uma menina. Ela devia ter no máximo dez anos, e sua aparência lhe era bem familiar – pálida, assustada, com os olhos grandes arregalados.

– Muito bem, pessoal, vamos ao trabalho!

Dan acordou sobressaltado ao ouvir o som da própria voz. Nem durante o sono ele

poderia ter paz.


CAPÍTULO
Nº 14

Abby sempre costumava chegar antes dele ao refeitório, mas, apesar da noite maldormida, Dan foi o primeiro na fila do café, portanto não viu sinal nem dela nem de Jordan por ali.

Ele pôs bolinhos de batata, ovos e algumas fatias de bacon no prato e pegou uma tigela de cereais antes de ir se sentar no lugar de sempre, uma mesa circular perto das janelas do fundo do salão. Enquanto terminava os ovos e o bacon, viu os outros alunos chegando, mas nada de Abby e Jordan. Quando começou a comer o cereal, decidiu desacelerar.

À medida que o tempo passava, foi ficando cada vez mais claro que ele era o único no refeitório comendo sozinho. No colégio aquela era uma situação bem corriqueira, mas ali, na ausência dos amigos, parecia que algo estava faltando.

Por fim apareceu Jordan, que parecia estar ainda pior que Dan, como se isso fosse possível.

– Oi – falou Jordan, soltando um gemido ao se sentar. As olheiras escuras eram visíveis sob os óculos.

– Está tudo bem? Você está parecendo meio cansado...

– Está, sim – Jordan se apressou em responder, mas aparentando justamente o contrário.

Dan olhou de novo na direção da porta. A presença de Abby na certa aliviaria o incômodo da situação.

– Ela vai aparecer, não se preocupa – disse Jordan. – Você não consegue ficar nem um segundo longe dela?

Jordan mordeu seu bolinho doce como se a ansiedade de Dan fosse uma ofensa pessoal dirigida a ele.

"Mas o que é isso?"

– Você está bem mesmo, Jordan? – arriscou Dan, mesmo sabendo do risco de irritá-lo ainda mais.

– *Estou*. Puxa vida, o que está acontecendo aqui, a Santa Inquisição? O meu pai está pagando você pra me interrogar?

Jordan apertou o bolinho como se quisesse destruí-lo. Um pedaço da massa se soltou e caiu em sua tigela de cereal. Ele o tirou com os dedos, e Dan notou que suas unhas estavam todas roídas.

Depois disso, eles começaram a se ignorar mutuamente. Entre as duas opções disponíveis – receber outra resposta malcriada ou comer seu cereal –, Dan escolheu a segunda. O motivo para o mau humor de Jordan seria o que acontecera na noite anterior?

Cinco minutos antes de o refeitório ser fechado, Abby enfim apareceu. Ela foi direto ao balcão de frutas e granolas e pegou uma banana e um pote de iogurte. Seu bom humor habitual, porém, não deu as caras. Os olhos pareciam pesados, e a pele morena estava pálida.

Ela falou um "oi" rápido ao se sentar e começou a comer sem dirigir a palavra a ninguém.

– Oi – disse Jordan. – O que você andou aprontando? Você está péssima.

– O que você está insinuando? – perguntou Abby, olhando feio para ele.

– Nada; só quis dizer que você *está* linda. Maquiagem nova?

– Ah, sim, e uma dose de sarcasmo era tudo o que eu queria agora.

Dan tentou aliviar um pouco a tensão no ambiente.

– Pelo jeito alguém levantou da cama com o pé esquerdo.

Ele se arrependeu de ter aberto a boca logo depois de falar.

Abby o encarou com um olhar furioso. Largou a colher no pote de iogurte, derramando seu conteúdo na bandeja.

– Pra falar a verdade, Dan, eu tinha, *sim,* uma coisa muito importante pra conversar com vocês. Mas isso vai ter que esperar.

Ela apanhou a bandeja e saiu da mesa.

– Parabéns – disse Jordan. – Esse deve ter sido o namoro mais curto da história do Universo – ele terminou de comer seu bolinho todo esmigalhado. – Na real, como o namoro na prática nem começou, não teve nem um rompimento de verdade. *Quel dommage*.

– Mas o que...? O que foi que eu fiz pra vocês me tratarem desse jeito?

Jordan, porém, já estava de saída, e Dan acabou falando sozinho.

O estado de espírito de Dan só piorou durante a aula, pois o professor resolveu passar um documentário que ele já tinha visto, o que significou ficar duas horas sentado no escuro repassando mentalmente o que havia acontecido durante o café da manhã. Talvez fosse injusto esperar que Abby fosse generosa e animada o tempo todo. Todo mundo tem dias ruins de vez em quando. Ela poderia ter recebido mais uma mensagem desanimadora de sua irmã. Fosse qual fosse o motivo, Dan concluiu que não valia a pena ficar remoendo aquele assunto. Abby contaria o que estava acontecendo quando achasse melhor, e ele estaria ao lado dela para ouvir. Ele não permitiria que um simples café da manhã arruinasse as coisas entre os dois.

Com essa resolução em mente, Dan se sentiu mais leve ao voltar para o Brookline. Jordan e Abby não fizeram nenhuma menção à hora do almoço, e ele pensou em aproveitar aquele tempo para estudar um pouco. Ou, caso não conseguisse se concentrar, fazer uma visita a Sal Weathers. Se não demorasse muito a se decidir, haveria tempo de sobra.

Felix estava no quarto quando Dan chegou, sentado diante do computador, como de costume. Ele parecia estar lendo um fórum sobre fisiculturismo, e Dan notou que seu colega de quarto estava bebendo uma coisa chamada Muscle Aid. A julgar pelo sujeito musculoso e besuntado em óleo que estampava o rótulo do frasco, parecia ser alguma espécie de *shake* de proteína semipronto. Aquela não parecia ser a dieta habitual de Felix, mas por outro lado Dan só o conhecia fazia uma semana. Ainda assim, era possível dizer que Felix já estava mais encorpado do que quando se conheceram. Seus ombros até pareciam mais largos. Talvez aqueles *shake*s funcionassem mesmo, no fim das contas.

– Oi – cumprimentou Dan, indo direto para sua escrivaninha.

– Olá, Dan.

Felix terminou a bebida, amassou o frasco plástico e o arremessou por cima do ombro. Impressionado, Dan viu a garrafa cair diretamente no cesto de lixo atrás dele.

– Belo arremesso! – Dan comentou, tentando não demonstrar quanto estava surpreso.

Havia um envelope branco sobre o teclado de Dan. Seu coração se acelerou. Seria de Abby? Um pedido de desculpas ou, de repente, um convite pra ir a algum lugar conversar melhor?

– Você viu quem trouxe isso? – perguntou Dan enquanto abria o envelope.

– Não, já estava aí quando eu cheguei. Pensei que você mesmo tinha deixado quando foi tomar o café da manhã.

– Merda. Eu devo ter esquecido de trancar a porta quando saí – comentou Dan. Aquele era um hábito difícil de adquirir, mas ele era capaz de jurar que havia feito isso ao sair do quarto de manhã.

– Isso é meio assustador – respondeu Felix, sem tirar os olhos da tela. – Por favor, tome cuidado pra que não aconteça de novo.

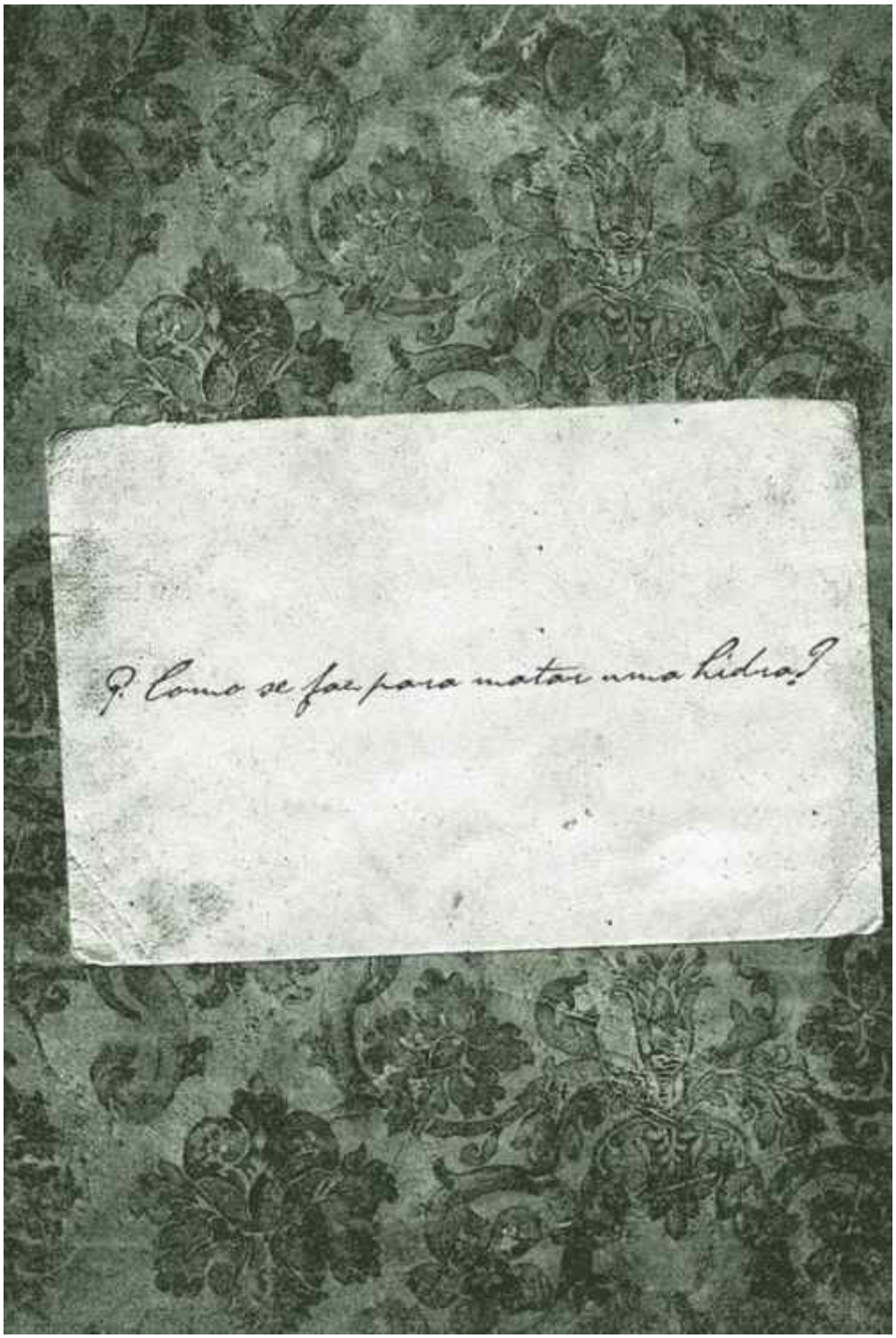
– Desculpa, cara. Pode deixar.

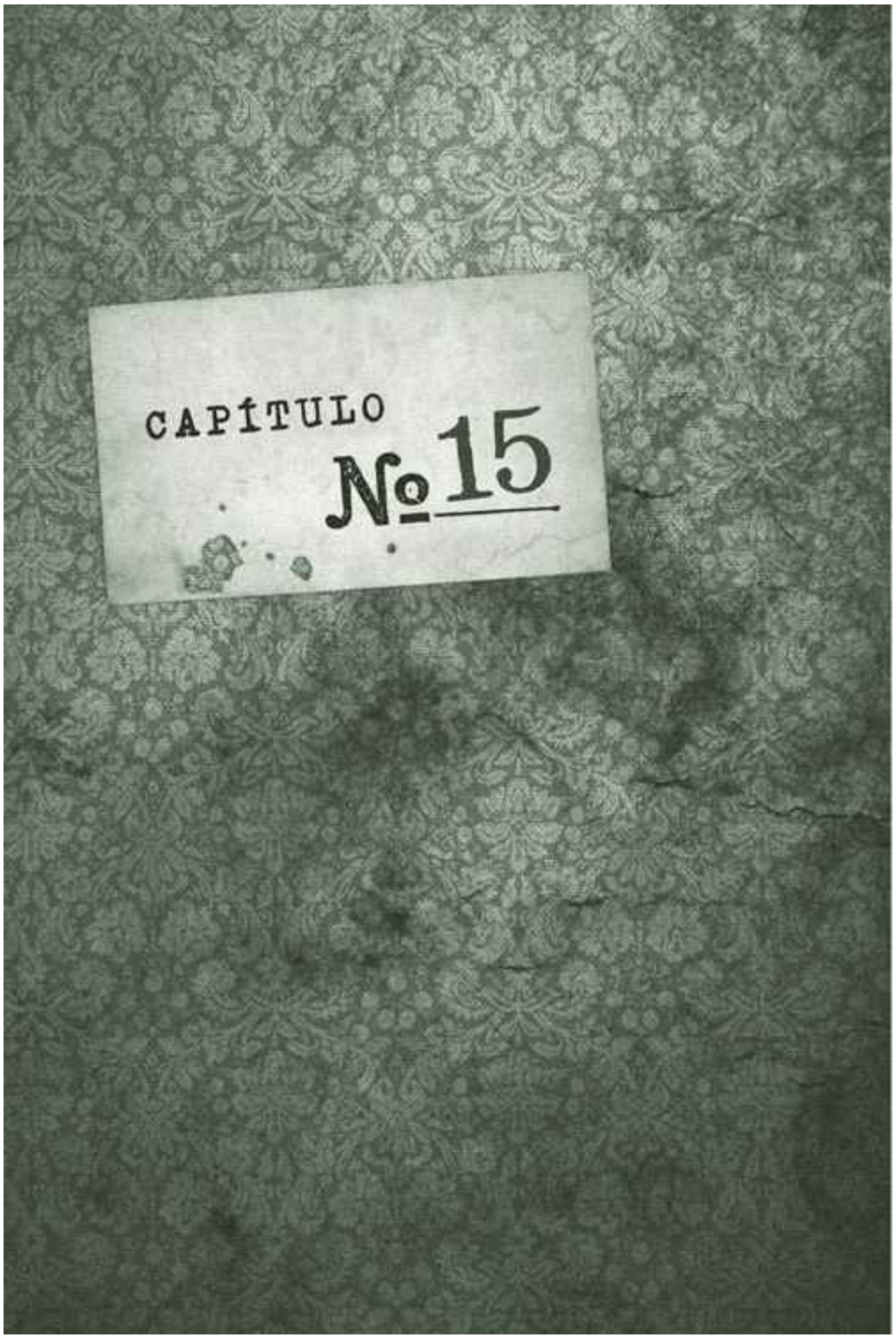
Dentro do envelope, Dan encontrou apenas um pedaço de papel-cartão, com uma única linha escrita à mão, uma pergunta...

P: Como se faz para matar uma hidra?

Aquilo era... perturbador. Dan virou o bilhete.

R: Atingindo seu coração.


P. Como se faz para matar uma hidra?


CAPÍTULO
Nº 15

Que tipo de brincadeira doentia era aquela?

Dan olhou para Felix, que continuava imóvel diante da tela.

– Tem certeza de que não viu quem deixou isso aqui? – perguntou Dan.

– Absoluta. Não está assinado?

– Não, não está assinado – Dan mostrou o bilhete a Felix, mas não por tempo suficiente para que ele pudesse ler.

– Hum. Que estranho. Você sabe de quem é esta letra?

Felix continuou rolando a página que estava lendo com o mouse.

– Não, parece a letra de alguém que fez um curso de caligrafia ou coisa do tipo. Ninguém mais escreve desse jeito...

– Os calígrafos escrevem.

– E você por acaso conhece algum calígrafo? – irritou-se Dan.

Enfim Felix resolveu se virar para falar com ele, e ficou pensativo por alguns instantes antes de responder sem se alterar:

– Aqui no curso, não. Mas no meu colégio tenho um colega que é muito bom nisso.

– Isso não ajuda muito – com um suspiro, Dan sentou na cadeira e começou a girar de um lado para o outro. – Desculpa. Estou tendo um dia difícil.

– Eu entendo, e desejo boa sorte na busca pelo remetente misterioso.

Afundando-se na cadeira, Dan virou o bilhete de um lado para o outro, estudando a caligrafia e tentando encontrar alguma pista naquelas palavras. "Hidra." Havia pelo menos cinquenta alunos na aula do professor Douglas, onde ele ouvira aquele apelido ser usado para se referir aos três. Não havia como determinar a identidade do remetente com base nisso.

E se Joe, o monitor que os surpreendera na ala desativada, tivesse deixado aquele bilhete em sua mesa? Até que fazia sentido. Joe não queria que eles saíssem em incursões noturnas pelo prédio, e o bilhete era assustador e ameaçador o suficiente para fazer Dan pensar duas vezes antes de repetir o que fizeram na noite anterior. Como era o monitor do alojamento, Joe devia ter a chave mestra para abrir os quartos, pois Dan tinha *certeza* de que havia trancado a porta ao sair de manhã.

O nó no estômago de Dan se aliviou. Pensar em Joe como o autor daquela peça tornava tudo mais compreensível e até mesmo divertido. "Ha, ha, Joe, você me pegou nessa."

Mas Dan não estava inteiramente convencido. Decidiu levar aquele bilhete para a mesa de jantar. Mesmo que Jordan e Abby também não tivessem recebido um, eles poderiam ajudar a entender o que estava acontecendo.

Até lá, Dan sabia que não ia conseguir estudar nada. Acima de tudo, o bilhete havia reforçado sua decisão de se encontrar com Sal Weathers. Já não dava mais tempo de ir até a cidade e voltar sem perder a primeira aula da tarde, mas ele resolveu ir assim mesmo. Dan vestiu de novo a blusa, conferiu o endereço de Sal no celular, pegou a mochila e saiu correndo porta afora.

Sair do alojamento era sempre uma sensação boa. O clima por lá era pesado demais.

O tempo tinha virado e estava frio e nublado, apesar de ser verão. Parecia que ia chover. Dan caminhava a passos largos, mantendo a cabeça baixa enquanto atravessava o campus na direção da cidade, onde o caminho fazia uma curva em declive morro abaixo. Apesar da presença dos estudantes, Camford parecia ser um lugar pacato. As ruas estavam praticamente

vazias – apenas um veículo, uma picape, passou por Dan quando ele chegou ao pé do morro.

Três quarteirões, uma doceria e uma oficina mecânica depois, Dan chegou a seu destino. Ajeitou melhor a blusa e olhou para a casa de tijolos um tanto afastada da calçada. Dando uma olhada para trás, percorreu com os olhos a estrada arborizada. De onde estava, conseguia ver o alto da torre da capela e, atrás dela, o Pavilhão Wilfurd e o telhado do Brookline.

Ele sacou um caderno e uma caneta da mochila e procurou pensar na melhor maneira de se apresentar.

Havia uma cruz feita de vime pendurada na janelinha da porta da frente. Quando bateu na porta, Dan já estava uma pilha de nervos e arrependido de ter ido até lá. Sal parecia um sujeito acessível em seu site, mas quem poderia dizer que seria tão receptivo pessoalmente? Dan teria de mostrar que estava interessado de verdade no que ele tinha a contar caso quisesse obter alguma informação útil.

Ele bateu de novo, dessa vez com mais convicção, e ouviu uma movimentação lá dentro.

Um rosto macilento e manchado apareceu na janelinha atrás da cruz, e um segundo depois a porta se abriu. O cheiro de canela das velas aromatizadas foi a primeira coisa que sentiu.

– O que você quer vender?

– Vender? Ah! Não, nada... Eu sou estudante – explicou Dan. Apontou desajeitadamente na direção do alto do morro. – E eu ia entrar em contato por e-mail, mas... sei que isso deve soar meio esquisito, mas eu li o seu site. Sobre o Brookline... estou fazendo um trabalho sobre o assunto, e o senhor me pareceu muito bem informado, então...

Sal ficou olhando para ele, tentando entender se estava brincando ou se era maluco, ou então as duas coisas.

– Pode entrar – ele murmurou por fim, desaparecendo no hall de entrada escuro. Uma luz se acendeu, iluminando uma sapateira quase exclusivamente tomada por botas de operário e chinelos de mulher. – Então você encontrou o meu relatório na internet, é? Bom. Muito bom. As pessoas precisam saber. Mas já vou avisando, garoto, eu não gosto de conversar sobre isso. Já disse tudo o que queria na internet, e agora só dedico o meu tempo a esse assunto para tentar demolir aquele maldito lugar. Mas uma cretina lá da faculdade não admite isso; fica dizendo que é um prédio *histórico*!

– O nome dela é professora Reyes – ele falou em um tom de reprovação. – Ela está planejando organizar um seminário no alojamento, e depois disso...

– *Alojamento*? Os alunos estão morando por lá agora, então? Que *piada* – Sal foi para a cozinha, e Dan o seguiu. Teve um pressentimento de que voltaria com um caderno vazio. – Essa é a minha mulher – falou Sal. – Não precisa se incomodar, querida. Esse jovem é um estudante e não vai demorar muito.

A cozinha era apertada, mobiliada com armários baratos de fórmica e revestida de azulejos roxos. Dan acenou timidamente com a cabeça e arriscou um "olá" para a mulher de Sal. Apesar de envelhecida e de aspecto frágil, parecia ter sido uma bela mulher algum dia. Os cabelos grossos estavam presos em um coque atrás da nuca, e uma franja comprida cobria sua testa. Ela parecia estar olhando para o nada, com as mãos apoiadas sobre o balcão posicionado no meio da cozinha.

Sal contornou o balcão e apanhou uma caneca de café. Ele verificou seu conteúdo antes de dar um gole. Dan ficou ali parado, com uma expressão resignada no rosto. Sal foi se aproximando até chegar bem perto de Dan e falou quase em um sussurro: – Muito bem, garoto.

Você tem uma pergunta. O que você precisa saber tanto assim?

Dan não sabia por onde começar. Tentou ordenar seus pensamentos para não desperdiçar sua pergunta.

Por fim, esperando que fosse uma questão que suscitasse várias outras, falou:

– Eu só queria mais informações a respeito de Dennis Heimline.

Imediatamente ele percebeu que dissera a coisa errada. Sal teve um sobressalto, e atrás dele sua mulher parou de encarar o que lhe parecia ser tão interessante por cima dos ombros de Dan e passou a observá-lo. Dan continuou tagarelando:

– Eu, hã, bom, fiquei curioso para saber da relação entre o

último diretor do manicômio e Dennis Heimline, o Escultor...

– Como você disse mesmo que era o seu nome? – interrompeu Sal, batendo a caneca no balcão.

– E eu ainda não disse – Dan gaguejou, dando um passo atrás. – É Dan... Dan Crawford.

Foi como se uma bomba tivesse sido detonada no meio da cozinha. Do nada, a mulher de Sal começou a gritar, debruçou-se sobre o balcão e agitou os braços, mandando a caneca de Sal e uma pilha de pratos para o chão. Dan deu um pulo para trás quando Sal avançou sobre ele, o rosto enrugado todo vermelho.

– Que tipo de brincadeira é essa? Minha mulher é uma pessoa doente, e você me vem aqui com essa história. Vocês estudantes se acham muito espertos, não é mesmo? Mas hoje você se deu mal... Fora! *Fora!*

Dan nem ao menos se virou, foi caminhando de costas o mais depressa que podia sem esbarrar na sapateira ou na porta. Toda trêmula, a mulher o seguiu até o hall. Sal foi até a porta, gritando "Fora daqui!", como se não fosse exatamente isso que Dan estava tentando fazer.

Ele continuou correndo até chegar ao pé do morro, ao caminho que levava ao campus. O que tinha acabado de acontecer? O que ele falou de mais? Se Dennis Heimline era um assunto tão delicado, por que Sal havia escrito sobre ele?

Quando Dan chegou a seu quarto, Felix não estava mais lá. Havia uma mensagem deixada no quadro branco: "Saí para a academia 1600". Dan revirou os olhos e pensou: "Mais uma das idiossincrasias de Felix®".

Ele tirou a mochila e se atirou na cama. Desolado, virou de bruços e enterrou o rosto no travesseiro. Tinha perdido uma aula para quê? No fim não descobriu nada mais sobre a relação entre o diretor, o Escultor, o Brookline e ele mesmo. Só havia conseguido acrescentar o rosto horrorizado da mulher de Sal a sua coleção de imagens assustadoras. E os gritos dela...

Dan grunhiu, o rosto colado no travesseiro. Precisava esquecer toda aquela história, caso contrário ficaria maluco a troco de nada. Sal era só um velho louco que detestava a faculdade e qualquer coisa relacionada ao Brookline. Ele provavelmente tinha algum ressentimento contra os jovens que tinham condições de avançar até a educação superior. Não era um conflito dos mais comuns? As comunidades contra os estudantes? Nada daquilo era culpa dele.

Lá fora a chuva começara. Isso tornaria a hora do jantar um pouco menos agradável. Com a tarde que tivera, porém, Dan estava disposto a encarar qualquer coisa para ter a companhia dos amigos. Faltavam cinco minutos para as cinco, e em pouco tempo o pessoal começaria a

se dirigir ao refeitório. Ele pegou o bilhete que mencionava a hidra e desceu. Quando passou pelo corredor que levava à ala desativada, sentiu uma estranha tentação de ir até lá se esconder do mundo, mas seguiu adiante até a porta principal, apesar do medo que lhe provocava um frio na espinha.

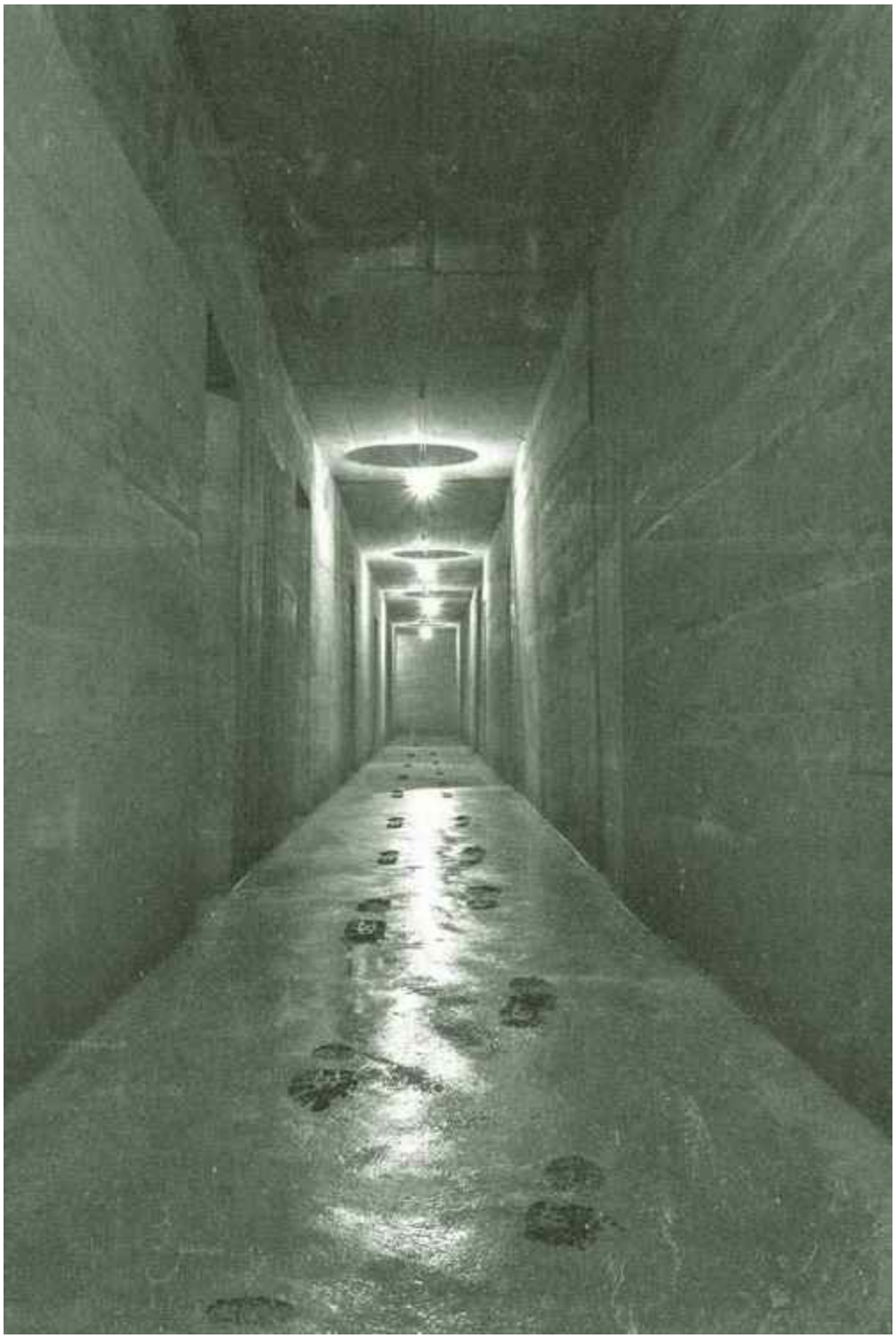
Dan vestiu o capuz da blusa e foi correndo até o Pavilhão. Ele sacudiu um pouco as roupas molhadas na entrada e entrou na fila junto com os outros estudantes.

Era noite de macarrão com queijo. Poderia ser pior. Dan pegou uma bandeja e percorreu com os olhos o salão cheio de rostos semifamiliares à procura dos amigos. Viu Yi entrar e acenar para algumas pessoas do outro lado do salão antes de entrar na fila.

– E aí, como vão as coisas? – perguntou Yi, batucando com os dedos na bandeja azul-pastel.

– Vão indo, sabe como é. Estudando. Assistindo às aulas. *Recebendo ameaças, encontrando psicopatas*. E você?

– Maravilha! – Yi sacou um pedaço de papel da calça cargo e o entregou a Dan. "Ai, meu Deus, será que Yi também recebeu um bilhete bizarro daqueles?" Quando desdobrou o papel, porém, Dan viu que era apenas um perfil de um serviço de encontros com o pseudônimo Chloe_Chloe13. Ela gostava de esquiar e de *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. – Vou estudar no exterior no fim do ano. Em um conservatório em Paris... – Dan devolveu o papel e viu os olhos de Yi brilhar ao observar aquele pedaço de papel. – Daqui a alguns meses, vou estar no meio de um mar de mulheres estrangeiras.



Dan tossiu.

– Verdade, acho que eu poderia ter falado isso de outro jeito – Yi guardou Chloe_Chloe13 de volta no bolso. A fila andou. – Como vão as coisas com a Abby?

– Hein? – eles chegaram ao balcão onde estava a comida. Dan pôs uma colherada de macarrão no prato. – Como foi que você...?

– Jordan falou que vocês saíram juntos. Como foi?

Para surpresa de Dan, Yi passou batido pelo macarrão com queijo e foi direto até a opção vegetariana, alguma coisa com lentilhas e legumes não identificados.

– Está tudo bem comigo e com a Abby! – Dan conseguiu dizer. Na verdade ele não sabia o que pensar, considerando o comportamento dela naquela manhã. – A gente foi até o Brewster's pra comer e conversar um pouco... foi divertido. – Dan enfiou a colher no macarrão de novo

para pegar mais um pouco.

– Certo. E rolou alguma coisa a mais?

Dan derrubou a colher, que caiu fazendo muito barulho sobre a borda do balcão. Ele a apanhou, mas não sem antes se sujar todo com o molho de queijo.

– Droga, essa coisa está quente!

Dan empurrou a colher de volta com o cotovelo e tentou se livrar da substância alaranjada grudada em seu braço.

Yi deu risada e saiu da fila.

– Acho que isso foi um "não".

Soltando palavrões, Dan pegou um pãozinho da cesta e foi se sentar à sua mesa de sempre. Ele se acomodou na cadeira mais próxima da janela, a cara fechada diante do prato fumegante. Seu programa com Abby na noite anterior era um assunto particular, não algo para ser discutido em um bate-papo informal na fila do jantar. Ou talvez o problema fosse justamente ele não saber em que pé estavam as coisas. E não queria estragar tudo se gabando de algo que ainda não estava confirmado. Esfregou as manchas vermelhas na pele, que ainda estava ardendo.

– Oi.

Era Abby. Seus cabelos estavam molhados, e os olhos, vermelhos. Ela pôs a bandeja sobre a mesa e foi se sentando com movimentos lentos, como se estivesse debaixo d'água.

– Oi – respondeu Dan, esquecendo-se das queimaduras.

– Posso sentar? Quer dizer, *já estou* sentando, mas... – ela olhou para o prato de sopa e soltou um suspiro. – Você se incomoda?

– Não, de jeito nenhum – disse Dan. – Eu estava esperando você.

– Ah, é? – Abby sorriu e apoiou os cotovelos na mesa. – Obrigada. Eu estava... estava muito mal no café da manhã. Mas tenho uma boa desculpa, pode acreditar. Só não queria... Só não precisava ser daquele jeito.

– Não tem problema – garantiu ele. – Todo mundo tem seus dias ruins – ele apontou para a janela, para a chuva que caía ruidosamente sobre o vidro. – Está vendo? Até o tempo está invocado hoje.

– Na verdade eu gosto de chuva. É relaxante. Refrescante – ela olhou pela janela. Poças d'água se formavam sobre a grama e ao longo do caminho, e a névoa pairava perto do chão, unindo-se à precipitação como uma única massa de umidade. – Eu estava precisando de um pouco de chuva.

Dan sorriu. A presença dela já o fazia se sentir melhor. Decidiu que esperaria Jordan chegar antes de mencionar o bilhete, para que ele e Abby pudessem comer tranquilos. Logo em seguida Jordan apareceu no refeitório. Depois de uma rápida passagem pela fila e pelos balcões de comida, ele se sentou trazendo apenas um copo de café e uma fatia de torta, e nem se dignou a cumprimentá-los. A chuva e o vapor do café embaçavam seus óculos.

Dan, no entanto, não aguentava mais esperar.

– Eu recebi um bilhete – ele anunciou, pegando Abby e Jordan de surpresa. Enfiou a mão no bolso, sacou o pedaço de papel-cartão e o jogou sobre a mesa.

Quem o apanhou foi Jordan.

– Como matar uma hidra? Como assim?

– Vira do outro lado.

Jordan leu o que estava escrito no verso, com uma expressão de confusão e asco.

– O que é isso? E de onde veio essa coisa?

Jordan afastou o bilhete, fazendo uma careta, e Abby o pegou.

– Estava na minha mesa quando voltei da aula. Felix não viu quem foi que deixou, mas alguém invadiu o meu quarto para pôr isso lá, porque tenho certeza de que tranquei a porta antes de sair. Vocês não receberam alguma coisa desse tipo?

Os dois sacudiram a cabeça. Dan sentiu-se desolado. Estava torcendo para que aquilo fosse apenas uma brincadeira de mau gosto. Esfregando as têmporas, ele falou:

– Acho que pode ter sido Joe. Não sei quem mais poderia fazer uma coisa dessas, ou então entrar no meu quarto. Só que, se fosse mesmo ele, teria deixado alguma coisa pra vocês também – Dan arrumou seu macarrão em um montinho. – Não gosto de ser o único escolhido para sofrer esse tipo de retaliação.

– E então, o que você vai fazer? – perguntou Abby, devolvendo o bilhete.

Dan encolheu os ombros. Sabia que seria impossível explicar por que estava tão incomodado. Nem ele mesmo havia entendido aquilo.

– Ignora isso – aconselhou Jordan. – Joe está querendo provocar você, só isso. É assim que agem os valentões como ele. Acredita em mim, eu sei como é. Se você não der bola, ele desiste.

Ficaram em silêncio por um instante. Então Abby falou:

– Tem mais uma coisa. O seu bilhete... é importante, claro, mas eu também tenho uma coisa pra contar. Era o que eu ia dizer no café da manhã antes de ficar tão... tão brava – ela fez uma pausa. – Não sei muito bem como dizer isso – ela começou, entrelaçando os dedos uns nos outros. – Então vou simplificar. Assim é melhor, porque nada aqui parece ser simples.

Enquanto ela falava, Dan percebeu que sua expressão corporal mudou. Seus ombros desabaram, e o brilho em seus olhos desapareceu.

Abby respirou fundo.

– A minha tia, irmã do meu pai. Ela foi uma paciente daqui.

A revelação foi recebida em silêncio. Dan e Jordan se entreolharam.

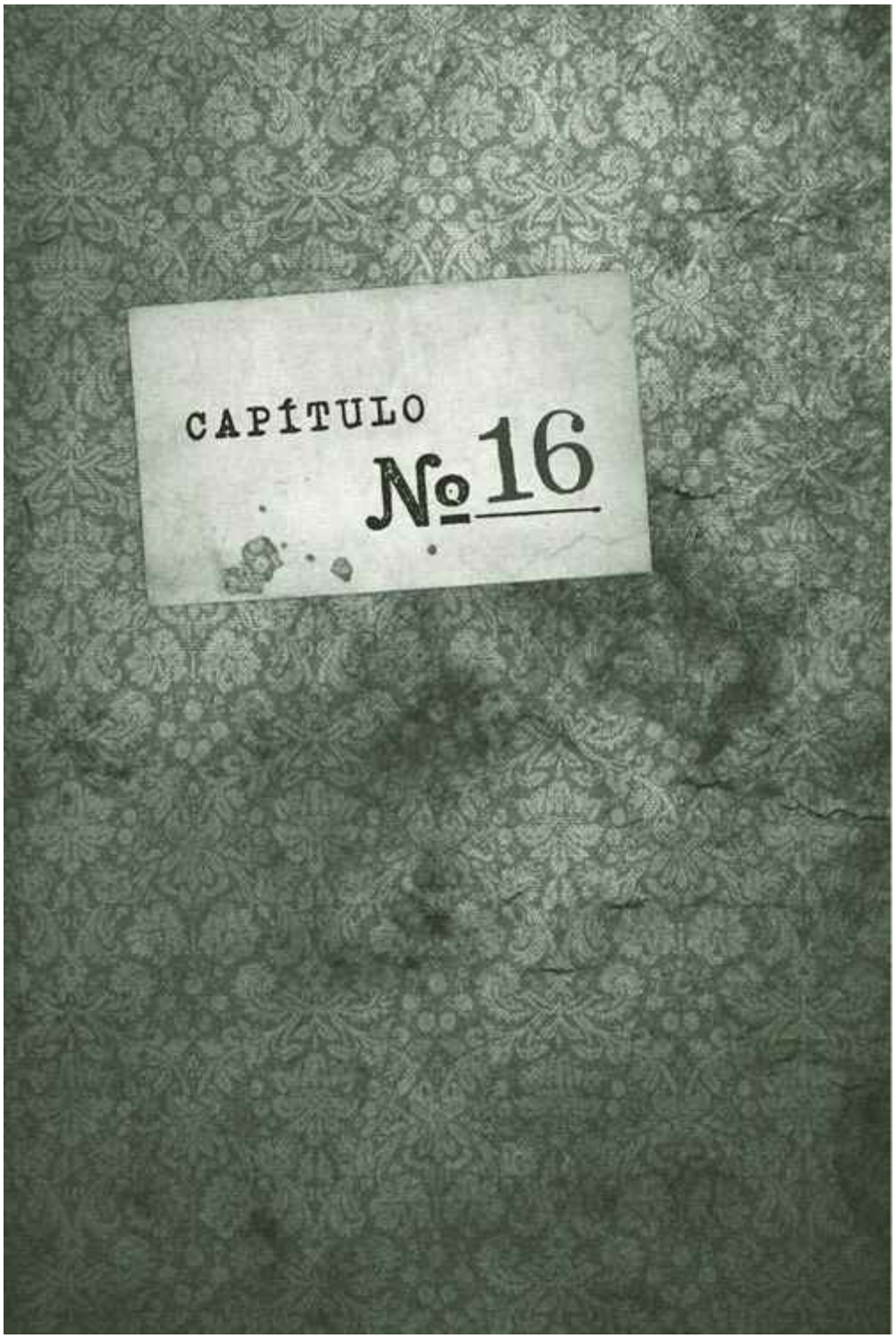
– Hã... como você sabe? – questionou Dan.

– Olhem só o que eu encontrei ontem à noite.

Abby tirou uma ficha de dentro do casaco impermeável. Era idêntica a todas as outras que estavam no escritório do diretor, incluindo a de Dennis Heimline. Então Abby também havia levado algo de lá.

Com as mãos trêmulas, Abby virou a ficha para que Jordan e Dan pudessem ler. Tinha apenas quatro linhas, batidas à máquina.

Valdez, Lucy Abigail.
Nascimento: 15/07/1960
DA: 12/02/1968
Recuperação: N


CAPÍTULO
Nº 16

A princípio, Dan não entendeu nada. Aquelas palavras não faziam sentido. Mas então seu foco foi se ajustando.

Lucy. Abigail. Valdez.

Abby Valdez.

– É um sobrenome bem comum – Dan disse por fim, gaguejando um pouco. – Certo? – ele viu os olhos arregalados de Abby. – *Certo*?

Ela sacudiu a cabeça, apertando os lábios.

– É a minha tia mesmo. A minha tia Lucy. Eu tenho esse nome por causa dela.

– Qual é, Abby? – falou Jordan. – Não é sua tia. Isso é impossível.

Dan se recostou na cadeira, em silêncio, esperando por uma explicação. Caso existisse uma.

– Acho que é possível, sim – uma rajada de vento sacudiu as janelas. A chuva batia no vidro com força, como se fossem pedras. Abby olhou para fora e depois para eles. Estava claramente segurando o choro. – Os meus avós eram muito rígidos com o meu pai. Lucy, a minha tia, nunca se deu muito bem com eles, desde pequena. Ela não escutava ninguém, dava respostas malcriadas, gritava, quebrava coisas, enfim. Um dia eles tiveram uma tremenda briga. Meu pai nem sabe o que aconteceu, ele tinha só cinco anos, mas lembra de Lucy ter saído de casa furiosa e batido a porta. Naquela noite, ele acordou depois de ter um pesadelo, e Lucy não estava na cama. Com sete anos de idade, ela tinha *desaparecido*. Simplesmente... desaparecido. Meus avós agiam como se estivesse tudo normal, e, quando meu pai perguntava, eles ficavam bravos e pediam para ele nunca mais repetir aquele nome de novo.

Dan ficou perplexo. A história era plausível, mas quais seriam as chances de ela ter ido parar justamente ali?

– Talvez o nome seja só uma coincidência – ele comentou, sem nenhuma convicção. Aquela era sua esperança, não sua opinião.

– Coincidência seria se nós três escolhêssemos a mesma sobremesa! – rebateu Jordan. Apontou para a ficha com o copo na mão. – O que Abby está dizendo é uma esquisitice mesmo.

– Que foi, não está acreditando? – perguntou Abby. Pelo tom de voz, ela parecia esperar que Jordan dissesse o contrário, mas ele se manteve em silêncio. – É isso, então? Você não acredita em mim.

– E o que você esperava? Pensa bem, quais são as chances de você vir fazer um curso de verão no lugar onde sua tia foi internada como *louca*? – Jordan se recostou na cadeira, os braços cruzados. – Acho que você tem alguma informação a mais que não quer contar. Ou então não está dizendo a verdade.

Dan viu os ombros de Abby começar a subir e descer enquanto ela se esforçava, sem sucesso, para controlar sua respiração. Era tarde demais para tentar intervir, e ele também não saberia como ajudá-la naquela situação. Jordan tinha razão; tratava-se de uma coincidência difícil de acreditar, mas Abby não traria esse assunto à tona caso não o levasse muito a sério. "Ou traria?", murmurou uma vozinha no fundo de sua mente. O que ele realmente sabia sobre ela, afinal de contas? Seu estado de humor nas últimas vinte e quatro horas tinha oscilado um bocado. Ele interrompeu aqueles pensamentos. Abby não faria brincadeiras com uma coisa dessas. De jeito nenhum.

– Certo – Abby disse por fim, tentando se recompor. – Eu não queria contar, mas acho que agora não tem mais jeito.

Dan e Jordan se entreolharam, preocupados.

Abby pegou a colher e começou a remexer na sopa antes de falar:

– Quando eu era pequena, gostava de revirar o guarda-roupa da minha mãe para procurar chapéus, saias e echarpes para brincar. Nesse armário ficavam as coisas do meu pai também, e um dia eu encontrei uma... uma caixa – ela respirou fundo. – Eu não sabia o que era, mas quando abri encontrei um monte de papéis e comecei a ler. Eram cartas. Do meu avô. Ele já tinha morrido nessa época, e meu pai nunca falava dele, a não ser para comentar quanto ele era cruel... mas nessas cartas... meu avô pedia mil desculpas. Dizia que sentia muito por ter mandado a pequena Lucy para um lugar como *aquele*.

– E, obviamente, esse lugar era o Brookline – falou Jordan com toda a frieza possível. Ele ainda não estava acreditando.

– Só pode ser – Abby se apressou em responder. – Tinha trechos na carta dizendo que ela era perigosa e que foi mandada pra longe pro seu próprio bem. E além disso... meu avô falava toda hora em "ir a New Hampshire". Ele não mencionou o nome do Brookline, mas...

– Mas você sabe muito bem somar dois mais dois – completou Dan, oferecendo seu apoio.

Ela balançou a cabeça.

– A história se encaixa perfeitamente. Olha só, eu também duvidei que isso fosse possível. Uma parte de mim achava que era tudo minha imaginação ou que não tinha entendido nada do que li. Depois que encontrei as cartas, meu pai mudou a caixa de lugar. Mas eu nunca mais esqueci. E, quando recebi informações sobre o curso, bom, encarei o fato de ser em New Hampshire como um sinal.

– Um sinal de quanto essa história toda é *ridícula*! – reclamou Jordan, afundando na cadeira. – Está me dizendo que veio pra cá estudar artes e tentar encontrar sua tia desaparecida enquanto isso? Matar dois coelhos com uma cajadada só?

Abby ficou horrorizada com aquele comentário.

– Jordan... – falou Dan.

Mas Jordan foi em frente, apontando primeiro para Dan e em seguida para Abby.

– Já entendi, vocês inventaram essa brincadeirinha para ficar rindo da minha cara. Ha, ha. Muito engraçado. Mas não está funcionando. Eu não sou tão inocente assim.

– Jordan, por que eu inventaria uma coisa dessas? Seria loucura...

Jordan encolheu os ombros.

– Quem é que sabe? Por diversão? Pra chamar atenção? Me diga você.

– Minha nossa, você é bem cretino às vezes! – ela cerrou o maxilar e olhou para Jordan como se nunca o tivesse visto.

– Vamos acalmar os ânimos e parar pra pensar um pouquinho – disse Dan, incomodado por ver os dois brigar. – Pra começo de conversa, Jordan, preciso perguntar: você realmente acha que eu escrevi esse bilhete pra mim mesmo? Só pra chamar atenção?

Jordan suspirou.

– Já nem sei mais, cara. Não estou entendendo nada. Só não quero ser feito de idiota. E estou com a impressão de que vocês se juntaram contra mim.

– Certo. E você, Abby, acha mesmo que não há a menor chance de existir outra Lucy Valdez? – ele continuou.

– Não existe essa chance – Abby respondeu com firmeza. – E aposto que naquela ala desativada existem mais informações sobre o que fizeram com ela.

Jordan soltou um risinho de deboche.

Abby bateu com a mão fechada na mesa. Os outros dois deram um pulo da cadeira. O prato de Dan balançou e seu montinho de macarrão desabou.

– O que eu preciso fazer para vocês *acreditarem* em mim?

Jordan não disse nada.

– Eu acredito em você – Dan murmurou.

– Ah, o Peeta Mellark aqui acredita em você. Ou seja, a chuva é molhada... – ironizou Jordan. – Mas que surpresa.

Ele pegou o café e a torta e saiu da mesa sem dizer nada. O temporal lá fora e o burburinho do refeitório encobriram o silêncio de sua retirada súbita.

– Você está bem? – perguntou Dan.

– Você estaria?

– Não, acho que não.

– Então está respondido – ela tomou uma colherada da sopa. – Eca. Está fria.

Dan tentou encontrar alguma coisa para dizer, mas só o que passava por sua cabeça era o fato de que, como tinha escondido aquele segredo tão bem, Abby deveria ter muitos outros que preferia não revelar. Não que ele fosse muito diferente.

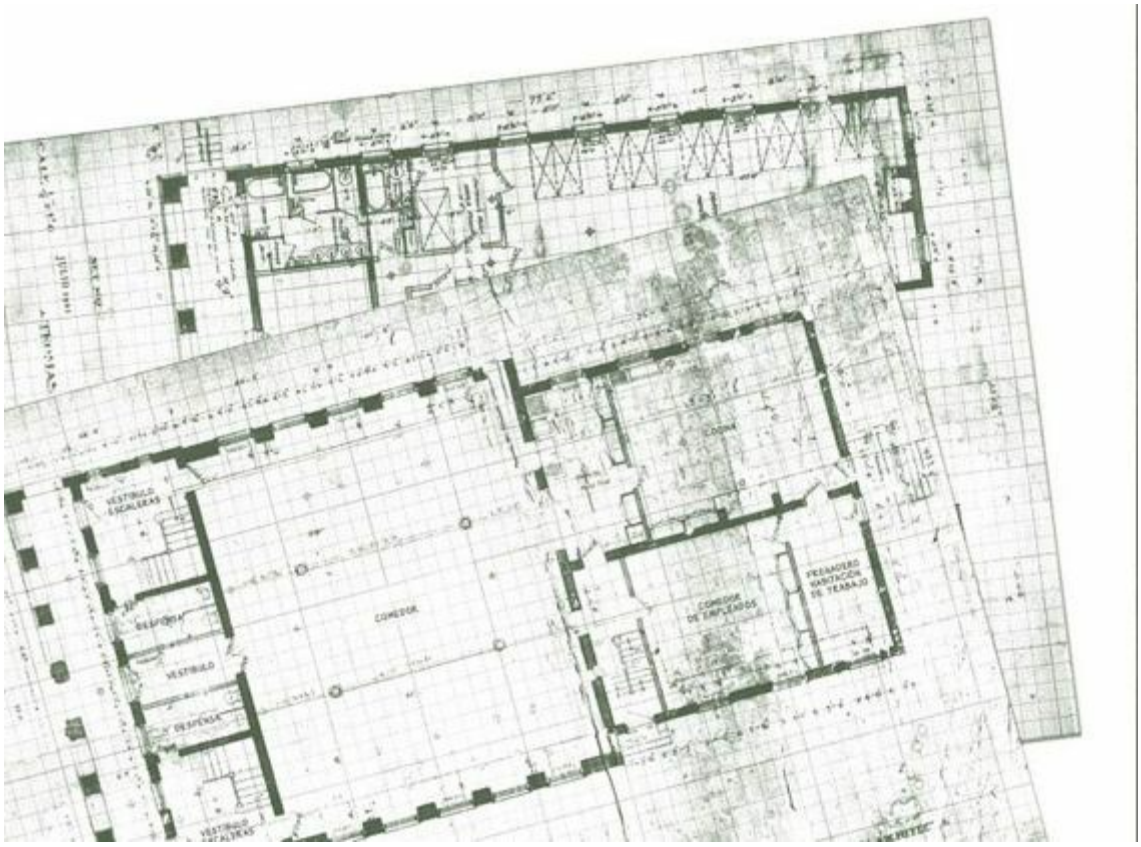
– Quer saber de uma coisa? Sobre o Jordan? Acho que ele não gostou de saber que saímos juntos como um casal. Deve estar com medo de que a gente não consiga ser uma dupla e um trio ao mesmo tempo.

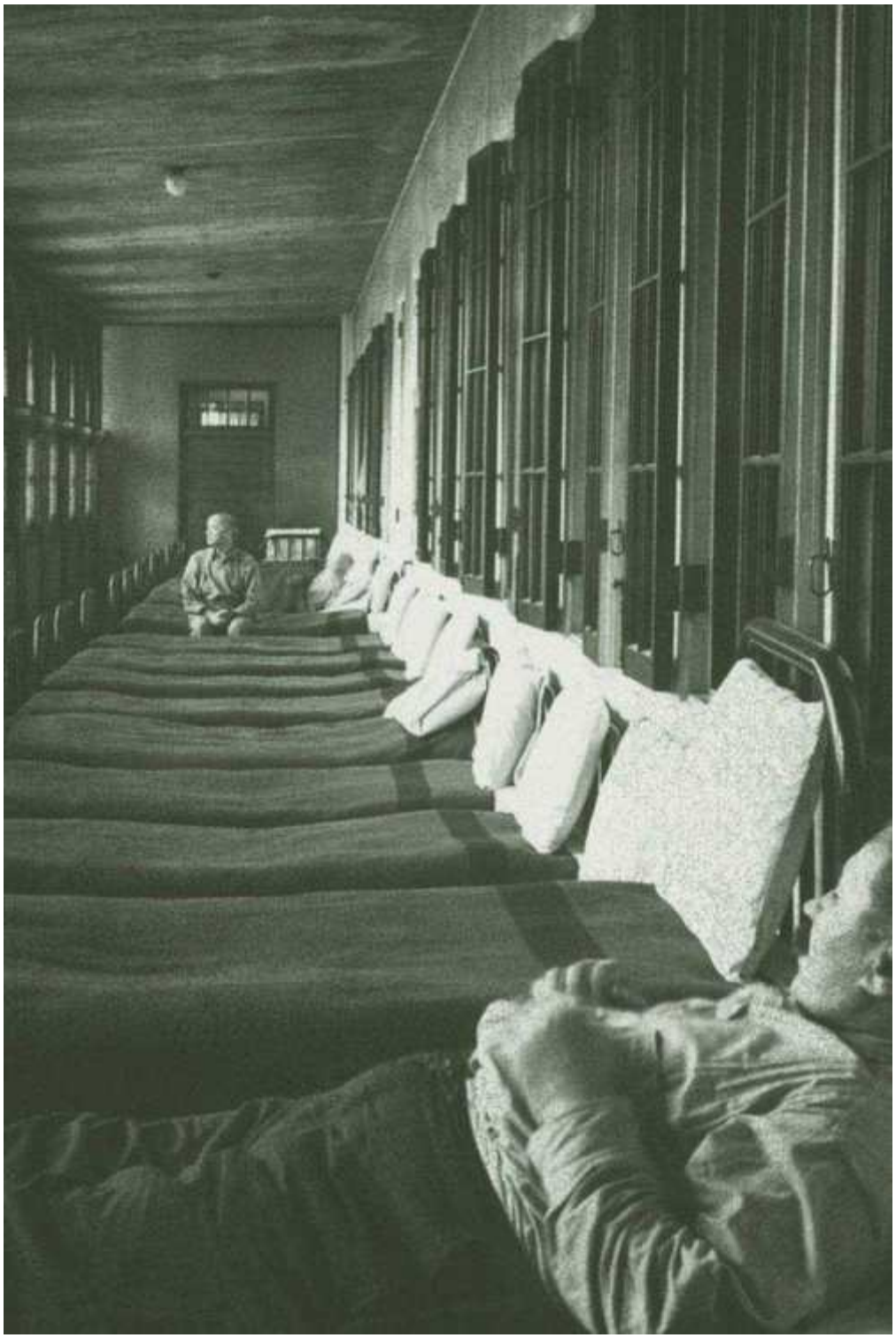
– Hã? Quê? Uma dupla? – Abby franziu a testa, olhando para um ponto distante. – Ah, sim. É, pode ser. Talvez seja isso mesmo.

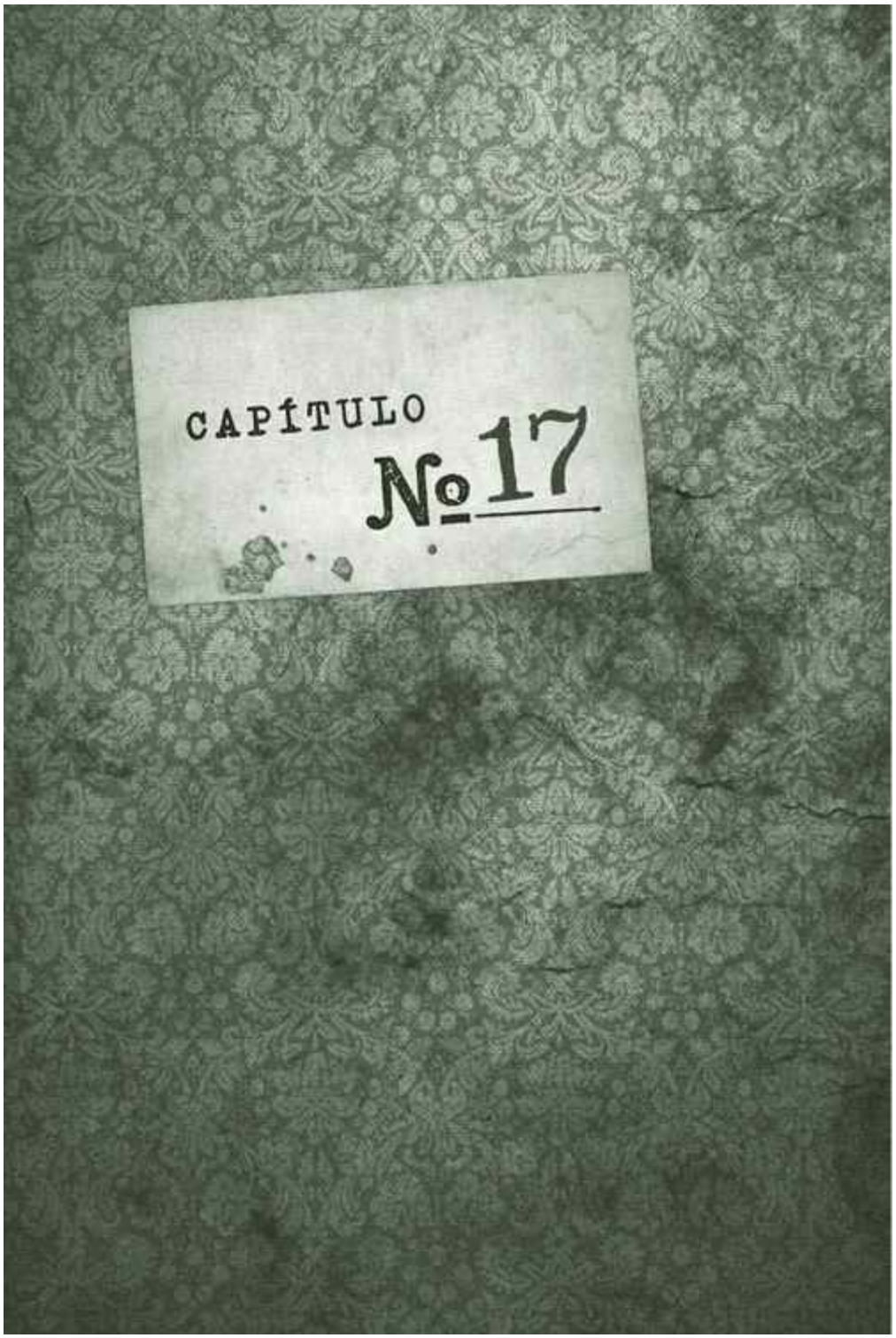
Essa resposta incomodou Dan mais do que deveria, considerando a briga que Abby havia acabado de ter com Jordan, mas a reação dela à menção de que formavam um casal não fora das mais receptivas. Parecia estar tudo saindo dos eixos. Suas novas amizades estavam se desintegrando – tanto em relação a ele como um ao outro. Ele precisava de respostas e de uma forma de manter a união do grupo, caso contrário se veria de novo sozinho entre estranhos. A hidra *de fato* morreria.

– Não se preocupe, a gente vai descobrir tudo – ele falou.

– *Eu* pelo menos sei que vou – disse Abby, fria e distante. – Ainda vou voltar àquele escritório. Seja como for.


VESTIBULO ESCALERAS
RECEPCION
VESTIBULO
COMEDOR
COCINA
COMEDOR DE EMPLEADOS
FREGADERO VENTILACION DE TRABAJO




CAPÍTULO
Nº 17

A manhã seguinte foi dia de escolher novas aulas, o que significava que a primeira semana já havia chegado ao fim. Em certo sentido, nem parecia que tanto tempo tinha se passado, mas, pensando bem, parecia muito, muito mais.

Dan pensou em esperar Abby e Jordan no prédio da administração para perguntar se fariam alguma aula juntos, mas, quando chegou, viu Abby já percorrendo as mesas do departamento de artes. Ela fez um aceno rápido para ele e seguiu seu caminho. Aquilo o magoou, mas Dan aguentou firme.

– Então, acho que acabei exagerando ontem à noite.

Era Jordan. Ele segurou Dan pelo braço e o puxou para a mesa de matemática teórica.

– Você *acha*? – questionou Dan.

– Sim, sim, eu sei que você está do lado dela – começou Jordan –, mas juro que estava pensando no melhor pra nós dois. Cá entre nós, eu já vi outras meninas como Abby ter crises de identidade antes. Logo ela esquece essa história de "tia", você vai ver.

– Isso não soou exatamente como um pedido de desculpas – comentou Dan. E, aliás, o que ele quis dizer com "outras garotas como Abby"?

– É verdade – Jordan espichou os olhos na direção da mesa, onde estava a ficha de inscrição. – Escuta só, a Abby é muito legal, eu gosto dela e tudo o mais e lamento muito se essa história da tia for verdade. Eu só não posso ficar me metendo nesse tipo de drama agora. Vim aqui pra estudar matemática, e não entrar numa caçada maluca aos fantasmas do passado. Enfim, eu poderia ter reagido de outra forma, claro. O que estou tentando dizer é: desculpa por ter sido um babaca ontem à noite. E sobre o negócio da hidra, é como você falou, deve ser tudo uma palhaçada do Joe.

– Pra mim você não precisa pedir desculpas – Dan respondeu, encolhendo os ombros.

– Tem certeza?

– Claro.

– Tudo certo, então.

Eles chegaram ao começo da fila, e Jordan assinou seu nome na ficha com o garrancho miúdo de um verdadeiro matemático.

– Eu vou até ali me inscrever na aula de literatura alemã do século XX – avisou Dan.

Jordan enfiou o dedo na boca e fez um barulho de quem quer vomitar, abriu um sorriso e foi na direção contrária.

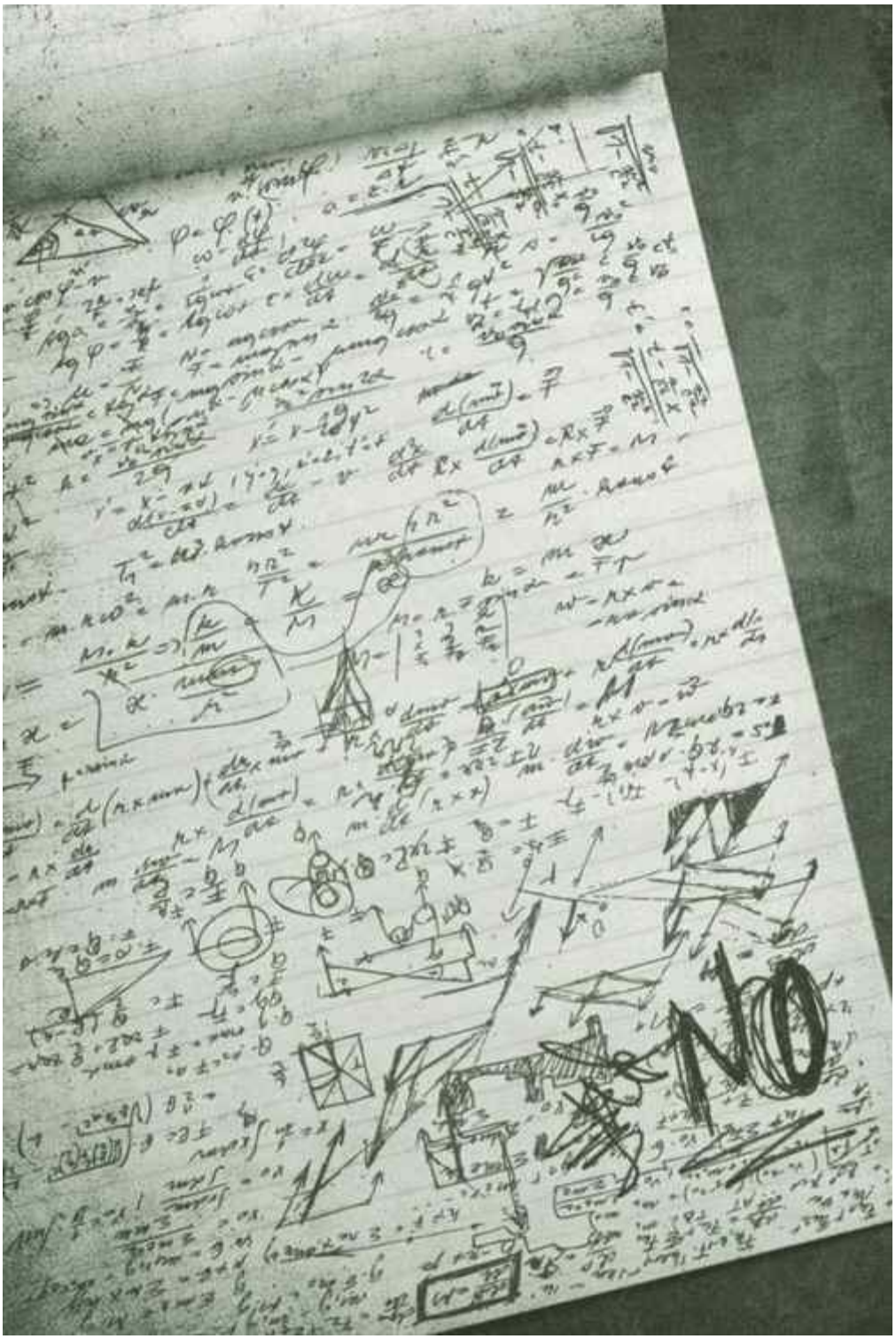
Apenas no fim da manhã, depois de pegar várias filas, Dan percebeu a triste verdade: os três não haviam se matriculado em nenhuma aula juntos. Ao caminhar em meio aos estudantes que conversavam do lado de fora do prédio, finalmente encontrou Abby, falando com algumas pessoas que ele não conhecia. Esperou até que ela notasse sua presença e se despedisse dos demais com um aceno. Ela se aproximou e imediatamente começou a falar com empolgação sobre as novas aulas que faria: retratismo avançado, impressionismo e narrativa visual em quadrinhos. Jordan se juntou a eles, e sua lista de aulas era igualmente restritiva: cálculo multivariável, análise real e complexa... Dan não era ruim de matemática, mas aquilo ia muito além de seu nível de habilidade com os números. Ele olhou para seu próprio horário: história, literatura, mais história... não havia nada em comum.

Durante a conversa, Dan percebeu que, por mais que parecesse um bate-papo amistoso para qualquer um que os observasse, Abby não olhou nem uma vez para Jordan, que por sua

vez direcionava todas suas piadinhas a Dan. Não havia mais como negar: no decorrer de poucos dias – na verdade poucas *horas* – sua dinâmica agradável de convivência tinha mudado totalmente. Era isso mesmo que acontecia quando as pessoas se aproximavam, como ele sempre pensou?



Um novo cronograma de aulas significava uma nova rotina. Com o mapa sempre no bolso, Dan ia perambulando de prédio em prédio, adaptando-se a um novo padrão de deslocamentos. Ele mal conseguia ver Jordan e Abby. Até mesmo seus horários de almoço deixaram de coincidir. Eles ainda jantavam juntos todas as noites, mas as conversas passaram a girar em torno de piadinhas internas e histórias ocorridas nas aulas que os outros dois "precisavam estar lá para entender". Jordan falou que tinha se desculpado com Abby, e o fato de eles ainda se sentarem à mesma mesa era uma prova disso. Porém, ela parecia distante, e fazia de tudo para evitar menções a sua tia. Dan se perguntou se ela ainda pretendia voltar à sala do diretor. Pessoalmente, ele preferia nunca mais entrar naquele lugar.



Na noite de sexta-feira, Dan encontrou Jordan na mesa de sempre no refeitório. Havia três blocos de folhas de fichário amarelas ao lado de sua bandeja de comida, repletos de anotações ilegíveis. Quando se aproximou, Dan viu que eram números e equações – o tipo de equação que tinha letras suficientes para parecer frases. Jordan aparentemente não notou a chegada de Dan e continuou debruçado sobre seus papéis, passando as mãos em altíssima velocidade pelas folhas.

– Lição de casa? – perguntou Dan, sentando-se na cadeira do lado oposto da mesa. Era a primeira vez que via Jordan estudando fora da sala de aula, e o fato de ser uma sexta-feira à noite tornava tudo ainda mais inusitado.

– Não exatamente – Jordan coçou a têmpora direita com a tampa da caneta. – Um dos professores passou um problema que em tese é impossível de resolver. Mas não existe

nenhuma demonstração que *comprove* isso. Então eu estou tentando chegar a uma solução ou comprovar que o problema é insolúvel. O que der pra fazer. É uma espécie de projeto pessoal.

– Ou então um sintoma de TOC.

A intenção de Dan era fazer uma piada, mas Jordan levantou a cabeça em um sobressalto, e seus cabelos rebeldes voaram para todos os lados.

– Como é?

– Nada – Dan se apressou em dizer.

Jordan se debruçou sobre sua papelada de novo.

Foi quando, com o refeitório lotado e Jordan preferindo a companhia dos números do que a dele, Abby chegou. Ela passou pelo balcão de salada e pegou também um copo de suco de laranja, mas, em vez de ir se sentar com eles, dirigiu-se à mesa onde estava o pessoal das aulas de artes. Ele sabia que aqueles eram os alunos do programa de artes porque fumavam sem parar, vestiam-se como figurantes da Broadway e usavam óculos de vovó, apesar de a maioria não ter nenhum problema de visão.

Jordan também notou o que aconteceu, apesar de mal tirar os olhos do papel.

– Eles se acham o máximo – falou ele.

– Eu não sabia que ela andava com esse pessoal.

Dan se sentiu mal imediatamente depois de fazer aquele comentário. Parecia uma picuinha de colégio. Nós contra eles. Os populares contra os rejeitados.

– Oi – disse Abby quando enfim se juntou a eles. Ela se sentou e deixou um caderno de desenho na cadeira ao lado. – Eu estava mostrando meus desenhos novos a Ash e Patches.

– *Patches*? – perguntou Jordan, olhando para ela.

– Sim, Patches. Algum problema?

"Perigo. Perigo."

– Não – Jordan deu uma risadinha discreta o suficiente para ser confundida com uma tossida. Ele voltou sua atenção de novo para seus papéis. – Problema nenhum.

Abby se remexeu na cadeira e se sentou sobre uma das pernas. Apesar da expressão animada e das flores de papel nos cabelos, parecia incomodada com alguma coisa. O coração de Dan se acelerou quando ela disse:

– Então, eu estava pensando em ir hoje à noite. O que você acha? Está a fim de fazer uma exploração?

– Não sei. Foi uma semana difícil – ele preferiria nunca ter entrado naquela ala desativada. A relação entre eles não era mais a mesma por causa disso. A própria Abby estava mudando. Dan procurou não dar o braço a torcer. – Eu pensei em ver um filme ou coisa do tipo. Um programa tranquilo. Porque se a gente for pego de novo...

– Ninguém vai ser pego de novo – ela interrompeu, decidida, ignorando o que ele tinha a dizer. Abby deu mais uma garfada na salada, devorando tudo com tanta pressa que não devia nem estar sentindo o gosto da comida. – E então, a gente se encontra lá embaixo às onze?

– Hã... Não sei... – respondeu Dan, inseguro.

– Minha nossa, Abby, dá um tempo. Não está vendo que ele não quer ir? – disse Jordan, olhando para os dois com um sorrisinho no rosto.

– Muito *obrigada* por entrar na conversa, Jordan. Eu até ia convidar você pra ir junto, mas com certeza ficar remoendo números é muito mais interessante.

Abby espetou um tomate-cereja com o garfo, que fez um ruído ao se arrastar contra a

tigela, provocando um frio na espinha de Dan.

– Pior é que deve ser *mesmo*. Você pode convidar os seus amigos artistas superdescolados pra ir no meu lugar – respondeu Jordan.

– Talvez convide mesmo. Pelo menos eles não vão ficar dando uma de *Uma mente brilhante*.

– Você nem *imagina* o que está se passando na minha mente agora – afirmou Jordan. – Por causa desse escritório idiota eu ando tendo uns sonhos. *Pesadelos*. Como se alguma coisa tivesse entrado em mim quando a gente estava lá e agora estivesse tentando sair. Mas que diferença isso faz, não é mesmo? Você está tão ocupada pensando em si mesma que nem presta mais atenção nos outros.

Abby abriu a boca para responder, mas a fechou logo em seguida.

A missão de apaziguar os ânimos mais uma vez coube a Dan.

– Que tipo de pesadelo? – ele perguntou, atencioso.

– Não quero falar sobre isso.

Jordan passou uma das mãos sobre os cabelos desalinhados, sujando a testa de tinta de caneta, tirou os óculos e limpou as lentes na roupa. Ele parecia infeliz como nunca. Dan sabia que era melhor não pressioná-lo.

Em seguida, Jordan soltou um suspiro.

– Na verdade, quero falar sobre isso, sim – ele olhou ao redor, preocupado, querendo se certificar de que ninguém mais estava ouvindo.

– Foi na noite em que vocês desceram até aquele porão... quando a gente foi pego. Eu ando tendo o mesmo sonho toda noite desde então. *Exatamente* o mesmo sonho. Estou sempre em uma... em uma cela, com um monte de médicos de jaleco branco olhando pra mim, só que eles não têm rosto. Consigo ouvir a voz deles e ver suas mãos segurando os instrumentos cirúrgicos, mas no lugar dos olhos, do nariz e da boca só há buracos. E então eles me seguram, me amarram e... – Jordan se encolheu todo, em uma postura que Dan comparou à de um animal ferido.

– Eles me mostram fotos. E me dão choques. Um atrás do outro. E, no meio de uma dor quente e aguda, eu escuto meus pais conversando com os médicos, que dizem: "Ele vai melhorar. Já está começando a melhorar".

– Que horror! – murmurou Abby. – Eu sinto muito, Jordan.

Jordan balançou a cabeça, olhando de novo para suas equações.

Dan ficou sem reação. Na aula da professora Reyes, ele tinha aprendido que os eletrochoques eram usados como uma forma de "curar" a homossexualidade. Jordan também saberia disso ou esse fato apareceu espontaneamente em seus sonhos? Além disso, os sonhos de Jordan eram bem parecidos com os dele. Seria mais uma coincidência difícil de acreditar? Ou eles estavam adentrando uma espécie de in consciente coletivo jungiano? Qual poderia ser o ponto de ligação entre todos esses fatos?

Jordan recolheu seus papéis e guardou a caneta no bolso da calça. Ele se levantou, abriu um meio sorriso e apanhou sua bandeja. A comida continuava intocada.

– Preciso dormir um pouco. Vejo vocês por aí...

Jordan foi passando por entre as mesas, ignorando aqueles que o cumprimentavam pelo caminho.

– Acho que isso significa que ele não vai descer lá com a gente – falou Abby, voltando a

comer sua salada.

Dan ficou perplexo.

– Esse seu comentário foi meio insensível, não acha?

– Mas não deixa de ser verdade! – com um suspiro, Abby largou o garfo na tigela e se recostou no assento. – E você só está incomodado porque também não quer ir, então por que não diz isso logo de uma vez?

– Não é que eu não queira ir com você... – Dan tentou encontrar as palavras certas para dizer o que pretendia. – É que essa história toda está esquisita demais. Você quer saber mais sobre a sua tia, e isso eu entendo perfeitamente. Você precisa de respostas, e eu entendo isso também. O problema é que...

– Você não tem obrigação nenhuma de me ajudar, Dan. Eu posso muito bem fazer isso sozinha.

Abby apanhou seu caderno de desenho.

– Mas eu quero ajudar – ele afirmou. – E quero ajudar o Jordan também, e além disso...

"Eu também estou atrás das minhas próprias respostas."

– Então *ajuda*!

Ela tropeçou no pé da mesa ao se virar para ir embora. Quando se agarrou à mesa para não cair, derrubou o caderno. Dan estendeu a mão para não deixá-lo ir ao chão.

Tarde demais. O caderno se abriu ao atingir o chão, revelando páginas e páginas de desenhos obscuros e sombrios. Algumas folhas soltas se espalharam pelo piso, revelando tons de vermelho e preto com toques de azul e cinza e sempre a mesma figura no centro de cada desenho. A roupa branca que usava e o olhar vazio em seu rosto denunciaram de quem se tratava.

– *Lucy* – murmurou Dan. – Você acha que a menina na fotografia é Lucy Valdez...

– Eu estava inspirada, nada mais.

Abby pegou o caderno e juntou as folhas soltas espalhadas pelo chão.

– Acho que você deveria procurar inspiração em outras coisas.

"Merda." Aquilo não soou da maneira como ele gostaria.

– E o que você sabe sobre isso, Dan? Você não é artista. Você é... eu nem sei o que você é. Você não se abre. Nunca diz o que pensa. Você acredita mesmo no que eu contei sobre a minha tia? Nem isso eu sei. Você recebeu um e-mail bizarro e um bilhete de ameaça e diz que está atrás de respostas, mas não quer nem ir até o porão comigo. O *que* você é, Dan? E de que lado está?



Abby virou as costas e saiu pisando duro, sem dar a ele a chance de responder. Dan queria dizer *alguma coisa*, mas a essa altura ela já estava na mesa com seus amigos artistas, e a última coisa que ele queria era ter uma plateia quando fosse se explicar.

Além disso, o que ele poderia dizer? Ela tinha razão – Dan não contava nada a *ninguém*. Ele não gostava de se arriscar. Era cauteloso. Ensimesmado. Não tinha revelado quase nada sobre si para ela e Jordan. Mas Abby tinha visto alguma coisa nele no começo. Isso não existia mais?

"O que ele era?", ela perguntara. Ele era muitas coisas. E se via paralisado diante de milhões de possibilidades diferentes. Queria estar com Abby, e essa era sua motivação mais forte e clara. Mas o medo do que esperava pelos dois na ala desativada o dominava. Quando desciam àquele lugar, coisas ruins aconteciam com eles – e com sua amizade.

Dan começou a limpar a mesa, sentindo o rosto ficar vermelho. Ele pegou sua bandeja e saiu do refeitório sem nem olhar para Abby e sua nova turma.

Do lado de fora, o ar fresco foi um alívio. Ele parou e olhou para trás, pela janela do refeitório. Abby estava de costas, mas, pela maneira como seus ombros se moviam, ele notou que ela ria.

Dan foi caminhando sem pressa de volta ao Brookline, os pensamentos apreensivos, e o coração ainda mais.

Quando chegou a seu quarto, vestiu o roupão e se dirigiu ao banheiro no fim do corredor. O chuveiro no reservado atrás dele estava vazando, gotejando sobre o ralo em um ritmo irregular. Enquanto lavava o rosto, ele se lembrou do que o diretor havia escrito sobre "raízes tortas". Qual era a origem da loucura? Uma paranoia e insegurança como a de Jordan ou uma obsessão inabalável como a de Abby? Ele tinha motivos para se preocupar? Aqueles eram sinais de algo mais sério?

"Eles estão no limiar entre a genialidade e a loucura. Você sabe muito bem como é isso."

Dan tirou as mãos do rosto e esfregou a pele com força até quase se ferir. Ele se enxugou e se olhou no espelho. Dan sempre escolhia o mesmo espelho, que tinha marcas pretas nos cantos que lembravam vagamente a forma de letras. A cada noite ele lia algo diferente ali. Naquela vez, parecia SOCORRO.


CAPÍTULO
Nº 18

– Talvez você se sentisse melhor se fosse dar uma corridinha. Estou bem mais energizado, agora que comecei a me exercitar. Eu já falei isso pra você, Dan?

Dan desviou os olhos do que estava lendo.

– Umas cinco vezes – ele murmurou. – Só hoje.

– Mas é verdade! – insistiu Felix do chão, onde estava fazendo sua bilionésima flexão de braço.

Durante os dias anteriores, Dan tinha ficado quase o tempo todo no quarto, vendo seriados na internet e de vez em quando lendo uma coisa ou outra para as aulas. Ele não conversou mais com Abby e Jordan desde a noite em que os três se desentenderam. No jantar, Abby se sentava com seus amigos das aulas de artes, e Jordan parecia ter desistido de ir comer no refeitório. Sendo assim, Dan passou a se sentar com Felix e a ouvir que seu colega de quarto estava gostando das aulas e que gostaria que o curso durasse mais que cinco semanas. Pelos menos *alguém* ali estava desfrutando de tudo como deveria.

– Setenta e cinco – contou Felix. Ele fez uma pausa, todo ofegante, e se ajoelhou. As palmas de suas mãos estavam vermelhas. – Vem comigo até a academia antes do jantar. Você vai ficar mais relaxado, esvaziar um pouco a cabeça.

Dan era obrigado a admirar a força de vontade de seu colega de quarto. Os *shake*s de proteína e as idas diárias à academia estavam transformando o antes magricelo Felix em um figurante de *Clube da luta*. Sua silhueta ainda era esguia, mas àquela altura Dan não teria mais peito para encarar uma briga com ele.

– Obrigado – Dan falou –, mas acho que academia não é muito a minha praia.

– Isso você só vai saber se tentar.

Felix se levantou, foi até o armário, pegou uma camiseta e uma jaqueta e as enfiou em uma sacola junto com um par de meias limpas e uma garrafa com água.

– Pelo menos tenta sair do quarto – Felix disse ao chegar à porta. – Dá uma caminhada, vai tomar um ar. Você pode ver *Battlestar Galactica* em casa. Não deixa o que aconteceu estragar o seu verão.

– Hã... Tá bom – Dan viu Felix sair e fechar a porta. – Obrigado, Oprah.

Mas Felix tinha razão, claro. Dan desceu da cama, fechou o laptop e vestiu roupas limpas. No momento em que foi pegar o celular, o aparelho começou a vibrar com tanta força que quase caiu da escrivaninha. Dan o apanhou às pressas e ficou aliviado ao ver a palavra MÃE estampada na tela.

– Alô?

– Oi, querido.

A voz de sua mãe quase se perdia no ruído da televisão ligada.

– Viva voz? – ele perguntou, dando risada. – Sério mesmo?

– O seu pai quer mandar um "oi" também, só isso. E então, como vão as coisas? Ainda está apaixonado pela vida na faculdade?

O entusiasmo dela era sempre contagiante, e Dan abriu um sorriso, apesar de estar meio para baixo.

– Eu não estou exatamente na faculdade, você sabe.

– Eu sei, eu sei, mas ainda assim...

– É o Dan? Oi, Danny!

– Oi, pai – ele apertou o nariz com os dedos na altura dos olhos e começou a caminhar de um lado a outro à beira da cama. – Então, pessoal, está tudo bem. Todo mundo aqui é bem legal, e as aulas são ótimas.

– E a Abby, como está? – perguntou sua mãe. Obviamente, foi a primeira coisa que ela quis saber.

– Está bem, ela é uma artista muito talentosa. E descobri que Jordan é tipo um gênio da matemática.

– Ora, que bom! – mais do que feliz, Sandy parecia aliviada. – Bom, nós ligamos para saber se estava tudo bem e para avisar que mandamos um pacote para você. Já deve ter chegado, na verdade, mas não sei como funcionam as entregas aí no *campus*. Tem chocolates e doces para você dividir com Abby e Jordan também, se eles gostarem tanto quanto você.

– Obrigado, mãe.

– Espero que você não esteja estudando agora – disse seu pai. – Você precisa aproveitar o verão também, certo?

– Pode deixar – disse Dan com sinceridade. Ele procurou o casaco com os olhos. – Mas escutem só, eu vou sair agora e ver se pego esse pacote. Já anoiteceu lá fora.

– Certo, Danny, e me avisa quando receber. Estamos com saudades! Sentimos a sua falta todos os dias.

– Valeu. Eu também estou com saudades.

Depois de desligar, Dan pôs a jaqueta e saiu do alojamento pela primeira vez no dia. A temperatura estava agradável. Ele passou pelo *campus*, onde Yi e seus amigos tocavam sentados na grama. Dan parou por um instante para ouvir. Pela primeira vez em muitos dias, sentiu seu estado de ânimo se elevar.

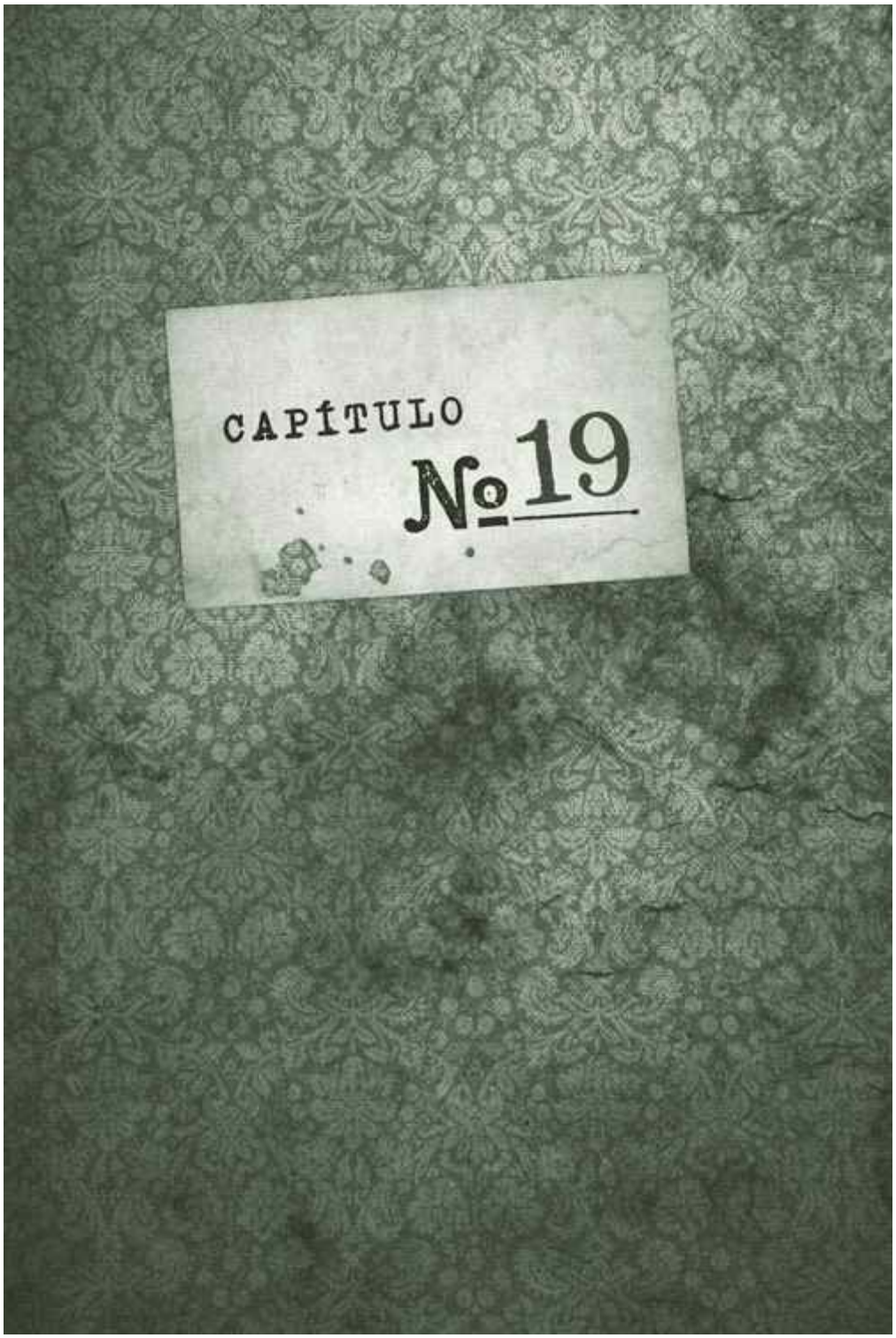
Ele decidiu cumprir a promessa que fez a seus pais e se desviou um pouco dos assuntos acadêmicos. Seria bom ter alguma coisa para lembrar de casa, e Dan estava faminto o suficiente para comer uma caixa inteira de chocolates.

No gramado diante do Pavilhão Wilfurd, um conselheiro da faculdade ensinava posições de ioga para alguns alunos sentados no chão. Dan passou por eles para chegar à entrada lateral do prédio, onde ficavam uma loja de conveniência, um centro acadêmico e as caixas postais individuais dos estudantes.

Dan encontrou a dele no meio das demais, a de número 3808. Ele se agachou e espiou pela janelinha de vidro, notando com surpresa que estava quase cheia. Com a chavinha que recebeu no dia em que chegou, abriu a porta para retirar as coisas. De fato, havia uma mensagem em papel verde avisando sobre a chegada de uma encomenda na recepção, além de alguns folhetos do curso, em boa parte informações para os estudantes interessados em fazer faculdade ali. Encontrou também um desenho que Abby tinha feito no verso de um exercício para uma das aulas. Ele se lembrou de vê-la rabiscando aquele papel na sala. Eram os três vestidos com armaduras, de pé sobre uma pilha de livros com os dizeres "VITÓRIA ACADÊMICA, IUPI!" em letras enormes na parte de cima. Dan guardou o desenho com um sorriso. Ele não sabia quando ela pôs aquilo ali, mas talvez fosse um sinal de que estivesse disposta a retomar a recém-rompida amizade. Decidiu ligar para ela quando voltasse ao alojamento.

Por último, Dan encontrou um envelope com a simples inscrição "3808" em tinta preta e linhas grossas.

“Ah, não, de novo, não.”


CAPÍTULO
Nº 19

Dan quase jogou fora o envelope. Não queria nem saber que tipo de ameaça haveria ali dentro. Mas no fim a necessidade de saber falou mais alto. Apesar do medo que sentia, ele o abriu.

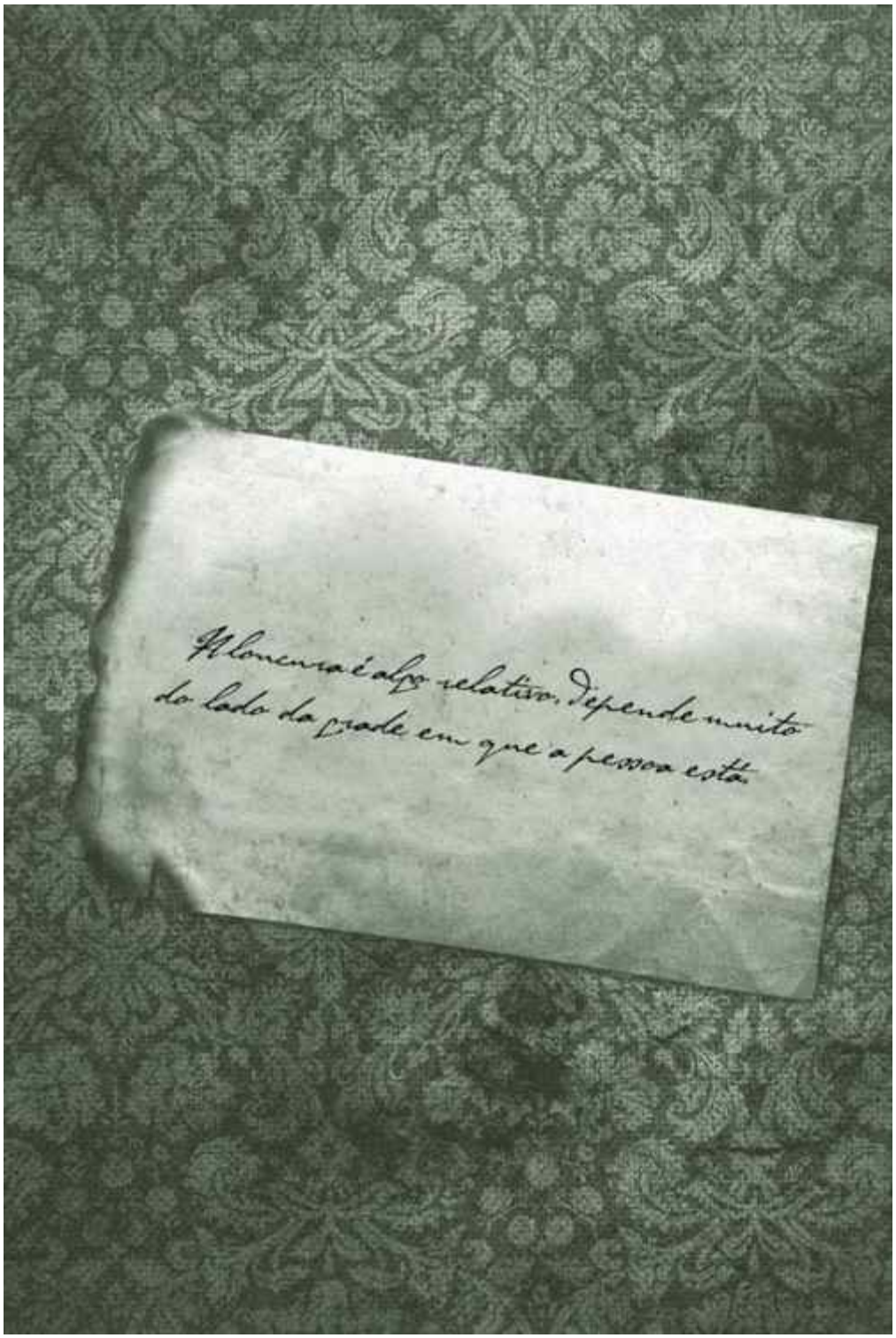
A loucura é algo relativo. Depende muito do lado da grade em que a pessoa está.

A caligrafia fina e angulosa era a mesma do bilhete da hidra. Dessa vez, porém, Dan não ficou amedrontado, e sim furioso. Alguém estava tentando deixá-lo perturbado e estava conseguindo.

Dan olhou ao redor. Não havia ninguém por perto, mas a sensação de estar sendo *observado* era inevitável. Jogou os folhetos da faculdade no lixo e guardou o bilhete no bolso da jaqueta. Quando foi retirar o pacote na recepção, sua mão estava trêmula, e ele saiu de lá quase correndo.

Ao chegar de novo ao quarto, tirou o bilhete do bolso e sentou à escrivaninha. Dan pesquisou aquelas frases no Google, pois pareciam uma citação. Sua desconfiança tinha razão de ser. Os principais resultados da busca mostravam que era uma fala escrita por Ray Bradbury para uma novela radiofônica.

Mas e daí? Ele pensou que descobrir a fonte da citação seria útil, mas no fim não serviu de nada. Quem pôs aquilo em sua caixa postal já tinha deixado um bilhete ameaçador em sua *mesa* antes. Já havia estado em seu quarto...



Dan se virou no assento. Obviamente, não havia ninguém por lá.

"Pensa. Pensa! Você está deixando passar alguma coisa que está bem debaixo do seu nariz."

Remexendo na gaveta da escrivaninha, Dan encontrou o primeiro bilhete e comparou os dois lado a lado. Observou a caligrafia sinuosa, o papel, a tinta... tudo combinava perfeitamente. Mas, fora isso, não dava para concluir muita coisa. Ele não sabia nem se as mensagens tinham sido escritas por um homem ou uma mulher.

Então, em resumo, o que ele sabia era: alguém sem nome nem sexo definido com uma predileção especial pelos escritos de Ray Bradbury por algum motivo tinha decidido aterrorizá-lo.

Dan pensou em ligar para Abby ou Jordan, mas decidiu que era melhor não. Aqueles

bilhetes eram para ele, não para os outros dois. Alguém o havia escolhido como alvo.

Dan comeu a pipoca de micro-ondas que recebeu pelo correio no jantar e se enfiou debaixo das cobertas em seguida. Ele não conseguia parar de tremer. Sua mente estava girando.

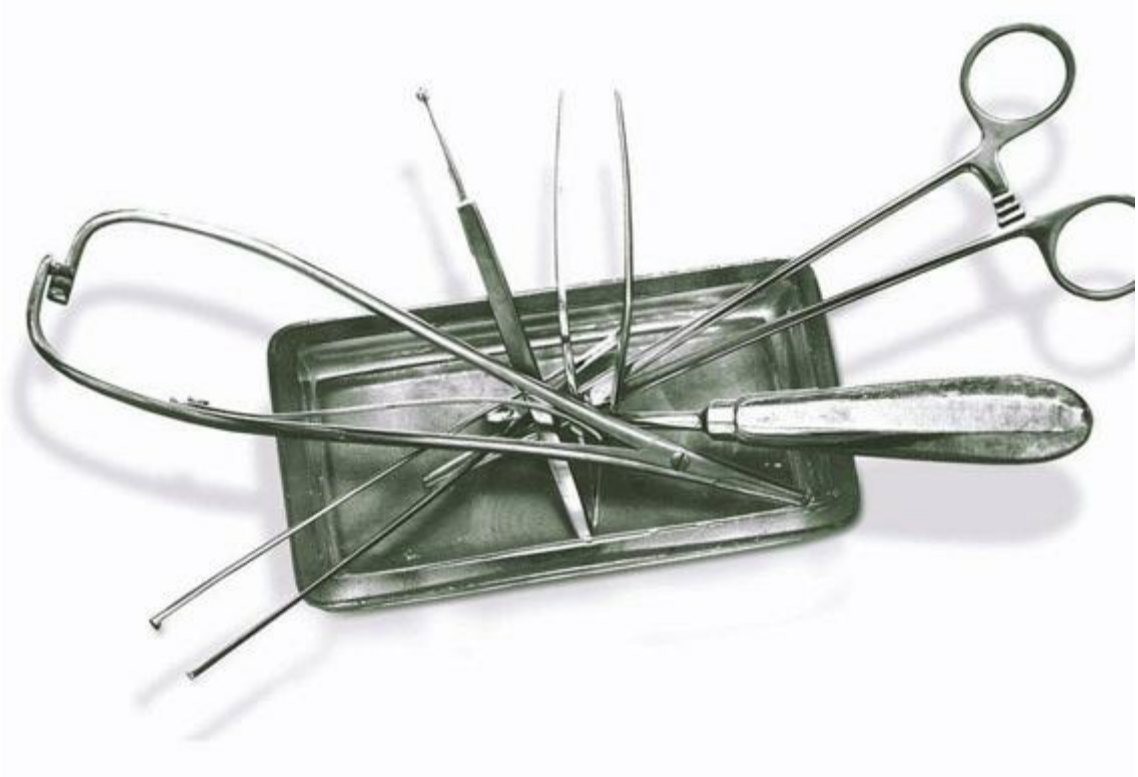
Pegou o celular e começou a procurar nos contatos até enfim achar o telefone da casa da dra. Oberst. Se havia alguém no mundo capaz de ouvi-lo sem fazer nenhum tipo de julgamento, esse alguém era ela. E ela havia falado que ele poderia ligar a *qualquer hora* durante o verão, caso as coisas se complicassem.

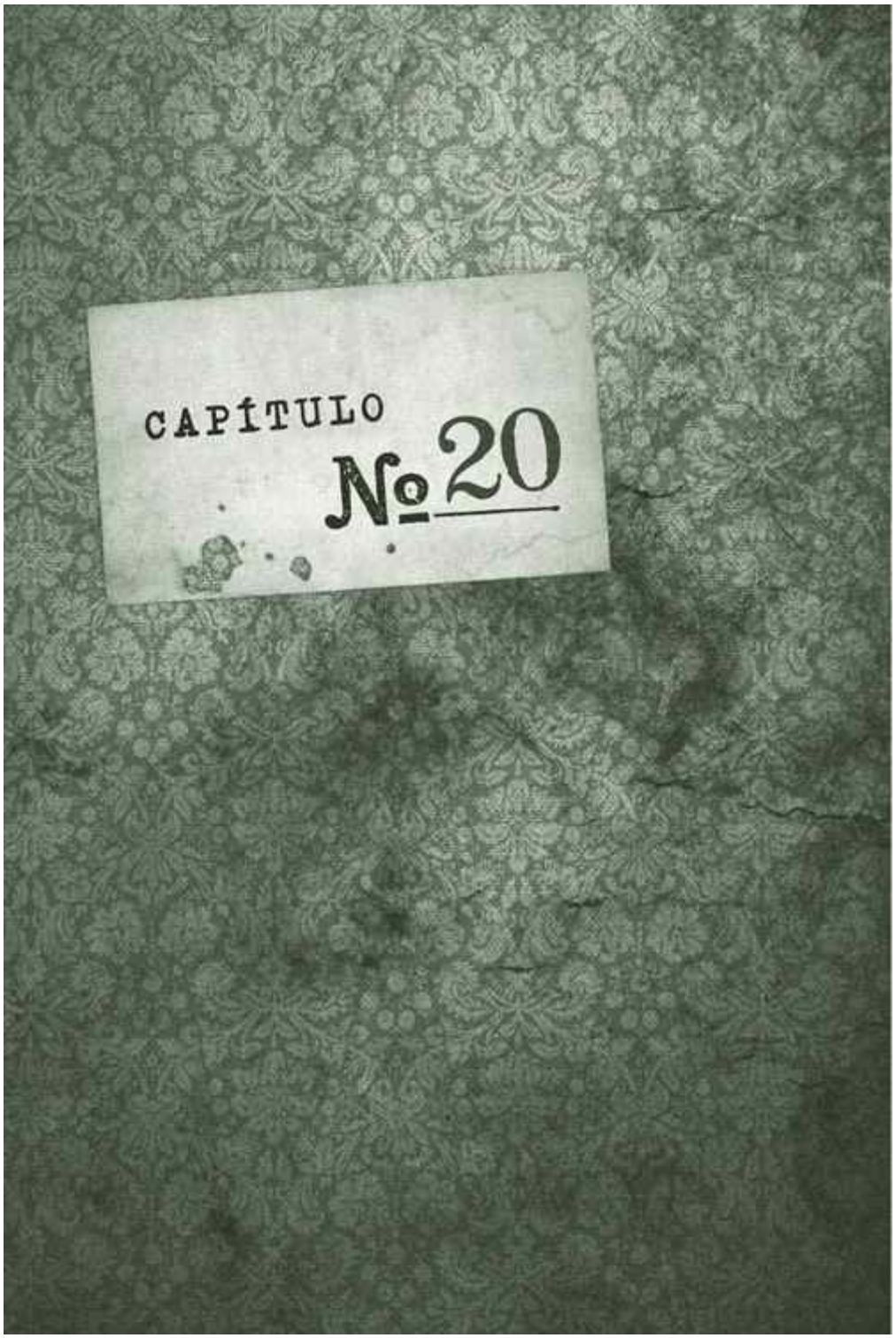
Mas o que ele poderia dizer a ela? Se contasse que andava imaginando lugares antes de vê-los de fato, ela provavelmente pediria para discutir aquilo em uma sessão de terapia, mas e os bilhetes? Era o tipo de coisa que não tinha como ser criação de sua cabeça.

Naquele momento, Dan duvidou de si mesmo como jamais havia feito na vida. E se a "raiz torta" no cerne de tudo fosse o verdadeiro problema?

Dan se livrou das cobertas, pulou da cama e pegou os dois bilhetes na escrivaninha. Rasgou-os em dois e depois em quatro pedaços, recusando-se a permitir que alguém mexesse com sua cabeça daquela maneira. Ele se negava a deixar que alguém o obrigasse a ficar trancado no quarto, refém de seus próprios pensamentos.

Dessa vez seguiria seu instinto. E seu instinto dizia que as respostas de que precisava estavam naquele porão.




CAPÍTULO
Nº 20

Naquele momento, Dan duvidou de si mesmo como jamais havia feito na vida. E se a "raiz torta" no cerne de tudo fosse o verdadeiro problema?

Dan se livrou das cobertas, pulou da cama e pegou os dois bilhetes na escrivaninha. Rasgou-os em dois e depois em quatro pedaços, recusando-se a permitir que alguém mexesse com sua cabeça daquela maneira. Ele se negava a deixar que alguém o obrigasse a ficar trancado no quarto, refém de seus próprios pensamentos.

Dessa vez seguiria seu instinto. E seu instinto dizia que as respostas de que precisava estavam naquele porão.

Dan sabia que não era uma ideia muito boa descer até o porão sozinho. Em primeiro lugar, porque a porta estaria trancada, e também porque certamente haveria um monitor vigiando a área. Mas aquele não era momento para ficar pensando demais. Isso não ajudaria em nada.

No corredor, as luzes estavam todas acesas. Seria melhor se o ambiente estivesse às escuras. Pelo menos não havia ninguém por perto. Deviam estar todos jantando ou, então, cuidando da própria vida, como Felix.

Apesar de tudo, Dan também tomou suas precauções. Foi se esgueirando até onde ficavam as máquinas de petiscos e bebidas, e, quando estava prestes a se encaminhar para a antiga sala do diretor, um vulto surgiu no fim do corredor. Passos. Vozes. Por um instante aterrador, a ideia de que o Escultor e os demais assassinos do Brookline tinham voltado a assombrar aqueles corredores o deixou paralisado. Ele se encolheu contra a parede, na esperança de desaparecer nas sombras.

– Se ele fosse mandado para outro time, seria melhor para todo mundo – disse uma voz masculina. Dan respirou aliviado, e só então percebeu que estava prendendo o fôlego. Não era um fantasma, era só Joe.

– Por mim tanto faz, cara.

Dan não reconheceu essa outra voz. Devia ser algum outro monitor do alojamento. Estariam patrulhando o local para se certificar de que ninguém desceria até o porão? Dan ficou ali esperando pelo que pareceu ser uma eternidade, até que Joe e seu colega saíssem pela porta da frente. Aguardou mais um minuto ou dois por garantia e então se dirigiu à ala desativada. A sorte estava do lado dele: além de não haver ninguém para vigiar o local, a porta não estava trancada. Talvez Joe não tivesse fechado o cadeado direito naquela noite, foi o que Dan imaginou. Ainda assim, foi impossível afastar a ideia de que aquele lugar estivesse se abrindo especialmente para ele.

Dan entrou e foi recebido pelo mau cheiro de uma sala fechada havia tempos. Ele tinha se esquecido de quanto era escuro ali. A lanterna estava acesa, mas, sem ninguém com quem conversar, a escuridão era muito mais assustadora.

Dan passou pela antessala e entrou no escritório onde ficavam a carta borrada e os óculos. Refez os passos da última vez, parando para verificar se os porta-retratos ainda estavam posicionados da mesma forma sobre a mesa. De sua moldura na parede, a foto do paciente se debatendo continuava a assombrá-lo. "O Escultor, paciente 361."

Dan se agachou atrás do arquivo e atravessou a passagem secreta. Sem hesitar, apontou a lanterna para a escada e desceu correndo, sabendo que, se pensasse muito no que estava fazendo, poderia perder a coragem. Lá embaixo ainda havia coisas espalhadas por toda parte. Ele foi caminhando com cuidado por entre as cadeiras e as macas. A última coisa que queria

era quebrar o pescoço tropeçando em uma peça de mobiliário. Certamente seu corpo só seria localizado depois de um bom tempo.

Dan foi passando pelas celas vazias. Parecia que algo estava prestes a saltar para fora de cada uma delas.

Apertou o passo, ansioso para chegar logo à impecável sala interna. O único som no corredor vazio eram sua respiração acelerada e seu coração disparado dentro do peito.

A alguns passos da rotunda e do escritório localizado mais à frente, seu pé se chocou com violência contra um objeto pequeno e pesado, que saiu deslizando ruidosamente no meio da escuridão. Dan direcionou o facho da lanterna para o chão, seguindo a trilha deixada no meio da poeira até uma das celas abertas.

No meio do cômodo, Dan levantou a mão e se arriscou a puxar a cordinha que acendia a luz. Uma única lâmpada estalou, piscou e zuniu por um momento antes de banhar a cela com seu brilho fraco e amarelado. Não era uma iluminação muito eficiente, mas pelo menos era melhor que sua lanterna.

Dan olhou ao redor. Era uma das muitas celas que ele e Abby não tinham explorado. Havia uma mesa, uma cama e nada mais. Deu um giro de trezentos e sessenta graus. Aonde tinha ido parar a coisa que ele tinha chutado?

Foi quando uma melodia suave, em um tom agudo, começou a ressoar sob a cama. Dan caminhou com passos trêmulos na direção de onde vinha o som e o que quer que estivesse cantando ali.

Cantando, não, tocando... Dan se agachou, e os pelos de seus braços se arrepiaram. A cantiga fora do tom dominava o ambiente. Ele não reconheceu a melodia. Parecia tão antiga que dificilmente alguém conheceria. Dan tateou sob a cama até alcançar com os dedos a superfície metálica de uma caixa. Ele a puxou com cuidado e a apanhou para examiná-la. Havia duas molas soltas, uma de cada lado, e no topo uma bonequinha de porcelana, uma bailarina em pose de apresentação, com os braços graciosamente estendidos sobre a cabeça. Os dedos formavam pontas afiadas, e a expressão em seu rosto exibia um sorrisinho malicioso, como se ela estivesse guardando um segredo.

Dan ouviu as notas se arrastar dolorosamente e depois morrer, pondo um fim à canção mecânica. Enfim a melodia parou de ressoar, e a cela voltou a ficar em silêncio.

Ele virou a caixa e encontrou uma inscrição gravada no fundo:

Para Lucy, com amor em seu aniversário.

Dan ficou olhando para aquelas palavras um bom tempo, talvez na esperança de que se alterassem ou desaparecessem. Poderia ser a mesma Lucy? A tia de Abby? Se aquela história fosse mesmo verdadeira, os pais de Lucy não pareciam ser do tipo que mandariam um presente de aniversário. Talvez fosse um presente do próprio diretor. Fosse o que fosse, o que estava fazendo ali? Isso significava que Lucy tinha morrido... ou deixado aquilo para trás?

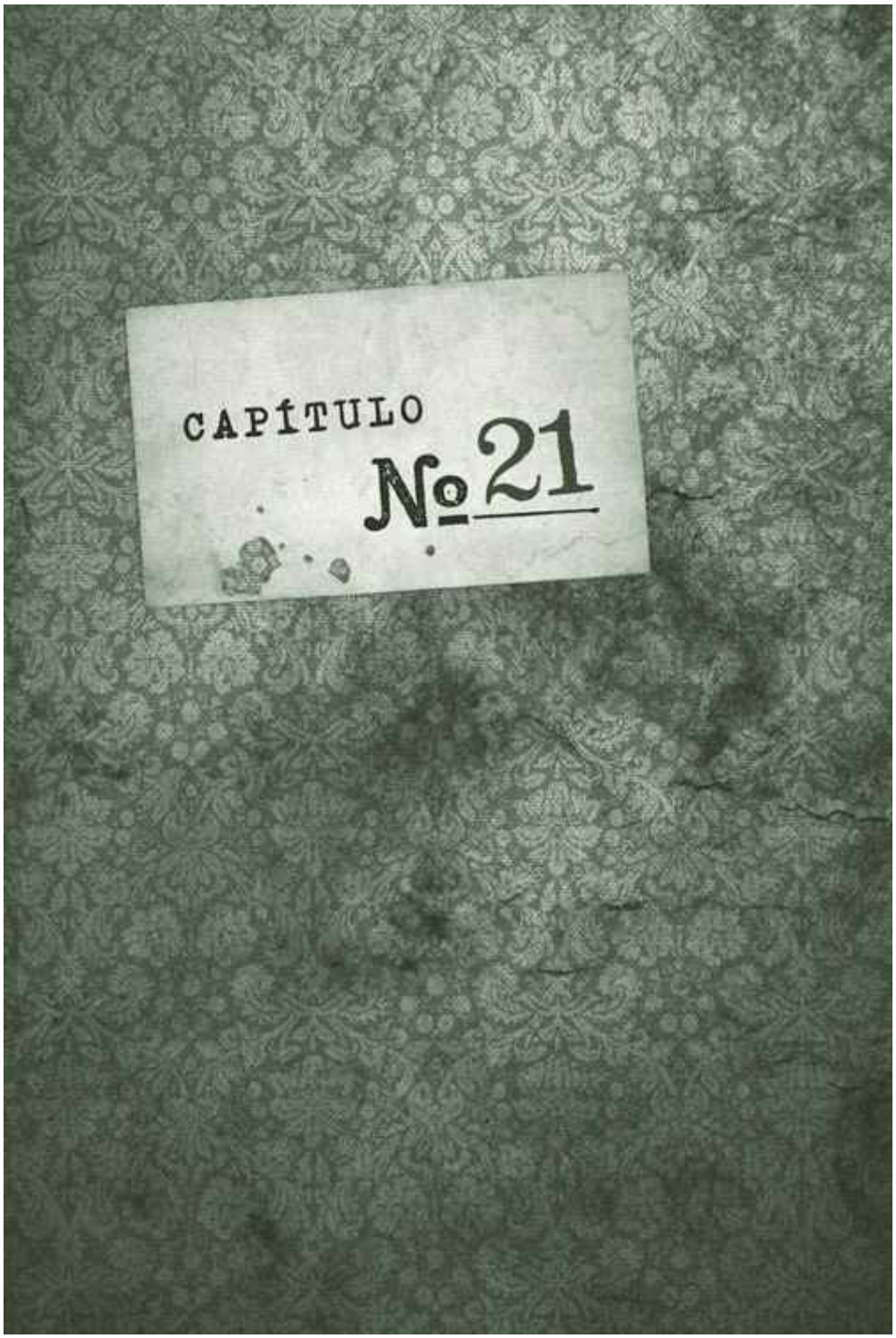
Era uma questão incômoda como uma dor de dente. De uma coisa, porém, ele tinha certeza: Abby não ficaria sabendo de sua descoberta. Era o tipo de coisa que poderia deixá-la maluca.

Dan pôs a caixa de música de volta no chão e se virou para sair da cela. De repente, no entanto, a música começou de novo, em volume mais alto e mais reconhecível à medida que o

compasso se acelerava. Ele pensou em esmagá-la com o pé, para parar com aquilo, mas em vez disso preferiu fugir. Aquele objeto tinha sido importante para alguém algum dia.



Dan continuou seguindo pelo corredor, chegando à rotunda a partir da qual ele e Abby tinham descoberto a sala interna. Dessa vez pôde examinar o ambiente por completo, percorrendo a parede com o facho da lanterna e descobrindo uma porta do outro lado do escritório. Ele segurou a maçaneta e a virou. A porta não estava trancada, mas também não abria, pois estava empenada e estufada por causa da umidade e da falta de uso. Usando todo o peso de seu corpo, Dan empurrou com a maior força que podia. A porta gemeu e protestou, mas acabou cedendo, e Dan escapou por pouco de levar um tombo feio. Logo à frente havia um outro lance de escada.


CAPÍTULO
Nº 21

Dan se viu olhando para uma espécie de vazio abismal. Até onde a construção continuava se aprofundando pelo subterrâneo, afinal?

O ar gelado que vinha lá de baixo era algo impressionante. Sua blusa certamente não seria capaz de mantê-lo aquecido naquela condição; seria preciso um casaco de inverno. E por que aquela escada não podia ser mais larga? Qualquer fiscal de segurança do trabalho teria um ataque ao ver os degraus estreitos e angulados, além dos espaços vazios dos dois lados, protegidos apenas por um simples corrimão.

Agarrando-se ao corrimão com uma das mãos e segurando a lanterna com a outra, Dan desceu o primeiro degrau. Quando chegou ao décimo quinto atingiu uma pequena plataforma, mas ainda não era possível ver o chão sob o facho da lanterna, apenas a escadaria íngreme e ameaçadora que levava às entranhas do porão.

Mais uma plataforma e doze degraus depois, ele enfim chegou até a base da escada. Dan apontou a luz da lanterna para um lado e para o outro, porém não conseguiu iluminar o teto ou as paredes do que parecia ser... O quê? Uma caverna? Um depósito? Não havia como saber a exata dimensão, mas era possível presumir que o lugar era enorme. Ele tossiu e ouviu seu eco ressoar por quase um minuto antes de se calar.

Dan foi caminhando com cautela, passando por colunas de madeira que iam do chão ao teto. Fora isso, o lugar estava totalmente vazio.

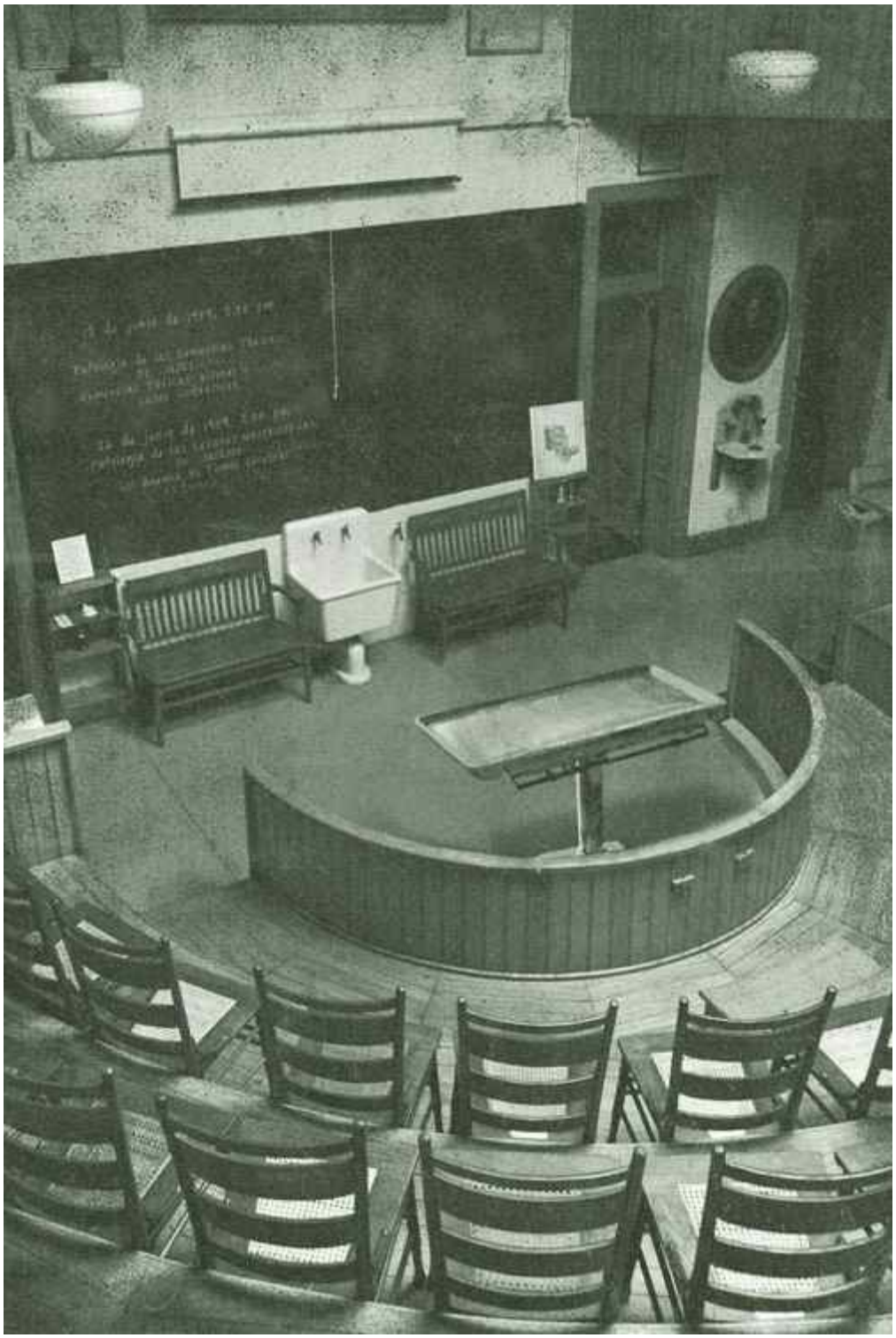
Por fim chegou a uma arcada de ângulos retos, que levava a um outro ambiente. Dan foi invadido por uma vontade repentina de sorrir – as celas e a antiga sala do diretor eram assustadoras, mas aquilo ali era outra coisa, algo quase insondável, por mais que seus olhos fossem capazes de registrar tudo. Havia uma construção suntuosa ali embaixo. Para que poderia ser usada?

Estava claro, porém, que aquele era o fim da linha dos diferentes patamares do Brookline. Iluminando os objetos ao redor, ele encontrou uma caixa de metal enferrujada, presa na parede atrás de si, e abriu com cuidado o painel frontal. As dobradiças rangeram, e o eco desse som reverberou por um período de tempo indefinido.

Ele estava com sorte. Havia interruptores naquela caixa, uma porção deles. Dan acionou o maior e em seguida ouviu um zumbido, um sibilar e por fim um estalo quando as luzes se acenderam. Apenas algumas funcionaram, e uma delas chegou a estourar, produzindo uma chuva de vidro e faíscas. Dan se agachou instintivamente, e o que viu em seguida o deixou boquiaberto.

Estava diante de um anfiteatro operatório.

No meio do recinto havia uma plataforma elevada de madeira, diante de uma mesa de operação coberta com um lençol originalmente branco, mas que àquela altura estava cinza por causa da poeira. A superfície era acolchoada, e três tiras de couro com fivelas a atravessavam de lado a lado. Em torno da mesa principal ficavam outras menores, com rodinhas, que carregavam os instrumentos cirúrgicos.



Ao redor da plataforma havia fileiras de assentos, posicionadas como a arquibancada de uma arena esportiva. Uma *plateia*. Como se assistir à cirurgia de alguém fosse uma forma de entretenimento...

Sentindo o estômago revirar, Dan se deu conta de que já havia estado naquele lugar, em um de seus pesadelos. Em seu sonho, quem estava naquela mesa era *ele*.

Dan foi descendo pela plateia na direção da plataforma, circundando os assentos sem nunca deixar de tirar os olhos da mesa. Quantos assassinos teriam sido submetidos a tratamentos ali? A pequena Lucy fora amarrada para sua cirurgia sob os olhares de uma *plateia*? Dan se lembrou da cicatriz em sua testa, indicativa de uma lobotomia. Caso tivesse sobrevivido a uma intervenção dessas, Lucy deve ter vivido uma vida quase vegetativa.

Por que alguém construiria um anfiteatro operatório em um porão de tão difícil acesso? O que estavam tentando esconder?

Um pequeno armário e um arquivo com gavetas no fundo da sala chamaram a atenção de Dan. Estavam imersos na sombra, como se a intenção fosse deliberadamente ocultar sua presença. O coração dele disparou. Se os pacientes eram operados ali – incluindo Lucy Valdez – então deveria haver prontuários e registros disponíveis. Caso tivesse sorte, essas informações não teriam se perdido quando o Brookline foi desativado.

À medida que foi se aproximando dos armários, porém, ele foi sentindo seu corpo ficar pesado. Dan piscou uma vez... duas vezes... E o chão sob seus pés de repente não parecia mais ser tão firme.

Ele estava ao lado da mesa de operações, sentindo-se preparado, confiante. Aquele era seu momento. A plateia não sairia dali decepcionada. Era sua chance de provar que seus métodos, por mais heterodoxos que fossem, eram eficazes. Ele era o diretor, o chefe da família Brookline, e a governava de forma rígida, mas justa. Daniel olhou para seu jaleco imaculadamente branco e para os instrumentos em suas mãos, esterilizados e reluzentes. Estava tudo pronto.

Os pescoços na plateia se viravam o tempo todo, pois todos queriam ter a melhor visão possível. Diante dele, atado à mesa de operação, havia um jovem que gostava de pôr fogo nas coisas. Daniel piscou os olhos, e então apareceram outras pessoas que precisavam ser consertadas, uma após a outra – uma viúva cruel que envenenou seis maridos, uma menininha bonita com cabelos ruivos bem vermelhos. Ao piscar outra vez, ele se viu diante da mais perturbada das criaturas. Ele observou com atenção o rosto pálido do homem, com as feições relaxadas pelos sedativos. Aquele homem não funcionava, mas não por muito tempo. Ele poderia ser consertado, todos podiam ser consertados...

Dan – o diretor – se assustou. Ruídos repentinos... um estrondo como o de um trovão... passos logo acima... sua visão se turvou, a sala inteira começou a girar. Não agora! Eles não podiam vir atrás deles justamente naquele momento. As autoridades jamais entenderiam o que ele estava tentando fazer.

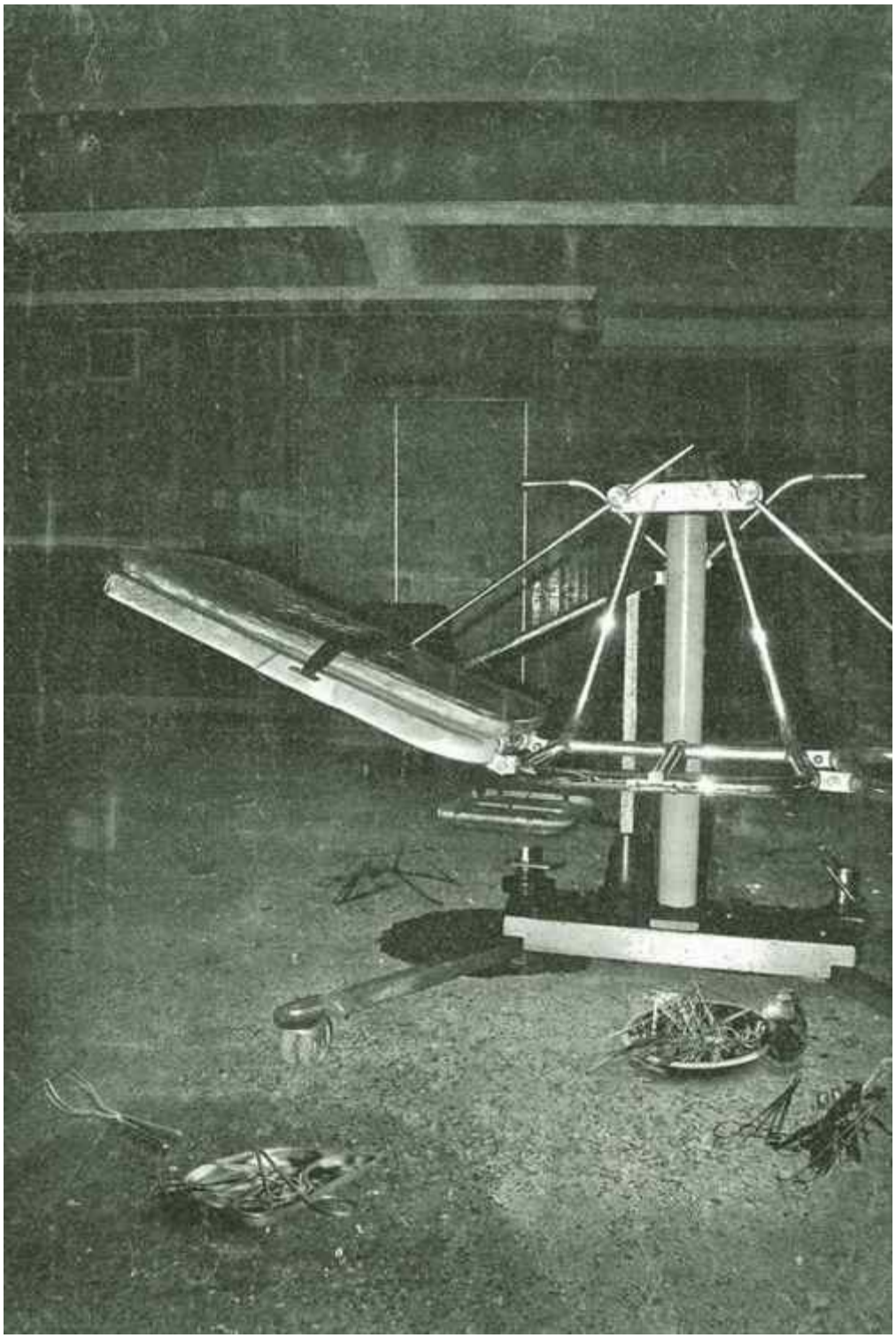
Dan... Dan...

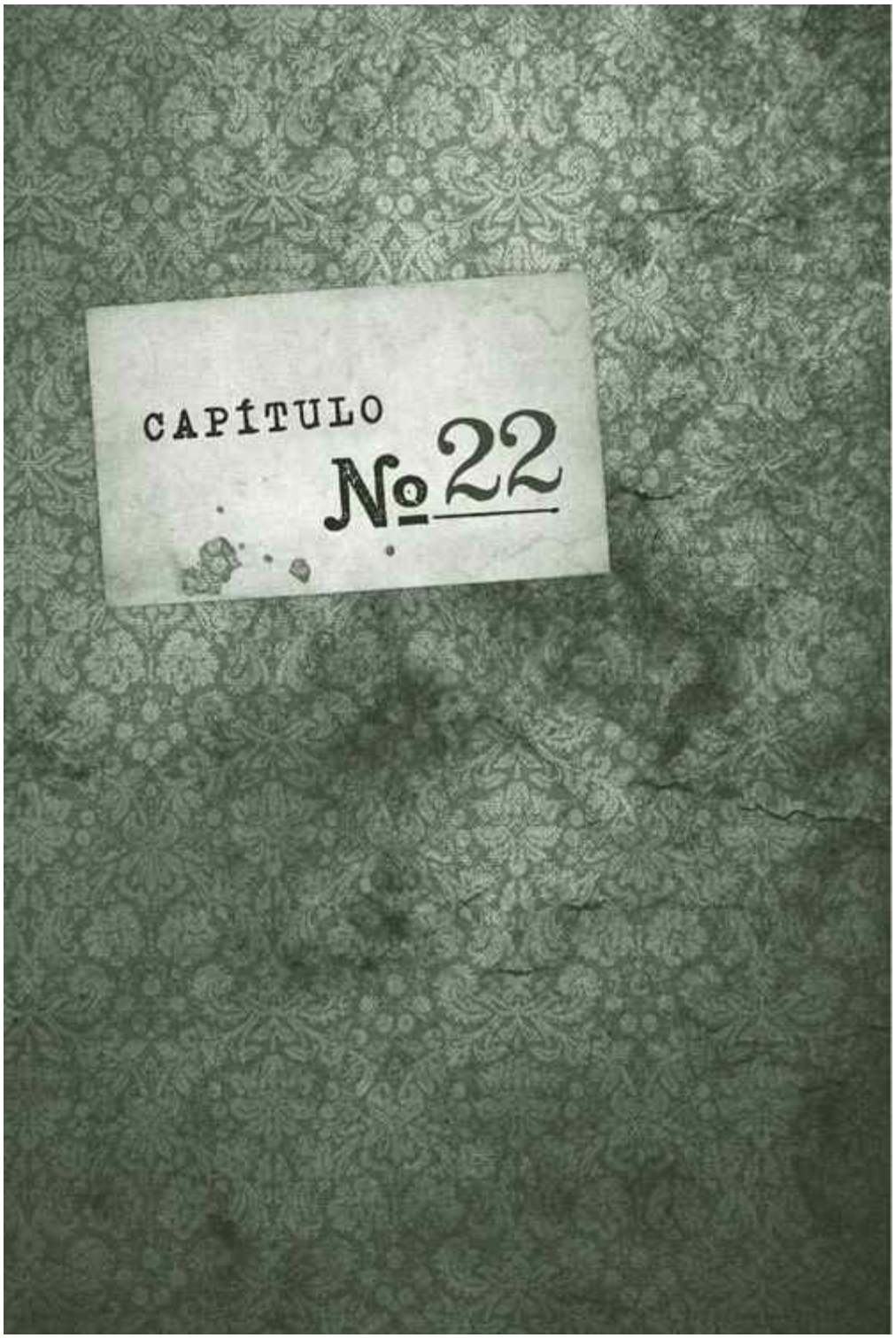
Eles estavam chamando seu nome, estavam vindo pegá-lo.

– Dan? Ei! Dan, você está bem? Você está me assustando! Acorda!

"Acorda, acorda, acorda."

Assustado e morrendo de frio, ele notou com um sobressalto que estava caído no chão. O rosto de Abby foi se materializando logo acima, à medida que sua visão recuperava o foco. Por um momento ele ficou aliviado, mas logo em seguida o que sentiu foi vergonha. O que ela pensaria se pudesse ter acesso ao que se passava dentro de sua cabeça?




CAPÍTULO
Nº 22

– Sou eu – disse Abby. Ela estava ajoelhada ao lado dele. – Está tudo bem, já passou, já passou.

– Quanto tempo fiquei caído aqui? – Dan perguntou, passando a mão sobre um ponto dolorido da cabeça. Ele notou que estava deitado perto do arquivo, cercado por papéis espalhados pelo chão.

– Não sei – respondeu ela. – Acabei de chegar aqui e vi você caído no chão.

O fato de ela parecer tão preocupada o fez se sentir melhor. Talvez tenha sido o alívio de ver a aflição estampada no rosto dela, ou então o alívio de ter sido despertado por ela, e não por algum fantasma do passado que ganhou vida – Dan não sabia, e isso não fazia diferença –, mas sem nenhuma explicação ele ergueu a mão, puxou-a para perto e a beijou.

Foi um gesto que pegou os dois de surpresa.

– Ah. Bom... – Abby respirou fundo. Seu beijo tinha gosto de bala de menta e hidratante labial sabor cereja. – Acho que agora a gente pode parar de fingir que se odeia, né?

– É, acho que sim – confirmou Dan.

Ela sorriu para ele.

– E... será que dá pra gente fingir que eu nunca falei aquelas coisas sobre você ser esquisito?

– Como assim? Que coisas? – ele perguntou.

Abby deu um tapinha de leve em seu peito. Era bom vê-la sorrindo e contente de novo, mas Dan não se lembrava de ter sido chamado de esquisito. Ele teria bloqueado essa lembrança ou ela só teria dito isso para seus amigos das aulas de arte? Ou para Ash?

Dan sacudiu a cabeça. Ele não insistiria no assunto. Não daquela vez. Os dois tinham se beijado, confirmando todas as suas expectativas sobre como seria aquele momento.

– A gente precisa sair daqui – disse Abby. – Este lugar é assustador.

Ela ajudou Dan a se levantar. Sua cabeça doía, e ele ainda estava bastante tonto.

– Ei – ele falou de repente. – O que você está fazendo aqui, aliás?

Abby pareceu ter ficado um pouco envergonhada.

– Hã... Eu fui até o seu quarto depois do jantar, para falar com você e pedir desculpas pela maneira como venho me comportando ultimamente. Você não estava lá, então fiquei com medo de que tivesse vindo aqui sozinho. Eu só queria saber se você estava bem.

Dan procurou a mão de Abby e a apertou com força. Eles foram subindo os degraus da plateia. Quando chegou ao alto do anfiteatro, Dan parou para apagar as luzes. Ele se virou mais uma vez para dar uma última olhada no ambiente às escuras.

Dois pontos brilhantes reluziram no canto da sala.

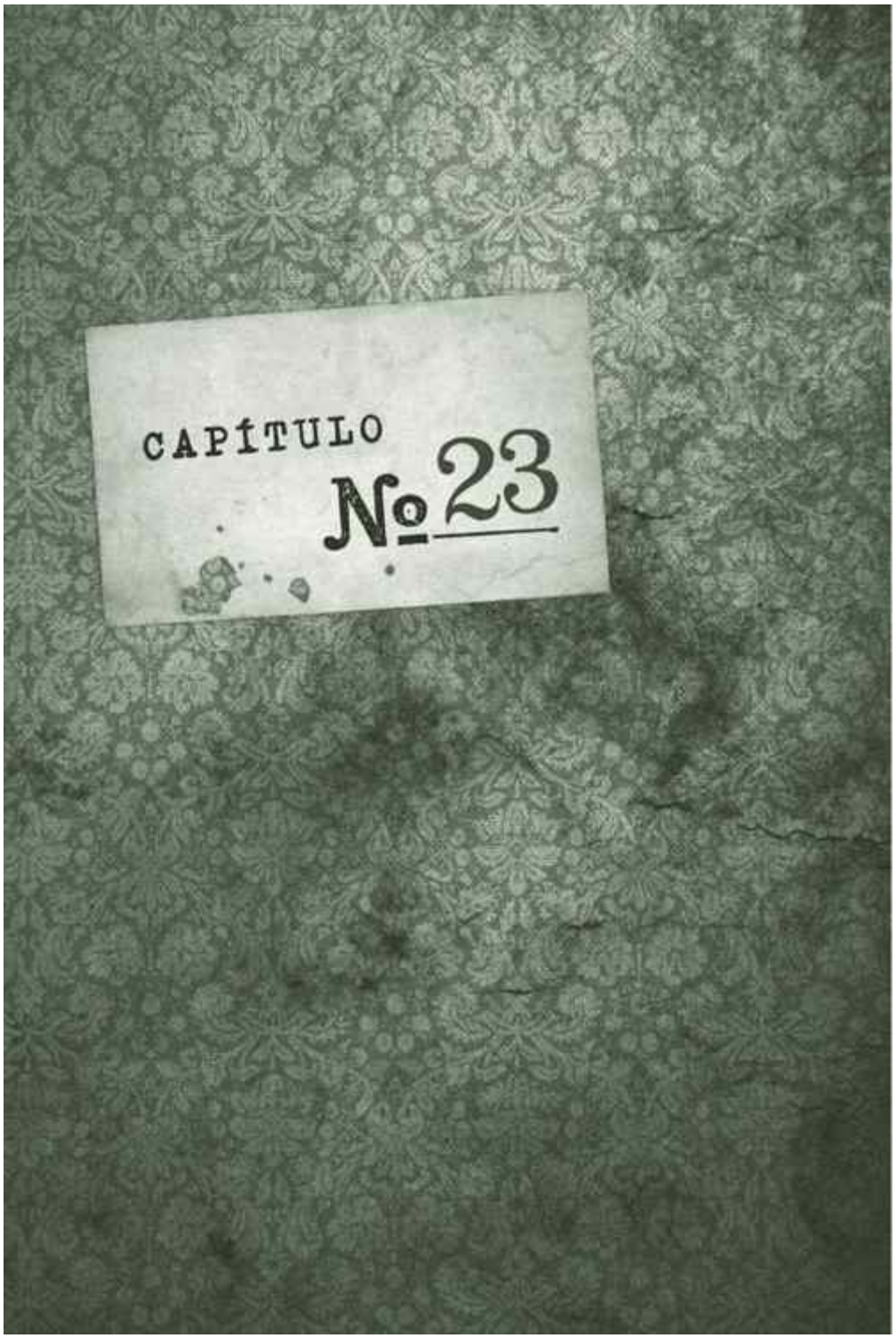
Deve ter sido só uma ilusão de óptica. Resquícios das luzes que tinham acabado de ser apagadas. Não eram os olhos de um homem a observá-lo. Dan fechou a porta com um movimento apressado.

– Que foi? – perguntou Abby.

Ele se posicionou ao lado dela, sacudindo a cabeça.

– Nada – ele disse baixinho. – Nada. Vamos sair daqui. Está com fome? Estou com um monte de guloseimas lá no meu quarto.

– Que delícia! – exclamou Abby, chegando mais perto. – Estou nessa.


CAPÍTULO
Nº 23

Quando alcançaram a última porta, Dan chegou à conclusão de que nunca mais queria voltar àquele porão. O que importava naquele momento era Abby, o calor da mão dela junto à sua. Eles resolveriam tudo com Jordan e terminariam o verão como melhores amigos, sob a luz do sol, bem longe daquela escuridão.

Mas a alegria de Dan durou pouco.

Tinha acontecido alguma coisa muito grave no primeiro andar. Havia policiais por toda parte, e o hall de entrada estava lotado de alunos. Uma garota chorava desesperadamente. Os olhos de Dan doeram ao entrar em um local iluminado depois de tanto tempo no porão.

Trocando olhares preocupados, Dan e Abby tentaram se misturar à multidão. Um policial grandalhão passou por eles e por pouco não deu um encontrão nos dois. Ele seguiu em frente depois de uma rápida olhada pra o casal e foi abrindo caminho pelo hall em meio aos estudantes. Chegou à menina que estava chorando, segurou-a pelos ombros e cochichou algo para ela.

– Mas o que... – Dan e Abby tentaram ver o que estava acontecendo, mas a massa humana era densa demais, impedindo que avançassem mais que uns poucos metros.

Mais uma policial entrou apressada pela porta da frente. Dan viu as luzes vermelhas e azuis das viaturas paradas do lado de fora. Pareciam ser umas quatro ou cinco.

– Saiam do caminho! – gritou ela. – Vocês estão no cenário de um crime! Todo mundo para fora, agora!

Ela e seu colega grandalhão começaram a conduzir os alunos para o gramado. Os estudantes iam saindo devagar, e um gargalo se formou na porta da frente. Dan e Abby foram acompanhando a multidão, seguindo as instruções dos policiais.

– A polícia? – murmurou Abby. Ela estava pálida.

– Vamos tentar descobrir o que aconteceu.

Do lado de fora, um terceiro policial estava conversando com a menina que chorava. O restante do pessoal se dividiu em pequenos grupos, comunicando-se por meio de sussurros. Dan finalmente encontrou Yi e Jordan, que não parecia nada bem. Ele olhou feio para Abby e Dan e desapareceu na multidão.

– O que está acontecendo? – perguntou Dan.

Yi se virou para Dan com um olhar de surpresa.

– O seu colega de quarto encontrou um cara morto na escadaria. Um dos monitores do alojamento. Jake... George...

– *Joe?* – gritou Dan. Abby levou a mão à boca.

– É, isso mesmo. Joe. O seu amigo Felix estava voltando de uma corridinha noturna e deu de cara com o cadáver. Parece que já estava morto fazia um tempo.

Não devia ser tanto tempo assim, claro. Dan tinha visto Joe pouco antes de descer ao porão. Quando foi isso? Uma hora antes, talvez menos? Dan precisava descobrir quanto tempo tinha passado lá embaixo.

– Pelo menos era o que parecia quando vi o corpo – continuou Yi.

– Você viu o corpo? – perguntou Abby, horrorizada.

Yi confirmou com a cabeça.

– Uma olhada rápida, quando Felix começou a gritar. Os olhos estavam abertos, arregalados, encarando... o nada. Foi uma coisa pavorosa. Jordan também viu. Joe estava de

pé na escada, com uma das mãos no corrimão e a outra segurando o celular...

"Como uma escultura..."

– Ei – Yi falou de repente, olhando para os dois. – Onde vocês estavam, aliás? Como não ficaram sabendo?

– A gente não estava fazendo nada – Abby se apressou em responder. Ela olhou para Dan.

– Sim – ele falou. – Essa sua declaração soou suspeita, sim, pode ter certeza.

– Droga. Tudo bem. Tá certo – ela olhou para baixo. – A gente estava dando uns amassos...

Aquela informação, Dan não iria contestar. Ele até gostou de ouvir aquilo. Era uma boa desculpa também – e assim ninguém saberia que na verdade eles estavam na ala desativada.

– Na ala desativada? – perguntou Yi.

Abby encolheu os ombros.

– Vocês dois são bem esquisitos mesmo – murmurou Yi, que depois completou: – Sabem de uma coisa? Estou preocupado com Jordan. Ele ficou apavorado quando viu Joe daquele jeito... Quer dizer, *todo mundo* ficou. Mas ele não parecia nada bem, mesmo antes. Ultimamente mal fala comigo, passa o tempo todo fazendo aqueles problemas de matemática, que, aliás, não devem nem ser uma tarefa para a aula.

– Você acha que é por causa dos pesadelos que ele anda tendo? – perguntou Abby.

– Pois é... ele acorda várias vezes durante a noite. E acho que tem algo a ver com os pais dele, que podem ter descoberto que ele está aqui, sei lá. Enfim, devem estar acontecendo mais coisas do que está disposto a contar. Só espero que ainda tenha um lugar para voltar quando o verão acabar... – Yi se interrompeu. – Mas vocês estão sempre de olho nele, não é?

Abby e Dan trocaram um olhar de preocupação. Como andavam distantes nos últimos tempos, não tinham ideia de como Jordan estava. Dan se sentiu culpado. Ele deveria ter tentado conversar com Jordan naqueles dias, apesar de seu afastamento voluntário.

– Sim, nós estamos sempre de olho nele – afirmou Dan. "Pelo menos a partir de agora."

Mais policiais foram chegando. Eles começaram a abordar os estudantes, dividindo-os em grupos menores, mais fáceis de controlar. Talvez para dar início aos interrogatórios.

Por que ele estava se sentindo tão culpado?

– Dan, amigão, está tudo bem? Você está meio pálido... – Yi socou de leve seu ombro.

– Eu? Está tudo bem.

– Que conversa é essa? – questionou Abby, olhando para ele. – Ninguém aqui está nada bem.

Dois policiais, o grandalhão e a mulher que mandou todo mundo sair, foram até eles e conduziram todo o grupo que estava por ali para perto de uma árvore.

– Acho bom vocês inventarem uma história convincente – Yi disse baixinho –, antes que Mulder e Scully comecem a fazer perguntas. É melhor eles não saberem que vocês estavam em uma área interditada.

Yi se virou para falar com outra pessoa, e Dan ficou paralisado. E se Yi tivesse razão? Eles seriam mesmo interrogados? "Claro que vão interrogar você; uma pessoa foi *assassinada*."

– A gente não estava na ala desativada – disse Dan, segurando Abby pelo braço. – A gente estava no saguão do segundo andar, aquele perto do seu quarto. A história precisa ser consistente pra eles não pensarem que a gente tem alguma coisa com... com...

Ele não conseguiu dizer o que queria.

– Mas nós não chegamos nem perto do segundo andar! – ela o encarou com um olhar desconfiado. – E por que precisamos arrumar uma justificativa?

Ele a afastou dos outros estudantes, puxando-a pelo antebraço.

– Confia em mim, tá bom? Pensa bem... a gente estava perambulando por aí tarde da noite. Joe é um cara grande, e ninguém ia achar que você podia fazer alguma coisa com ele, mas nós dois juntos...

– Ei, eu não estou gostando dessa conversa – disse Abby, puxando o braço. – Eu posso não ser muito alta...

– A palavra certa é baixinha.

– Que seja. Isso não importa, Dan, eu sou muito mais forte do que pareço. E você também não é nenhum brutamontes, então não entendo por que seria considerado suspeito e eu, não.

– Por que nós estamos discutindo isso? – ele murmurou. – Pra mim você é a Mulher Maravilha, certo? Você é a...

– Fala que eu sou a Viúva Negra.

– Abby...

– *Fala.*

Ela cruzou os braços e apoiou o peso do corpo sobre uma das pernas, elevando o quadril.

– Você é a Viúva Negra. Elevada à décima potência. Está feliz agora? E, minha nossa, você não está assustada, não?

– *Claro* que estou assustada! – gritou Abby, empurrando-o de leve. – Estou apavorada. É isso que eu faço quando fico assustada. Fico tagarelando. Coisas sem sentido. Fico tagarelando coisas sem sentido pra fingir que não estou apavorada!

– Tudo bem, tudo bem.

Ele torceu para que ninguém tivesse ouvido aquela conversa. Pareciam se sentir culpados, apesar de não terem nada a ver com o caso. Não eram culpados de *assassinato*, claro, apenas por não terem muito juízo nem respeitar os horários do alojamento. Isso, pelo menos, ele sabia. Ou não?

– Coitado do Felix. Tomara que ele não tenha ficado muito traumatizado – ela falou, virando-se para a multidão. – Onde será que ele está?

– Não sei – disse Dan. – Deve estar sendo interrogado pela polícia.

– Se preparem – Yi estava de volta. Ele se aproximou sorrateiramente, falando pelo canto da boca. – Mulder e Scully estão vindo aí.

Dan respirou fundo e se preparou para falar um monte de mentiras para os representantes da lei. Eles o separaram de Abby – a policial a puxou para o lado, e Dan ficou com o grandalhão. O interrogatório foi surpreendentemente rápido e indolor. As perguntas foram bem básicas – onde ele estava, o que viu e ouviu, se tinha visto algum estranho rondando o alojamento naquele dia. Dan respondeu de maneira vaga, dizendo que estava no segundo andar com a amiga e que havia encontrado Joe "algum tempo antes", mas não tinha notado nada suspeito no Brookline.

– Obrigado – disse o policial quando as perguntas acabaram. – Se notar alguma coisa estranha, qualquer coisa fora do comum, procure alguém e avise. Certo, filho?

– Sim, senhor. Obrigado.

Dan foi se afastando, petrificado. Tinha acabado de mentir um bocado para um policial. Por quê? Fazer uma incursão ao porão não era a mesma coisa que assassinato, simplesmente

não era. Ele precisava repetir isso a si mesmo o tempo todo. “Esqueça essa história de álibi; quem fez isso continua por aí.”

A policial ainda estava tendo sua conversa com Abby. Enquanto esperava por ela, Dan ouviu um policial falando baixinho com outro ali perto.

– Deve ter sido um vagabundo qualquer – ele dizia. – Tem um monte de bêbados que vira e mexe vêm parar aqui no *campus*. Daqui a pouco ele aparece caído em uma moita por aí, você vai ver.

Dan se perguntou como um andarilho poderia ter ido parar dentro do alojamento, já que as portas se trancavam automaticamente quando fechadas.

– Um minuto de sua atenção, por favor!

Dan reconheceu a voz do diretor, que nos primeiros dias era uma presença constante, sempre simpático e sorridente. Naquele momento, porém, ainda com cara de sono, ele parecia abaladíssimo.

– Atenção, pessoal! – ele pediu, colocando-se no alto dos degraus da entrada. Os estudantes fizeram silêncio, e os policiais se afastaram. – Obrigado. Muito bem, eu sei que estamos tendo uma noite difícil. Assim que amanhecer, os seus pais vão ser avisados sobre o que aconteceu. No momento precisamos pensar no que é melhor para vocês, para os professores, para os funcionários e, obviamente, para a família de Joe McMullan. Vai ser feita uma varredura no edifício agora, e um policial vai ficar alocado em cada andar para garantir a segurança de vocês. Estou à disposição para ajudar como puder. Procurem ficar sempre em segurança, estejam sempre atentos e colaborem com a polícia de Camford. Vamos ser solidários à família de Joe em nossos pensamentos hoje à noite.

Nesse momento, os sons de choro se espalharam pela multidão. Na frente de Dan, duas meninas se abraçaram, aos prantos. Os alunos cercaram o diretor, gritando perguntas todos ao mesmo tempo. Ele pediu silêncio e que falassem um de cada vez.

Após ser dispensada pela policial, Abby foi até Dan.

– Acho que ela não anotou nem metade do que eu falei. Enfim, estou morrendo de vontade de ir pra cama, mas duvido que vá conseguir dormir – ela estremeceu. – Queria que isso tudo fosse um pesadelo, para poder acordar depois. A gente se vê amanhã?

Ela apertou a mão de Dan, e ele retribuiu o cumprimento.

– Certo. Tenta dormir um pouco. Amanhã a gente conversa. Se precisar de alguma coisa, manda uma mensagem no celular.

Com passos arrastados, Abby foi atrás do policial que conduzia os estudantes aos quartos por uma escada lateral, já que a escadaria principal estava interditada. O corpo já tinha sido retirado, mas nem por isso o local deixava de ser o cenário de um crime. Dan seguiu logo atrás dela, absolutamente exausto, torcendo para ter um pouco de privacidade para se lembrar do beijo e esquecer Brookline. O lugar onde um assassino estava à solta.


CAPÍTULO
Nº 24

Felix não estava no quarto quando Dan entrou. "Ainda deve estar conversando com a polícia", pensou Dan. No momento em que ele chegou a duvidar que seu colega voltaria ainda naquela noite, a porta se abriu e Felix entrou, deitou na cama e se encolheu todo, agarrando os joelhos junto ao peito. Ainda usava suas roupas de corrida e parecia vulnerável e assustado.

– Minha nossa, Felix, eu sinto muito – falou Dan. – Esse é o tipo de coisa que ninguém deveria ver na vida.

Felix tremia, fazendo a cama inteira balançar.

– Você quer conversar um pouco?

Felix sacudiu a cabeça. Parecia que, se abrisse a boca, começaria a chorar imediatamente.

– Se quiser falar sobre qualquer coisa, eu estou aqui. Quando você quiser.

Felix não respondeu.

Com a cabeça em parafuso, Dan foi escovar os dentes e se preparar para dormir. Havia um policial patrulhando o corredor, com a mão no cabo da arma, forçando Dan a se locomover com cautela.

De volta ao quarto, para sua surpresa, encontrou Felix já adormecido. Dan apagou a luz e deitou na cama sem trocar de roupa, pois não queria correr o risco de acordar Felix. Além disso, duvidava que fosse conseguir dormir. Ao deitar, Dan ouviu o som de algo se amassando. Enfiou a mão no bolso da blusa e tirou de lá algumas folhas de papel que nem tinha ideia de que estavam lá. De forma não muito clara, ele se recordou de ter visto uns armários no anfiteatro operatório, mas tinha desmaiado antes de chegar até eles. Seria mais um de seus lapsos de memória? Pelo que se lembrava, não tinha conseguido chegar nem perto daqueles arquivos.

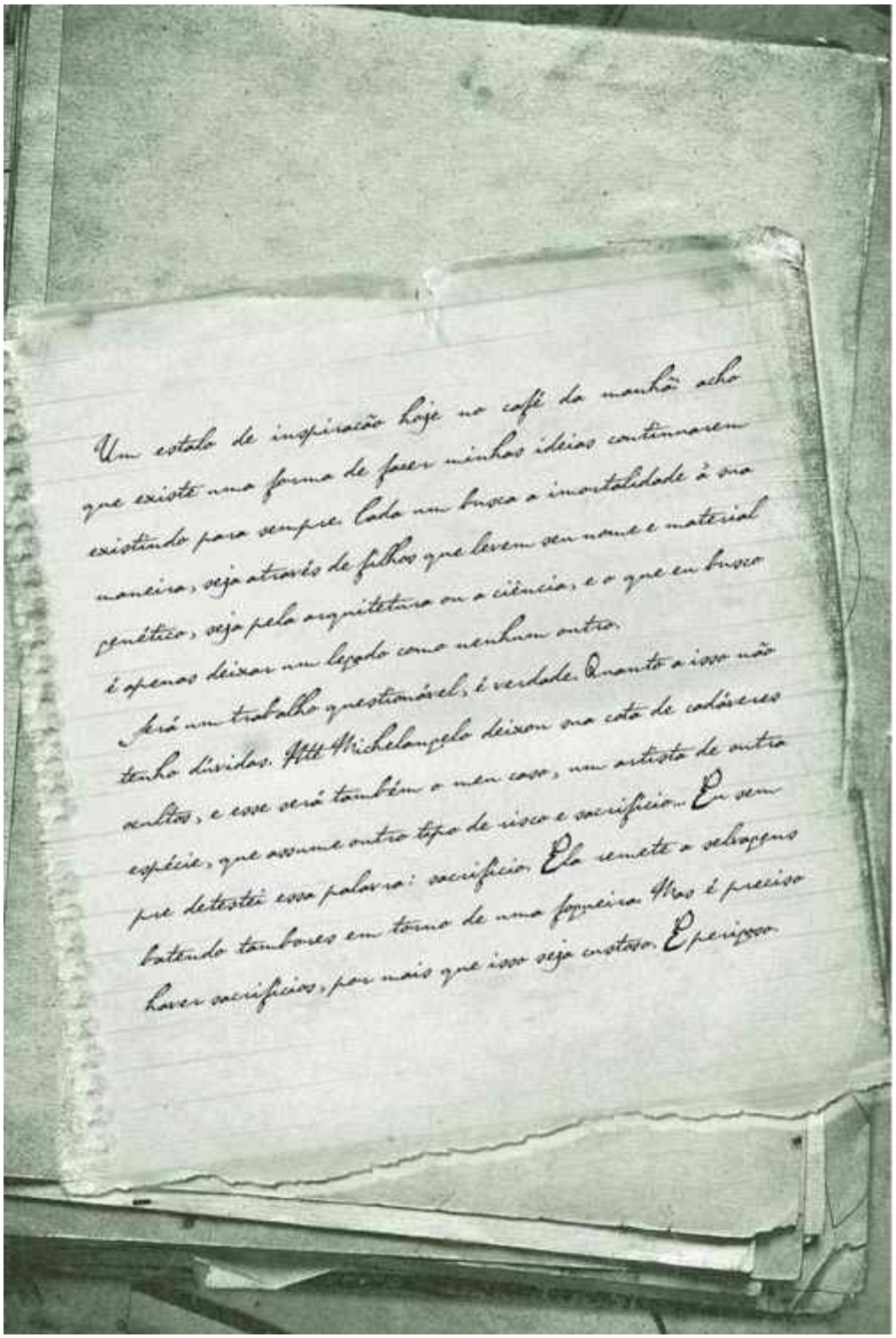
Foi quando uma ideia estranha lhe ocorreu. E se Abby tivesse enfiado aqueles papéis em seu bolso enquanto ele estava inconsciente? Ele vira algumas folhas espalhadas pelo chão ao voltar a si. Ela teria lido os arquivos e descoberto algo sobre Lucy? Mas, se fosse esse o caso, teria comentado. E não havia nenhum motivo razoável para desconfiar que ela pudesse ter colocado alguma coisa em seu bolso.

A luz que entrava pela janela era suficiente para que Dan não precisasse acender o abajur. Ele alisou os papéis amassados sobre o travesseiro. Eram memorandos parecidos com outros que já vira antes.

Quando Dan chegou à última folha, porém, as anotações manuscritas saltaram a seus olhos. Eram do diretor.

Um estalo de inspiração hoje no café da manhã: acho que existe uma forma de fazer minhas ideias continuar existindo para sempre. Cada um busca a imortalidade à sua maneira, seja através de filhos que levem seu nome e material genético, seja pela arquitetura ou pela ciência, e o que eu busco é apenas deixar um legado como nenhum outro.

Será um trabalho questionável, é verdade. Quanto a isso não tenho dúvida. Até Michelangelo deixou sua cota de cadáveres ocultos, e esse será também o meu caso, um artista de outra espécie, que assume outro tipo de risco e sacrifício...

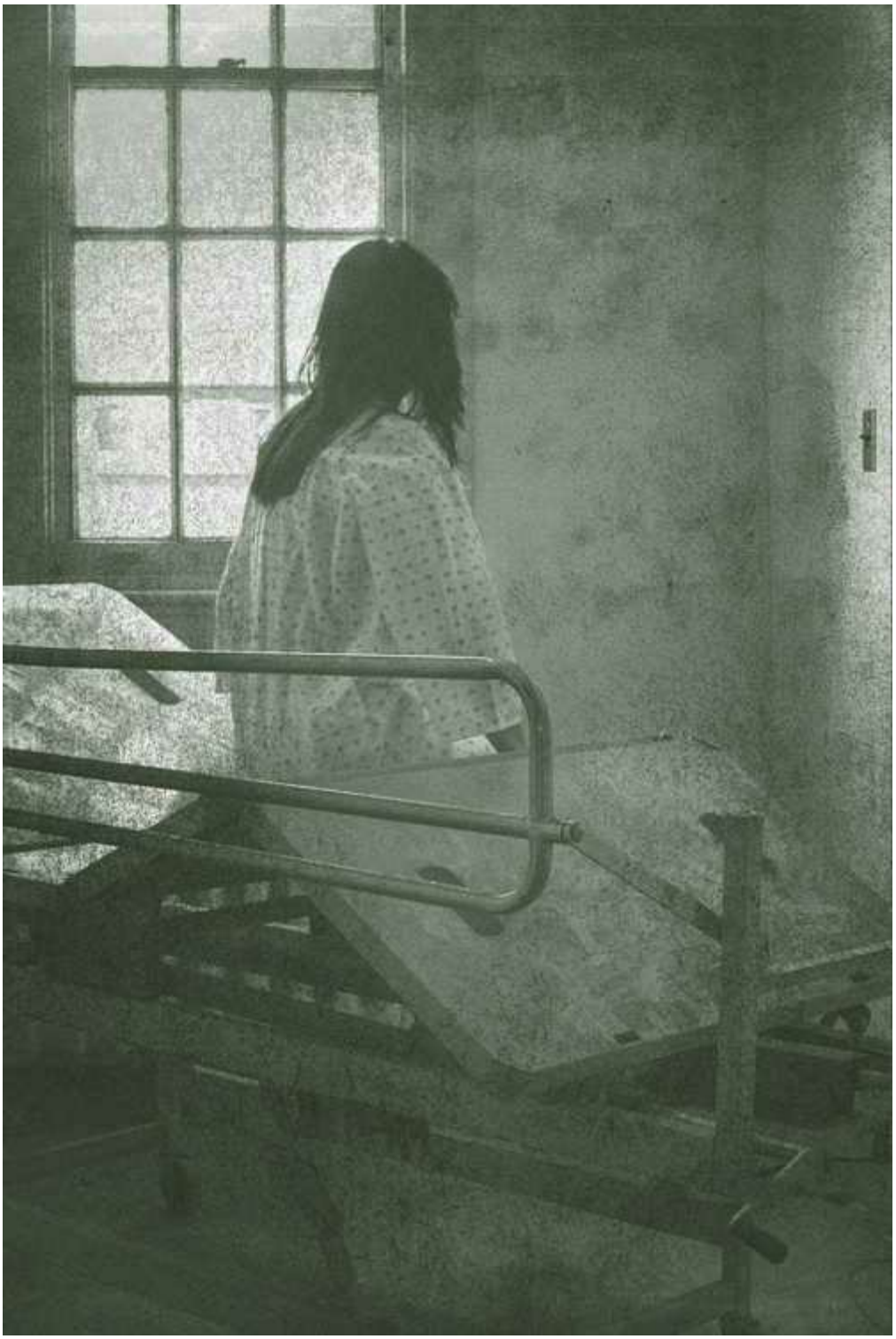

Um estado de inspiração hoje no café da manhã: acho
que existe uma forma de fazer minhas ideias continuarem
existindo para sempre. Cada um busca a imortalidade à sua
maneira, seja através de filhos que levem seu nome e material
genético, seja pela arquitetura ou a ciência, e o que eu busco
é apenas deixar um legado como nenhum outro.
Será um trabalho questionável, é verdade. Quanto a isso não
tenho dúvidas. Até Michelangelo deixou os seus de calcanhar
saltar, e esse será também o meu caso, um artista de outra
espécie, que assume outro tipo de risco e sacrifício. Eu sem
pre detestei essa palavra: sacrifício. Ela remete a selvagens
batendo tambores em torno de uma fogueira. Mas é preciso
haver sacrifícios, por mais que isso seja custoso. É perigoso.

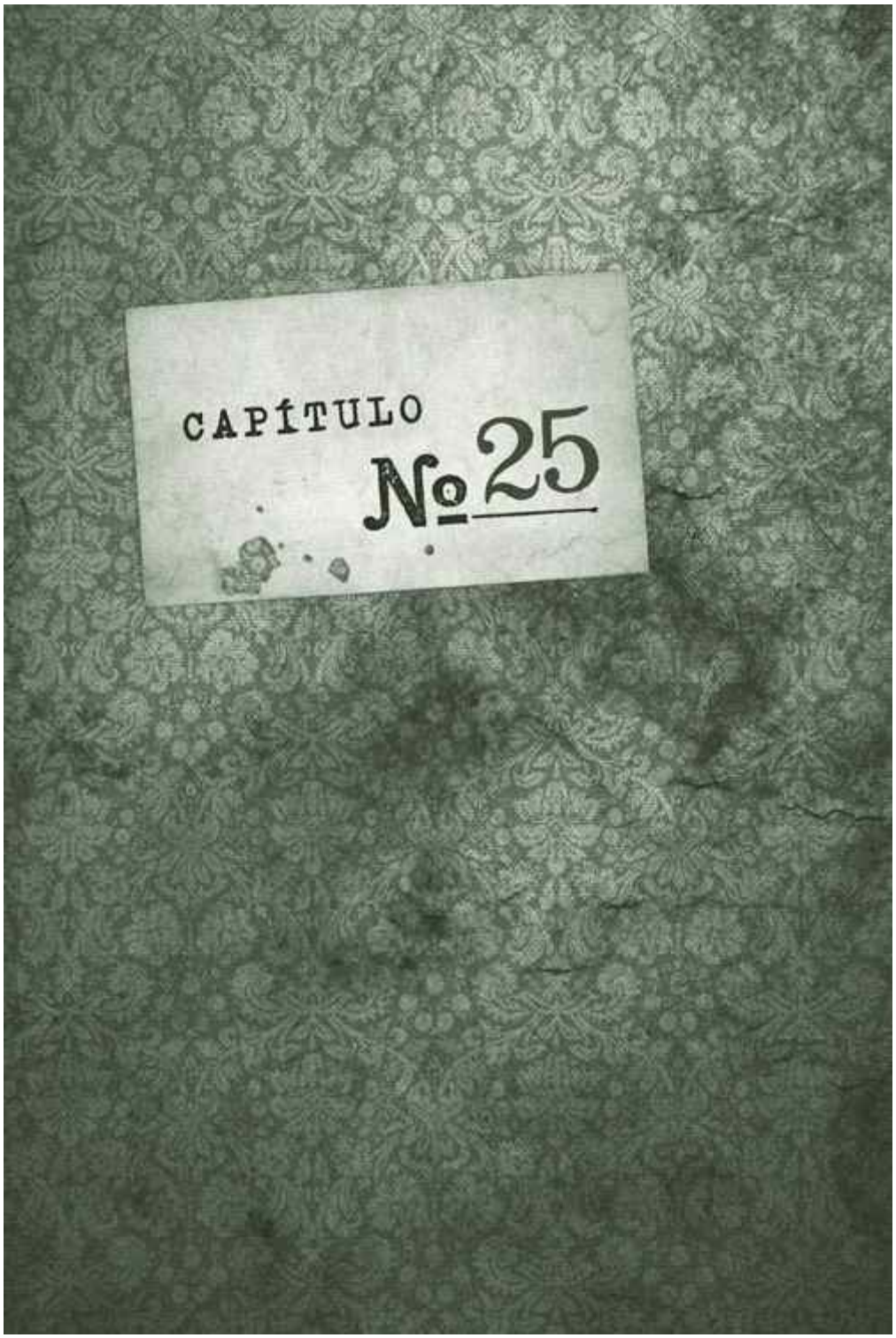
Então o trabalho questionável do diretor envolvia o "sacrifício" de pacientes. Tudo para criar um legado associado a seu nome. Dan se lembrou das fichas que encontrou na sala do diretor, com a letra *N* marcada no campo que dizia respeito à recuperação. Quantas operações teriam dado errado? Quantos pacientes teriam sido inutilmente submetidos à dor e ao terror, para que o diretor pudesse aspirar à imortalidade?

Dan continuou a leitura:

Eu sempre detestei esta palavra: sacrifício. Ela remete a selvagens batendo tambores em torno de uma fogueira. Mas é preciso haver sacrifícios, por mais que isso seja custoso. E perigoso.

Aquele era o fim da anotação, mas havia outra no verso, também com a letra do diretor. E, no pé da página, uma assinatura: *Daniel Crawford*.




CAPÍTULO
Nº 25

A polícia encontrou o assassino no dia seguinte, em um bar na cidade. Estava com a carteira de Joe e um garrote. O diretor reuniu os estudantes no Pavilhão Wilfurd para dizer que todos estavam seguros outra vez, mas, se alguém preferisse ir embora, receberia o reembolso integral pelo valor pago. As aulas seriam retomadas no dia seguinte. Haveria profissionais disponíveis para oferecer atendimento psicológico aos alunos.

Dan encontrou Abby e a convidou para uma caminhada. No gramado diante do Wilfurd, a movimentação habitual de alunos jogando frisbee ou bocha não existia. O clima no campus era sombrio. Decidiram sair de lá por um tempo, tomando o caminho que levava à mata. Assim que se afastaram alguns metros o ar começou a ficar mais frio, e a luminosidade foi diminuindo em função das árvores altas que os cercavam.

– Como está o Felix? – Abby perguntou depois de um tempo.

Dan encolheu os ombros, pois realmente não sabia.

– Ele não estava lá quando acordei, e acho que também não estava no Wilfurd. Deve estar falando com um dos psicólogos.

– E com você? Está tudo bem? – Abby perguntou, segurando sua mão.

– Está, sim – mentiu Dan.

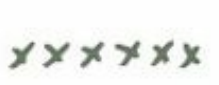
"Conte a ela, conte tudo. Pare de guardar tudo para si." Mas o que ele poderia dizer? "Então, descobri que o diretor daqui fazia umas coisas horrorosas e, adivinha só, a gente tem o mesmo nome. Ah, e eu ando tendo uns sonhos esquisitos em que vejo tudo pelos olhos dele. Nada de mais."

Pelo menos Dan enfim entendeu por que Sal Weathers e sua mulher ficaram tão irritados quando ele disse seu nome.

– Jordan não está atendendo o telefone – contou Abby, interrompendo seus pensamentos. As pinhas secas estalavam sob seus pés. – Mandei uma mensagem pra ele ontem quando voltei para o quarto, e outra hoje de manhã. Ele deve ter ficado sabendo que pegaram o cara, mas acho que ainda não saiu do quarto. Só recebi uma resposta: "estou ocupado estudando". Não entendo por que ele está tão estranho. Nem parece mais a pessoa que eu conheci no ônibus.

– Vai ver ele está querendo ficar um pouco sozinho. Afinal, ele *viu* o corpo.

– Pode ser... mas andei pensando sobre o que Yi falou, sobre a gente ficar de olho nele. Eu estou preocupada, sabe? Estou mesmo – ela falou. – Vou tentar falar com ele mais tarde. Não custa tentar, certo?



Dan não a viu mais naquele dia. Quando voltou ao quarto ficou olhando para as paredes, a cabeça girando a mil. Seu telefone tocou dentro do bolso, e ele teve um sobressalto.

"Calma, Dan, são só os seus pais."

Ele atendeu, já sabendo o que estava por vir.

– Ai, Danny, o diretor do curso acabou de ligar para contar que um menino foi *assassinado* no seu alojamento, o que está acontecendo, você quer que a gente... – a voz de sua mãe chegou na forma de um jorro contínuo de pânico.

Ele foi obrigado a interrompê-la:

– Ei, ei, escuta... Eles já *pegaram* o cara, tá bom? – Dan percebeu que estava quase

gritando e baixou o tom de voz. – Eu estou bem, está tudo sob controle agora. Tem psicólogos aqui para conversar com as pessoas, e o assassino já está preso.

– O diretor falou que um "suspeito foi detido" – ela rebateu, ainda angustiada. – Ele não parecia tão calmo quanto você.

Dan precisava manter a calma, e não só para a sua mãe, mas para si mesmo também. Era difícil ignorar o fato de que, quando estava desmaiado tendo uma visão que envolvia o Escultor, dois andares acima Joe estava sendo... *Esculpido*.

– Se eles achassem que ainda tinha perigo, já teriam cancelado o curso e mandado todo mundo pra casa.

Dan procurou falar com toda a convicção possível, desesperado para que Sandy acreditasse nele.

– Acho que você tem razão. Eu só... Eu estou agoniada pensando em você. Está tudo bem? Você está com os seus amigos?

– Eu estou bem. E Abby e Jordan também – na medida do possível – eu juro.

– Certo. Bom, se você está bem...

– Ei, aproveitando que vocês estão aí, posso perguntar uma coisa?

– Claro, Danny. Vou pôr o telefone no viva voz.

Ele ouviu um clique, e o ruído do outro lado da linha se amplificou.

– Oi, pai.

– Está precisando de alguma coisa, Danny? – perguntou Dan.

"Por onde começar?"

– Eu queria perguntar uma coisa sobre... a minha família, por assim dizer. Antes de conhecer vocês, claro. Quando eu era mais novo. Eu fiz uma pesquisa sobre este lugar... o nosso alojamento é um antigo hospital psiquiátrico, sabe? Enfim, tinha um diretor aqui que se chamava Daniel Crawford. – "Muito cuidado com o que vai dizer?" – Eu achei isso, hã, uma coincidência interessante. Você acha que existe a chance de sermos parentes?

– Dan – disse seu pai, sem perder a calma. – O que eu perguntei foi se você quer que a gente vá até aí buscar você. Eu e a sua mãe podemos pegar um avião agora mesmo. Sem problemas.

– Quê? Não! Não foi isso que...

– Estou falando sério. Essa história não está me cheirando nada bem. Vem pra casa, você não... Você não lida muito bem com esse tipo de situação – disse seu pai.

Fazia tempo que Dan não ouvia tamanha preocupação na voz de seu pai.

– Danny, querido, o seu pai só está querendo ajudar, assim como eu – acrescentou sua mãe. – Quer que a gente ligue para a doutora Oberst? Se você acha que isso pode desencadear algum quadro...

– Mas eu não falei nada sobre ir embora...

– Você falou de hospitais psiquiátricos, diretores... Mas e você, Danny? Não tenho como saber se você está mesmo se cuidando! – Era seu pai de novo, e, pela maneira como disse aquilo, dava para pressentir que estava ficando nervoso.

– Calma, Paul. Danny, estamos preocupados, só isso. E estamos dizendo que, se você quiser vir embora, achamos que seria uma decisão inteligente e racional. Nós já desconfiávamos que essa experiência podia ser demais pra você...

– Olha só, vamos deixar isso pra lá. Não precisa ligar pra doutora Oberst. Não se

preocupem comigo. Preciso desligar.

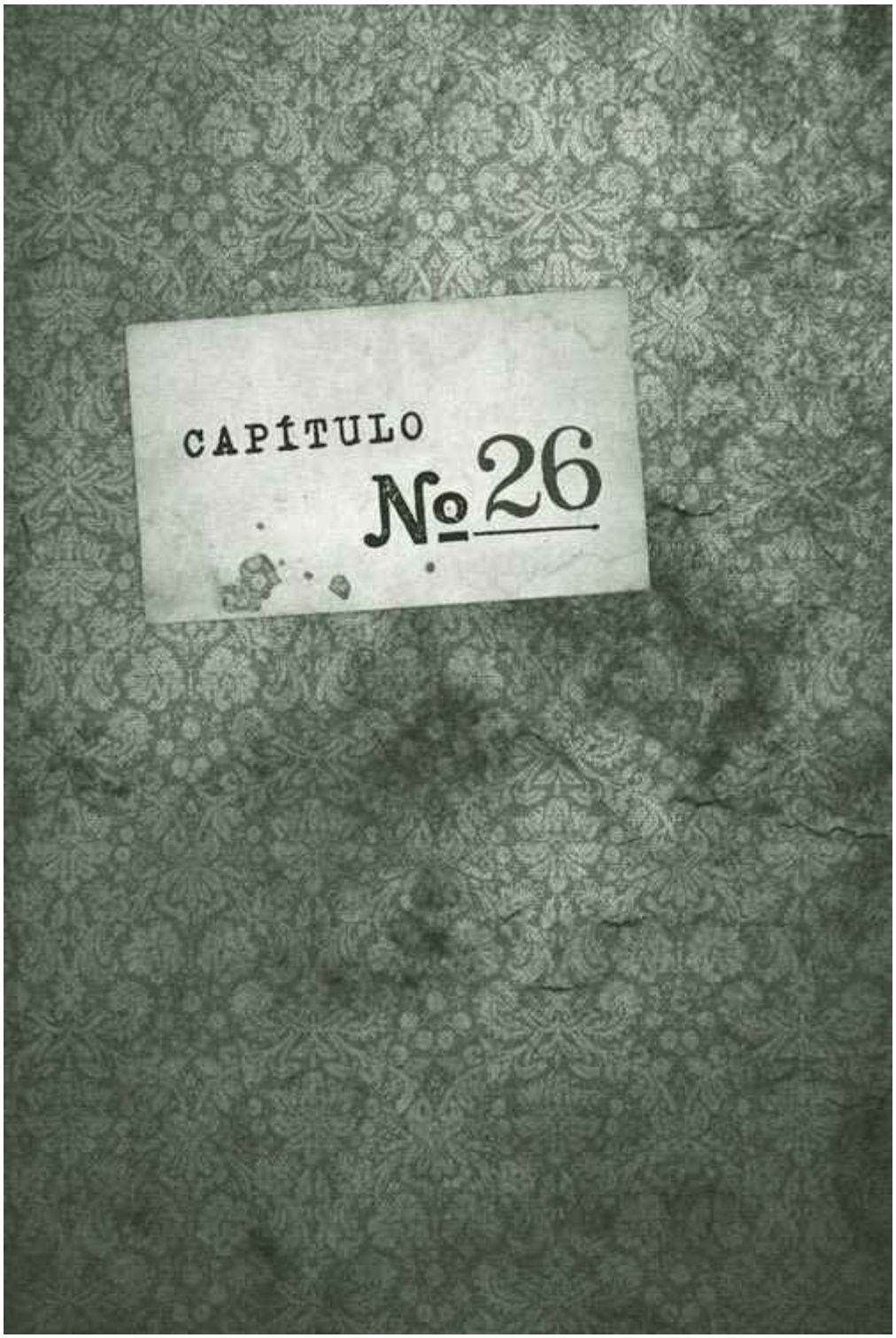
Ele interrompeu a ligação, apesar dos protestos dos dois.

Paul e Sandy sempre garantiram que só tinham informações "genéricas" sobre seus pais biológicos, como o fato de possuírem diploma universitário, serem saudáveis e não terem outros filhos. Ao que parecia, se as pessoas marcassem um quadradinho afirmando que não queriam que sua identidade fosse revelada, só seria possível descobrir mediante um motivo incontestável e uma ordem judicial.

Dan sinceramente não se importava em saber quem eram seus pais. Paul e Sandy eram ótimos. Os dois eram sua família.

De uma hora para outra, porém, descobrir mais a respeito de sua família biológica se tornou uma coisa importante. A informação de que Dan precisava era algo perturbador – a ligação entre ele e um assassino impiedoso. De todos os lugares para os quais poderia ter ido naquele verão, não seria um acaso que houvesse escolhido justamente aquele.

Brookline era seu destino. Estava em seu sangue.


CAPÍTULO
Nº 26

Dan revirou as gavetas da escrivaninha à procura da foto de Daniel Crawford. Os olhos riscados ainda estavam vivos em sua memória, mas o restante dos detalhes tinha se perdido, e ele precisava examinar a imagem outra vez. Depois de espalhar todo o conteúdo das gavetas na cama e não encontrar a fotografia, ele sentiu um aperto no peito. Por mais que procurasse, não conseguia encontrar.

A foto havia sumido.

Mas ele *tinha* visto aquela fotografia, não?

Sim, sim, disso estava certo. Dan chegara até a conversar com Felix a respeito, e foi assim que ficou sabendo da existência da ala desativada.

Talvez Felix tivesse pegado a foto por alguma razão. Ele nem imaginava qual poderia ser o motivo para isso, mas era uma explicação menos perturbadora do que pensar que alguém havia entrado em seu quarto, deixado fotos assustadoras por lá e depois levado embora. Dan procurou debaixo da cama pela pasta que deixara escondida por lá, desconfiando que também tivesse sumido.

Mas não, ela estava lá, intocada.

Quis se certificar de que havia procurado em todos os lugares possíveis. Talvez tivesse guardado a foto na pasta e esquecido. Quando a abriu, encontrou um bilhete com aquela letra infelizmente tão familiar sobre a pilha de papéis. Dessa vez não estava nem dentro de um envelope.

Em um mundo enlouquecido, os loucos se tornam os únicos sãos.

Dan arremessou a pasta para longe. Os papéis saíram voando.

– Eu não aguento mais isso! – ele gritou.

Um instante depois ouviu uma batida na porta, e seu vizinho de quarto, Thomas, enfiou a cabeça lá para dentro.

– Está tudo bem, cara? – perguntou ele.

Dan balançou a cabeça, abalado demais para dizer qualquer coisa que tivesse sentido.

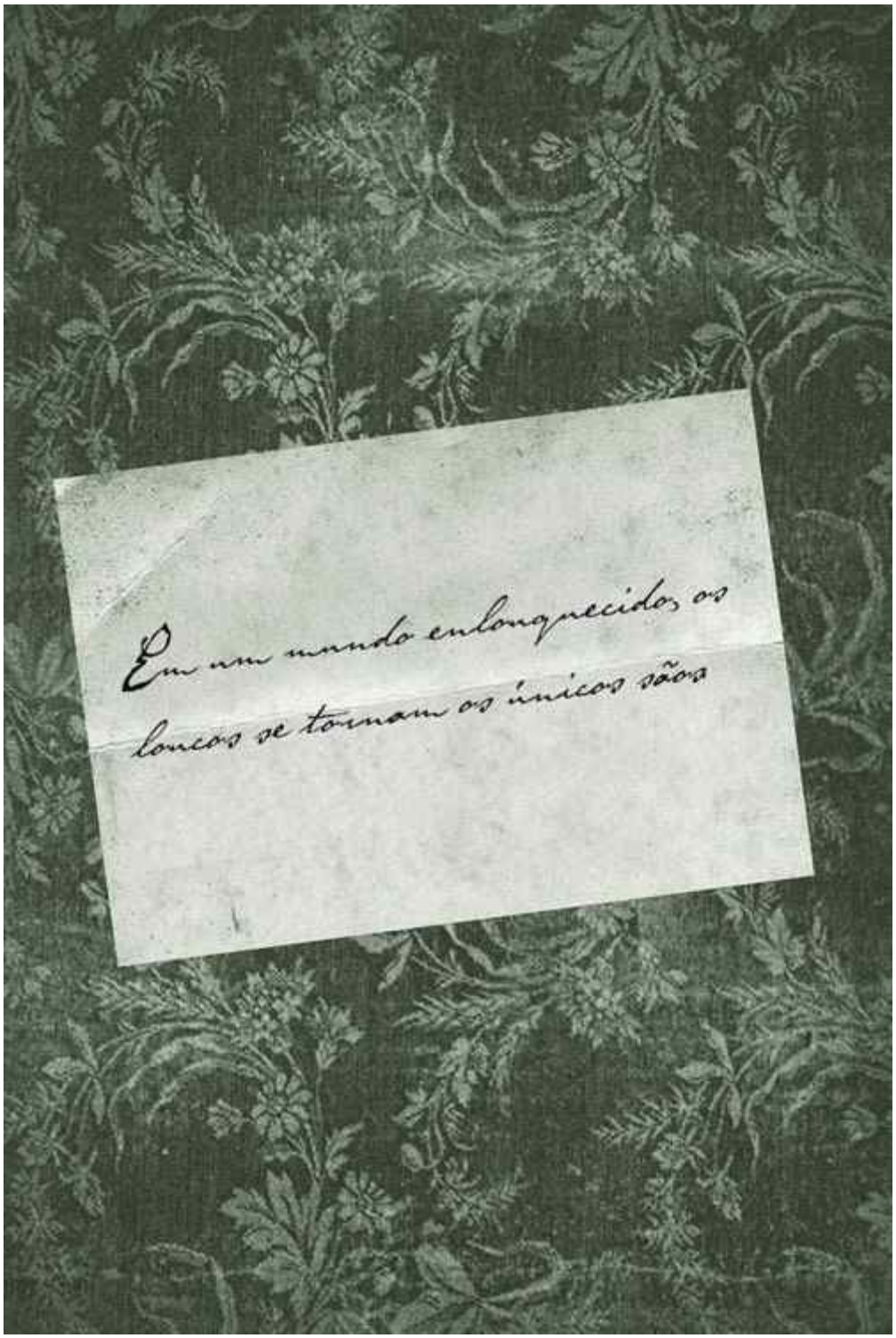
– Porque, sabe como é, se você quiser falar sobre o Joe e tudo o mais, os psicólogos estão aí... e eu também, se você precisar... – ele se interrompeu.

– Não, cara, está tudo bem, obrigado por perguntar – respondeu Dan, curvando os lábios e torcendo para que sua expressão fosse encarada como um sorriso.

Thomas encolheu os ombros e fechou a porta.

Dan não estava interessado em pedir ajuda, e muito menos que as pessoas tivessem pena dele.

Durante o jantar, Abby parecia bem distante. Ela desabou sobre a cadeira e começou a roer as unhas enquanto olhava para o purê de batata no prato. Dan ainda remoía o pouco que sabia sobre a pessoa que o estava atormentando. Apesar de ter a consciência de que todos no refeitório estavam mais abatidos que de costume, ele não conseguia deixar de sentir que toda a tristeza que se espalhava pelo recinto tinha origem em sua mesa.



Por fim, Abby resolveu dizer alguma coisa:

– Então, eu estava pensando; acho que devemos ser péssimas pessoas. Péssimas mesmo.

– Eu... hã... Não é bem assim que eu penso, mas explique melhor.

– É por causa do Jordan – disse Abby, afundando ainda mais na cadeira. – Acho que a gente pisou na bola com ele.

– Como assim? Você mandou um monte de mensagens. Ele sabe que a gente está tentando entrar em contato.

– Isso não basta. Precisamos ir até lá, precisamos insistir, ou então não vamos ser muito diferentes da família dele e daquele amigo da escola que virou as costas pra ele.

– Abby, se ele quer ficar sozinho...

– Mas ele *não quer*. Cada um lida com o estresse de um jeito. Acho que está se fechando

porque não quer incomodar a gente com seus problemas. Quero que ele saiba que pode falar sobre o que quiser.

– Eu sei, mas não me sinto à vontade invadindo o espaço dele. De repente é melhor mandar mais uma mensagem.

– Sabe de uma coisa, Dan, às vezes os amigos precisam bater o pé e dizer: "Ei, seu idiota, estamos aqui pro que der e vier. Não vamos virar as costas quando você estiver mal-humorado ou nervosinho, não vamos desistir de você. Estamos aqui pra cuidar uns dos outros".

– É por isso que eu gosto tanto de você, sabia? – ele falou, surpreendendo até a si mesmo.

– Como assim?

– Nada. Você tem razão. A gente precisa ir até lá – falou Dan.

– Eu tenho aula de desenho anatômico até as nove... é muito tempo. Você consegue ir até lá depois do jantar, e eu encontro vocês depois da aula? Seria muito importante pra mim.

– Claro, sem problemas. Vou falar pra ele isso que você disse, tirando a parte do "ei, idiota". Espero que você não se importe...

– Não – ela respondeu, dando risada – acho que é até melhor assim. Obrigada, Dan. A gente se vê mais tarde?

Dan confirmou balançando a cabeça e se despediu com um aceno quando ela pegou a bandeja e saiu para ir à aula. Ele deixou o Wilfurd alguns minutos mais tarde, seguindo pelo caminho tão conhecido até o alojamento. Só faltavam duas semanas de curso, e então ele iria para casa. Dan não sabia como reagiria quando isso acontecesse. Pelo menos Pittsburgh não era muito longe de Nova York. A viagem de trem devia ser fácil e rápida.

Dois policiais ainda monitoravam a entrada do alojamento. Estavam ali para tranquilizar as pessoas, mas para Dan o efeito foi o inverso, a impressão de que ainda havia alguma coisa mal resolvida que não quisessem contar para os estudantes. O policial grandalhão que o interrogou fez um aceno de cabeça quando ele passou. Dan tentou não fazer nenhuma conjectura a esse respeito.

Não havia ninguém circulando pelo andar de Jordan. Dan reparou que a maioria dos alunos tinha preferido ficar em outras partes do *campus* naquele dia, bem longe do Brookline. Isso só reforçava a impressão de que Jordan estava lá, pois parecia determinado a evitar todo e qualquer contato humano.

Dan bateu na porta, mas não obteve resposta. Ele bateu com um pouco mais de força e depois encostou a orelha na porta, imaginando que Jordan estivesse por lá, mas não quisesse atender. No entanto, não ouviu nenhuma movimentação lá dentro. Só por desencargo de consciência, virou a maçaneta. A porta se abriu.

Não havia ninguém lá dentro. O quarto estava bem frio. O lado de Yi parecia normal, mas perto da cama de Jordan as paredes estavam cobertas de folhas de fichário amarelas, preenchidas com seus garranchos frenéticos. Dan foi até lá e se inclinou para olhar tudo de perto, mas não conseguiu entender nada. Sua proficiência em matemática não chegava àquele nível. Ele se perguntou se aquilo tinha algum sentido até mesmo para Jordan.

– O problema impossível de resolver – ele murmurou.

A madeira da escrivaninha de Jordan também tinha desaparecido sob uma montanha de papel. No topo da pilha ele encontrou duas imagens impressas em papel sulfite comum. Aquelas fotografias... Dan as apanhou. Eram imagens dos três juntos, Abby, Jordan e ele.

Estavam de braços dados, com sorrisos de orelha a orelha. Quando aquelas fotos tinham sido tiradas? Ele não se lembrava de ter posado para ninguém, o que o deixou bastante assustado. Seus lapsos de memória não eram tão frequentes assim.

Tão perturbador quanto sua aparente amnésia era o fato de seu rosto ter sido riscado com tanta força em ambas as fotos que o papel quase rasgara.

– O que você está fazendo aqui?

– Merda! – Dan se virou, derrubando as fotografias. – Você quase me mata de susto, cara!

– E você acha que eu estou preocupado? – com os cabelos molhados e uma toalha na mão, Jordan estava claramente voltando do banheiro. Ele apontou para a porta. – Fora!

– Espera aí, Jordan... Eu só queria saber se estava tudo bem. Só isso! Eu não estava...

Jordan segurou Dan pelo braço e o arrastou para a porta.

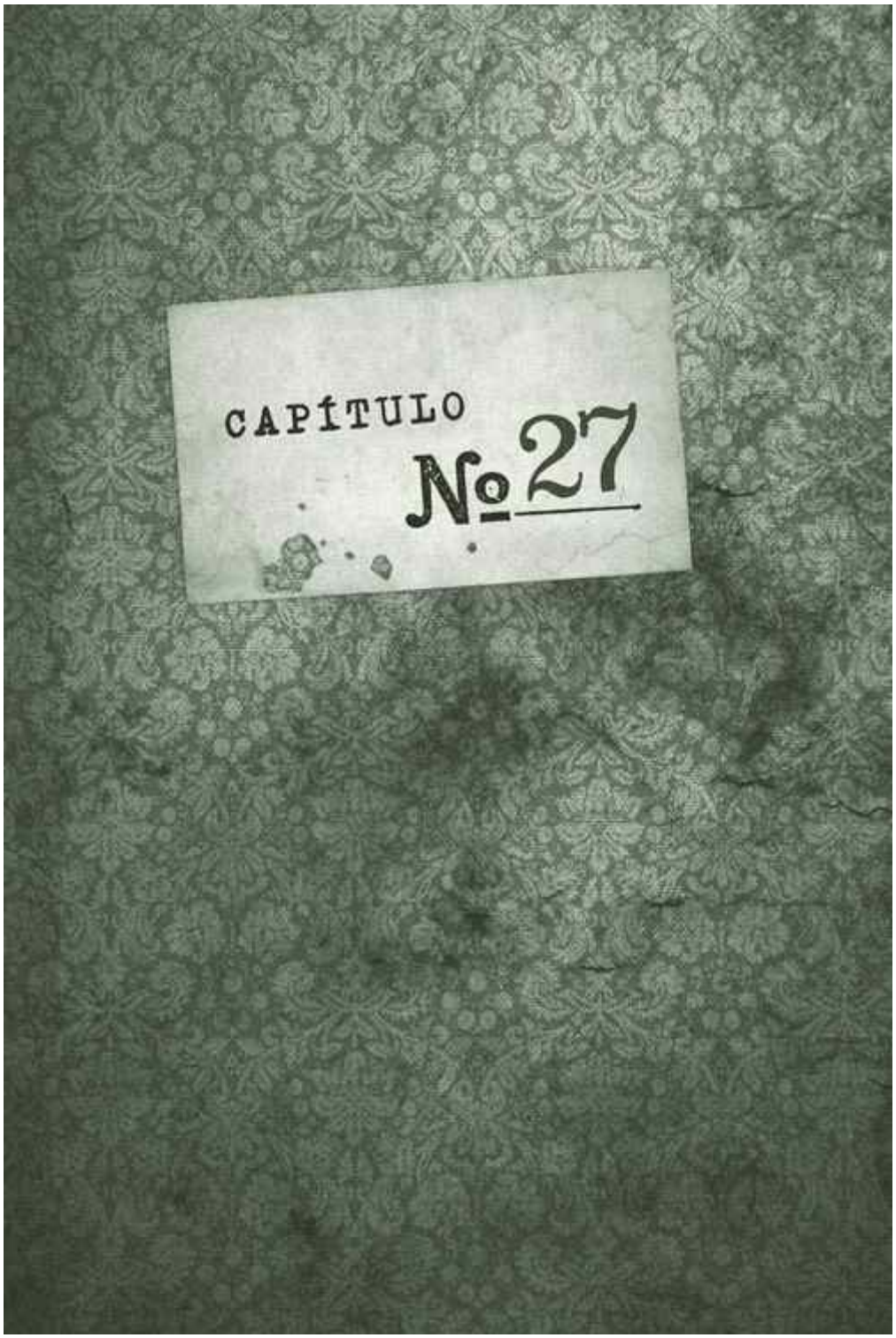
– Não me interessa o que você veio fazer aqui! Fora!

Dan saiu apressado pelo corredor, e se encolheu todo quando ouviu a porta bater com força atrás de si. Sacou o telefone do bolso com as mãos trêmulas e digitou uma mensagem rápida para Abby: “Jordan tá puto”.

Ele havia demonstrado uma raiva genuína, e aparentemente o motivo era Dan. Mas por quê? Que diabos ele poderia ter feito? Por que Jordan o odiava tanto?

Aquele que o estava atormentando poderia ser *Jordan*?

Não, aquilo só podia ser *paranoia* dele.


CAPÍTULO
Nº 27

Dan sentiu cheiro de menta. Sua sala inteira cheirava a menta. A secretária sempre deixava um pacote de balas de menta em sua mesa pela manhã, que ele ia consumindo ao longo do dia. Seu nome era Julie. Era jovem e bonita. Jovem demais e bonita demais para trabalhar em um lugar como aquele.

Diante dele, sobre a mesa, havia um relatório pela metade. Aquela parte do trabalho, a papelada, sempre foi um aborrecimento. Era para isso que existiam os assistentes, mas os dele não serviam para muita coisa. Ele pôs uma bala na boca, ajeitou os óculos e se debruçou de novo sobre o trabalho.

O que ele estava fazendo mesmo? Ah, sim. Escrevendo.

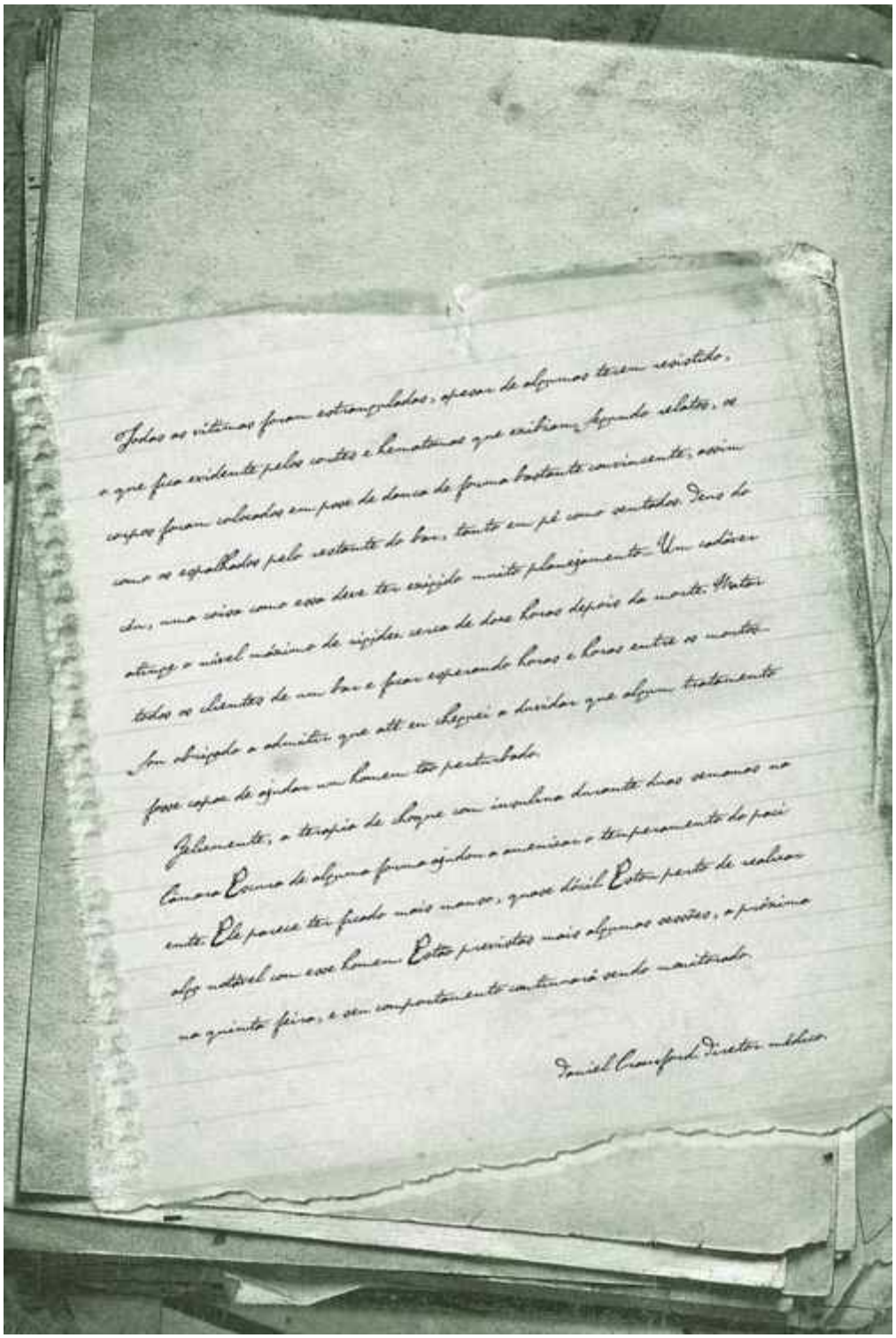
Todas as vítimas foram estranguladas, apesar de algumas terem resistido, o que fica evidente pelos cortes e hematomas que exibiam. Segundo relatos, os corpos foram colocados em pose de dança de forma bastante convincente, assim como os espalhados pelo restante do bar, tanto em pé como sentados. Deus do céu, uma coisa como essa deve ter exigido muito planejamento... Um cadáver atinge o nível máximo de rigidez cerca de doze horas depois da morte. Matar todos os clientes de um bar e ficar esperando horas e horas entre os mortos... Sou obrigado a admitir que até eu cheguei a duvidar que algum tratamento fosse capaz de ajudar um homem tão perturbado.

Felizmente, a terapia de choque com insulina durante duas semanas na Câmara Escura de alguma forma ajudou a amenizar o temperamento do paciente. Ele parece ter ficado mais manso, quase dócil. Estou perto de realizar algo notável com esse homem. Estão previstas mais algumas sessões, a próxima na quinta-feira, e seu comportamento continuará sendo monitorado.

Concluído o relatório, ele assinou seu nome.

Daniel Crawford. Diretor médico.

Ficou olhando para a assinatura um bom tempo. E depois mais um pouco. Em seguida, começou a escrever seu nome cada vez mais depressa, fazendo a caneta deslizar em alta velocidade pelo papel. Daniel Crawford, Daniel Crawford... A página desapareceu diante de seus olhos. Ele era capaz de ver os cadáveres dançarinos, ouvir a música tocando baixinho ao fundo. Era a mesma da caixa de música de Lucy. E então ele começou a cair, e a cair, e...



...acordou com um sobressalto. Ele nem percebeu que tinha dormido. Que tipo de sonho era aquele? Dan tentou repassar tudo em sua mente antes que a lembrança se esvaísse... Novamente ele via as coisas pelos olhos do diretor. Tudo parecia bem real. Ele se recordava até de escrever o relatório. Caso se concentrasse de verdade, conseguiria sentir o gosto das balas de menta.

Dan desceu da cama, ainda grogue. No criado-mudo, uma foto de Abby apareceu em seu celular. A mensagem dela estava logo abaixo:

A aula acabou. Estão distribuindo sorvete aqui fora. Quero saber sobre o Jordan. A gente se encontra em cinco minutos?

Cinco minutos? Não haveria tempo para tomar banho. Dan sentiu o próprio hálito, pondo a mão em concha sobre a boca. Poderia estar melhor... Ele procurou um chiclete que sabia ter guardado na mochila, mas o gosto de menta fez seu estômago revirar.

Quantas experiências mais Daniel Crawford ainda arruinaria em sua vida?

A tentação do sorvete grátis aparentemente havia esvaziado o alojamento, e isso valia também para os policiais. Dan atravessou com passos apressados o corredor silencioso até a escada lateral. No segundo andar ele se segurou no corrimão, como sempre fazia antes de começar a descer o lance de degraus seguintes. No entanto, logo adiante levou um susto, quando quase tropeçou em um vulto no meio da escada. Conseguiu se desviar no último instante, jogando-se para a direita e se agarrando ao corrimão do outro lado.

A princípio pensou que fosse uma mochila derrubada por alguém, ou então um balde deixado ali pelo pessoal da manutenção. Mas não era algo tão pequeno assim... era um *corpo humano*. Com um dos braços sobre as pernas e o outro posicionado acima da cabeça, quem estava lá era Yi, o colega de quarto de Jordan. Por um instante, os membros de Dan se recusaram a obedecê-lo. Ele não conseguia se mover.

"Ai, meu Deus, ele está morto, ai, meu Deus, ele está morto, ai, meu Deus, ele está morto..."

Dan se ajoelhou, segurou Yi pelo ombro e o sacudiu de leve. "Como é que dizem aqueles folhetos de primeiros socorros? Não mova uma pessoa que sofreu uma queda, porque isso pode agravar os ferimentos."

– Não, isso não pode estar acontecendo. Isso *não* está acontecendo! – murmurou Dan, passando a mão de leve pela camiseta de Yi. Pôs a mão sobre o peito do colega de curso, e soltou uma risada histérica de alívio ao sentir que seu coração ainda estava batendo.

– Yi! Está me ouvindo, Yi?

Ele o sacudiu mais uma vez. Não houve resposta. Dan tirou o celular do bolso e ligou às pressas para o serviço de emergência. Ou seria melhor acionar os seguranças do *campus*? Eles chegariam mais depressa. E para onde tinham ido todos aqueles policiais?

– Alô? Eu preciso de ajuda. Estou no alojamento Brookline, aqui no *campus*. Ah, desculpa, em Camford, no New Hampshire College. Meu amigo está desmaiado. Não sei se foi agredido ou se caiu. Não sei. Ele está respirando, mas não acorda; estou sentindo o pulso dele...

A telefonista pediu que ficasse na linha, que em breve a polícia chegaria, mas a espera pareceu durar uma eternidade. Dan manteve a mão no ombro de Yi, repetindo que tudo ia ficar bem, que ele ia ficar bem, que estava tudo sob controle. Depois de um tempo, notou que estava tagarelando coisas sem sentido, que as palavras que saíam de sua boca eram só uma tentativa de disfarçar o pânico. Tentou ignorar o fato de que as pernas de Yi estavam cruzadas, como se ele tivesse sentado na escada para descansar. Por fim os policiais chegaram. Um deles ajudou Dan a se levantar, deu um tapinha em suas costas e pediu que esperasse lá embaixo.

Mais policiais chegaram, e depois mais alguns, e só então os paramédicos. Não, os degraus não estavam escorregadios. Não, Yi não tinha sido movido. Sim, ele ligou assim que o encontrou. Não, ele não conhecia ninguém que pudesse querer fazer algo contra Yi. Dan foi instruído a se sentar em um banco no hall de entrada enquanto a polícia bloqueava as portas. Ninguém poderia mais entrar, e os policiais espalhados pelo prédio ordenaram que os alunos que ainda estavam no quarto ficassem onde estavam.

Pelas janelas do hall de entrada, Dan viu os estudantes se aglomerando do lado de fora e olhando para dentro, tentando descobrir o que estava acontecendo. Quando olhou para o celular, viu seis mensagens não lidas, todas de Abby.

A polícia entrou correndo no alojamento. Cadê vc?

e

Dan? Vc tá bem? Que aconteceu? Vc viu os policiais aí?

As mensagens iam ganhando um tom cada vez mais aflito que chegou ao ponto culminante na última, que era só uma fileira de pontos de exclamação e de interrogação.

"Estou bem. Encontrei Yi caído na escada", ele respondeu. Dan desviou os olhos do telefone. Os paramédicos carregavam Dan em uma maca, enrolado em um cobertor bem apertado. "Ele está sendo levado pra ambulância agora."

Assim que os paramédicos chegaram à porta, dois policiais apareceram correndo para escoltá-los e controlar a multidão que se reuniu ao redor. O ruído que vinha do lado de fora era ensurdecedor – um acúmulo de gritos, choros e o som agudo da sirene da ambulância.

Abby respondeu um segundo depois.

Ai! Coitado do Yi! Estou vendo ele ser colocado na ambulância. E com vc, tá tudo bem?

A preocupação dela foi um alento para Dan. "Sim", ele respondeu, mas aquilo estava bem longe de ser verdade. Como os policiais o interrogavam e caminhavam de um lado para o outro antes de fazer mais perguntas, só o que Dan conseguia pensar era que Yi estava posicionado placidamente, como uma escultura.

A julgar pelas perguntas, os policiais não pareciam ver nenhuma relação entre o assassinato de Joe e aquele incidente. Em primeiro lugar porque Yi estava vivo e, para completar, porque o provável assassino estava preso. Olhando ao redor, porém, para o rosto dos estudantes do lado de fora, Dan notou que o pensamento de todos era o mesmo: o Brookline não era um lugar seguro.

– Filho?

Dan tirou os olhos da tela do celular e olhou para o policial. Ele não sabia seu nome, apesar de o homem ter se apresentado quando deu início aos questionamentos. Dan estava atordoado demais para lembrar esse tipo de coisa.

– Você já pode ir – disse o policial, apontando para a porta com o queixo. – Vamos evacuar tudo por aqui. Vocês foram todos chamados ao refeitório.

Abby estava bem ao lado da entrada do alojamento, esquivando-se dos policiais que tentavam tirá-la dali. Assim que bateu os olhos em Dan, foi correndo até ele.

– Ei! Você... está tudo bem mesmo?

Ela o abraçou com força.

– Melhor agora.

A estratégia de evacuar o local não estava dando muito certo. A comoção ao redor era grande demais. Dan olhou na direção das sirenes e notou que também os professores e o

pessoal da cidade tinham ido até lá para ver o que estava acontecendo. Havia grupinhos de estudantes cochichando debaixo das árvores, e Dan conseguiu localizar alguns rostos conhecidos entre monitores, professores e – "Espera aí, que é isso?" – a esposa de Sal Weathers. Seu rosto macilento parecia ainda mais fantasmal sob as luzes azuis da sirene da polícia. A professora Reyes tentava abrir caminho no meio da multidão, gesticulando para um policial. Parecia estar gritando com ele, discutindo. Quando Dan tentou localizar de novo a mulher de Sal, ela não estava mais lá.

Ele e Abby se juntaram ao fluxo de estudantes que se dirigiam ao Wilfurd.

– Isso é tão terrível que não consigo nem imaginar – disse Abby. – Você acha que ele vai ficar bem?

– Não sei. Quer dizer, ele estava respirando, mas inconsciente. Pode ter sido uma queda, não sei. Espero que fique bem.

Dentro do pavilhão, a atividade era frenética. Os amigos das aulas de artes de Abby vieram correndo na direção deles, bombardeando Dan com suas perguntas. "Ah, verdade. Eu estava lá. Fui eu que topei com ele na escada. Todo mundo já está sabendo, claro." Abby teve que intervir, pedindo para que não o perturbassem.

– Obrigado – disse Dan quando os outros se afastaram. – Não sei ainda tenho energia para responder perguntas hoje. A polícia já arrancou de mim tudo o que eu tinha a oferecer.

Os monitores do alojamento levaram o sorvete lá para dentro e o deixaram sobre um dos balcões, para que os alunos pudessem se servir à vontade. Havia também uma jovem com redinha no cabelo fazendo *milk-shakes*.

– Isso é pra fazer a gente esquecer? – perguntou Abby, revirando os olhos. Foi quando ela viu Jordan parado sozinho perto das janelas. Beliscou o cotovelo de Dan. – Vamos pegar alguma coisa pra ele. Yi era o colega de quarto do Jordan. Ele deve estar arrasado.

– Ele não gostou nada da minha visita – disse Dan. – Na verdade, fiquei com a impressão de que estava muito irritado comigo.

– Pois é, eu vi a sua mensagem – ela se apressou em responder. – Mas ainda assim acho que a gente devia falar com ele.

– Sim, claro. Só vamos... tomar cuidado, certo? Eu não quero ser atacado de novo justamente agora.

Entraram na fila para pegar um *milk-shake* para Jordan. Na frente deles, Dan ouviu a conversa de alunos dizendo que pretendiam ir embora. Seu coração se apertou. Isso significava que o curso ia ser cancelado? Ele achava que isso só não tinha sido feito ainda porque o suspeito fora preso logo em seguida, mas com aquele novo incidente... Bom, não era muito difícil entender por que as pessoas estavam relacionando os dois eventos.

Com os *milk-shakes* em mãos, Abby e Dan foram até Jordan. Suas folhas e sua caneta não pareciam estar por perto. Ele estava de novo segurando seu dado de múltiplas faces, virando-o na palma das mãos como se quisesse polir suas pontas, olhando para o *campus* pela janela, usando um roupão azul e um par de chinelos de camurça.

Quando Jordan os viu, foi logo falando em um tom de desagravo:

– Eu não quero. E não preciso da compaixão de vocês.

– Então nós vamos embora. Vamos deixar você sozinho – respondeu Abby, largando o *milk-shake* sobre a mesa ao lado dele. – Mas fique sabendo que estamos aqui se precisar de nós.

Ela se virou para ir embora, fazendo um sinal com a cabeça para que Dan a acompanhasse.

– Esperem um pouco.

Jordan segurou o *milk-shake* com as duas mãos. Havia olheiras enormes em seu rosto. O cabelo estava todo emaranhado. As luzes dos carros da polícia se refletiam em seu rosto, tingindo-o de vermelho, azul e por último de um amarelo pálido.

Por um momento Jordan manteve o olhar sobre o copo em suas mãos. Aos poucos, porém, foi erguendo a cabeça na direção deles.

– Obrigado. Pelo *milk-shake* e por... Obrigado.

– Então, como você está? – perguntou Dan.

Jordan suspirou.

– É tudo muito surreal. Quer dizer, talvez ele tenha caído, mas você viu a quantidade de policiais? Não pode ter sido só isso – deu um longo gole no *milk-shake*. – O que foi que Yi fez? Ele é um cara legal, meio tagarela, mas gente boa.

O diretor do curso chegou, informando com uma voz trêmula que o dormitório tinha sido cuidadosamente revistado e que todos podiam voltar para o quarto. Ninguém parecia muito disposto a sair do refeitório.

– Vamos lá – chamou Abby. Ela pôs a mão sobre o braço de Jordan. – Vamos voltar para o seu quarto.

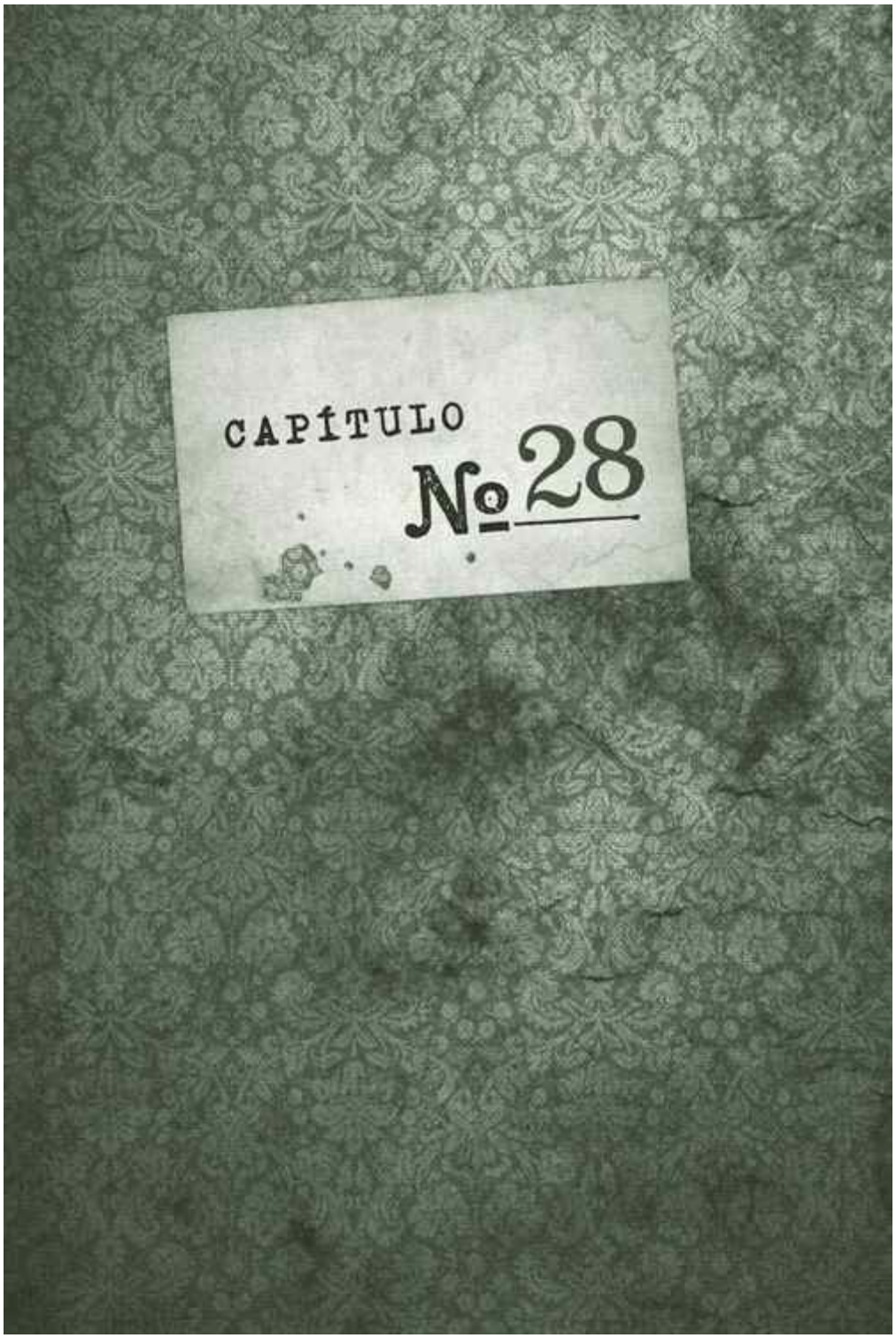
– Eu posso muito bem ir sozinho.

"Vai começar tudo de novo..." Dan se preparou para mais um escândalo.

Abby, porém, ignorou a resposta malcriada.

– Eu sei, idiota, estou vendo as suas pernas. Mas vamos juntos mesmo assim. Agora não é hora de ninguém ficar sozinho.




CAPÍTULO
Nº 28

O caminho de volta foi percorrido em silêncio, e foi com passos arrastados que os três entraram de volta no Brookline. "Esse alojamento nunca pareceu tão feio antes", pensou Dan, "tão grosseiro e decadente". Era o cenário de um assassinato e de uma possível tentativa, isso sem contar os experimentos grotescos que já haviam sido realizados entre suas paredes.

Jordan os conduziu até o corredor onde ficava seu quarto. Enquanto remexia no bolso à procura da chave, Dan se perguntou o que Abby diria quando visse as paredes cobertas pelos garranchos matemáticos de Jordan.

No entanto, quando ela entrou no quarto logo atrás de Jordan, não se ouviu nenhum grito de surpresa ou horror. As paredes estavam limpas. Não havia nem um pedaço de papel amarelo visível ali, a escrivaninha e a cama estavam arrumados, e dava para ver até um pôster na parede. As fotografias mutiladas também não estavam por lá.

Dan se virou para Jordan, deitado na cama, olhando para os próprios pés. Por um momento, Dan duvidou seriamente do que tinha visto. Ele teria imaginado o quarto daquela maneira? As fotografias? Era estranho mesmo que Yi não tivesse falado nada a Dan e Abby sobre o acúmulo de papéis ao contar que estava preocupado com Jordan. Ou então Jordan poderia ter limpado tudo, para deixar Dan ainda mais confuso. Afinal de contas, naquelas fotografias, seu rosto havia sido riscado. Pensando bem, talvez fosse Jordan que estivesse escondendo a fotografia do diretor.

Mas Jordan poderia mesmo ser o responsável por trás de tudo o que vinha acontecendo com ele? Era a segunda vez que Dan se pegava fazendo essa pergunta.

Abby pôs uma chaleira no fogareiro elétrico de Jordan e se deitou com ele na cama.

– Então, eu sei que está todo mundo abalado e assustado, mas preciso contar uma coisa a vocês – ela anunciou, pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha e escolhendo as palavras que diria com a delicadeza que Dan tanto apreciava. – A minha tia Lucy ainda está viva.

Lucy chegou a se tornar uma mulher adulta? Ela não morreu depois da operação?

– Mas como foi... – Jordan se interrompeu.

– Que eu descobri? – concluiu Abby.

Dan também queria saber. Abby vinha conduzindo suas investigações e conseguira esconder isso muito bem. Essa era mais uma coisa que eles tinham em comum.

– Sabem aquela igrejinha no caminho para Camford? – começou Abby. – Dan e eu passamos por ela quando saímos para jantar naquela noite, e eu pensei que ali pudesse haver algum registro de Lucy. Quer dizer, isso se ela tivesse *mesmo* vindo pra cá quando menina. Eu meio que imaginei que ela não devia ter ido para muito longe depois que o Brookline fechou.

– Certo... – comentou Dan, espantado com a frieza do raciocínio dela.

– Fui até lá ontem à tarde. O pastor estava na sala dele... É um velhinho bonzinho, mais baixo do que eu, e me ajudou bastante. Contei que estava procurando minha tia, que viveu em Camford no final dos anos sessenta. Ele remexeu nos antigos registros de batismo, e nós começamos a examinar os nomes.

Jordan estava perplexo. Dan esperava que estivesse escondendo isso melhor que ele, mas também se sentia da mesma forma.

– E lá estava ela, em um registro de 1973. Batizada junto com um grupo de crianças do orfanato da cidade quando tinha treze anos. O orfanato não existe mais, claro, mas o que importa é que ela conseguiu sair daqui e ficou em Camford mesmo. Como eu pensava. *Et*

voilà.

– Ai, *meu Deus*, você encontrou a sua tia? Você *conversou* com ela? – questionou Jordan.

– Não, eu não sei onde ela está. Pelo menos não ainda.

– Isso não é pouco – comentou Dan. – Mas... tem certeza de que é ela? A sua tia?

– Sem dúvida nenhuma – respondeu Abby. – O nome... o lugar... a época... É a navalha de Occam, sabem como é? Quando existem muitas explicações possíveis, a mais simples provavelmente é a verdadeira.

– Quem é você, e o que fez com a Abby? – disse Jordan, e, antes que se desse conta, Dan estava rindo. Abby, porém, continuou encarando os dois, bem séria. Jordan jogou os braços para cima e encolheu os ombros. – Ah, que seja. Depois de tudo o aconteceu, sou capaz de acreditar em qualquer coisa.

Dan concordou. Eles já tinham passado da fase das simples coincidências fazia tempo. E talvez, com todos dispostos a jogar limpo, Abby e Jordan poderiam ajudá-lo a montar seu próprio quebra-cabeça.

– Então, pessoal, eu também tenho uma coisa pra contar. Eu... – ele se interrompeu. Dan não era tão ousado nem tão sincero quanto Abby. – Eu fiz uma pesquisa sobre o Brookline na internet – teve que respirar fundo para se acalmar. – Yi me contou que, quando Felix encontrou Joe, ele estava em uma pose esquisita. E, agora há pouco, quando encontrei Yi na escada, ele também estava em uma posição bem estranha. Não sei se isso é importante, mas o texto do site que encontrei falava sobre um cara... Ele foi um dos assassinos internados aqui. Um assassino em série. Matava as pessoas e depois criava uns cenários, com os cadáveres fazendo o papel de estátua...

"Pelo que dizem, as vítimas encontradas em uma pista de dança pareciam bem convincentes."

– Dan, o que você está dizendo? – perguntou Abby.

– Ele era chamado de o *Escultor*, e veio para cá, para o Brookline. Eu... também encontrei a ficha dele lá na ala desativada. Quando a gente foi pego pelo Joe. De acordo com os registros ele foi curado, mas o site dizia que ninguém sabe o que aconteceu com ele. E se esse cara ainda estiver à solta? Quer dizer, isso faz sentido, não? É a mesma coisa que você falou sobre Lucy: por que sair caçando pelo mundo quando se tem um território próprio?

Dan preferia ter dito aquilo de outra forma. Só de pensar em ser caçado por um monstro como aquele... E se fosse o Escultor o autor daqueles bilhetes anônimos? E se ele tivesse ficado sabendo da chegada de um garoto com o mesmo nome do diretor, o homem responsável pelos experimentos bizarros a que fora submetido?

– Você precisa levar isso à polícia – disse Jordan.

– E dizer o quê? Que um homem que foi tratado aqui anos atrás voltou pra se vingar? – quando verbalizou a ideia, ela lhe pareceu ainda mais absurda. – Por que eles acreditariam em mim?

– Não interessa o que eles vão pensar! – gritou Jordan. Ele foi andando até a porta e a abriu. – Yi foi atacado. Meu *colega de quarto*. Joe foi *assassinado*. Se você souber qualquer coisa que puder ser útil... a gente tem a obrigação de contar à polícia, até por respeito ao sofrimento dos dois.

– Jordan tem razão – concordou Abby. Ela abriu um sorriso de cumplicidade para Dan. – Você não precisa contar sobre a ala abandonada, claro.

Era como se ela tivesse lido seus pensamentos. Ele se sentiu um tanto sem graça por ela ter notado a verdadeira razão para seu medo de contar tudo à polícia.

– É verdade. Eu posso dizer que achei tudo na internet – Dan concordou por fim.

"Mas sem falar nada sobre mim. Sobre Daniel Crawford."

– Já é um bom começo – disse Abby. – Vamos atrás de um policial para resolver isso agora mesmo.

No corredor, não foi muito difícil encontrar um policial patrulhando a área. Jordan e Abby se posicionaram um de cada lado de Dan, como se temessem que ele fosse mudar de ideia.

– Com licença – falou Dan, um pouco tímido. Ele sempre ficava nervoso na presença da polícia, mesmo sem ter feito nada de errado. O policial se virou. De acordo com o nome bordado na farda, ele se chamava Teague. Não era muito alto, mas tinha ombros largos e um bigode castanho que estava começando a ficar grisalho. – Com licença? Oi. Eu estudo aqui... e tenho uma informação que gostaria de passar à polícia.

– Ah. E o que seria? – perguntou o policial, cruzando os braços.

– Bom... eu fiz uma pesquisa sobre o Brookline. Por curiosidade, sabe, para ter mais informações sobre a história do lugar, essas coisas.

– Um assassino em série viveu aqui no manicômio – Jordan falou sem preâmbulos.

"Agora não tem mais como voltar atrás..."

– Continuem – pediu Teague, com um aceno de cabeça.

Dan, porém, percebeu que não adiantaria nada explicar toda a história. O policial tinha no rosto uma expressão de ceticismo e um sorriso indicativo de que, apesar de estar ouvindo, não estava nem um pouco disposto a levar a sério o que aqueles adolescentes assustados tinham a dizer.

Tomando o cuidado de omitir as partes que poderiam denunciar suas incursões ao porão, Dan contou ao policial tudo o que sabia sobre o Escultor. Ele mencionou a similaridade entre os assassinatos cometidos nos anos sessenta e os casos de Joe e Yi.

– *Vou fazer um relatório a respeito* – Teague falou quando Dan terminou.

– Você nem anotou nada – contestou Jordan.

– Vou fazer um relatório a respeito – repetiu o policial, olhando feio para Jordan. – Escutem só, eu morei em Camford a minha vida toda. Todo mundo aqui conhece o Escultor. Qualquer um que já viveu aqui sabe o tipo de maluco que mandavam pra cá. *Principalmente* esse cara. Dennis Heimline. Está aí um nome que eu nunca vou esquecer – Teague ajeitou a farda e chegou um pouco mais perto de Dan. – Ele morreu em 1972, no mesmo ano em que este lugar foi fechado.

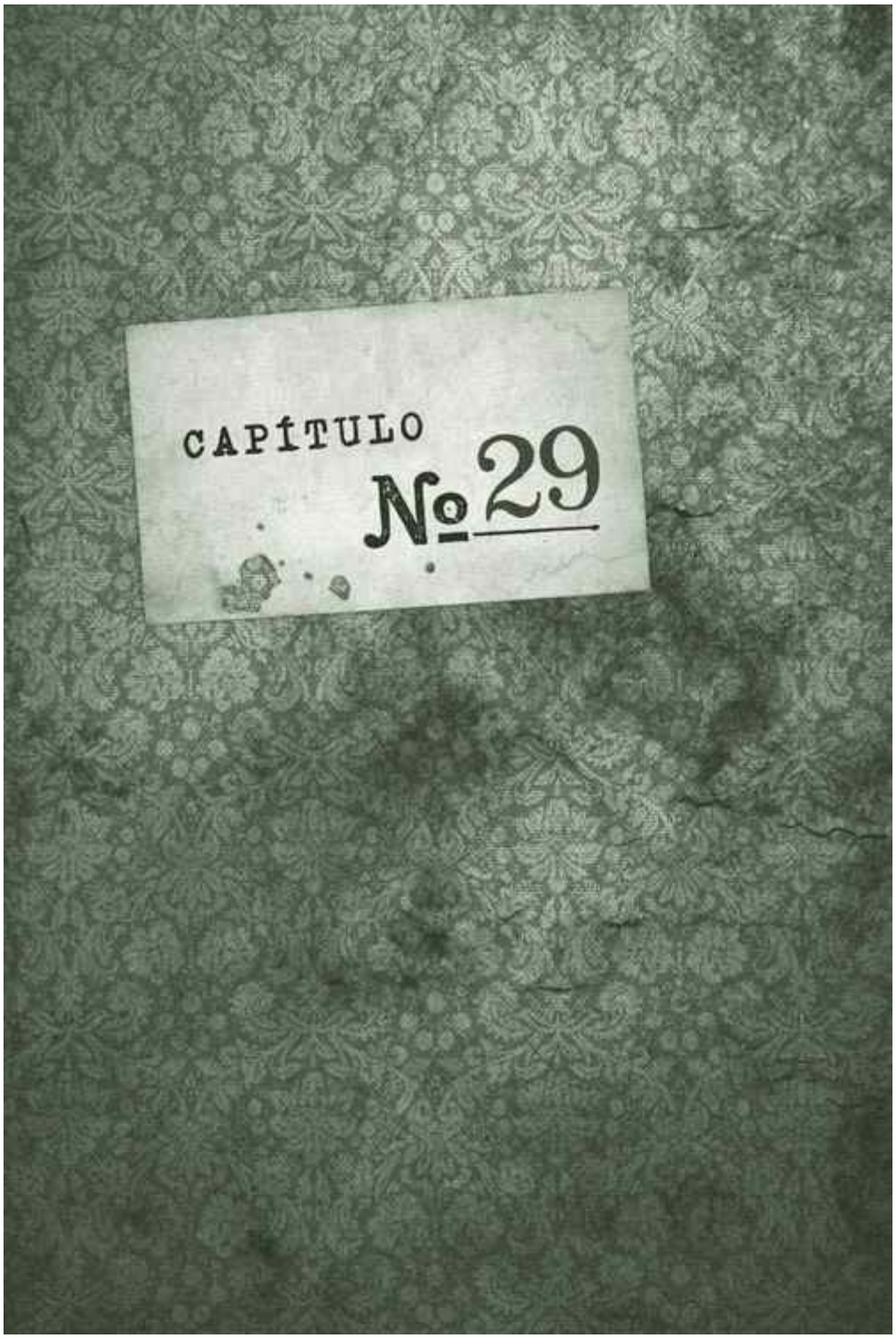
Ele morreu? Então Sal Weathers tinha inventado aquilo tudo? Dan não sabia quem poderia ser menos confiável: um maluco autoproclamado historiador ou um policial de uma cidadezinha de interior. No entanto, parecia fazer mais sentido que um oficial da lei fosse a fonte mais indicada para falar sobre Heimline.

– Pode ser um imitador – sugeriu Dan. – Não é difícil encontrar informações sobre o Escultor na internet. Qualquer um pode ter visto e resolvido copiar seu estilo.

O policial suspirou, mais do que disposto a encerrar o assunto.

– Escuta só, garoto, o cara de ontem à noite já está preso. O que aconteceu hoje foi um acidente. O rapaz escorregou e caiu, ponto final – ele apontou para os três. – Vocês estão assustados, só isso. E deveriam ir falar com o pessoal do atendimento psicológico, em vez de

tentar caçar fantasmas.


CAPÍTULO
Nº 29

No dia seguinte as aulas foram canceladas, e Dan passou a maior parte do tempo perambulando pelo campus, assistindo à partida das pessoas que tinham decidido ir embora. Muitos dos amigos de Abby estavam indo, e ela, Dan e Jordan foram se despedir. Ele não esperava que algo tão simples pudesse ser tão exaustivo, mas receber olhares e mais olhares de estranhamento ou pena deixou seus nervos em frangalhos. Ninguém fazia questão de esconder sua opinião: todos achavam que prosseguir fazendo o curso era loucura.

Felix foi um dos que decidiram ficar. Dan achou ótimo poder contar com sua presença. Ele não suportaria a ideia de dormir sozinho ali.

Exaurido como estava, Dan deveria ter pegado no sono assim que deitou na cama. Mas, apesar do corpo cansado, sua mente permanecia inquieta. Só conseguia tirar cochilos de no máximo meia hora.

Dan olhou no relógio, e eram 2h57. Felix roncava na cama ao lado. A janela aberta deixava entrar uma brisa gelada, que fazia balançar as cortinas. Admitindo que não conseguiria mais dormir, Dan resolveu ir buscar um lanchinho noturno nas máquinas de petiscos e bebidas. Tomando o cuidado de não fazer barulho, saiu da cama, vestiu uma camisa de flanela e pegou a carteira e o celular. Achou melhor não trocar a calça de moletom, para deixar claro a qualquer policial que cruzasse seu caminho que tinha acabado de sair da cama. Em último caso, poderia alegar ser sonâmbulo.

Fechou a porta com cautela e foi caminhando pelo corredor. Não havia nenhum policial à vista. Na ponta dos pés, desceu até o primeiro andar, fazendo de tudo para não pensar em Yi e Joe. Deu uma olhada ao redor antes de entrar no corredor e, mais uma vez, não encontrou nem sinal da polícia. Onde estariam todos eles? Quando chegou perto das máquinas e abriu a carteira para pegar as moedas, sentiu uma mão pesada pousar em seu ombro. Dan se virou apressado, com um suspiro de susto. Era Jordan.

– Você me deu um puta susto, Jordan.

Aquilo era dizer o mínimo. Dan pôs a mão no peito e sentiu o coração disparado.

– Desculpa, cara. Não foi por mal. Pensei que você soubesse que era eu. Enfim, o que você queria falar comigo? – ele murmurou.

– Do que você está falando? – questionou Dan, confuso.

– Você me chamou até aqui... – Jordan parecia estar irritado. – Pensei que fosse alguma coisa *importante*.

– Não, eu não chamei ninguém...

– São três da manhã, caramba. Isso não é hora para ficar de brincadeira – resmungou Jordan. – Pelo menos vamos até o meu quarto, para a polícia não ver a gente aqui.

Quando subiram de novo, Jordan sacou o celular, abriu-o e mostrou sua caixa de mensagens. Havia um torpedo enviado pelo número de Dan pedindo para Jordan encontrá-lo perto das máquinas às três horas para conversar sobre um assunto importante.

– Satisfeito agora? – perguntou Jordan.

O que ele podia dizer? Dan piscou os olhos várias vezes, sentindo o coração se acelerar, pois não se lembrava de jeito nenhum de ter mandado aquela mensagem, e muito menos tinha a intenção de se encontrar com Jordan – nem ninguém – no meio da madrugada. Ele havia decidido descer para fazer um lanchinho poucos minutos antes. Como poderia ter planejado aquele encontro?

– Eu juro, Jordan, que não mandei essa mensagem.

Sua voz saiu em um tom de súplica.

– Pega o seu telefone aí.

– *Quê*?

– Pega aí. Vai. Quero ver as suas mensagens enviadas.

Ele estendeu a mão aberta, esperando que Dan entregasse o celular.

– Não sei o que você está querendo provar – resmungou Dan. Mas então ele se lembrou dos e-mails estranhos que apareceram em seu telefone e não ficou nem um pouco surpreso ao encontrar a mensagem em sua pasta de enviados. Isso não fazia diferença, porque não tinha sido *Dan que a enviou*. Ele tinha certeza. Jordan, porém, se recusava a acreditar.

– Que palhaçada, Dan! – reclamou Jordan. Ele tirou os óculos e esfregou os olhos com as mãos espalmadas. – Prefiro nem saber o que está querendo, que tipo de brincadeira sem graça é essa. Yi está no hospital, eu estou dormindo sozinho neste lugar horroroso, e agora você me vem com essa... sei lá o que é isso! – Jordan coçou a cabeça. – É melhor voltar para o seu quarto. Eu preciso dormir.

Naquele momento, provar para seu amigo que não estava mentindo se tornou a coisa mais importante no mundo para Dan. Ele *precisava* que alguém lhe dissesse que não estava enlouquecendo.

– Jordan, acredite em mim. Não fui eu que mandei essa mensagem. Não sei quem foi, mas... – Dan olhou de novo para seu celular, e depois para o de Jordan, que jamais deixava sua mão, como se estivesse colado nela. Seria ele quem estava por trás de todas aquelas mensagens inexplicáveis?

Não, era uma ideia ridícula. Impossível. Dan estava diante de uma situação injustificável e procurando alguém para pôr a culpa. "Alguém que não você mesmo."

– A prova está aí no seu telefone. Por que tentar negar? – perguntou Jordan. – De que adianta?

– Olha só... Isso é besteira. Eu não mandei essa mensagem. Vou voltar pra cama.

– Isso mesmo, Dan, pode fugir. Você não está sendo nada infantil.

Dan bufou, irritado. Mais uma vez, ele não passou por nenhum policial ou monitor ao voltar para o quarto. E, quando abriu a porta e entrou, logo percebeu que havia algo de errado.

Felix não estava lá.

Antes que tivesse tempo de pensar a respeito, o telefone ganhou vida em sua mão, vibrando e se acendendo, provocando um tremendo sobressalto. Ele olhou para a tela, esperando que fosse uma mensagem de Jordan ou de Abby. Em vez disso, deu de cara com um número desconhecido. As mãos de Dan tremiam quando abriu a mensagem para ler.

Você também pode ser um deles. Pode ser imortal. Fazendo pose, com uma careta ou um sorriso. Estou à sua espera no quinto andar, Daniel, para esculpir você.

– Não é possível – murmurou Dan. Ele aproximou o telefone do rosto, como se ler de um ângulo diferente pudesse de alguma forma mudar a mensagem.

"Você não vai, claro que não. Vai ser esperto e mostrar isso à polícia. Alguém está querendo sacanear você."

Ele se lembrou imediatamente de Felix. Onde ele estaria? Dan ficou preocupado. Felix

devia ter acordado, notado sua ausência e ido procurar por ele. Mas e se acabasse cruzando o caminho do Escultor? E se *ele* tivesse ido ao quinto andar? Dan precisava encontrá-lo antes que fosse tarde demais.

Dan tomou sua decisão, mas isso não significava que estava disposto a correr riscos estúpidos. Levaria um policial consigo, por mais que todos achassem que o Escultor estava morto. Havia uma prova de que o Escultor estava vivo e na ativa – e determinado a pegá-lo.

"Qualquer um pode ter escrito essa mensagem", disse uma irritante voz dentro de sua cabeça. "Foi você mesmo que falou que poderia ser um imitador..."

Fosse como fosse, para Dan aquela pessoa era a responsável pelo que tinha acontecido com Joe e Yi. Não fazia diferença se era o original ou um imitador; ele iria descobrir quem estava por trás daquilo.

Quando Dan saiu do quarto pela segunda vez naquela noite, no entanto, descobriu que não havia nenhum policial por perto. Desceu para o segundo andar e depois para o primeiro, refazendo seus passos até as máquinas de petiscos e bebidas. Devia ter acontecido uma emergência na cidade ou coisa do tipo. A força policial de Camford não era exatamente numerosa. Dan percorreu o primeiro andar uma última vez, mas tudo permanecia em silêncio. Não havia mais tempo. Ele precisaria ir sozinho, caso contrário Felix poderia se tornar uma nova vítima.

Dan subiu a escada correndo, torcendo para que alguém acordasse com o barulho que fazia. Talvez os policiais já estivessem no quinto andar. Quando chegou lá, porém, Dan se deu conta de que suas esperanças eram infundadas. O silêncio por lá era total, e alguém tinha apagado as luzes.

Dan tateou à procura de um interruptor ou uma caixa de força, mas não encontrou.

O vento uivava lá fora, e os beirais do telhado, antigos e provavelmente em péssimo estado, rangiam em resposta. Dan entrou em uma porta à direita, fechando os punhos para tentar desviar o foco do arrepio que lhe subia pela espinha. A luz que entrava de fora era suficiente para que se certificasse de que a sala estava vazia. O cômodo ao lado também, e mais outro, e mais outro. Mas então Dan ouviu uma voz que parecia vir do último compartimento do andar, e se encaminhou silenciosamente para lá.

– Por favor... P-por favor, não me machuque.

Era Felix.

Ele apertou o passo.

– P-por favor...

Era Felix de novo. Dan nunca tinha ouvido alguém choramingar daquele jeito, um jovem ser reduzido a uma criancinha assustada.

Tentou pisar leve, mas sua respiração pesada certamente denunciaria sua presença. O nó em sua garganta era tamanho que cada vez que inspirava e expirava produzia uma espécie de assobio.

Encostado à parede, ele espichou a cabeça lá para dentro, temeroso do que iria encontrar. Qualquer que fosse sua expectativa, porém, certamente não contemplava a presença de um homem de quase dois metros de altura com um pé de cabra. Ele estava de pé ao lado da silhueta assustada de Felix.

Dan devia ter feito algum barulho, porque o homem se virou para ele, passando o pé de cabra de uma mão para a outra, ambas envolvidas por luvas pretas. Dan não conseguia deixar

de olhar para elas. Os assassinos sempre usavam luvas pretas.

"Faz alguma coisa."

Dan nunca tinha sido um herói ou um atleta, mas, por algum instinto misterioso, provavelmente motivado pela raiva, ele o atacou, aos berros. Em sua mente, estava sendo uma espécie de Rambo, mas na realidade devia parecer no máximo um búfalo bêbado. Mas isso não importava. O homem com o pé de cabra deu alguns passos atrás, surpreso, e em seguida foi ao chão, abalroado por Dan, que ouviu um estalo bem alto e torceu para que tivesse quebrado uma costela do sujeito. Ele ergueu o joelho e mirou para acertar seu oponente bem no meio das pernas. Antes disso, porém, o agressor desviou seu golpe com um chute. Suas mãos firmes como aço agarraram os antebraços de Dan e os afastaram. Dan não estava mais segurando o homem, que conseguiu rolar e empurrá-lo para o chão.

– Seu merdinha – ele murmurou.

– Socorro! – gritou Dan, o mais alto que podia. As mãos do homem, porém, pressionavam seu peito com tanta força que sua voz saiu como um sussurro.

A cabeça de Dan se chocou contra um carpete bem fino, a julgar pela força com que atingiu o concreto.

Sua visão se borrou com manchas em tons indistintos de preto, azul e roxo. Era o fim. Ele iria morrer. O tempo começou a desacelerar – os momentos seguintes se tornaram desconexos, como fiapos de algodão que se desprendiam da trama original. Foi quando ouviu o som de passos apressados no corredor.

– Droga! – resmungou o homem.

Ele se levantou em um pulo, correu até uma janela aberta e desapareceu momentos antes de dois policiais aparecerem com as armas em punho.

Suas vozes ecoaram na mente de Dan, como se seu crânio tivesse se transformado em um recipiente vazio. Tentou se sentar, mas sua cabeça estava doendo demais. Ele se deitou de novo no chão.

– Está me ouvindo? Ei! Você está bem? Bateu a cabeça?

Ele ficou olhando para o policial. Era Teague.

– Está tudo bem? Você consegue levantar?

Só havia um jeito de descobrir. Pelo menos sua visão estava voltando ao normal. Dan tentou fazer um aceno com a cabeça. "Ai." Não foi uma boa ideia.

– A janela – ele gemeu, tentando apontar para o lugar por onde o homem tinha fugido.

– Chama a ambulância – outro policial falou para o parceiro. – Este aqui precisa ir para o hospital. Ele apanhou feio – um cobertor apareceu de algum lugar, e o policial o estendeu sobre Felix. – Ele pode entrar em estado de choque.

Outro cobertor foi colocado sobre os ombros de Dan.

– Estou bem – garantiu ele. – O cara... pela janela.

Pouco depois, Teague o ajudou a ficar de pé. Ele foi recobrando o equilíbrio, e a dor de cabeça foi aos poucos ficando mais fraca. Eles ficaram esperando pelos paramédicos.

A ambulância enfim chegou, e Felix foi colocado em uma maca. Quando foi removido do recinto, ele ainda tentou se sentar. Pouco depois, Dan ouviu o som do carro de socorro indo embora.

Ainda com as pernas bambas, Dan informou seu nome, o número de seu quarto e o telefone de contato de seus pais.

– O cara está fugindo! – ele falou, desesperado. – Ainda dá para chegar até ele se vocês forem agora... ele deve estar no telhado.

Um dos policiais foi até a janela e deu uma olhada ao redor. Depois de um tempo ele se virou e encolheu os ombros.

– Não tem ninguém lá fora – ele informou. – E daqui até o chão são uns quinze metros de altura.

– Ele está lá fora! – gritou Dan.

– Ei, ei, calma aí, amigão – disse Teague. – Uma coisa de cada vez. O que você estava fazendo aqui, pra começo de conversa? – Teague sacou seu bloquinho e seu lápis.

Dan sentiu vontade de chorar.

– Eu levantei para ir ao banheiro – ele falou, evitando o assunto da mensagem misteriosa para Jordan. – Quando voltei para o quarto, Felix não estava mais lá. Ele anda bem abalado ultimamente. Foi ele que encontrou Joe na escadaria... O Escultor me mandou uma mensagem bizarra dizendo que ia me esculpir se eu viesse até o quinto andar. Fiquei com medo de que tivesse pegado Felix, então vim olhar. Eu não queria que ele andasse sozinho pelo prédio a esta hora.

– A-hã – disse Teague. Ele fez um gesto para que Dan continuasse, mas uma terceira policial apareceu e entregou um celular a Teague. Era de Felix.

– Acho melhor você dar uma olhada nisso – ela falou. – E confiscar o telefone desse aí também.

Dan engoliu em seco, sentindo o estômago revirar em uma ânsia de vômito terrível. Os dois policiais estavam olhando para ele, à espera de uma explicação.

– O que tem aí no celular do Felix? – perguntou Dan, sem saber muito bem o que dizer. Por que o cômodo tinha ficado tão quente assim do nada? Ele estava suando em bicas. – Por favor, eu posso explicar, se vocês...

– Ah, sim, *claro* que pode. Seu telefone, por favor.

– Mas...

– *Seu telefone* – Teague estreitou os olhos. – Eu não vou pedir de novo.

Não adiantava tentar resistir. Talvez fosse melhor assim. Em sua pasta de mensagens enviadas provavelmente havia algo do tipo "OLÁ, FELIX, EU ADORARIA ARREBENTAR SUA CABEÇA COM UM PÉ DE CABRA". De alguma forma, era isso que iria acontecer. Ele seria trancafiado na cadeia. Pelo menos por lá não se meteria mais em encrenca. Seria deixado a sós com seus pensamentos, e seria condenado sem ao menos precisar de um julgamento.

Dan se lembrou então da mensagem do Escultor em sua caixa de entrada. A polícia não teria mais como duvidar dele. E o número poderia ser rastreado!

Dan entregou seu celular a Teague. Aquilo tudo logo chegaria ao fim.

Teague foi direto para as mensagens enviadas.

– Aqui está – ele anunciou, triunfante. – "Quinto andar, 3h30, tenho uma coisa interessante para mostrar" – ele estalou a língua de leve. – A mesma mensagem do telefone de Felix. Parecia uma interação normal entre amigos, garoto. O que foi que deu errado?

– Não fui eu que mandei essa mensagem – Dan se apressou em dizer. – Não mesmo. Eu juro...

– Por acaso eu tenho cara de idiota? – rebateu Teague.

– Pode olhar na minha caixa de entrada! – insistiu Dan. – Eu já falei que recebi uma mensagem do Escultor me pedindo pra vir para cá!

Teague o encarou de um jeito esquisito, mas clicou na caixa de entrada mesmo assim. Fez uma pausa.

– Não tem nada aqui, garoto. Nada de mensagem misteriosa. E, como eu disse antes, o Escultor está morto.

A situação de Dan piorava a cada segundo. A camiseta estava encharcada de suor. Ele queria enfiar a cabeça em um buraco e sumir.

– Por que não me conta o que aconteceu de verdade?

Dan respirou fundo.

– Sinceramente, acho que nem sei mais – ele falou, sob o olhar desconfiado de Teague. – Tentei encontrar um policial antes de subir, mas não achei ninguém.

– Tem um policial em cada andar do prédio, garoto.

– Quando eu saí do quarto não tinha nenhum! – garantiu Dan. – Só o que sei que quando cheguei Felix estava gritando por socorro. Então vim correndo para cá e vi um grandalhão com um pé de cabra. Eu parti pra cima dele.

– Continue – pediu Teague.

– Nós começamos a brigar, e quando ele ouviu vocês chegarem pulou pela janela.

Dan apontou para lá de novo, sentindo-se cada vez mais idiota.

Teague olhou para Dan e começou a sacudir a cabeça lentamente.

– Certo, garoto, vamos analisar melhor essa sua história. Digamos que um sujeito misterioso tenha saído pela janela do quinto andar depois de atacar seu amigo. Você já viu esse homem antes?

– Nunca – respondeu Dan, encarando Teague com firmeza.

O policial hesitou, olhando para Dan e mordendo a parte interior da boca.

– Quer saber, o mais estranho é que eu quase chego a acreditar nisso. Ou você está no meio de uma armação das grossas ou então é um ótimo mentiroso. Seja como for, sugiro que fique longe de encrenca até ser chamado para depor. Eu não vou levar você à delegacia agora, mas não vou pensar duas vezes se tiver que fazer isso. Até lá, vai ter um policial por aqui vigiando seus passos o tempo todo.

– Espera aí...

– O tempo *todo*! – Teague deu um tapinha com o indicador na ponta do nariz e apontou para Dan. – Entendeu bem?

– Sim, senhor – murmurou Dan.

Ajustando o quepe na cabeça, Teague fez um aceno afirmativo. Dan mal percebeu que a policial designada para vigiá-lo o estava segurando pelo braço. Felix passaria o resto da noite no hospital, onde haveria alguém à espera para interrogá-lo. Dan foi conduzido de volta ao quarto. Uma sensação paralisante de medo se espalhou por seu corpo.

– Eu vou ficar aqui fora a noite toda – avisou sua carcereira. – Então nada de gracinhas.

A ironia do fato de seu quarto ter sido transformado em uma cela era inescapável.

Aquela madrugada, aquele dia *inteiro*, na verdade, parecia um sonho sem fim. As particularidades se desfaziam em sua mente, os detalhes se perdiam. Qual era a aparência do homem com o pé de cabra? Ele não se lembrava. Felix confirmaria sua história? Ele não sabia. Seria preciso esperar para ver.

Deitou na cama sem se dar conta do contato com o colchão e as cobertas. Era estranho demais ser considerado um suspeito, que a polícia pudesse pensar que ele atacara Felix. Eles o responsabilizariam também pelo ataque sofrido por Yi? E, pior ainda, pelo assassinato de Joe? Caso descobrissem que estava desmaiado no porão no momento do crime, o que diriam? As evidências não estavam a seu favor.

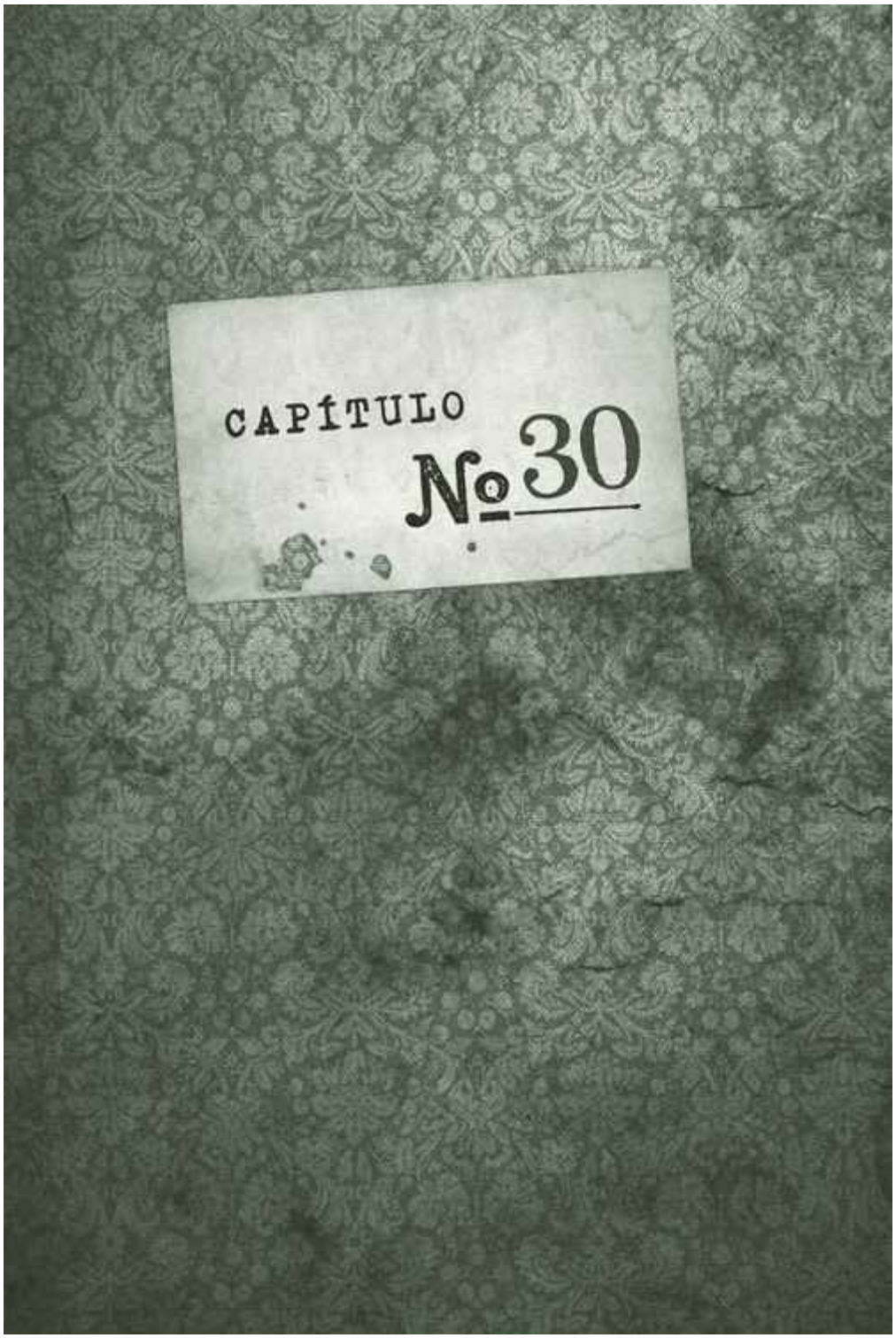
Do lado de fora do quarto, ele ouvia a policial caminhar de um lado para o outro.

"Eu preciso me defender", pensou Dan, fechando os olhos com força.

Sua mente estava girando a mil. Por que o Escultor estaria com um pé de cabra? Não era uma arma perfurante, e seu manuseio não era dos mais práticos. O Escultor era inteligente demais – e cruel demais – para se valer apenas de uma simples barra de ferro. Dan ficou assustado com a naturalidade com que chegou a essa conclusão. Ele nem conhecia o sujeito, mas aparentemente estava começando a entender, ou no mínimo reconhecer, sua maldade. O que isso dizia sobre ele?

"A loucura é algo relativo. Depende muito do lado da grade em que a pessoa está."

Dan se virou para o lado e olhou para o relógio. Caso sua luta fosse mesmo contra sua loucura, ele sentia que estava perdendo. Ou talvez já estivesse definitivamente derrotado.


CAPÍTULO
Nº 30

– Você agora tem escolta policial? – perguntou Abby, os olhos arregalados.

– Pois é.

Dan não precisou nem olhar para trás para saber que a policial Coates – era esse o nome dela – estava a no máximo um metro de distância.

– O que aconteceu ontem à noite, afinal? – perguntou Jordan. A luz da manhã entrava pelas janelas do refeitório por sobre os ombros dele. A fila das panquecas em geral chegava até a porta, mas estava bem mais curta naquele dia. Quase um terço dos participantes do curso tinha ido embora. – Quer dizer, *depois* de você me mandar aquela mensagem.

– Eu não mandei mensagem nenhuma! – rebateu Dan, de maneira automática. Estava difícil pensar. Ele mal tinha dormido. Sua mente ainda estava sonolenta. Dan virou mais um copo de café e acenou para a policial Coates. Ela revirou os olhos.

– Não estou entendendo nada – disse Abby, erguendo uma das mãos. – Ele mandou uma mensagem pra você ou não mandou?

– Jordan recebeu uma mensagem que saiu do meu telefone, mas eu não lembro de ter mandado... porque não mandei.

Parecia uma explicação ridícula, e por isso ele não se ofendeu com a desconfiança de Abby.

– Ainda não entendi – ela falou.

– Nem eu – admitiu Dan, cortando a panqueca em três pedaços com o garfo e inundando o prato com xarope de bordo. Ele queria poder voltar a saborear o que comia. Queria que sua vida voltasse a ter sentido. – Enfim, a mesma coisa aconteceu com Felix. Eu prefiro não falar sobre isso... Essa história toda está confusa demais.

– Você não vai falar *nada*? Tem uma policial seguindo você. Isso não exige nenhuma explicação? – Abby o observava fixamente do outro lado da mesa.

Dan tinha consciência de que nunca revelava muita coisa aos dois. E não sabia mais nem o por quê. Por mais que gostasse da ideia de ter amigos com quem pudesse compartilhar assuntos íntimos, seu verdadeiro instinto era ficar sozinho, isolado.

– Talvez o seu telefone esteja possuído – comentou Jordan, sarcástico. – De repente seria bom fazer um exorcismo.

– Não se preocupa – falou Abby. – É só um mal-entendido, tenho certeza.

"Eu queria ter essa mesma certeza."

– Ha! O Dan, não se preocupar? – ironizou Jordan. – É mais fácil convencer um galo a não cantar.

– Muito obrigado. Vocês sempre sabem como levantar o meu astral.

Depois do café da manhã, Dan saiu do refeitório com os amigos para ir à aula, com a policial Coates a segui-lo o tempo todo a no máximo três metros de distância.

– O que eles acham que eu posso fazer? – Dan pensou em voz alta. – Fugir? Para onde eu iria?

– Parece mesmo um pouco de exagero – concordou Abby, olhando para trás. – Pelo menos ela está deixando você circular por aí. Poderia ser muito pior, com certeza.

Dan gostou de ver que Abby estava disposta a ver o lado bom das coisas naquela manhã,

pois ele precisava de uma boa dose de otimismo em sua vida. Eles se separaram ao chegar aos prédios onde ficavam as salas de aula – Jordan foi para o departamento de matemática, e Abby, para o de artes.

Dan não estava preparado para a humilhação de comparecer à aula acompanhado de uma escolta armada. A policial Coates ficou esperando do lado de fora da sala, mas mesmo assim ele era capaz de sentir os olhares de desconfiança sobre si. Os alunos que ainda restavam apontavam para ele e cochichavam sem o menor pudor. Dan não podia fazer nada além de baixar a cabeça, fazer suas anotações e tentar não morrer de vergonha. Para completar, um tempo depois, ele recebeu um bilhete dizendo: "Vai embora, seu psicopata".

Ainda faltava um bom tempo para a aula ser encerrada quando Dan perdeu de vez a capacidade de se concentrar. Ele ouvia tudo sem registrar nada. Sua mão continuava se movendo, mas ele não tinha ideia do que escrevia.

Quando a aula chegou ao fim, Dan olhou para suas anotações e teve que se segurar para não dar um grito. As últimas frases não estavam escritas com sua letra habitual, mas ele logo reconheceu aquela caligrafia arredondada. "É do diretor." Não bastava que o diretor estivesse atormentando seus pensamentos. Tinha tomado conta de seu corpo também. Dan juntou suas coisas às pressas e saiu porta afora. Se não tomasse um pouco de ar fresco imediatamente, iria vomitar.

A policial Coates não saiu de seu encalço, e em seguida dois outros policiais, incluindo Teague, foram até ela. Os dois que conversavam com os policiais recém-chegados eram as últimas pessoas que Dan esperava ver naquele momento.

– Mãe? Pai?

Dan agarrou sua mochila junto ao peito.

– Querido!

Sua mãe correu e o envolveu entre os braços. Ele ficou surpreso ao notar quanto gostou daquele abraço, e não queria mais largá-la. A vontade de chorar estava difícil de segurar.

– Você está bem – disse Sandy, abraçando-o com mais força. – Você está bem, você está bem!

– Que bom ver você, mãe – ele falou.

– Vamos lá pra dentro! – ordenou Teague, apontando para a sede principal do *campus*. – Essa conversa exige um ambiente reservado.

Era o momento que Dan vinha temendo desde a noite anterior. Seus pais o acompanharam na caminhada morro acima, com os policiais logo atrás. Dan não conseguia parar de tremer. Por mais que acreditasse na própria inocência, seria impossível convencer as outras pessoas caso descobrissem quanto sua cabeça estava confusa...

– Se achar que vai precisar de um advogado é só falar, garotão – murmurou seu pai quando chegaram à entrada do prédio.

Dan franziu a testa.

– Vamos torcer para que a coisa não chegue a esse ponto.

– Por favor, venham comigo – disse Teague, assumindo a dianteira do grupo.

Dan nunca tinha visto aquele prédio por dentro. Era justamente o que ele esperava de uma faculdade tradicional – uma construção com pé-direito alto e janelas estreitas com venezianas de madeira. No saguão de entrada havia um sofá de couro e uma poltrona antiga. Dan pensou na quantidade de estudantes ansiosos que tinham passado por ali, em uma espera nervosa para

fazer suas entrevistas de admissão. Para ele, porém, a entrada na faculdade parecia um sonho distante.

Os policiais os conduziram pela sala de espera e os fizeram entrar em uma salinha à direita. Teague e seus pais entraram primeiro, e Dan logo em seguida. A policial Coates e seu outro colega ficaram esperando na porta.

Ele estava tremendo tanto que quando foi se sentar quase derrubou a cadeira.

– Muito bem, vamos conversar sobre a noite passada. Pode começar pelo início – instruiu Teague.

Seus pais e o policial estavam sentados do mesmo lado da mesa de reuniões, todos encarando Dan. Ele se sentiu como se estivesse em uma inquisição.

Dan contou que tinha ido procurar Felix e dera de cara com o homem do pé de cabra. Quando relatou a parte em que o sujeito o imobilizara no chão, pensou que sua mãe fosse desmaiar. Por fim narrou a chegada dos policiais e todas as acusações que vieram depois.

– A verdade é que eu não lembro de ter mandado essas mensagens. Elas estão no meu telefone, eu *sei*, e também sei que parece uma explicação ridícula, mas juro que não escrevi nada disso.

Seus pais trocaram olhares preocupados, e Paul limpou a garganta.

– Policial, eu não quero parecer impertinente – ele começou, bem sério –, mas o senhor precisa entender que Dan sempre teve, digamos, certas dificuldades. Ele foi criado em orfanatos e lares temporários, e é um ótimo garoto. Não me entenda mal, só estou dizendo que ele sempre precisou de uma atenção especial, tratamento psicológico...

– *Terapia* – corrigiu sua mãe.

– Terapia – concordou seu pai.

O policial ouviu tudo em silêncio, balançando a cabeça. Dan detestava ter que falar sobre aquilo na frente dos pais, e a presença de um oficial da lei tornava tudo ainda pior. Era uma conversa embaraçosa e, naquele caso, incriminadora. Teague olhava para ele de tempos em tempos, e Dan notou que seu maxilar ia ficando mais rígido à medida que se convencia de que estava diante do culpado.

– A terapeuta falou que ele tem alguns problemas de memória...

– Um leve transtorno dissociativo – esclareceu Sandy.

– Mas isso não impede que tenha uma vida normal e saudável. Ele não é um garoto perigoso, policial. Se mandou uma mensagem para um amigo e depois esqueceu, tenho certeza de que não havia nenhuma má intenção por trás disso.

Dan se agarrou à cadeira, lutando para manter a calma. Qual era o problema de ter uns lapsos de vez em quando?

Sua memória nunca foi confiável... Mas como ele poderia contar a seus pais que o problema havia piorado terrivelmente em questão de poucas semanas? Que talvez ele não fosse *tão* bem-intencionado assim?

– Muito bem, senhor e senhora Harris, eu não pude deixar de notar que Dan não tem seu sobrenome. Posso saber por quê?

Seus pais se entreolharam outra vez. Dan sentiu vontade de cavar um buraco no chão e sumir.

– Bom, quando nós nos conhecemos o nome dele já era Crawford – contou seu pai.

– Nós permitimos que ele escolhesse, como a assistente social sugeriu – explicou sua mãe,

um tanto na defensiva. – Dan já tinha vivido com uma série de famílias a essa altura. Achamos que ele fosse querer manter... uma parte de sua identidade.

– Hum – murmurou Teague. Ele se virou para Dan. – Você sabia que tem o mesmo nome do último diretor do manicômio Brookline?

Dan confirmou com um aceno de cabeça.

– Pois é, eu descobri isso um tempinho atrás.

Sandy e Paul, para seu alívio, não disseram nada. Ele já havia comentado sobre esse fato pelo telefone, mas os dois preferiram ficar em silêncio, talvez pressentindo, assim como Dan, que Teague considerava aquilo uma espécie de indício de sua culpa.

– Não é exatamente um sobrenome exótico – argumentou seu pai. – E Daniel, como todos sabem, é um nome bem comum.

– E quanto aos pais biológicos de Dan? – Teague perguntou, e enfim desviou os olhos dele. – Não deve ser difícil verificar se existe algum parentesco.

– É muito mais difícil do que qualquer um imagina – explicou sua mãe. – Nós não temos acesso a essa informação, e vocês precisariam de uma ordem judicial para consegui-la. Só não vejo a importância que isso possa ter. Que diferença faz se Dan *por acaso* for parente desse diretor? O que isso prova?

– Vocês não acham que seria muita coincidência?

– Acho que coincidências não significam *nada*; é isso que estou tentando dizer – respondeu sua mãe, irritada.

Dan não gostava de ver seus pais se alterando, mesmo que fosse para ajudá-lo.

– O cara... – a boca de Dan estava tão seca que ele não conseguia nem falar direito. – O cara que matou Joe já confessou?

Teague o encarou, um tanto perplexo.

– Na verdade, não. Ele jura que estava no lugar errado, na hora errada. O único problema é que também estava com os pertences da vítima e a arma do crime, e não conseguiu arrumar uma explicação convincente para isso – Teague soltou um risinho de deboche e lançou um olhar para Dan como quem diz: "Para sua sorte". O policial se inclinou para a frente e apoiou o cotovelo na mesa. Ele franziu a testa, e nesse momento Dan se arrependeu de ter aberto a boca. – Por que a pergunta?

– Por nada... só curiosidade.

Dan desejou silenciosamente conseguir manter o controle só por mais alguns minutos. Sentiu que, se não resolvesse o mistério enquanto estivesse por lá, aquilo ia atormentá-lo pelo resto da vida.

Era quinta-feira. Faltavam dez dias para o fim do curso.

– Eu só quero terminar o curso – ele disse calmamente.

– Nós ainda não terminamos o interrogatório – rebateu Teague, cofiando o bigode. – As suas respostas é que vão determinar se você pode ficar ou não.

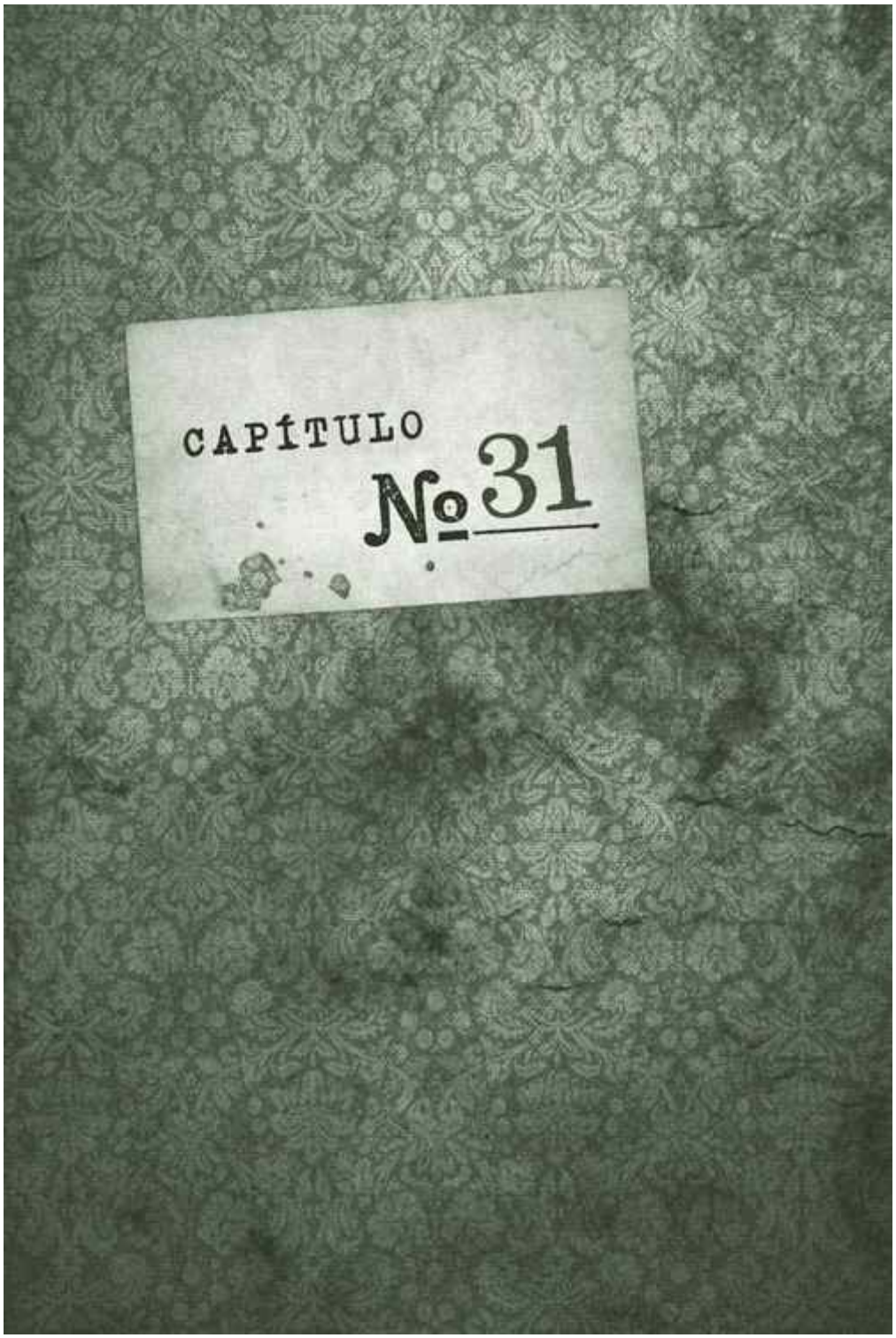
– Tudo bem – respondeu Dan.

O pai parecia disposto a contestar sua decisão, mas a mãe concordou, balançando a cabeça.

– Nós vamos ficar por aqui, Danny. Só por garantia.

Dan não era capaz de explicar por que queria *tanto* terminar o curso, já que havia razões de sobra para fugir enquanto era tempo.

Para ele, o fato de ter ido parar no Brookline não era uma coincidência – era parte de algo maior. E ele iria tirar tudo a limpo, mesmo que para isso precisasse morrer.


CAPÍTULO
Nº 31

Por sorte, apesar de Teague tê-lo interrogado por mais três horas, ninguém parecia considerar que Dan fosse culpado. Ele não tinha motivo nenhum para atacar Felix, e tampouco era uma pessoa violenta. Quando a polícia revistou o quarto, não encontrou nada que pudesse incriminá-lo. Além disso, Felix já estava consciente no hospital e garantiu que não desconfiou nem por um momento que Dan estivesse por trás de tudo aquilo.

Quando foi liberado, Dan estava exaurido. Ele acompanhou seus pais até o carro e recusou o convite para irem jantar na cidade, pois queria ir se deitar.

Ao tomar o caminho do Brookline, viu a professora Reyes andando em volta de um cinzeiro. Ela fez um aceno para chamá-lo, ainda com o cigarro na mão.

– Você não saiu algemado, então – ela falou quando ele chegou mais perto. Seus olhos castanhos brilhavam por trás da névoa de fumaça que se erguia de seus lábios. – Isso é um bom sinal. Os seus pais estavam bastante preocupados.

– Ah, eles estão bem; é que as coisas foram meio tensas por lá.

Ela usava um colar de opalas daquela vez, finas e brancas como ossos.

– Não sei muita coisa sobre o caso, mas você parece ser um bom menino – ela virou a cabeça para soltar a fumaça longe do rosto dele. – O Brookline causa um certo efeito nas pessoas, sempre causou. É a profecia autorrealizável da loucura. Se você ouvir todos os dias que é maluco, provavelmente vai acabar ficando. É como diz a velha piada do psiquiatra: a loucura é só uma coisa da sua cabeça.

Dan olhou para baixo, tentando se segurar para não dizer que não, que algumas doenças mentais eram fatos incontestáveis.

– Não sei se entendi o que tudo isso quer dizer.

– O que estou querendo dizer é que o povo da cidade não quer demolir o Brookline só por causa do que aconteceu cinquenta anos atrás – a professora Reyes largou o cigarro e o apagou com o pé. O vento balançava seus cabelos curtos e escuros, lançando-os sobre os olhos. – Boa sorte, Dan. Tomara que dê tudo certo.

xxxxxx

Abby e Jordan estavam esperando por ele no corredor, na frente de seu quarto. Tinham trazido um pedaço de torta do refeitório, escondida debaixo da blusa. Era de ruibarbo com chantilly. Sua favorita.

Eles entraram no quarto. Abby apontou para a cama de Dan, enquanto Jordan dividia a sobremesa entre os três.

– Senta aí – disse Abby. – Tenho uma coisa pra contar antes de saber como foi a sua conversa com a polícia.

– Obrigado – disse Dan, dando uma mordida na torta. – Eu tive um dia de merda.

– A polícia pegou pesado com você? – Jordan quis saber.

– Eles até que foram legais. Meus pais estavam lá também, e isso ajudou.

– Sério? – perguntou Abby, nervosa. – Eles não vão levar você embora, né?

– Não, eu vou poder terminar o curso. Pelo menos isso. Felix me ajudou também. Disse à polícia que "não me vê como uma ameaça".

Dan decidiu não revelar mais nada. Ele precisava que seus amigos ficassem a seu lado.

– Dan, eu sinto muito – murmurou Abby, puxando para mais perto dele a cadeira em que

estava sentada. – Mas pelo menos você ainda está aqui. Isso é bom, não?

– Ah, sim. E a sua notícia, qual é?

A expressão no rosto de Abby se iluminou. Dan ficou aliviado por ter a chance de parar de falar sobre si mesmo, e ela parecia que ia explodir se não contasse o que queria.

– A notícia é que eu resolvi falar sobre Lucy com o meu pai – ela contou, se remexendo na cadeira. – Ele precisa saber o que eu descobri sobre ela, merece conhecer a verdade. Bem, eu ia querer, vocês, não?

– Uau – comentou Dan. Ele não sabia se era o cansaço ou alguma outra coisa que o impedia de compartilhar o entusiasmo de Abby. – Tem certeza de que é uma boa ideia?

– Como assim? – ela perguntou. – Por que não seria? Eles são irmãos! Eu queria que ele me ajudasse a investigar mais.

– Você não acha que seria uma coisa meio repentina? Imagina o susto que ele vai levar... E se ele não acreditar em você?

– Se fosse comigo, ia ser um choque. Tudo aconteceu há tanto tempo... – acrescentou Jordan.

– Mas é assim que vai ter que ser – respondeu Abby, convicta. – Eu não vou esconder isso dele, não seria justo.

– Não sei se você vai gostar – começou Jordan –, mas sou seu amigo, e por isso sou obrigado a dizer que essa sua ideia é uma tremenda maluquice.

– E eu, como sou seu... amigo também... Sinto muito, mas voto com o relator – Dan falou, levantando a mão.

– Mas o voto de vocês não conta! – ela rebateu, deixando de lado a torta. – A decisão é minha, e o pai é *meu*. Pensei que vocês fossem ficar contentes. Apesar de todas as coisas horríveis que aconteceram neste lugar horrível, pensei que esse poderia ser o lado bom de tudo por que a gente passou – ela se levantou, limpando as mãos. – Vou ligar pra ele – Abby anunciou, fechando o zíper de sua blusa manchada de tinta. – Ele vai descobrir a verdade sobre Lucy. E hoje mesmo.

Abby e se virou e saiu bufando do quarto. Jordan levantou uma sobrancelha para Dan, como se perguntasse se não iria atrás dela.

Dan, por sua vez, estava tão cansado depois do longo interrogatório que só queria passar um tempo sozinho. Além disso, havia algo que precisava ver ainda naquele dia. Algo em que vinha tentando não pensar desde que saíra da sala de aula. Jordan pareceu entender a deixa.

– Bom, se precisar de mim, sabe onde me encontrar – ele falou antes de sair e fechar a porta.

Imediatamente, sem pensar duas vezes, Dan pegou a mochila e o caderno que usou na aula, indo direto à página em que se surpreendera escrevendo com a letra do diretor. No canto da página, ele tinha anotado:

Loucura é fazer sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes a cada vez. – Albert Einstein

Tendo que se esforçar para não vomitar, Dan folheou o restante do caderno em busca de mais intervenções perturbadoras. Encontrou anotações feitas nas aulas de história da psiquiatria atribuídas a Aristóteles. Talvez fosse algo que a professora Reyes escrevera na

lousa para que os alunos anotassem, mas ele não se lembrava de ter escrito tais palavras, e aquela letra não era dele:

Nunca houve uma mente brilhante sem um toque de loucura.

Dan se levantou apressado, jogando longe o caderno, como se estivesse contaminado com uma substância perigosa. Todos aqueles bilhetes... em sua mesa... sob sua cama... Não era à toa que eles estavam por toda parte. O próprio Dan tinha escrito aquelas coisas e "entregado" pessoalmente.

"Distúrbio dissociativo *moderado*", foi o que disse a dra. Oberst. "Lapsos de memória inofensivos." Quem era ela para dizer? Ela sabia tanto quanto os médicos do Brookline cinquenta anos antes. Pelo menos os tratamentos deles davam resultado.

Dan se deu conta de que estava tendo bloqueios de memória recorrentes, esquecendo-se de mensagens de celular, anotações e até das fotos que tirara com os amigos. E como não levar em conta que, toda vez que alguém era atacado, ele nunca estava consciente? Quando Joe foi morto, estava desmaiado no porão. Quando Yi foi agredido, estava cochilando no quarto. E, quando Felix quase foi massacrado com um pé de cabra, estava mandando mensagens de texto sem sentido.

Aqueles lapsos de memória não pareciam nada inofensivos.

No entanto, Dan não estava nem um pouco disposto a acreditar que era um assassino impiedoso. Sua ligação era com o diretor médico, não com o Escultor. E, por mais que encontrar consolo nesse fato fosse algo estranho, Dan preferia achar bilhetes bizarros em suas coisas a dar de cara com um garrote.

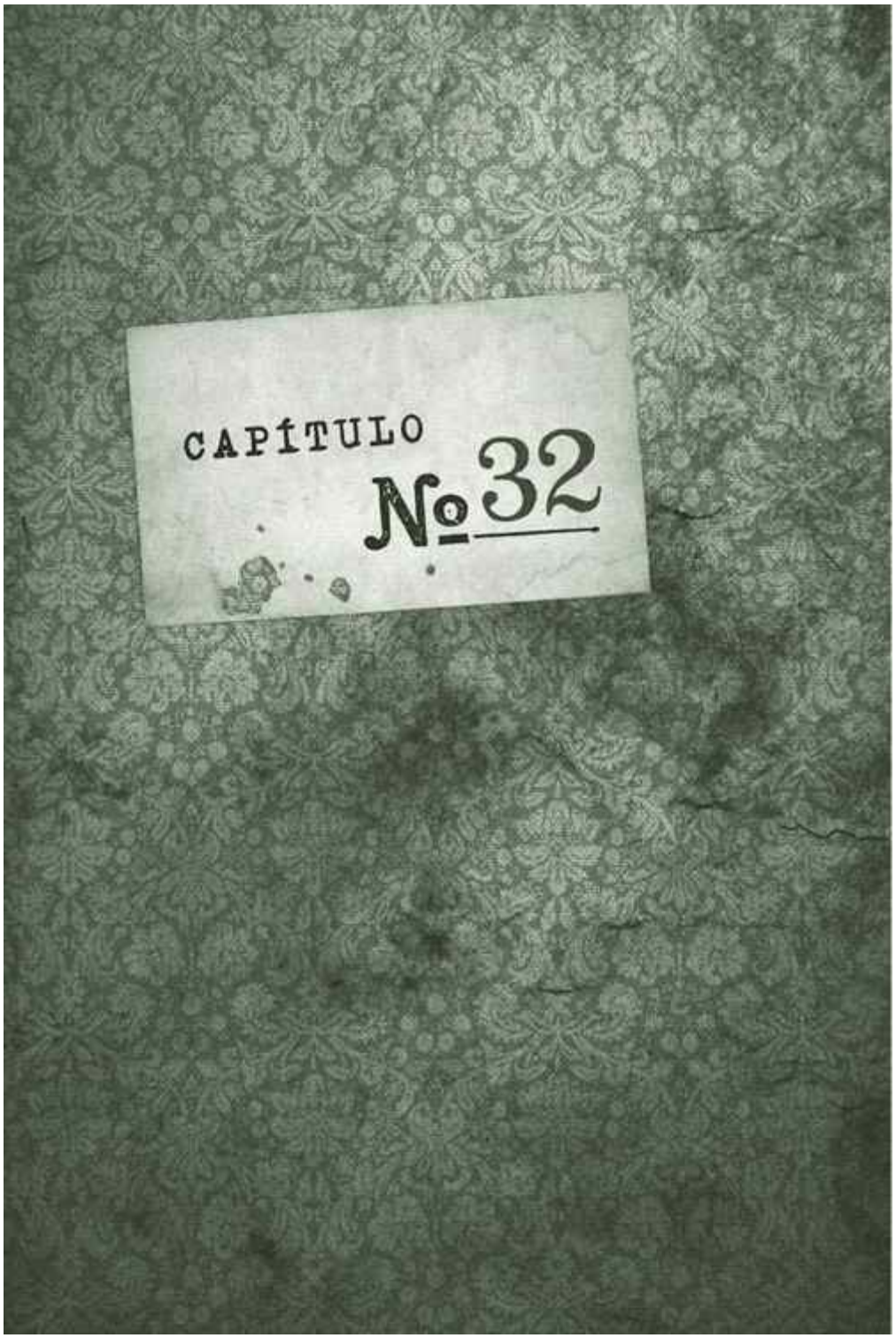
"Mas e os pais biológicos?"

As perguntas de Teague ainda reverberavam em sua mente. Ele parecia ter certeza de que o parentesco de Dan com o cruel diretor médico tinha alguma coisa a ver com o motivo de sua presença ali. Dan permitiu que sua mãe refutasse tudo como uma mera coincidência, mas no fundo sabia que nada do que estava acontecendo naquele verão era fruto do acaso. Estar no Brookline era seu destino, assim como solucionar o mistério que cercava as vidas do diretor, de Lucy e do Escultor.

Dan lembrou que Abby encontrara registros sobre Lucy na velha igrejinha. Talvez aqueles documentos fossem capazes de ajudá-lo também. Era hora de pôr a navalha de Occam, ou o que quer que fosse, para funcionar.

Não dava para esperar nem mais um minuto. Ele se recusava a encarar mais uma noite em claro naquele quarto, com breves cochilos atormentados por pesadelos.

Pegou a lanterna e o único objeto disponível para ser usado como arma – uma tesoura – e saiu noite adentro.


CAPÍTULO
Nº 32

Além de estar bem escuro do lado de fora, a névoa perpétua que cobria o local havia se materializado em uma garoa que molhou a barra da calça de Dan. O mau tempo, combinado com a sempre bem-vinda clareza de pensamentos que se fazia presente quando se afastava um pouco do Brookline, fez com que ele detivesse o passo. A igrejinha ainda estaria aberta às oito da noite de uma quinta-feira?

Mas ele precisava tentar. Precisava saber se estava louco, possuído ou se era vítima de um intricado esquema de incriminação, cuja única razão de ser era sua possível relação de parentesco com o diretor Crawford.

Depois de passar pela última curva do caminho, Dan ficou aliviado ao ver que as luzes da igreja estavam acesas. À direita ficava a estrada cercada de árvores que o taxista pegara no dia em que ele havia chegado.

Dan teve que correr quando a garoa se transformou em uma chuva mais forte. Havia um pequeno toldo na frente da igreja, que ele usou para se proteger da água enquanto tentava abrir a porta e, ao notar que estava trancada, bateu com força na madeira com o punho fechado.

– Já vou! Já vou! – respondeu uma voz cansada.

Quando as portas se abriram, revelaram um velhinho simpático de terno e gravata. Ele olhou por cima dos ombros de Dan e sorriu, apesar de ter sido claramente interrompido por sua chegada.

– Ora, entre, entre. Não vá ficar doente bem na porta da igreja.



Dan entrou em um pequeno hall, onde cabiam apenas algumas mesas. Do outro lado da arcada logo adiante, ele viu o altar da igreja.

– O que traz você à Igreja Batista de Camford em uma noite chuvosa de quinta-feira, meu jovem? Eu não me lembro de ter visto seu rosto por aqui no culto de domingo.

– Ah, não. E-eu sou aluno do curso de verão da faculdade. Ainda estou no ensino médio, no preparatório.

– Ah, o CPNH – ele falou, pronunciando cada letra como uma forma de provar que sabia muito bem do que se tratava. – A minha neta fez esse curso uns anos atrás.

– Ah, que legal – comentou Dan. Ele ficou meio sem jeito para começar a fazer perguntas, mas aparentemente seu interlocutor era bem receptivo. – Então, desculpa o incômodo a essa hora, mas uma amiga minha veio aqui uns dias atrás e contou que o senhor a ajudou a

descobrir umas informações sobre a tia dela, foi isso mesmo?

– Ah, sim, a Abby. Uma ótima menina. Lembra muito a minha neta, por sinal.

– Bom, eu estava pensando, e acho que também preciso de uma ajuda como essa. Eu também tive parentes em Camford.

– É mesmo? – o pastor o olhou com desconfiança, como se não estivesse acreditando nele. Dan decidiu seguir o exemplo de Abby e ser absolutamente sincero.

– Na verdade eu não sei. Fui criado em lares temporários antes de ser adotado pelos meus pais, mas neste o verão está acontecendo um monte de coisas estranhas que me levaram a achar que a minha família biológica pode ter passado por Camford.

– Me permita adivinhar... Você é Daniel Crawford? – o pastor assumiu um ar mais solene, bem menos caloroso.

– *Dan* – ele corrigiu, já na defensiva. – Como o senhor sabia?

– Estamos em uma cidadezinha do interior, senhor Crawford – e, diante do silêncio de Dan, ele acrescentou: – O senhor Weathers frequenta esta igreja.

Dan precisou refletir um pouquinho para se dar conta de que estava falando de *Sal* Weathers.

– Ah, sim. Pois é, a minha visita à casa dele não foi muito produtiva. O problema foi que Sal... quer dizer, o senhor Weathers, pensou que eu estivesse brincando ou fazendo algum tipo de provocação, mas juro que não estava. O meu nome é mesmo Dan Crawford, e eu queria de verdade saber mais sobre o Brookline.

– Eu acredito em você – disse o pastor, já mais tranquilo, porém ainda com uma expressão severa. – Mas acho que, para o senhor Weathers, a possibilidade de você não estar brincando era ainda mais assustadora.

– Ah. Entendi.

– Entendeu mesmo? Quanto você sabe sobre as coisas que aconteciam no Brookline?

– Sei muito mais do que eles se dispõem a contar aos alunos – garantiu Dan.

– Muito bem.

Era como se estivessem em uma partida de pôquer, tentando adivinhar quanto o outro sabia. Por fim, o pastor suspirou. Caso estivessem mesmo em uma espécie de jogo, tinha acabado de baixar a guarda.

– Bom, eu era bem jovem quando o diretor Crawford assumiu o manicômio, mas as histórias sobre os casos que aconteceram em sua administração são lendárias. Condições inumanas, na melhor das hipóteses, e experimentos envolvendo tortura, na pior. Não é exatamente o tipo de assunto que o pessoal da cidade goste de relembrar.

Dan abaixou a cabeça, sentindo-se envergonhado.

– Mas eu me lembro, *sim*, da família do diretor – continuou o pastor, capturando de novo a atenção de Dan de forma integral. – Pois é, ele tinha uma família. Não esposa e filhos, mas pais e irmãos, que nasceram aqui em Camford. Daniel era o mais velho. Quando voltou da faculdade de medicina e assumiu o cargo de diretor do Brookline, um de seus irmãos trabalhava como mecânico, e o outro como vendedor de roupas. Daniel era o mais inteligente da família.

Os olhos do pastor miravam em algum lugar a distância, como se ele estivesse retirando aquelas informações de um lugar havia muito esquecido.

– Bill, o mecânico, era casado, e sua mulher tinha acabado de ter um bebê quando o

manicômio fechou. Isso foi quando mesmo? Em 1972? Logo em seguida os Crawford foram embora de Camford, cobertos de vergonha.

– Por quê?

– Ah, um caso clássico de caça às bruxas. Daniel foi indiciado e julgado, e, quanto mais detalhes apareciam nas investigações, mais os Crawford eram hostilizados. Como se o maucaratismo fosse uma coisa de família.

– E o que aconteceu com... com Daniel?

– Bom, por um tempo ele tentou alegar insanidade em sua defesa. E parecia ser uma justificativa convincente. As coisas que ele fazia naquele porão, e as razões que dava para isso... As pessoas ficaram revoltadas, claro. Mas no fim o julgamento nem chegou a ser concluído. Um dos outros presos invadiu a cela dele e o matou. Ao que parece, as portas da cadeia não estavam tão bem trancadas quanto deveriam.

– Uau! – Dan estava tão perplexo que não conseguiu dizer nada além disso.

– Um horror! – exclamou o pastor, ainda bloqueando sua visão do altar, o que fazia Dan pensar que não era bem-vindo. – Enfim, já adianto que você não vai encontrar nenhum dos Crawford em nossos registros de batismo. Os nomes deles foram apagados dos arquivos muito antes de eu assumir a igreja.

– Acho que dá pra entender por quê – comentou Dan, apesar de achar um tanto estranho que o pastor já soubesse disso de antemão. – Então acho melhor eu ir embora, mas o senhor se importaria de responder mais uma pergunta?

– Claro que não.

– É sobre Dennis Heimline. O Es... o Escultor – gaguejou Dan. – Ouvi dizer que ele morreu quando o Brookline foi fechado, mas o senhor Weathers garante que ninguém sabe o que aconteceu com ele.

– Acho que, tecnicamente, o senhor Weathers tem razão. As pessoas acreditam que Dennis Heimline morreu por causa da natureza dos procedimentos a que foi submetido no manicômio. Mas, de todos os pacientes do Brookline, vivos e mortos, apenas Heimline nunca foi encontrado.

Dan estremeceu e, murmurando um agradecimento, virou-se para ir embora.

– Ah, senhor Crawford – chamou o pastor, segurando Dan pelo braço. – Espero que não guarde nenhum ressentimento contra Sal pela maneira como foi tratado. É compreensível que ele fique assim quando esse assunto vem à tona.

– Sim, claro. Obrigado pela ajuda, senhor...

– Bittle – disse o pastor, retomando a expressão severa. – Ted Bittle.

✗✗✗✗✗✗

Dan saiu da igreja se sentindo ainda mais abalado do que quando chegou. Esperava encontrar uma *prova*, uma confirmação, e tudo o que conseguira foram mais hipóteses. Seu avô *poderia* ter sido um mecânico. O diretor Crawford, que *poderia* ter sido seu tio-avô, morreu na cadeia. O Escultor *poderia* estar vivo ainda. E, caso Dan não tivesse imaginado as fichas que encontrara no porão, o pastor batista de Camford *poderia* ser parente de um dos pacientes homicidas do Brookline.

Ele ficou contente por se ver longe daquela igreja.

A chuva, porém, estava muito mais forte àquela altura. O caminho de cascalho que saía da

igreja estava escorregadio e traiçoeiro. Dan tentou correr e manter o foco da lanterna ao mesmo tempo, mas se desequilibrava o tempo todo em alguma pedra solta. Quando chegou à estrada, concluiu que era loucura tentar voltar para o campus com aquele tempo ruim e foi se abrigar sob as árvores da mata, onde apenas alguns pingos eventuais passavam pela densa concentração de galhos e folhas. Dan só precisava esperar que a intensidade do temporal diminuísse.

Ele ouviu um estalo de madeira se partindo atrás de si, audível mesmo em meio à forte chuva.

Dan se virou bem a tempo de ver um cervo correr pelo labirinto de árvores, a poucos metros de distância. Soltou um suspiro de alívio.

"É só um cervo, Dan. Relaxa."

Quando apontou para o local por onde o cervo tinha passado, porém, Dan notou algo reluzir na escuridão, como se a luz tivesse se refletido em uma superfície metálica. A princípio ele pensou que pudesse ser alguma armadilha de caçador ou uma placa de sinalização... mas então viu a corda esticada na direção das sombras e percebeu que havia uma estaca de metal cravada na árvore.

– Olá? – chamou Dan, imaginando que algum caçador poderia ter ficado preso ali por causa da chuva. Mas era uma ideia ridícula. Afinal, quem se arriscaria a caçar tão perto de um campus cheio de estudantes?

– Tem alguém aí?

Dan sacou a tesoura do bolso, mas não se sentiu nem um pouco mais seguro com isso. Com passos cautelosos, foi caminhando sobre os arbustos caídos e os galhos quebrados. Ao chegar à árvore com a estaca encravada, iluminou a corda com a lanterna.

Esperava ver uma rede na outra ponta, com algum bicho preso nela.

Em vez disso, o que encontrou foi uma mão humana.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus – ele murmurou, tremendo incontrolavelmente enquanto tentava compreender o que o facho de sua lanterna estava iluminando.

Era um homem, com as mãos amarradas a duas árvores diferentes posicionadas alguns passos atrás, obrigando-o a se curvar.

– Você está bem? – perguntou Dan, apesar de saber que a resposta seria negativa.

Ele chegou o mais próximo que sua coragem permitia. Estava com medo de tocá-lo, pois achava que o outro iria se soltar, atacá-lo e mordê-lo como um zumbi. Contra a recomendação de seu próprio juízo, encostou dois dedos trêmulos no pescoço do homem, esperando em vão por algum sinal de pulsação.

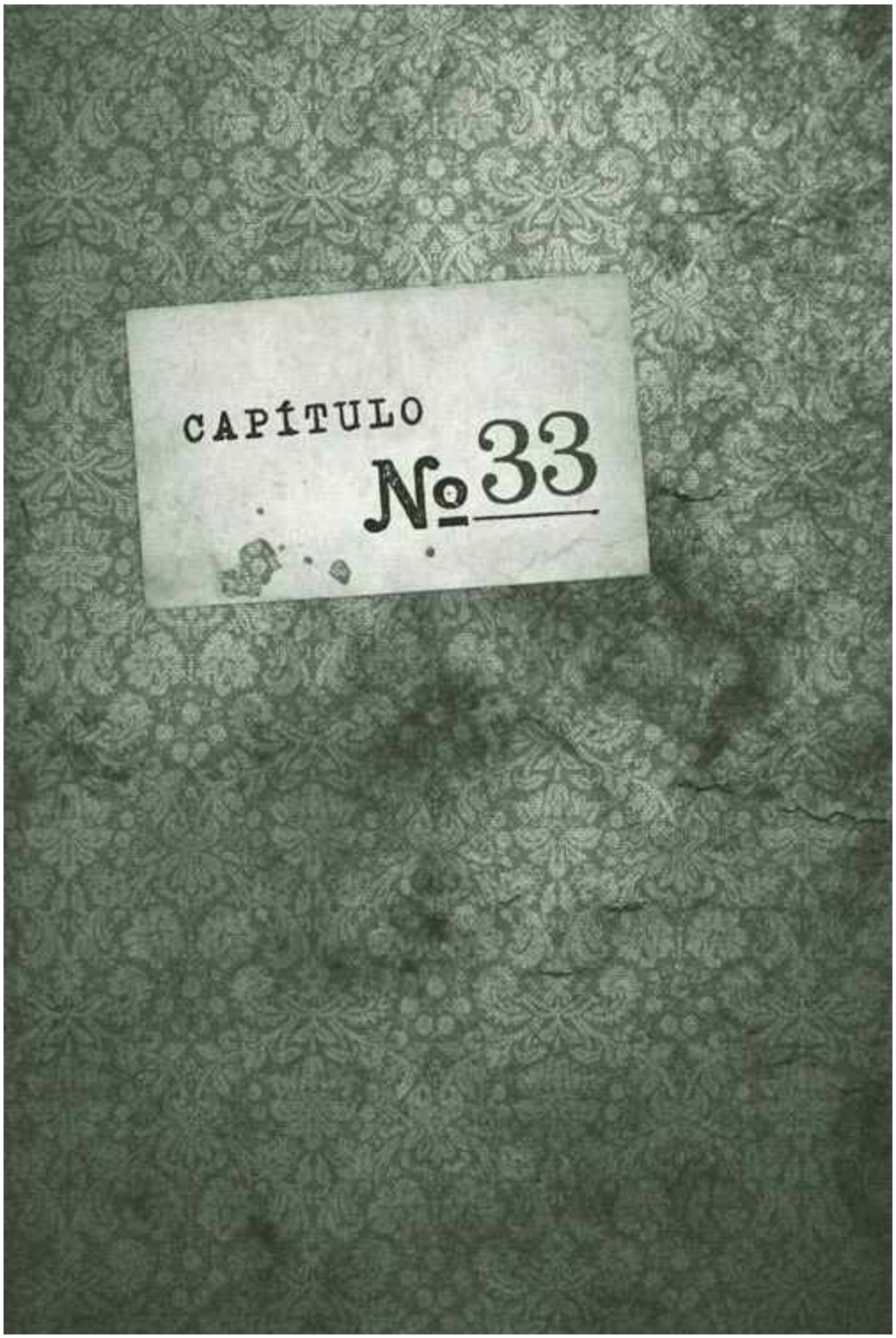
– Ai, meu Deus, ai, meu Deus.

Dan fez menção de cortar a corda com a tesoura, mas se deteve. Aquele era o cenário de um crime, portanto seria melhor deixar tudo como estava.

Daquela distância, ele enfim pôde examinar melhor as feições do homem. Conhecia aquele sujeito.

Era Sal Weathers.




CAPÍTULO
Nº 33

Dan saiu em disparada no meio da chuva, sem se importar se ficaria todo encharcado. Precisava voltar. Precisava do conforto da companhia de outras pessoas. Precisava notificar a polícia a respeito do que encontrara.

"Mas eles vão desconfiar. Você sabe disso."

Dan deu um último pique até a porta do Brookline.

Era verdade. Eles desconfiariam mesmo. Pensariam que foi ele.

O sr. Bittle não acabara de revelar que Sal Weathers andara comentando com o pessoal da cidade a respeito de sua visita? E o policial Teague não consideraria mais que uma coincidência o fato de outra vez Dan ser o primeiro a chegar à cena do crime? Não importava se daquela vez ele não estivesse apagado nem houvesse tido um lapso de memória. As provas circunstanciais seriam mais que suficientes.

"Fica frio, Crawford. Ninguém sabe por onde você andou."

Ele se deu conta de que, em um momento de pânico, tinha derrubado a tesoura na floresta. Seria prudente voltar para buscar?

Dan esperou seus batimentos se normalizar, na medida do possível, e enfim se deu conta de que estava no meio de uma chuva forte. Respirando fundo, correu para a porta do alojamento na mesma velocidade que qualquer outro aluno em busca de abrigo.

Segundo andar. Terceiro andar. 3808.

Dan abriu a porta do quarto com a maior tranquilidade de que era capaz e a bateu com força quando se certificou de que Felix não estava lá. "Graças a Deus."

"Você está bem, está tudo bem, vai ficar tudo bem."

Dan se secou com uma toalha, ainda tremendo violentamente, e em seguida se estapeou no rosto com as duas mãos, tentando pensar no que fazer.

"Aonde você foi? Qual é o seu álibi? E se alguém perguntar ao sr. Bittle se viu você?"

O sr. Bittle.

Parente de um homicida. Poderia ser ele o imitador do assassino em série? O que estava fazendo na igreja com as portas trancadas, aliás? Por que fizera tanta questão de impedir que Dan tivesse acesso ao altar?

Dan pensou que fosse passar mal.

Uma batida repentina na porta quase o fez ter um ataque.

– Quem é? – ele gritou, a voz falha.

– Sou eu – disse Jordan. – Abre aí.

Com uma última olhada no espelho, Dan ajeitou os cabelos e tentou fingir que estava tudo sob controle.

Parado no corredor, Jordan também não parecia muito melhor, nervoso e inquieto sob o cachecol e os óculos.

– Vem logo! – Jordan chamou, esbaforido. – A Abby surtou.

"Abby surtou? É verdade. A ligação para o pai. Lucy."

– Então a conversa com o pai dela não saiu como o planejado? – perguntou Dan, seguindo Jordan pelo corredor.

– Nem um pouco. Ei, por que você está todo molhado?

"Diz que você estava no banho."

– Eu saí.

“E por que você saiu?”

– Fui comer alguma coisa. Ainda estava com fome depois da torta.

“Boa, Dan.”

– Leva um guarda-chuva da próxima vez, mané.

Abby estava sentada na cama, abraçada aos próprios joelhos. Dan notou que o desenho da garotinha, que ficava pendurado sobre a cama de Abby, não estava mais lá.

– Ei, ei – disse Jordan, sentando-se ao lado dela e envolvendo seus ombros com um dos braços. Ela tremia incontrolavelmente, acometida por mais um acesso de choro. – Calma, Ab. E conta ao Dan o que aconteceu.

– Eu l-liguei pra ele... Eu liguei pra ele e... Ele ficou muito bravo, Dan! Nunca tinha ouvido meu pai berrar daquele jeito. Ele gritou um monte de coisa e depois se recusou a continuar falando comigo, o que foi ainda pior – ela fez uma pausa, ofegante, e fungou. Seu choro se acalmou um pouco. – Acho que meti os pés pelas mãos – Abby se virou para ele com os olhos castanhos banhados em lágrimas. – Eu devia ter ficado quieta?

– Eu não sei, Abby. Não mesmo. Nem conheço o seu pai.

Abby parou de chorar por um instante, para encarar Dan. Jordan olhou para ele como se estivesse diante de um louco. “Se ele soubesse...”

– Só sei que as suas intenções eram as melhores possíveis e que você não pode ficar se torturando por isso.

– Exatamente – interveio Jordan. – Com o tempo o seu pai vai acabar se acostumando com a ideia.

– Ele não quer falar sobre esse assunto. E isso eu até aceito. Mas, quando tentei explicar, ele falou que eu estava maluca. Que era loucura até pensar a respeito... – Jordan apontou para uma caixa de lenços sobre a mesa, e Dan a entregou a ele. – Meu pai não entendeu nada! Eu não fiz por mal. É a irmã dele... Pensei que ele fosse ficar contente.

Abby pegou um lenço de papel e começou a picotá-lo.

– Você tentou – Jordan disse baixinho. – Você tentou, e é isso que importa. Acho que ele só precisa de um tempo a mais para pensar.

– Jordan tem razão, é... Que diabo é isso?

Dan estava indo se sentar na cadeira da escrivaninha de Abby, mas se deteve ao ouvir algo se mover na porta do quarto.

– Shhh – Dan levou o indicador aos lábios.

Um pedaço de papel apareceu sob a porta.

– Não é possível! – ele comentou.

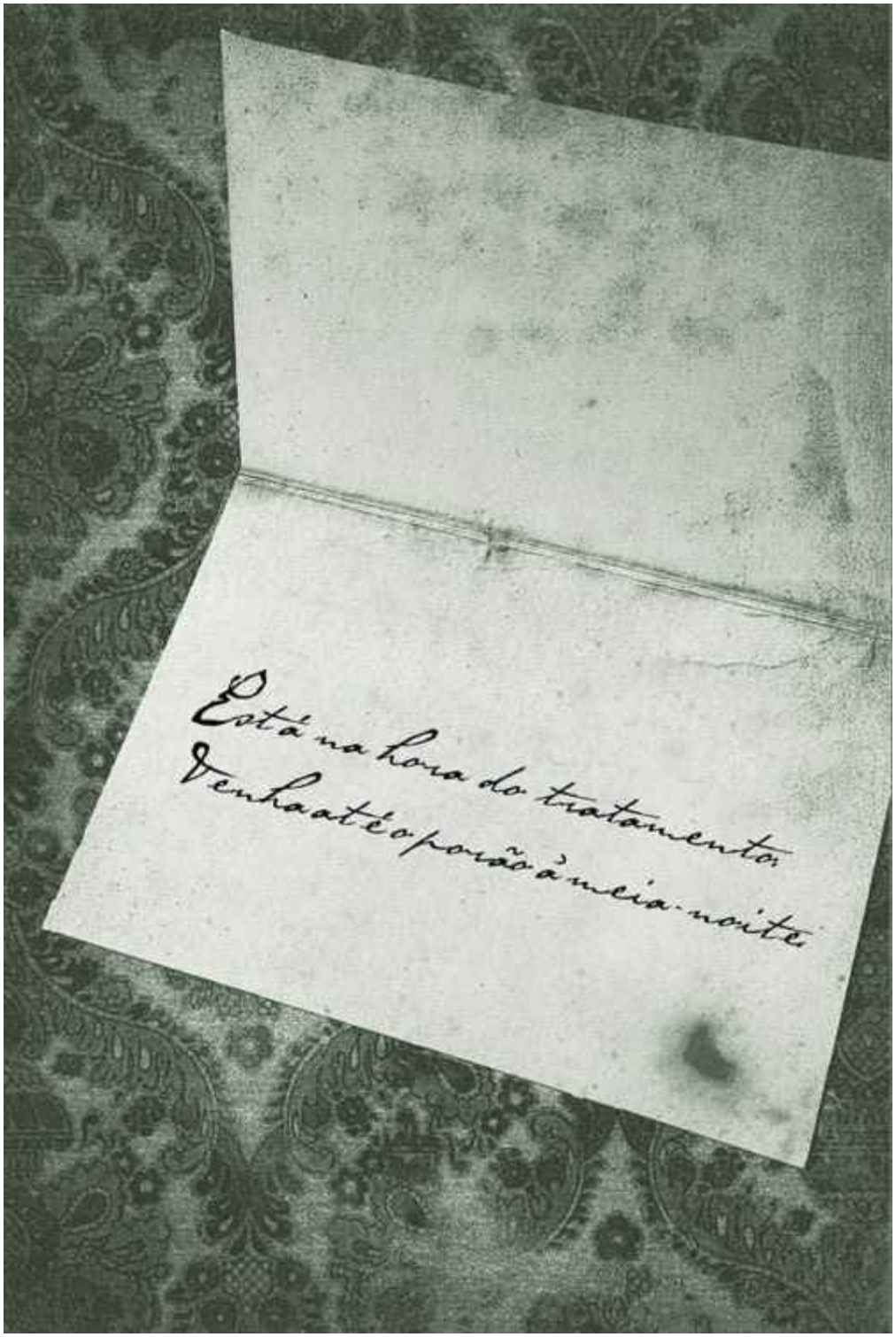
“Era você que estava escrevendo esses bilhetes, e mais ninguém. Esse tempo todo, era só você. Quem pode ter escrito isso?”

Dan correu até a porta e a escancarou, mas chegou tarde demais. O corredor estava vazio. Ele se agachou, pegou o bilhete e o desdobrou com o estômago revirado, como sempre sentia naquele tipo de situação. Pelo menos a caligrafia no papel não era a letra miúda do diretor. Dan ainda não estava totalmente maluco.

– O que está escrito aí? – perguntou Jordan, ainda sentado na cama.

Dan leu o bilhete.

Está na hora do tratamento. Venha até o porão à meia-noite.


Está na hora do tratamento
Venha até o porão à meia-noite


CAPÍTULO
Nº 34

– Dan, isso é ridículo – murmurou Abby, aflita. – Vamos fazer o que no porão, se sabemos que tem alguém perigoso por lá?

Ela e Jordan tentavam demovê-lo da ideia de ir até a ala desativada.

– Você e Jordan não precisam ir. Na verdade, nem deveriam. Mas eu *tenho* que fazer isso. Preciso enfrentar esse cara.

– Eu já vou logo dizendo que não vou descer lá de novo – anunciou Jordan. – E, aliás, acho que vocês são malucos só de pensar em fazer isso. Por favor... A gente não pode resolver isso com a ajuda da polícia?

– *Não!* – rugiu Dan, assustando até a si mesmo. – Sem chance. Vocês só precisam me deixar ir. Não estou pedindo pra ninguém ir comigo.

– Eu não vou deixar você ir sozinho! – insistiu Abby. Ela lançou um olhar para Jordan, que por sua vez levantou os punhos como quem diz que está de mãos atadas.

– É sério, eu adoro vocês, mas não posso fazer isso. Ainda estou torcendo para que escutem a voz da razão e fiquem aqui comigo.

Os três chegaram à porta que levava à sala do diretor. Estava destrancada, como Dan esperava. O autor do bilhete, quem quer que fosse, já devia estar lá embaixo.

– Tudo bem – disse Dan, abrindo a porta e dando um passo à frente. – Até porque o alvo aqui não é você, Jordan. Sou eu.

Antes de entrar também, Abby deu um beliscão e um chute na canela de Jordan ao passar por ele, em uma atitude que parecia resumir bem a dinâmica interna do trio.

– Vejo você daqui a pouco, bundão – ela falou baixinho, olhando para trás.

Dan pegou Abby pelo braço e a puxou, ansioso para confrontar quem quer que estivesse à sua espera. Em poucos momentos ele descobriria quem o estava aterrorizando, fosse um fantasma, um impostor ou qualquer outra coisa. A antessala, como sempre, estava silenciosa e gelada.

Eles seguiram até a já conhecida sala do diretor. Dan se lembrou do estranho e-mail que recebera durante o jantar com Abby: "RE: Paciente 361 – pergunta sobre a sessão de quinta-feira".

"Ainda faltam duas horas para acabar a quinta-feira."

– Dan?

Ele olhou para Abby, que o encarava com uma expressão de preocupação no rosto. Ela não deveria estar ali, e sim em sua cama, segura e quentinha, bem longe daquela loucura toda. Por outro lado, ele não conseguia pensar em uma pessoa mais adequada para estar ao seu lado.

– Vamos lá – ele falou.

Dan estremeceu, sentindo que havia alguém em seu encalço, fungando em seu cangote. Quando olhava para trás não encontrava ninguém, mas era impossível ignorar a sensação de estar sendo vigiado e seguido.

Dan e Abby se agacharam atrás do arquivo para passar pelo buraco na parede. A escuridão era intensa, impenetrável, mas Dan foi abrindo caminho, certificando-se de que estava tudo certo para a passagem de Abby. Ele espremeu os olhos, escrutando a escuridão. Não havia nada de diferente naquela sala também – os arquivos em ordem alfabética estavam no lugar de sempre, e o cheiro de mofo habitual vinha da escadaria à direita.

Abby começou a descer, demostrando mais coragem do que ele naquele momento.

– Este lugar sempre foi assim tão escuro? – perguntou Dan.

– Sim – respondeu Abby, batendo ironicamente com o telefone na cabeça. – Mas é só você apontar a lanterna para a frente, e não para o chão.

– Isso não ajuda muito... – Dan balançou a lanterna para enfatizar o que dizia. – Não estou enxergando nada mesmo assim.

Dan se juntou a ela na escada, tentando iluminar o caminho estreito e desolado que levava lá para baixo. Abby segurou sua mão, e eles foram descendo um degrau por vez, parando de vez em quando para detectar alguma ocasional movimentação ao redor. Não havia ruído nenhum, a não ser o da própria respiração dos dois.

O assassino devia contar com isso também para seu plano, ele pensou ao descer o último degrau e entrar no corredor ladeado por celas vazias. Passar por ali era um tormento por si só. Dan era capaz de sentir seu corpo instigá-lo a apertar o passo, com os sentidos aguçados pela adrenalina, ciente de que seriam emboscados a qualquer momento. Manter-se alerta era sua única defesa.

Eles atravessaram o corredor das celas abandonadas de braços dados, lançando olhares em todas as direções. Dessa forma, podiam se certificar de que não estavam sendo seguidos e, também, amparar um ao outro caso tropeçassem em algum objeto caído no caminho.

Dan lançava o facho da lanterna para dentro de cada cela pela qual passavam, e em todas as ocasiões ficou horrorizado com o que via. Perto do fim do corredor ele parou e olhou para o chão, para um lugar que estava vazio, mas não deveria estar. Ele se lembrava claramente da existência de algo ali, e um contorno de poeira revelava que algum objeto tinha sido removido daquele local.

"O que era? O que está faltando?"

Dan prendeu a respiração e conseguiu recuperar um fiapo de memória – uma canção delicada. A caixinha de música não estava mais onde ele deixara. Até as lascas de porcelana tinham sido tiradas do local. "Alguém passou por aqui."

– Merda – ele murmurou.

– Quê? – Abby perguntou, virando-se para ele. – Que foi?

– Alguém esteve aqui – ele respondeu. – Ou ainda *está*.

Assim que terminou de falar, eles ouviram o ruído agudo do atrito do metal contra uma superfície plana logo acima. Ambos ficaram paralisados, e por um momento Dan chegou a pensar que um cano havia se soltado do teto, ou então... Abby agiu rápido e voltou correndo para o lugar de onde tinham vindo. Ele foi atrás e só então entendeu o que estava acontecendo. O arquivo de metal – alguém estava tentando prendê-los lá embaixo.

Abby subiu correndo, tropeçando na escada, pulando dois ou três degraus por vez. Mesmo assim, eles chegaram tarde demais. O arquivo estava bloqueando a saída. Abby tomou impulso e se arremessou contra o móvel, tentando se agarrar a ele com a ponta dos dedos. Apesar dos batimentos frenéticos de seu coração ressoando em seus ouvidos, Dan conseguiu ouvir a respiração pesada dela enquanto fazia força.

"Presos. Eles ficaram presos na escuridão da última cela que viriam a ocupar."

Não, eles não podiam estar presos... Dan se lembrou de Jordan, a princípio torcendo para que pudesse salvá-los, mas em seguida questionando se não era ele o responsável por tudo. Dan não conseguia confiar nem em si mesmo, por que no caso de seus "amigos" seria

diferente?

– Vem cá! Me ajuda! – grunhiu Abby, dando mais um empurrão com o ombro.

– Quem está aí? Para de ser covarde e aparece logo de uma vez! – gritou Dan.

Ele se posicionou ao lado de Abby e somou forças com ela, mas o arquivo não se moveu. Dan bateu com os punhos contra o metal.

– Deixa a gente sair, deixa a gente sair! – ele gritou até quase perder a voz. Ele ouviu Abby soltar um suspiro trêmulo antes de se apoiar na parede aos prantos.

Ela olhou para a tela do celular.

– Está sem sinal – ela comunicou, limpando uma lágrima do rosto. – Quem poderia fazer uma coisa dessas, Dan?

– Shh! Estou ouvindo alguma coisa...

Eles ficaram em silêncio, com os ouvidos atentos. Atrás do arquivo, Dan ouviu passos abafados, talvez o batucar característico de sapatos femininos. Fora isso, porém, apenas o silêncio.

Eles ouviram os passos se afastando e saindo da sala. Abby tentou empurrar o arquivo mais uma vez, cravando os pés no chão, mas o móvel parecia ter sido aparafusado no chão do outro lado.

Dan tentou dar um chute no arquivo, porém cambaleou para trás e teve que se apoiar à parede para não cair.

– Não acredito... Por que alguém me atrairia até aqui só para trancar a gente aqui embaixo? A não ser que ele tenha outros planos e queira tirar a gente do caminho...

– "Ele" quem? – questionou Abby. – Você está me deixando com medo, Dan. Vamos parar um pouco pra retomar o fôlego e depois tentamos empurrar de novo juntos, certo?

Dan fez um sinal afirmativo com a cabeça. Ela estava certa; o pânico não iria ajudar em nada. Eles conseguiriam sair dali e fazer Dennis – ou quem quer que o estivesse imitando – pagar pelo que fizera.

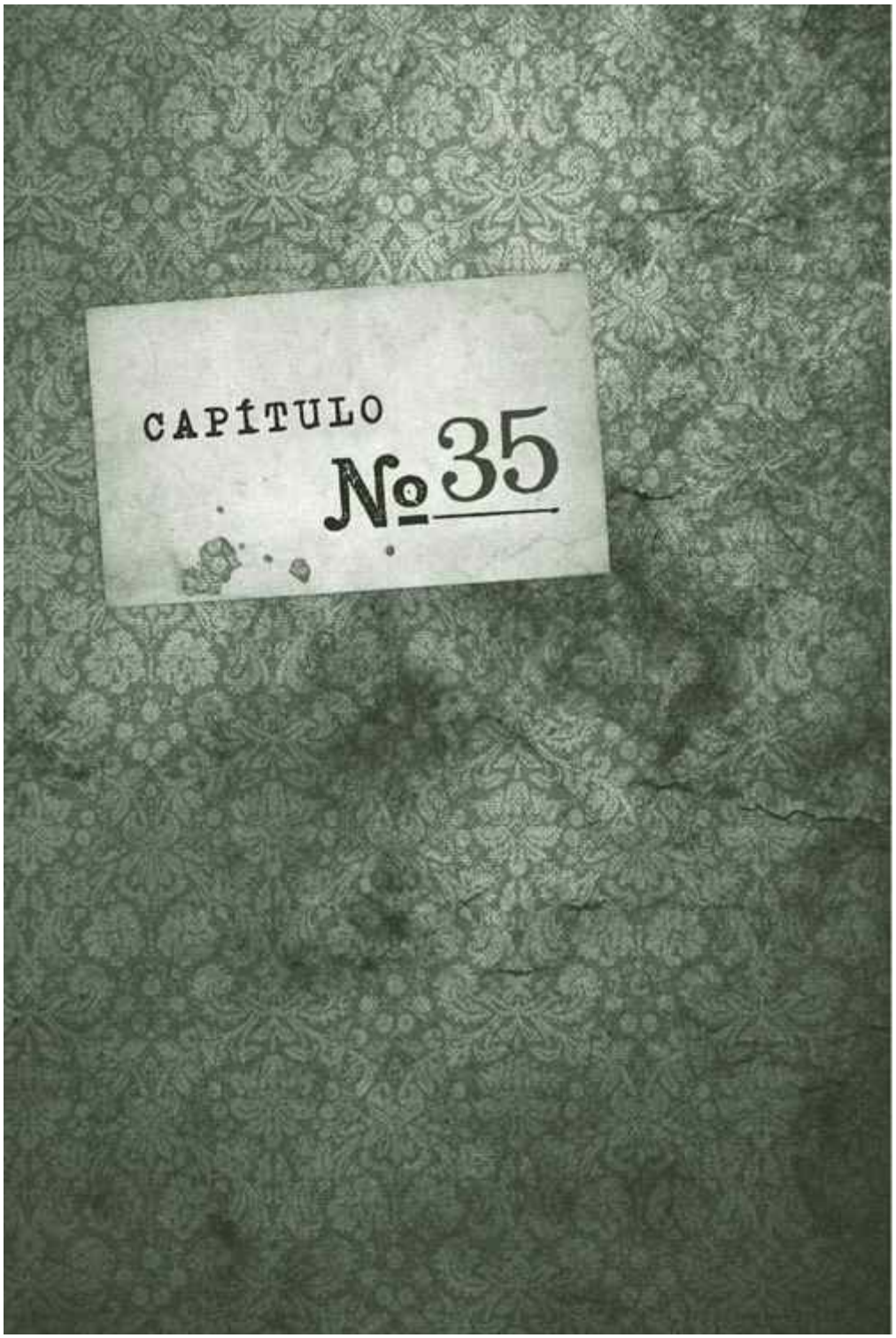
Foi quando Dan ouviu um som que parecia ser o de um sapato se arrastando na madeira. Vinha da escada atrás deles.

– O que foi...

Ele não conseguiu concluir a pergunta. Um vulto saltou na direção deles.

Dan ouviu um baque surdo, e então Abby desabou em seus braços. Seus últimos pensamentos antes de cair foram justamente sobre ela, sobre sua beleza naquele momento, em uma pose em que parecia estar dançando, os lábios entreabertos e as tranças se desfazendo.

Em seguida ele sentiu o impacto na parte de trás de sua cabeça.


CAPÍTULO
Nº 35

Dan acordou sob a luz esbranquiçada de uma lâmpada. A fiação antiga produzia um zumbido constante, e a energia parecia prestes a cair a qualquer momento. Ele grunhiu e tentou se mover.

Mas não conseguiu.

A princípio pensou que fosse a dor de cabeça que o impedia de se mexer, mas em seguida a consciência e os sentidos voltaram a ficar alerta, e Dan notou que estava preso por tiras de couro no peito, na cabeça, na cintura e nos tornozelos.

Ele berrou – e ouviu o eco da própria voz. As amarras estavam apertadas, e se debater só fazia piorar a dor e o desespero que sentia. O máximo que podia fazer era mover um pouco a cabeça para um lado e para o outro.

O anfiteatro operatório. Era lá que eles estavam. As mesas, as macas... e uma bandeja com instrumentos cirúrgicos afiadíssimos a poucos palmos de seu crânio.

– Me solta! – ele gritou. – Você não pode fazer isso comigo!

Dan virou o pescoço para o outro lado. Abby estava amarrada na mesa de operações ao lado, com uma mordaça na boca. Perto dela havia uma maca de metal. A luz branca se refletia na bandeja de aço inoxidável logo ao lado, iluminando brocas, bisturis e ganchos – o equipamento necessário para realizar uma lobotomia.

As luzes do recinto oscilaram, como se tivesse havido uma queda de energia, obrigando Dan a piscar os olhos. Quando a iluminação se estabeleceu de novo, um vulto surgiu das sombras escuras ao redor do anfiteatro. Dan não conseguia enxergar direito por causa dos borrões em seu campo de visão, por isso não conseguiu identificá-lo. Seria o homem com o pé de cabra? Ted Bittle? *Jordan?* Dan estava abalado a ponto de acreditar em qualquer coisa.

Em seguida sua visão voltou ao normal, e a verdade atordoante veio à tona.

– *Felix?* – a voz de Dan quase se perdeu em meio aos ecos infinitos do recinto. – Que diabos está acontecendo? Como você conseguiu entrar aqui?

– Eu já estava aqui embaixo – respondeu Felix, sem se alterar.

– Solta a gente, seu idiota! Vamos dar o fora daqui.

– Ah, mas você não vai a lugar nenhum, *Daniel Crawford* – disse Felix com um sorrisinho. Quando ele se aproximou, Dan notou que estava descalço, com os olhos arregalados, usando apenas um jaleco branco e uma cueca samba-canção.

– Qual você acha que pode ser o nome da minha obra-prima? Eu estava pensando em "Vingança".

Sua boca se contorcia estranhamente quando falava, articulando as palavras de maneira exagerada. A voz também não parecia ser a de Felix: era aguda e zombeteira, como a de um palhaço. Seu caminhar era estranho, sacudindo-se de um lado para o outro como se estivesse sendo manipulado como uma marionete por alguém posicionado mais acima.

– Felix, que conversa é essa? – questionou Dan. Aquele era *Felix*, seu colega de quarto silencioso e insuspeito. Que motivo teria para se vingar?

No fundo, porém, Dan sabia que aquele não era o Felix que conhecia. Era apenas seu corpo, controlado por outro homem – alguém em busca de vingança que não queria dar o troco exatamente em Dan, mas em Daniel Crawford. Aquele era o Escultor.

Felix foi até a mesa em que Dan estava amarrado e se inclinou sobre ele.

– Vocês são tão fáceis de moldar – ele murmurou.

Seus olhos estavam totalmente pretos. Ele passou um dos polegares de forma quase carinhosa pelo nariz de Dan.

– O primeiro foi o mais fácil. Estava sozinho na escadaria, tentando manter todos vocês sob vigilância. Mas eu estava de olho *nele*, e o coitado não suspeitou de nada. Essa primeira obra se chamou

"Prelúdio". A parte mais complicada foi encontrar um idiota em quem pôr a culpa. Foi aí que precisei da ajuda de Felix. Uma visita noturna ao laboratório de biologia para fabricar um pouco de clorofórmio, e *puf!* Estávamos prontos para a ação.

Dan quase conseguia ver o verdadeiro Felix lutando para reassumir o controle do corpo. O brilho de seus olhos se acendia e apagava com frequência, como se a força que mantinha seu corpo em funcionamento estivesse instável. Ele precisava ganhar tempo para que Felix pudesse vencer a batalha.

– Então você matou Joe e acusou um sujeito lá da cidade – disse Dan. – Você só *fingiu* ter encontrado o corpo dele.

Felix tocou o nariz de Dan mais uma vez, fazendo o estômago dele revirar.

– A segunda estátua foi só por diversão. Para dar um pouco de risada. O nome que dei a ela foi "Caos". Pena que foi só uma instalação temporária.

– Yi.

Dan se lembrou da maneira como Yi estava posicionado, com as pernas cruzadas de um jeito perfeito demais para ser acidental.

– *Não* – Felix se aproximou de seu rosto, olhando-o nos olhos, a saliva escorrendo de sua boca rosada sobre o queixo de Dan. As risadinhas malucas deram lugar à raiva pura e simples. – *Caos*. *Caos*.

Felix se afastou outra vez, rodeando a mesa em que Dan estava amarrado enquanto falava.

– Mas então, antes do meu *gran finale*, tive que entrar em ação de novo, antes que aquele homem horroroso arruinasse a minha diversão. Ele quase descobriu tudo, Daniel Crawford... Ele sabia o que estava acontecendo aqui. Essa escultura ganhou o nome de "Medidas preventivas".

"Sal Weathers por pouco não descobriu tudo. Ele sabia o que estava à espreita no Brookline."

– Mas agora, com esses tolos longe do meu caminho, é a *sua vez*, a sua vez – Felix abriu um sorriso de contentamento, e em seguida estreitou os olhos. – Estou esperando por você há muito tempo. Você vai ser minha melhor escultura, minha *magnum opus*.

Dan se perguntou quando exatamente aquela transformação teria começado. Talvez tivesse sido logo no primeiro dia, afinal fora Felix que achara as fotografias e sugerira que Dan visse tudo por si mesmo. Talvez Dan nunca houvesse conhecido o verdadeiro Felix.

Mas a ideia de que vinha dormindo ao lado daquela *coisa* durante dias, e talvez até semanas, era uma luz no fim do túnel. Ele sentia que Felix ainda estava naquele corpo, caso contrário já o teria matado muito antes.

– E o cara com o pé de cabra? O que atacou você? – perguntou Dan, tentando ganhar tempo para que Felix reassumisse o controle.

– Ah, *ele*... – disse Felix, como se aquilo lhe provocasse um incômodo. – Eu deixei que entrasse pela janela e prometi umas drogas em troca. Quando viu que a promessa era falsa, ele ficou meio... *irritado* – Felix fez um movimento com os dedos ao pronunciar a última palavra.

– Mas o verdadeiro alvo, claro, era o seu amigo, o matemático. Só não esperava que o sujeito aparecesse com um pé de cabra, e nem que você acordasse logo depois de eu usar o seu telefone. Não foi um plano muito inteligente, mas pelo menos consegui mexer com a sua cabeça. Assim como você mexia com a *minha* – a última palavra foi sussurrada no ouvido de Dan.

– Você é maluco! – gritou Dan, tentando se livrar das tiras, que não cederam nem um pouco.

– Ah, sou? – Felix pareceu ter sido pego genuinamente de surpresa com aquele comentário. Apanhou um bisturi da bandeja e enfiou o cabo na propría boca. Em seguida, tirou a lâmina da boca e a brandiu com a mão. – Talvez seja mesmo. Mas isso não importa agora. Finalmente vou fazer você pagar por todos aqueles experimentos *fracassados*. Apesar de que o meu caso não foi um fracasso, não é mesmo, Crawford? Quer dizer, nós ainda estamos aqui! – Felix se curvou sobre ele de novo. – Isso deixa você feliz? Ou triiiiiiste?

Com o fio do bisturi, Felix traçou de leve um sorriso de palhaço no próprio rosto, deixando uma pequena linha curvada e vermelha na pele – um corte superficial, porém visível.

– Mas eu não sou Daniel Crawford! Sou Dan, seu colega de quarto! – ele gritou.

– Colega de quarto? – ironizou Felix. – Sim, nós já estivemos no mesmo quarto; *neste* aqui, por sinal. Mas nunca fomos *colegas*. Não mesmo.

Felix baixou o bisturi e posicionou a lâmina a milímetros do olho de Dan.

E foi nesse momento que as luzes se apagaram.

– Não! – gritou Felix. Seus passos apressados ecoaram pelo recinto, afastando-se na direção da caixa de força.

Dan soltou um suspiro de alívio, mas em seguida prendeu a respiração de novo. Uma mão segurou sua boca, impedindo-o de falar. Dan tentou se libertar, mas não havia como.

– Shhh – fez uma voz em seu ouvido. Mesmo sem ter dito uma palavra, ele sabia quem estava lá para salvá-los.

"Jordan."

Dan parou de se debater. Sentiu as tiras que prendiam sua cabeça se soltar, e depois a do peito, e por fim a da cintura e a dos tornozelos. Ele sentou, massageando as pernas dormentes para reativar a circulação. Jordan apertou seu ombro como se quisesse alertá-lo de algo.

As luzes voltaram com um zumbido forte. Jordan estava lá, espremendo os olhos, com a iluminação refletida em seus óculos.

– Eu sabia que vocês dois não iam saber se virar sem mim – murmurou Jordan, chegando mais perto de Dan.

– Traiçoeiros! – Felix gritou da caixa de força. Ele foi saltando os degraus para descer, como uma lebre enlouquecida. – Seus *tolos*, molengas, manipuláveis e traiçoeiros! – suas palavras saíram em um único jorro, e ele avançou na direção dos dois com o bisturi em punho.

– Corra! – gritou Dan, e pulou da mesa de operações. Ele entrou na frente de Jordan e se agarrou a uma maca.

Felix partiu para cima dele, golpeando em todas as direções. Dan manteve a maca no caminho de seu agressor o tempo todo, movendo os pés com rodinhas toda vez que Felix mudava de direção.

Felix deu risada, jogando o bisturi de uma mão para outra.

– Faz *anos* que eu não me divirto assim!

Em seguida ele avançou, saltando sobre a maca. Dan se agachou, mas Felix era mais rápido e mais forte e o pegou pelo colarinho, jogando-o no chão. Dan segurou o punho de Felix para manter o bisturi longe de seu rosto. Felix, porém, tinha pelo menos dez quilos de músculos a mais que Dan, cujos braços já começavam a ceder.

Felix o prensou contra o chão. O bisturi foi baixando pouco a pouco, até Dan sentir seu toque afiado contra o rosto.

"Não. Você não vai deixar que ele faça isso. Ele é inferior a você."

Com uma força que nem sabia ter, Dan empurrou Felix com tudo, fazendo-o cambalear para trás. O bisturi caiu da mão dele.

Dan se virou de lado e levantou em um pulo. Ele se pôs de pé diante de Felix, que gritou e se encolheu todo. Dan se agachou, de repente se sentindo forte, muito forte, e agarrou o outro pelo jaleco. Ele o ergueu e o arremessou sobre uma maca. Dan soltou um rugido por causa do esforço, mas em questão de segundos Felix estava deitado diante dele, indefeso.

– Prenda as amarras! – pediu Dan. – Prenda as amarras! Ele não pode se soltar.

Enquanto Dan segurava Felix na maca, Jordan pegou as tiras de couro e as afivelou rapidamente. Primeiro sobre o peito, depois sobre as pernas. Felix se debatia de maneira furiosa, e os dois precisaram fazer força para prender sua cabeça. No fim, Jordan conseguiu imobilizá-lo com as mãos, enquanto Dan prendia a última amarra. Havia gotas de sangue e saliva nos lábios de Felix, e seus músculos estavam todos rígidos e flexionados.

Encharcado de suor e com um movimento rapidíssimo, Dan se agachou para pegar o bisturi.

"Não é mais momento para experimentos e curas. Você precisa acabar com isso de uma vez por todas, Dan."

– Dan, o que você está fazendo com isso na mão? – perguntou Jordan, preocupado, olhando para o bisturi. – Ele não vai conseguir sair daí. Vamos deixar a polícia cuidar disso.

– *Não!* – bufou Dan. – Ninguém mais pode cuidar disso além de *mim*.

O bisturi começou a descer contra a vontade de Dan.

"Não, não é isso que eu quero, eu não sou assim..."

"Eu sou *você*."

O bisturi foi se aproximando cada vez mais de Felix.

"Não."



A visão se abateu sobre ele de forma rápida e brutal, arrancando-o de seu corpo e transportando-o para outro. Era outra época, outra década, e lá estava Daniel Crawford, o diretor médico, outra vez.

O anfiteatro estava lotado de observadores. Estavam todos grudados no assento para testemunhar sua demonstração de técnica. Apenas metade dos presentes acreditava em suas proposições, mas todos queriam conferir se seu procedimento secreto realmente funcionava.

E lá estava o pobre e maltratado Dennis, amarrado à maca. Pelo menos, como efeito colateral das operações preparatórias, ele estava curado de sua raiva crônica.

Mas então o interfone tocou. Era Julie, sua nova e burríssima secretária. Caso não estivesse no meio de um procedimento da maior importância, ele a demitiria no ato.

– A polícia! A polícia está vindo!

A polícia? Vindo pra cá?

"Alguém abriu a boca."

A plateia entrou em polvorosa. Ele explodiu de raiva ao ouvir os passos em fuga e as vozes se erguendo ao redor, como uma maré que sobe de maneira súbita. Os covardes tropeçavam uns nos outros enquanto corriam... Então a polícia estava vindo. Que coisa...

Dennis gritou, atraindo a atenção de Daniel. Ele não tinha administrado os sedativos em quantidade suficiente? Mas que diferença isso fazia? Aquele seria o último experimento, afinal.

Soltando um palavrão, Daniel se apressou para terminar tudo – com um desleixo bem pouco habitual – e então, tirando as luvas manchadas de sangue, ele fugiu, sendo o último a sair. O último além de Dennis, claro. Ele apagou as luzes.

Os outros já não estavam lá fazia tempo quando ele chegou à sua sala. Perdeu um tempo precioso movendo um arquivo para esconder a porta que levava aos pavimentos inferiores, sua última chance de fingir que suas práticas eram todas regulamentares. Arrancou os óculos e os pendurou no gancho, e o sangue que ainda restava nas lentes espirrou na parede. Documentos, fotografias e outros papéis se espalharam pela sala, mas ele não se importou. Era um prejuízo mínimo, considerando que sua obra permaneceria. Seu legado. Sua vida.

A porta se abriu. A polícia estava entrando. E então vieram as algemas, parecidas com a que prendiam Dennis lá embaixo.

"Alguém abriu a boca."

"Foi a menina", ele pensou, "só pode ter sido a menina." Ela era a queridinha das enfermeiras, com suas danças, seus sorrisos, seus lindos cabelos... Uma delas deve ter ficado com pena e a deixado escapar, e agora ele estava pagando o preço pela atitude dela, aquela delatora com uma cicatriz na testa. Ela tinha visto coisas demais e tirado conclusões demais.

Mas seu ligado sobreviveria, e o diretor Crawford estava de volta ao seu lugar. Ao anfiteatro onde Dennis o aguardara durante tantos e tantos anos.

Apenas uma coisa estava errada. Sua visão não estava muito boa... Estava tudo girando.

– Dan? Dan? – alguém chamava seu nome.

Ele se desequilibrou e cambaleou para a frente, agarrando-se à maca para não cair. Um rosto pálido e trêmulo o encarava. Dennis... ou era Felix? Fosse quem fosse, Dan estava com o bisturi na mão, pronto para usá-lo...

Dan fez força para se concentrar, pensar um pouco. Aquilo não era algo que ele faria. Ele não era o diretor – e nunca seria.

Largou o bisturi. O som do metal se chocando contra o chão ecoou pelo anfiteatro.

"Eu não sou você. E nunca vou ser."

– Seu tolo, molenga e manipulável, isso ainda não acabou! – murmurou Felix. – Está muito longe de acabar.

Dan empurrou a maca para bem longe de seu alcance, sentindo uma mistura de medo e nojo. Ela oscilou e tombou. Ainda amarrado à sua superfície, Felix soltou um gemido e se calou.

– O problema é este lugar – disse Dan. Jordan estava ao lado de Abby, soltando as amarras e tentando acordá-la. – Precisamos ir embora deste manicômio – ele caminhou na direção de seus amigos com passos trêmulos. – Precisamos todos sumir daqui!

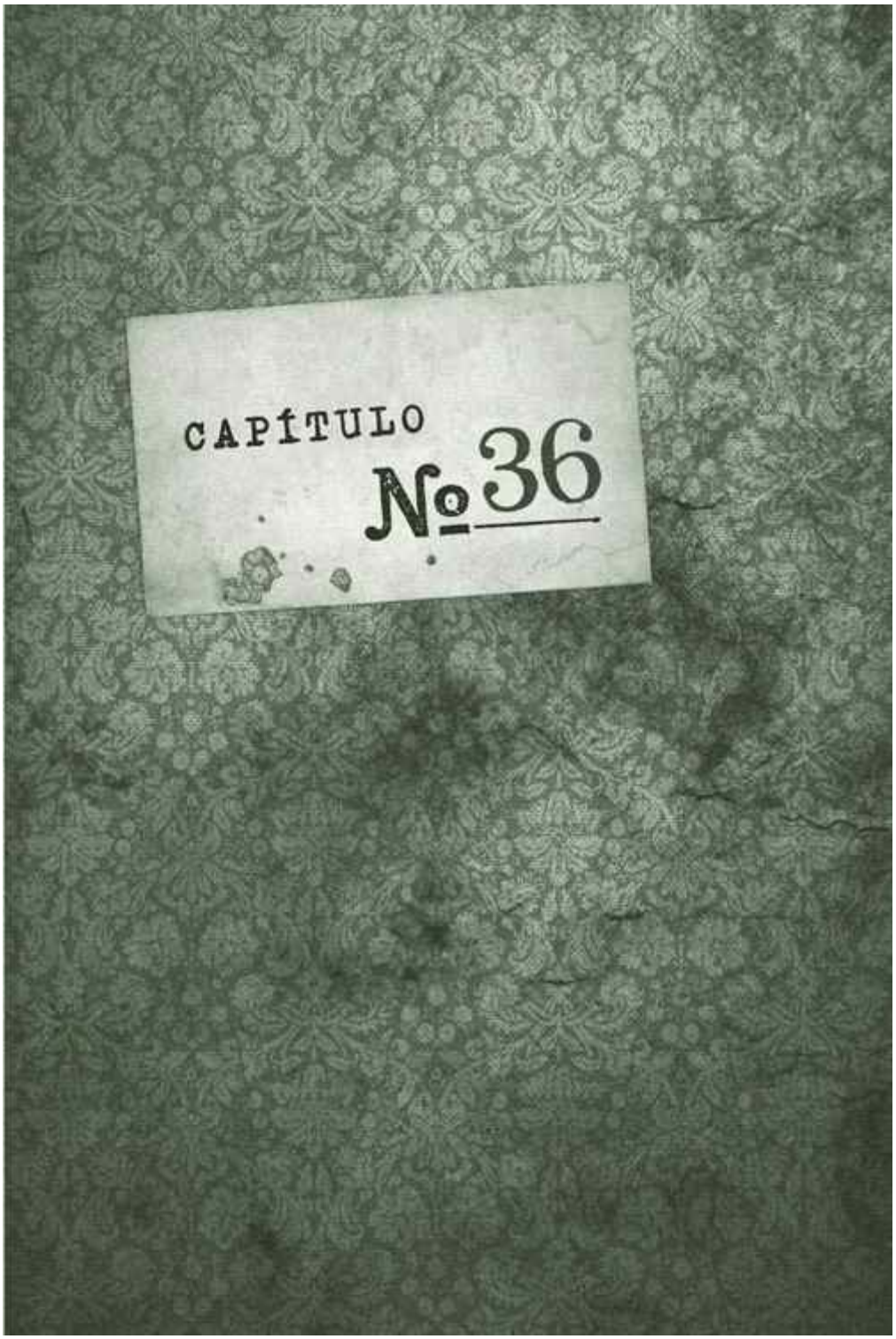
Ele chegou à outra maca ao mesmo tempo que Abby, trêmula e insegura, se levantava. Ela se jogou nos braços dele, mas Dan lhe deu apenas um abraço apressado antes de começar a se retirar.

– Precisamos sair daqui; o problema é o Brookline... Felix e eu... vocês precisam ajudar a gente a ir pra bem longe daqui.

– Isso não vai ser fácil. Ele está desmaiado – Jordan estava ajoelhado ao lado da maca tombada. Olhou para cima, por sobre os óculos. – Mas acho que nós três juntos conseguimos tirar a maca daqui.

Dan concordou com um gesto de cabeça, posicionando-se ao lado de Jordan.

– Então é isso que vamos fazer.


CAPÍTULO
Nº 36

Quando estavam na metade da última escadaria, foram encontrados por Teague, acompanhado de dois colegas. Esforçando-se para sustentar o peso de Felix, Dan ergueu uma das mãos para proteger os olhos do facho das lanternas.

– Agora vocês resolveram aparecer – resmungou Jordan, apesar de os três estarem contentes por poder contar com homens adultos para carregar Felix pelo restante do caminho. O colega de quarto de Dan tinha ganhado um bocado de peso com a musculação, e cada segundo gasto para tirá-lo do porão era mais uma chance para o diretor cravar as garras em sua mente.

– Eu não consegui encontrar nenhum policial no alojamento, então liguei para a delegacia antes de ir atrás de vocês dois – explicou Jordan. – Pelo menos um de nós estava com a cabeça no lugar.

– Tem alguém ferido? – perguntou Teague, abrindo caminho para que eles subissem. Quando chegaram à sala com os arquivos em ordem alfabética, o policial supervisionou a passagem da maca de Felix por seus colegas.

– Felix levou uma pancada na cabeça – respondeu Dan.

Ele viu os policiais suspender Felix e manobrar a maca pela passagem na parede que levava à sala de fachada do diretor. "Que estranho", pensou Dan. "Se não foi Jordan que arrastou o arquivo para prendê-los lá embaixo, então quem teria sido?"

Teague o encarou, erguendo uma das sobrancelhas.

– Sim, fui eu que dei a pancada – confessou Dan, passando a mão pelos cabelos. Uma dor terrível se instalou na base de sua nuca. – Eu vou contar tudo, só preciso...

– A gente precisa sair daqui – Abby falou por ele, amparando-o pelo braço. – Por favor, guarde as perguntas para quando estivermos lá fora, ou então na delegacia. Pode ser onde você quiser, menos aqui.

– Tudo bem. Mas saibam que estou de olho nos três.

Teague cumpriu sua promessa, acompanhando-o até a porta do Brookline. Felizmente a chuva tinha parado. Assim que transferiram Felix para a ambulância, os policiais voltaram para vigiar os três.

– Então... – começou Teague, apontando a lanterna para os olhos deles outra vez.

– Para com isso! – falou Jordan, baixando a cabeça. – Nós encontramos o assassino, então vê se...

Ele não teve a chance de concluir a frase. Sob a luz da lanterna de Teague e da sirene dos carros de polícia, Dan viu um vulto correndo em sua direção pela grama.

– Teague! – ele gritou. Ele viu um objeto pequeno e afiado reluzir na mão da silhueta que se aproximava. – Cuidado!

Mas o alvo do ataque não era Teague. Dan só teve tempo de proteger o rosto com os braços antes que a mulher se atirasse sobre ele, aos berros. Ele a reconheceu imediatamente. Era a esposa de Sal Weathers.

Ela soltou um grito inumano.

Dan recuou, sentindo a faca passar tão perto que cortou a manga de sua blusa. Seus amigos e Teague entraram na briga, tentando segurar a mulher sem ser atingidos. Teague sacou a arma e gritou:

– Ninguém se mexe!

– Espera! Cuidado com ela! – Abby foi correndo até a mulher, colocando-se entre ela e Teague. A mulher de Sal ficou imóvel por um momento, mas os policiais aproveitaram a deixa para segurá-la pelos braços e derrubá-la na grama.

Ela começou a berrar de novo, absolutamente histérica.

– Esperem! – gritou Abby. – Vocês viram? – ela perguntou, olhando para Dan e Jordan. – A testa dela... vocês viram?

Abby não esperou pela resposta, e os dois tiveram que correr para acompanhá-la.

– Ela cortou você? – perguntou Jordan, ofegante.

– Não, mas a minha blusa já era.

Uma última descarga de adrenalina conduziu Dan até onde a mulher de Sal estava ajoelhada no gramado molhado, com a faca enfim arrancada de sua mão. Abby parou diante dela e tirou lentamente um objeto do bolso. Uma peça lascada de porcelana que reluziu sob as luzes dos carros de polícia.

Ele deveria saber que fora Abby quem pegara. Ela vinha fazendo suas incursões ao porão sem ele. Dan compreendeu tudo.

– Você reconhece isso? – Abby perguntou baixinho à mulher.

Os cabelos dela se bagunçaram na confusão, e, sem a franja sobre o rosto, a cicatriz na testa se tornou visível. Era idêntica à da menina na foto. Abby girou a bonequinha, fazendo-a dançar.

Do lugar onde estava ajoelhada, Lucy estendeu a mão na direção da bailarina. Abby deixou que ela a pegasse, abrindo um sorriso triste.

– Você é a Lucy, né? Lucy Valdez? Meu nome é Abby Valdez. Você tinha um irmão... quer dizer, *tem* um irmão. O meu pai. Eu sei que é muita informação para um dia só, mas acho que ele ia gostar de ver você. E eu queria que soubesse que o seu pai... Bom, ele nunca se perdoou por ter mandado você pra cá.

Lucy segurou a bailarina lascada entre as mãos e a apertou junto ao peito.

Dan se perguntou se ela tinha achado o corpo do marido na mata ou se sua raiva se devia unicamente ao fato de suspeitar que ele fosse o diretor.

– Policial Teague – chamou Dan, e esperou que o outro fosse até ele.

– Está tudo bem?

– Lá no porão, antes de desmaiar, Felix falou que tinha matado outro homem. Um cara da cidade. Disse que largou o corpo no bosque, perto da Igreja Batista de Camford.

– Parece ser uma informação específica demais – comentou Teague, desconfiado. – Tem certeza de que foi isso mesmo?

– Só estou dizendo o que ele falou.

Dan sabia que teria trabalho para explicar toda a situação. Quando Felix recuperasse a consciência, talvez nem se lembrasse do que fizera. Nesse caso seria a palavra dele contra a sua, e Dan tinha a impressão de que o policial Teague não ficaria ao seu lado.

Mas, por ora, Teague se limitou a fazer um aceno de cabeça e passar uma mensagem pelo rádio para que alguém da equipe fosse vasculhar o bosque.

Jordan foi até Dan e pôs um cobertor sobre seu ombro.

– Ela estava certa – ele comentou. – Dá pra acreditar?

– Dá, sim. E eu deveria ter acreditado antes.

Abby estava ajoelhada na grama perto da tia, observando-a de uma distância cautelosa.

– Mas e Felix? – Jordan perguntou com um suspiro. Ele levantou os braços, esticando o cobertor como se fosse uma capa, disfarçando o bocejo com o cotovelo. – Ele estava... você acha que ele vai se recuperar? Será que vai ser preso?

Dan encolheu os ombros.

– Depende da polícia. Acho que ele não tem culpa nenhuma pelo que aconteceu, mas não sei como funciona a lei nesses casos. Só espero que receba toda a ajuda de que precisa – olhou para o Brookline por cima do ombro. – Uma ajuda bem diferente da que esse lugar tem a oferecer.

– E a gente?

– O curso vai ser cancelado – disse Dan, convicto –, e a gente vai pra casa.

– Que maravilha! – Jordan chutou o chão. – Acho que sempre soube que o paraíso gay ia chegar ao fim e eu teria que ir embora de Oz. Agora vou ter que voltar pra casa e fingir que sou hétero por mais um ano. Como vou aguentar?

– É um fardo terrível, pode acreditar – eles caíram na risada, mas Dan não podia deixar de se preocupar com Jordan. O que seus pais fariam quando descobrissem onde ele realmente passou o verão? – Quer saber... se você quiser... quer dizer, se os seus pais forem muito chatos mesmo... você pode ir ficar lá em casa. Por um tempo, sei lá. Tenho certeza de que os meus pais vão deixar.

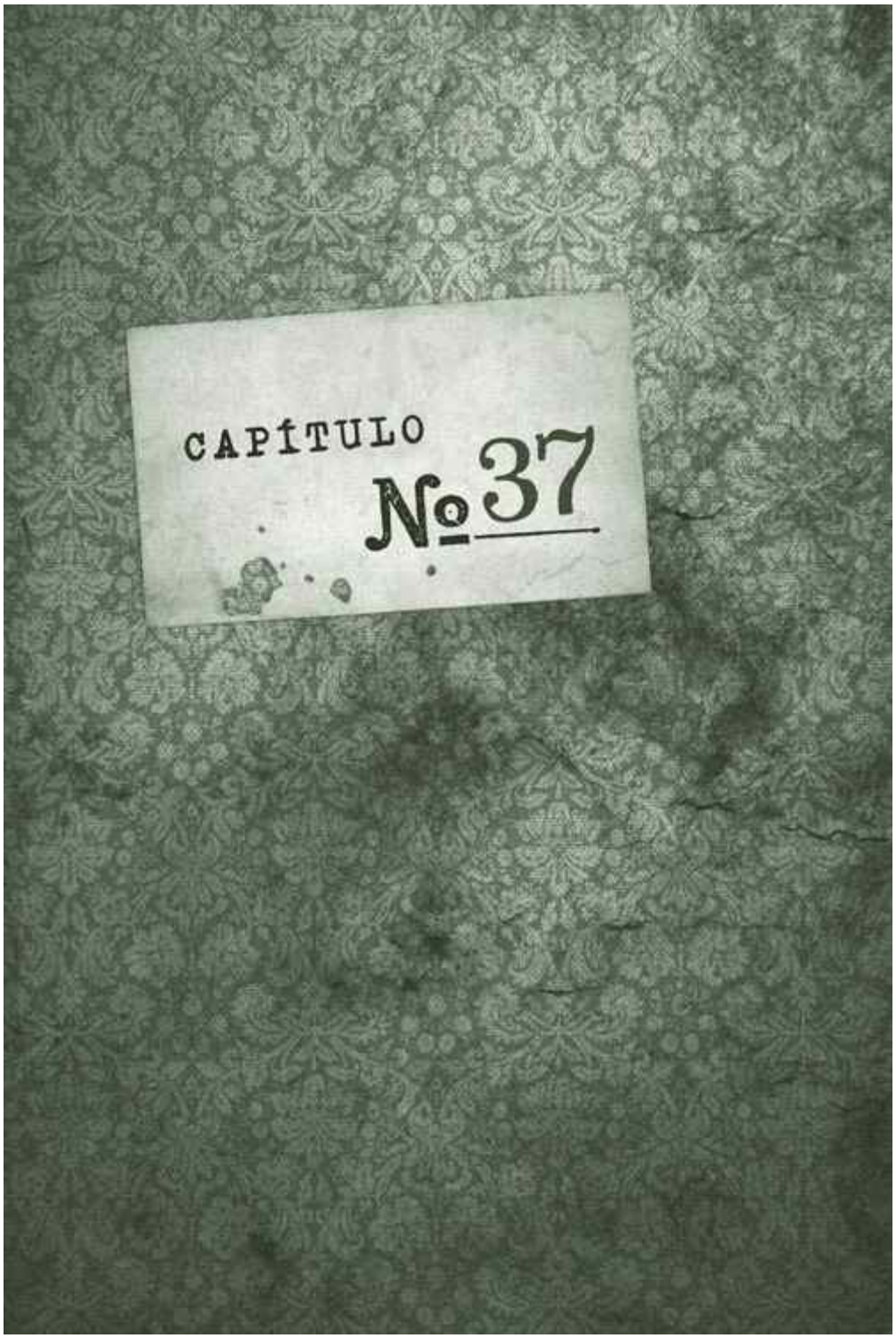
Jordan ajeitou os óculos e deu uma risadinha. Dan tinha certeza de que sua oferta seria recusada.

– A sua mãe cozinha bem?

– Não, mas o meu pai, sim.

– Negócio fechado.

Jordan estendeu a mão, e Dan selou o acordo.


CAPÍTULO
Nº 37

– Acho que vão mandar alguém para buscar as coisas de Felix – falou Dan, guardando o último livro na mala. Sandy e Paul estavam ocupados empilhando a bagagem junto à porta. Sua metade do quarto já estava quase vazia. As coisas de Felix permaneciam intocadas, incluindo um Gatorade bebido pela metade em cima da escrivaninha.

– Pobre menino – comentou sua mãe, indo até a cama de Dan. Ele já tinha tirado o lençol do colchão e dobrado. Não havia tempo a perder. Apesar de não querer se separar de seus novos amigos, precisava sair logo do Brookline. Cada segundo que passava ali era uma tortura.

– Posso entrar?

Os três se viraram para Abby, que estava parada na porta. Ela se balançava timidamente sobre os calcanhares, esperando para poder entrar.

– Ah, oi. Que bom ver você! – disse Dan.

A noite de sono no hotel na cidade tinha feito bem a todo mundo. Abby estava linda, vestindo uma bata caída sobre os ombros e calça legging. Seus coturnos tinham manchas de tinta rosa e amarela.

– Nós vamos levar as coisas pro carro – falou Paul, lançando a Dan um olhar nada sutil.

Ainda assim, o momento de privacidade era bem-vindo.

– Foi um prazer conhecer vocês dois – disse Abby quando os pais dele passaram por ela.

– O prazer foi todo nosso, querida – respondeu Sandy, fazendo um sinal para que Abby entrasse.

Os lençóis dobrados foram colocados na mala junto com os livros. Dan teve que fazer força para conseguir fechá-la.

– Já está pronta pra ir embora?

– Ainda não. Minhas coisas já estão arrumadas, mas o meu pai ainda não chegou...

Dan puxou a mala superlotada da cama para o chão.

– Ele está vindo buscar você? Isso significa que...

Abby sacudiu a cabeça, e seu rosto assumiu uma expressão de tristeza.

– Acontece que... – ela começou, e em seguida se interrompeu. – Acontece que ela era casada com um cara daqui da cidade, e ele... Ele foi *assassinado* por Felix.

Abby caiu no choro.

– Ai, meu Deus, Abby, que horror! – falou Dan, abraçando-a em um gesto protetor. Ele detestava o fato de ter chegado a um ponto em que era mais fácil mentir e fingir que estava surpreso do que dizer a verdade. Mas por outro lado sabia que Abby também tinha segredos.

Abby se afastou e limpou os olhos.

– Acho que esse verão inteiro foi um pesadelo – ela disse. – Eu consegui tornar a vida da tia Lucy ainda pior, em vez de melhor, e ainda arrastei Jordan para o meio de tudo isso.

– Não, não, Abby, escuta só... Você não pode se culpar pelo que aconteceu durante esse verão. Todo mundo aqui passou por maus bocados, mas estou feliz demais por ter conhecido você e Jordan. E a gente vai manter contato, né? A história da sua tia é mesmo terrível, mas ela pode contar com você e o seu pai, certo? Ela não está sozinha no mundo.

– Acho que você tem razão – respondeu Abby, fungando. – E, sim, a gente vai manter contato.

– Então, está vendo? Esse verão não foi exatamente um... – ele notou uma movimentação

perto da porta e se interrompeu. Uma sombra apareceu no chão um segundo antes de a professora Reyes dar as caras, como sempre vestida de preto. – Professora? Aconteceu alguma coisa?

– Hã? – ela se posicionou diante da porta aberta, com um molho de chaves mestras pendurado no pulso. – Ah, não, eu só queria avisar que Felix Sheridan foi transferido para o Hospital Geral West Hill. Eles têm uma equipe de psiquiatria excelente por lá, e Felix vai receber o tratamento de que tanto precisa. É... isso tudo foi absolutamente lamentável, mas achei que você ia querer saber o desfecho das coisas.

– Obrigado – disse Dan, balançando a cabeça. – Eu só quero que ele fique bem.

A professora Reyes fez um sinal afirmativo com a cabeça, a expressão indecifrável.

– É o que todos nós queremos – ela falou, e então pareceu se lembrar de algo, erguendo a mão com o molho de chaves. – A ala desativada está sendo bloqueada de uma vez por todas. Um policial vai ficar vigiando a entrada até o alojamento ser esvaziado. Os pavimentos inferiores só vão ser reabertos no ano que vem, para o meu seminário. E, por falar nisso, a minha oferta para você participar continua de pé. – Ela se virou para ir embora, abrindo um leve e rápido sorriso. – Não se preocupe, Dan. Tenho certeza de que em breve tudo isso vai ser apenas uma lembrança ruim.

Não era exatamente um conforto. O maior problema das lembranças é que a pessoa nunca sabe quando elas vão voltar a atormentá-la.

Ela fechou a porta ao sair, e Dan ficou olhando naquela direção por um bom tempo, visualizando na mente as chaves na mão dela e a porta... A porta que escondia todos os segredos do Brookline...

– Dan? Que foi, Dan?

Ele não conseguia deixar de pensar que aquelas chaves eram importantes. Felix contou que a porta da ala desativada estava aberta no dia em que eles chegaram – fora assim que ele conseguira entrar. Como a professora Reyes tinha as chaves, poderia ter deixado a porta destrancada naquele dia. E poderia facilmente ter entrado lá quando quisesse. Para segui-los, por exemplo. E bloquear sua saída usando o arquivo.

– Nada, não – ele falou, sacudindo a cabeça. – É paranoia minha... O problema é este lugar... Não consigo ser eu mesmo quando estou aqui; isso pra dizer o mínimo. – Quer ir comigo até o carro?

– Claro – disse Abby, batendo de leve no rosto dele. – Mal posso esperar pra sair daqui.

Eles pegaram a mala cada um por uma alça, levantando-a e virando-a para a porta. Ele se perguntou se era momento de beijá-la pela última vez antes de cada um seguir seu rumo, ou se era melhor esperar chegarem ao carro. Parecia ser um momento muito importante, e Dan não queria arruiná-lo. Quando tomou sua decisão, ele caminhou em direção à porta.

No carro seria melhor, ele resolveu, muito mais romântico. Ele sorriu e abriu a porta para ela, temendo o momento da despedida, mas contente por saber que se veriam de novo, depois que passasse o trauma gerado pela história de Lucy. Eles se falariam por telefone, e por e-mail, e ela poderia até aparecer para uma visita, principalmente se Jordan fosse ficar em sua casa mais vezes.

– Está sonhando acordado? – ela provocou, batendo com a mala na perna dele.

– Não – Dan respondeu com uma risadinha, olhando para ela quando saíram para o corredor. – Tá bom, talvez um pouquinho...

– Ei, o que é isso?

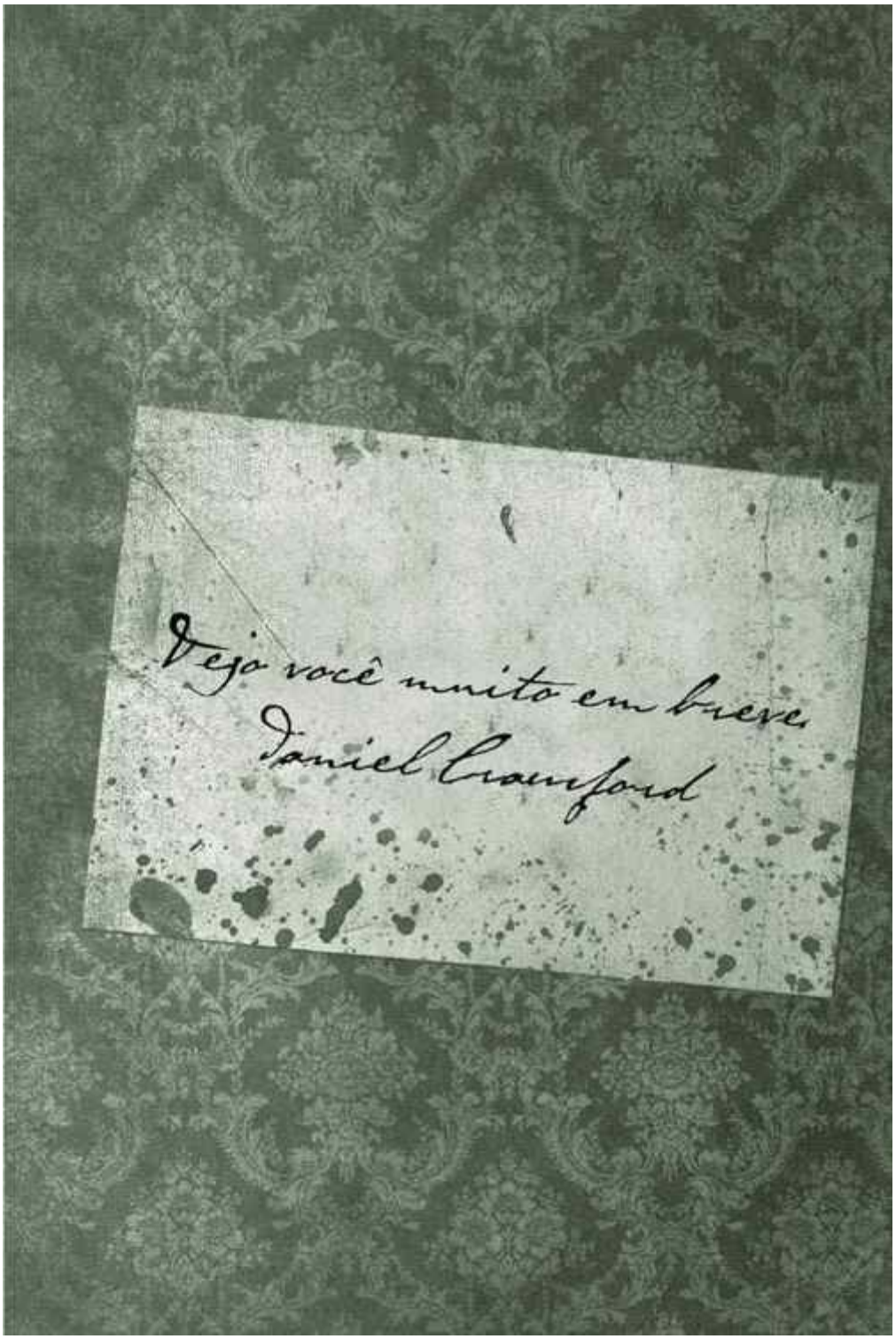
– Hã?

Ele seguiu o olhar de Abby até o chão, onde um pedaço de papel estava à sua espera, preso sob a sola de seu sapato. Dan moveu o pé para o lado e apertou os olhos, sentindo o coração disparar ao notar aquela caligrafia tão característica.

A mensagem estava escrita em tinta preta, bem centralizada, e tinha um tom confiante, quase brincalhão.

Vejo você muito em breve.
Daniel Crawford




Vejo você muito em breve
Daniel Cranford

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e maior agradecimento vai para a minha agente, a incansável Kate McKean, por me proporcionar a oportunidade de trabalhar neste projeto. Agradeço também a Andrew Harwell e à equipe da HarperCollins por tornarem este livro possível, por sua criatividade, sua generosidade e seus conselhos. Agradeço ainda à minha família pela paciência e pelo apoio (mãe, pai, Nick, Tristan, Gwen e Dom). Minha gratidão também, como sempre, aos professores que foram inspiração para mim na faculdade (Fran, Steve, Rod, Chris e Lisa) e no ensino médio, tornando meus anos de adolescência muito mais felizes que os de Dan (Larry, Adrienne e Naomi).

Deixo aqui um agradecimento e um pedido de desculpas ao Beloit College, por proporcionar a inspiração visual para o New Hampshire College – o agradecimento pelo visual inspirador e as desculpas por tê-lo transformado em um campus mal-assombrado.

E por último, mas não menos importante, meu muito obrigada aos amigos que me deram força e umas boas broncas em momentos de desânimo: Kai (são coisas demais para mencionar: companheirismo, apoio, jantares e muito *Doctor Who*), Taylor (apoio, amizade, risadas, paciência, fotos divertidas de gatos e fofocas), Jeremy e Christi (minha salvação!), Anna e Nicholas (e seus pequenos), Maria e Kimber.

As imagens reproduzidas neste livro são fotomontagens criadas pelo Faceout Studio com base em imagens de manicômios reais.

CAPÍTULO	TÍTULO	DO ACERVO DE
Folha de rosto	Fundo texturizado	Naoki Okamoto/Getty Images
Epígrafe	Menina sentada no banco	Jerry Cooke/Getty Images
Abertura	Menina	Carmen Gonzales/Trevillion Images
Capítulo 1	Brookline	James W. Rosenthal, Biblioteca do Congresso
Capítulo 2	Diretor	Ysbrand Cosijn/Shutterstock.com
Capítulo 4	Pequena Lucy	Mike Pecosky
	Moldura	Valentine Agapov/Shutterstock.com
	Parede	chalabala/Shutterstock.com
Capítulo 4	Homem se debatendo	Henry Clarke/Biblioteca Wellcome
	Moldura	Valentine Agapov/Shutterstock.com
	Parede	chalabala/Shutterstock.com
Capítulo 4	Pés com amarras	Jerry Cooke/Getty Images
Capítulo 5	Interior do quarto	Biblioteca do Congresso

	Manchas de sangue	Fer Gregory/Shutterstock.com
Capítulo 6	Ilustração do cérebro	lynea/Shutterstock.com
	Papel n° 1	Filipchuck Oleg/Shutterstock.com
	Desenho da mão	Morphart Creation/Shutterstock.com
	Desenho das ferramentas	lynea/Shutterstock.com
	Papel n° 2	Filipchuck Oleg/Shutterstock.com
Capítulo 7	Médicos	Biblioteca do Congresso
	Moldura	Valentine Agapov/Shutterstock.com
	Parede	chalabala/Shutterstock.com
Capítulo 8	Raio X do crânio (perfil)	Oliver Sved/Shutterstock.com
	Raio X do crânio (frontal)	Vadim Kozlovsky/Shutterstock.com
	Raio X do pescoço (perfil)	Igor Kovalchuck/Shutterstock.com
Capítulo 11	Óculos no gancho	Peter Zijlstra/Shutterstock.com
	Gancho	Igor Gratzer/Shutterstock.com
	Manchas de sangue	Stephanie Frey/Shutterstock.com
Capítulo 11	Enfermeiras	Biblioteca do Congresso
	Diretor	Ysbrand

		Cosijn/Shutterstock.com
Capítulo 13	Papel do diário	Mark Carrel/Shutterstock.com
	Marcas de arranhões	D. J. McGee/Shutterstock.com
	Envelope	Faceout Studio
	Fundo de madeira	Photomin/Shutterstock.com
Capítulo 14	Bilhete	Faceout Studio
	Papel	Igor Golovniov/Shutterstock.com
	Fundo antigo	Young/Shutterstock.com
Capítulo 15	Túnel	Tuomas Lehtinen/Shutterstock.com
	Pegadas	Ispace/Shutterstock.com
Capítulo 16	Plantas (folha de cima)	Biblioteca do Congresso
	Plantas (folha de baixo)	Biblioteca do Congresso
	Papel quadriculado	pockygallery/Shutterstock.com
Capítulo 16	Homem no leito	Jerry Cooke/Getty Images
Capítulo 17	Equações	Jiri Vaclavek/Shutterstock.com
	Ilustrações adicionais	Faceout Studio
	Bloco de fichário	imging/Shutterstock.com
Capítulo 17	Desenhos de Abby	Faceout Studio
Capítulo 19	Bilhete	Faceout Studio
	Fundo antigo	Alex Roman

Capítulo 19	Instrumentos cirúrgicos	Rudolf Vlcek/Shutterstock.com
Capítulo 20	Bailarina	Cloudia Newland/Shutterstock.com
	Molas	Sergey Shlyaev/Shutterstock.com
	Caixa de música	Richard Peterson/Shutterstock.com
	Parede	chalabala/Shutterstock.com
Capítulo 21	Anfiteatro	Ken Fager
Capítulo 21	Instrumentos espalhados	Meg Settembro
Capítulo 24	Anotações	Faceout Studio
	Pilha de papéis	Valentin Agapov/Shutterstock.com
	Papel rasgado	STILLFX/Shutterstock.com
	Papéis espalhados	Valentin Agapov/Shutterstock.com
Capítulo 24	Menina na cama	Jerry Cooke/Getty Images
Capítulo 26	Bilhete	Faceout Studio
	Fundo antigo	Aleeka Stock
Capítulo 27	Anotações	Faceout Studio
Capítulo 27	Prancheta	pio3/Shutterstock.com
Capítulo 32	Igreja	Roberto A. Sanchez/Getty Images
Capítulo 32	Homem na camisa de força	Jerry Cooke/ Getty Images

Capítulo 33	Bilhete	Faceout Studio
	Papel dobrado	Picsfive/Shutterstock.com
	Fundo antigo	Mario7/Shutterstock.com
Capítulo 35	Paciente com amarras	Jerry Cooke/Getty Images
Capítulo 37	Chaves	Dougal Waters/Getty Images
Capítulo 37	Bilhete	Faceout Studio
	Fundo antigo	Graphic design/Shutterstock.com
Todos	Aberturas de capítulo	Alex Roman

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para
opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

Conheça-nos melhor em
vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr